

ANA VALERIA LACERDA FREITAS

**O ESPAÇO DOMÉSTICO DOS QUINTAIS E A CONSERVAÇÃO DE
PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DA VÁRZEA,
MOSSORÓ-RN**

Tese apresentada à Universidade Federal
Rural do Semi-Árido, como parte das
exigências para obtenção do título de
Doutor em Agronomia: Fitotecnia.

ORIENTADORA:
Prof^a D. Sc. MARIA DE FÁTIMA B.
COELHO

MOSSORÓ-RN
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central Orlando Teixeira (BCOT)
Setor de Informação e Referência

F866e Freitas, Ana Valeria Lacerda. O espaço doméstico dos quintais e a conservação de plantas medicinais na comunidade São João da Várzea, Mossoró-RN / Ana Valeria Lacerda Freitas. -- Mossoró, 2014 355f.: il. Orientadora: D.Sc. Maria de Fátima Barbosa Coelho. Tese (Doutorado em Fitotecnia) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Pró-Reitoria de Pós-Graduação. 1. Plantas medicinais. 2.Etnobotânica. 3.Conhecimento tradicional. 4. Diversidade de espécies. 5. Espaços domésticos. I. Título. RN/UFERSA/BCOT	CDD: 581.634
---	---------------------

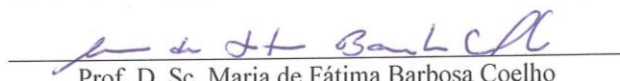
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva
CRB-15/120

ANA VALERIA LACERDA FREITAS

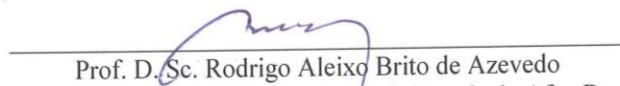
**O ESPAÇO DOMÉSTICO DOS QUINTAIS E A CONSERVAÇÃO DE
PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DA VÁRZEA,
MOSSORÓ-RN**

Tese apresentada à Universidade Federal
Rural do Semi-Árido, como parte das
exigências para obtenção do título de
Doutor em Agronomia: Fitotecnia.

APROVADA EM: 26 / 04 / 2013



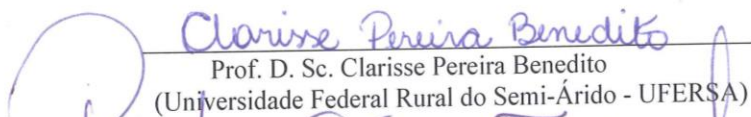
Prof. D. Sc. Maria de Fátima Barbosa Coelho
(Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira –
UNILAB) - Orientadora



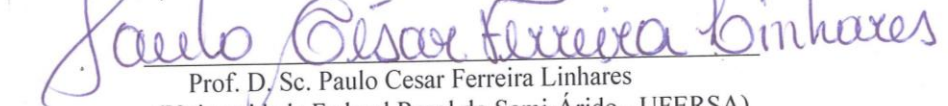
Prof. D. Sc. Rodrigo Aleixo Brito de Azevedo
(Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira –
UNILAB) – Co- Orientador



Prof. D. Sc. Maria Clarete Cardoso Ribeiro
(Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira –
UNILAB)



Prof. D. Sc. Clarisse Pereira Benedito
(Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA)



Prof. D. Sc. Paulo Cesar Ferreira Linhares
(Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA)



Prof. D. Sc. Sandra Sely Silveira Maia
(Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró- FACENE)

Ao meu querido tio Francisco Cesanildo
Maia da Costa (em memória), pelo
carinho que jamais me faltou.

Dedico.

Ao meu esposo, Ygo Biserra Pereira,
aos meus pais, Cosme Carlos e
Socorro Lacerda e ao meu irmão,
Enoque Neto, pelo amor, incentivo e
confiança em mim depositada.

Ofereço.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar presente em todos os momentos da minha vida, guiando-me e dando-me a coragem de seguir em frente.

A toda a minha família, em especial aos meus pais Cosme Carlos e Socorro Lacerda e ao meu irmão, Enoque Neto, pelo apoio, carinho e dedicação.

Ao meu esposo Ygo, por ter participado de todas as fases dessa caminhada, e acima de tudo pelo carinho, companheirismo e força nas horas difíceis.

À minha orientadora Maria de Fátima, pela amizade, compreensão, ensinamentos transmitidos e exemplo de pessoa e profissional que tanto admiro.

A Rodrigo Aleixo, pela orientação no início do curso e co-orientação nos demais períodos e pelas sugestões na realização deste trabalho.

A Maria Clarete, Clarisse Pereira, Paulo Linhares e Sandra Maia, pela participação na Banca de defesa e consequentes contribuições.

À Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), pela oportunidade de ampliação dos meus conhecimentos.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, pelos conhecimentos transmitidos ao longo do curso.

Às famílias da comunidade São João da Várzea, Mossoró-RN, pela participação, direta ou indireta, na pesquisa, em especial a Dona Maria e Dona Lúcia, pelos conhecimentos transmitidos.

Aos colegas da Unidade Local de Apoio ao Produtor Rural da EMATER de Mossoró: Alberto Hudson, Alexandre Medeiros, Cleiton Dantas, Edneide, Francisco Linhares, Ilka Lins, Ivo Pereira, Marcos Romualdo, Saul Dias e Zuíla Alves (Zozó), pelo agradável convívio e apoio de sempre.

Aos meus amigos, próximos ou distantes, que em um simples gesto ou palavra, contribuíram de alguma forma para esta vitória, em especial a Lidianne Lourenço, pela ajuda na etapa final do curso.

Enfim, a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Muito Obrigada!

RESUMO

FREITAS, Ana Valeria Lacerda. **O espaço doméstico dos quintais e a conservação de plantas medicinais na comunidade São João da Várzea, Mossoró-RN.** 2014. 355f. Tese (Doutorado em Agronomia: Fitotecnia) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Mossoró-RN, 2014.

O objetivo do presente trabalho foi realizar um estudo etnobotânico sobre o uso e manejo de recursos vegetais, sobretudo medicinais, na comunidade São João da Várzea, Mossoró-RN, enfatizando a percepção dos informantes em relação aos espaços domésticos e à conservação destes recursos. A pesquisa foi dividida em três capítulos. O primeiro capítulo refere-se à introdução geral e uma revisão bibliográfica sobre o assunto. O segundo capítulo abrangeu o estudo sobre o uso e o manejo de recursos vegetais presentes em espaços domésticos de 22 unidades produtivas, enfatizando-se as plantas medicinais. O terceiro capítulo, por sua vez, compreendeu um estudo realizado com duas informantes-chave, visando resgatar os conhecimentos tradicionais destas sobre o uso e manejo de plantas medicinais e a percepção das mesmas sobre aspectos fenológicos e de conservação das espécies. Os dados dos dois últimos capítulos foram coletados utilizando-se várias técnicas, tais como: observação direta e participante, entrevistas informais e semiestruturadas, lista livre, história de vida, mapeamento participativo e *turnê guiada* ou *walk-in-the-woods*. Os espaços domésticos das unidades produtivas percebidos pelos 22 informantes possuem características e funções próprias, modeladas de acordo com o conhecimento e particularidades de cada família. Estes espaços são compostos por grande diversidade de espécies vegetais que são utilizadas para várias finalidades, destacando-se o uso medicinal. As duas informantes-chave demonstraram possuir grande conhecimento sobre o uso medicinal das espécies encontradas nos espaços domésticos e no entorno das unidades produtivas, bem como a respeito de aspectos fenológicos, manejo e conservação das mesmas.

Palavras-chave: Plantas medicinais. Etnobotânica. Conhecimento tradicional. Diversidade de espécies. Espaços domésticos.

ABSTRACT

FREITAS, Ana Valeria Lacerda. **The domestic space of homegardens and medicinal plants conservation in São João da Várzea community, Mossoró-RN.** 2014. 355p. Thesis (D. Sc. in Agronomy: Plant Science) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Mossoró-RN, 2014.

The purpose of the present study was to conduct an ethnobotanical research about the use and handling of vegetable resources, especially medicinal, in São João da Várzea's community, Mossoró-RN, emphasizing informants' perception in relation to domestic spaces and conservation of these resources. The research was divided in three chapters. First chapter refers to a general introduction and a literature review about the subject. The second chapter includes the study about the use and handling of vegetable resources present in domestic spaces of 22 productive units, emphasizing medicinal plants. The third chapter, on the other hand, includes a study realized with two key informants, in order to recover the traditional knowledge of these about the use and handling of medicinal plants and their perception about phenological aspects and species conservation. The data of the last two chapters were collected using several techniques, such as: direct and participant observation, informal and semistructured interviews, free list, history of life, participative mapping and guided tour or walk-in-the-woods. The domestic spaces of productive units realized by the 22 informants have own characteristics and functions, modeled in accordance with knowledge and particularity of each family. These spaces are consisting of a large diversity of vegetable species that being used for many purposes, especially the medicinal use. The two key informants show to have a lot of knowledge about medicinal use of species found in domestic spaces and around the productive units, as well as about phenological aspects, handle and conservation of them.

Keywords: Medicinal Plants. Ethnobotany. Traditional knowledge. Diversity of species. Domestic spaces.

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO II - ETNOBOTÂNICA EM UNIDADES PRODUTIVAS DA COMUNIDADE SÃO JOÃO DA VÁRZEA, MOSSORÓ-RN.

Tabela 1-	Espécies encontradas no levantamento etnobotânico realizado em espaços domésticos de unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	98
Tabela 2-	Número de espécies e número de espécies por espaço doméstico nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	122
Tabela 3-	Número de famílias botânicas, espécies e plantas encontradas em espaços domésticos de unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	123
Tabela 4-	Descrição das categorias de uso das plantas citadas por informantes de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	131
Tabela 5-	Número de espécies, de uso e de unidades produtivas e suas respectivas porcentagens, por categorias de uso, citadas por informantes de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	132
Tabela 6-	Número de espécies citadas por categoria de uso nos espaços domésticos de cada unidade produtiva de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	133
Tabela 7-	Espécies citadas na categoria de uso “Nenhum”, unidades produtivas destas citações e outros usos citados por outros informantes de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	135
Tabela 8-	Número e percentagem de espécies, número e percentagem de uso e número e percentagem de unidades produtivas por partes de plantas utilizadas por informantes de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	137

Tabela 9-	Espécies presentes em espaços domésticos citadas para fins medicinais por informantes das unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	139
Tabela 10-	Número de famílias botânicas, espécies e plantas de uso medicinal encontradas nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	152
Tabela 11-	Critérios de nomenclatura de plantas medicinais encontradas nos espaços domésticos de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	157
Tabela 12-	Número e percentagem de espécies, número e percentagem de citação e número e percentagem de unidades produtivas por parte da planta medicinal utilizada por informantes de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	163
Tabela 13-	Contraindicações de espécies medicinais encontradas em espaços domésticos de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	165
Tabela 14-	Doenças e sintomas citados, classificação conforme CID 10 e espécies encontradas nos espaços domésticos citadas para tratamento de doenças em São João da Várzea, Mossoró-RN.....	169
Tabela 15-	Capítulos e intervalos de Grupos, de acordo com a CID 10, das indicações terapêuticas tratadas com plantas medicinais em São João da Várzea, Mossoró-RN.....	192
Tabela 16-	Descrição de doenças e sintomas, segundo classificação tradicional de informantes de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	195

CAPÍTULO III - USO, MANEJO E CONSERVAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DA VÁRZEA, MOSSORÓ-RN.

Tabela 1-	Espécies citadas para fins medicinais por informantes-chave encontradas nos espaços domésticos e entorno de suas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	257
Tabela 2-	Critérios de nomenclatura de plantas medicinais citadas e encontradas durante as trilhas em São João da Várzea, Mossoró-RN.....	274
Tabela 3-	Doenças e sintomas citados, classificação conforme CID 10 e espécies encontradas nos espaços domésticos e entorno de suas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	278
Tabela 4-	Capítulos e Grupos, de acordo com a CID 10, das indicações terapêuticas tratadas com plantas medicinais pelas informantes-chave em São João da Várzea, Mossoró-RN.....	291
Tabela 5-	Plantas não encontradas durante as trilhas realizadas, mas citadas como medicinais pelas informantes-chave de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	305

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO II - ETNOBOTÂNICA EM UNIDADES PRODUTIVAS DA COMUNIDADE SÃO JOÃO DA VÁRZEA, MOSSORÓ-RN.

Figura 1-	Localização da comunidade São João da Várzea, Mossoró-RN.....	63
Figura 2-	Idade e tempo de residência dos informantes em São João da Várzea, Mossoró-RN.....	82
Figura 3-	Ocorrência de espaços domésticos em unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	97
Figura 4-	Famílias botânicas mais representativas nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	124
Figura 5-	Espécies mais frequentes nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	125
Figura 6-	Espécies mais abundantes nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	127
Figura 7-	Famílias botânicas mais representativas em espécies medicinais encontradas nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	153
Figura 8-	Frequência de espécies medicinais nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	154
Figura 9-	Espécies medicinais mais abundantes nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	155
Figura 10-	Formas de preparo das espécies medicinais encontradas nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	162
Figura 11-	Número de indicações terapêuticas por Grupos de doenças (CID 10) citados por informantes de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	193

CAPÍTULO III - USO, MANEJO E CONSERVAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DA VÁRZEA, MOSSORÓ-RN.

Figura 1-	Ocorrência de espécies medicinais encontradas e não encontradas nas trilhas realizadas com as informantes-chave em São João da Várzea, Mossoró-RN.....	255
Figura 2-	Local de ocorrência de espécies citadas como medicinais e encontradas nas trilhas realizadas com as informantes-chave em São João da Várzea, Mossoró-RN.....	255
Figura 3-	Famílias e espécies de plantas medicinais citadas e encontradas por informantes-chave de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	272
Figura 4-	Famílias botânicas mais representativas em espécies medicinais citadas e encontradas em São João da Várzea, Mossoró-RN.....	274
Figura 5-	Número de indicações terapêuticas por Grupos de doenças (CID 10) citados pelas informantes-chave de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	294
Figura 6-	Formas de uso das espécies medicinais citadas e encontradas nas trilhas realizadas em São João da Várzea, Mossoró-RN.....	297
Figura 7-	Partes das plantas mais utilizadas nas preparações caseiras citadas pelas informantes-chave de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	298
Figura 8-	Formas de uso de etnoespécies citadas por informantes-chave de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	303
Figura 9-	Partes vegetais utilizadas no preparo das etnoespécies medicinais por informantes-chave de São João da Várzea, Mossoró-RN.....	304

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

APG.....	<i>Angiosperm Phylogeny Group.</i>
ASA BRASIL.....	Articulação no Semiárido Brasileiro.
AVC.....	Acidente Vascular Cerebral.
CGEN.....	Conselho de Gestão do Patrimônio Genético.
CID.....	Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde.
CONSEA.....	Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional.
COSERN.....	Companhia Energética do Rio Grande do Norte.
CPRM.....	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (Serviço Geológico do Brasil).
EMATER.....	Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte.
EMBRAPA.....	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.
FUNASA.....	Fundação Nacional de Saúde.
IBAMA.....	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.
IBGE.....	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
IDEMA.....	Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte.
IDIARN.....	Instituto de Defesa e Inspeção Agropecuária do Estado do Rio Grande do Norte.
INSS.....	Instituto Nacional do Seguro Social.
MDS.....	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.
MMA.....	Ministério do Meio Ambiente.
MS.....	Ministério da Saúde.
OMS.....	Organização Mundial da Saúde.
P1MC.....	Programa Um Milhão de Cisternas.
PNCF.....	Programa Nacional de Crédito Fundiário.
PSF.....	Programa Saúde da Família.

RENISUS.....	Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS.
SAF.....	Sistema agroflorestal.
SEMARH.....	Secretaria de Estado de Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos.
STLM.....	Sindicato dos Trabalhadores da Lavoura de Mossoró.
SUS.....	Sistema Único de Saúde.
UFERSA.....	Universidade Federal Rural do Semi-Árido.
UP.....	Unidade produtiva.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO GERAL E REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
1 INTRODUÇÃO GERAL.....	19
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
2.1 PERCEPÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS RURAIS.....	22
2.2 QUINTAIS AGROFLORESTAIS	24
2.2.1 Importância dos Quintais Agroflorestais	25
2.2.1.1 Segurança Alimentar.....	26
2.2.1.2 Incremento na renda familiar e participação feminina.....	27
2.2.1.3 Introdução e domesticação de espécies.....	28
2.2.1.4 Diversidade e conservação de espécies	29
2.3 ETNOBOTÂNICA: ORIGEM, CONCEITOS E IMPORTÂNCIA.....	31
2.4 ETNOBOTÂNICA E AS PLANTAS MEDICINAIS.....	35
2.5 ESTUDOS ETNOBOTÂNICOS NO RIO GRANDE DO NORTE.....	39
REFERÊNCIAS.....	44
CAPÍTULO II - ETNOBOTÂNICA EM UNIDADES PRODUTIVAS DA COMUNIDADE SÃO JOÃO DA VÁRZEA, MOSSORÓ-RN.....	57
RESUMO.....	57
ABSTRACT.....	58
1 INTRODUÇÃO.....	59
2 MATERIAL E MÉTODOS.....	63
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	63
2.2 APROXIMAÇÃO DO AMBIENTE DE ESTUDO.....	65
2.3 SELEÇÃO DAS UNIDADES PRODUTIVAS E DOS INFORMANTES.....	66
2.4 COLETA DE DADOS.....	68
2.4.1 Histórico e descrição da comunidade.....	68
2.4.2 Perfil socioeconômico e cultural dos informantes.....	68

2.4.3 Identificação e descrição dos espaços das unidades produtivas.....	69
2.4.4 Levantamento etnobotânico dos espaços domésticos	70
2.5 IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL BOTÂNICO.....	72
2.6 REGISTRO DAS INFORMAÇÕES.....	73
2.7 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	73
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	75
3.1 HISTÓRICO E DESCRIÇÃO DA COMUNIDADE.....	75
3.2 PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DOS INFORMANTES.....	81
3.3 CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PRESENTES NAS UNIDADES PRODUTIVAS.....	84
3.4 DIVERSIDADE E USO DE ESPÉCIES NAS UNIDADES PRODUTIVAS.....	96
3.5 USO E CULTIVO DE PLANTAS MEDICINAIS NAS UNIDADES PRODUTIVAS.....	138
4 CONCLUSÕES.....	202
REFERÊNCIAS.....	203

CAPÍTULO III - USO, MANEJO E CONSERVAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DA VÁRZEA, MOSSORÓ-RN.....	223
---	------------

RESUMO.....	223
ABSTRACT.....	224
1 INTRODUÇÃO.....	225
2 MATERIAL E MÉTODOS.....	229
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	229
2.2 SELEÇÃO DAS INFORMANTES-CHAVE.....	229
2.3 COLETA DE DADOS.....	231
2.3.1 Observação direta e participante.....	232
2.3.2 Entrevistas informais e semiestruturadas.....	233
2.3.3 História de vida.....	234
2.3.4 Lista livre.....	235
2.3.5 Turnê guiada ou <i>walk-in-the-woods</i>	235
2.4 IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL BOTÂNICO.....	236

2.5 REGISTRO DAS INFORMAÇÕES.....	237
2.6 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	237
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	238
3.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DAS INFORMANTES-CHAVE E CONSIDERAÇÕES SOBRE SEUS CONHECIMENTOS.....	238
3.1.1 Considerações sobre a vida e o conhecimento de Dona Maria (M. M. C. P.)	239
3.1.2 Considerações sobre a vida e o conhecimento de Dona Lúcia (L. M. S.).....	247
3.2 USO DE PLANTAS MEDICINAIS PELAS INFORMANTES-CHAVE.....	253
3.2.1 Espécies citadas e encontradas pelas informantes-chave.....	254
3.2.2 Etnoespécies citadas, mas não encontradas pelas informantes-chave.....	301
3.3 ASPECTOS FENOLÓGICOS E DE CONSERVAÇÃO DE ESPÉCIES MEDICINAIS.....	311
4 CONCLUSÕES.....	320
REFERÊNCIAS.....	321
APÊNDICES.....	334

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO GERAL E REFERENCIAL TEÓRICO

1 INTRODUÇÃO GERAL

O Brasil é o país de maior biodiversidade, possuindo em torno de 15 a 20% do total de espécies do mundo, sendo também detentor de rica diversidade cultural e étnica (BRASIL, 2006). A convivência e interação dos seres humanos com toda essa riqueza possibilita a utilização dos recursos para diversas finalidades, visando à satisfação das necessidades individuais e familiares. Essa utilização, por sua vez, permitiu ao longo do tempo o desenvolvimento de amplo conhecimento a respeito do uso e manejo da biodiversidade, principalmente sobre as plantas com propriedades terapêuticas. Assim, cada indivíduo percebe e utiliza os recursos presentes nos espaços que manejam de maneira distinta, acumulando conhecimento ao longo do tempo e o repassando às gerações futuras.

Neste sentido, a constituição e a organização dos espaços que compõem as unidades produtivas refletem as particularidades de cada família, sobretudo aqueles nos quais as relações entre o homem e o ambiente são mais presentes, como nos espaços localizados próximos às residências. Estes espaços domésticos, comumente denominados quintais, são sistemas complexos nos quais grande diversidade de espécies é manejada ou conservada. Segundo Silva Neto e Basso (2005), a maneira como os fatores produtivos são organizados tende a corresponder ao conjunto de conhecimentos, às situações ecológicas, sociais e às experiências específicas acumuladas por cada agricultor.

Assim, é de fundamental importância o desenvolvimento de estudos visando ao resgate e preservação dos conhecimentos tradicionais das pessoas em relação às espécies, seus usos, manejos e interações com o ambiente, e o enfoque etnobotânico pode contribuir de forma eficiente para que se alcance esse objetivo. A etnobotânica compreende o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais

com as plantas (ALVES et al., 2007; FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004; HEIDEN et al., 2006).

Estudos desta natureza são ainda mais necessários onde esses conhecimentos são constantemente ameaçados. No município de Mossoró-RN, alguns fatores têm contribuído para essa ameaça, podendo-se destacar as significativas mudanças em sua estrutura econômica, organizacional e de dinâmica territorial, que vêm provocando consequências diretas sobre a biodiversidade e o conhecimento tradicional associado. Este risco se intensifica quando consideramos o conhecimento sobre o uso e manejo das plantas medicinais, considerando que além da influência da medicina ocidental sobre as práticas terapêuticas tradicionais os jovens têm demonstrado cada vez menos interesse em relação a essas práticas.

Em Mossoró-RN, existem apenas dois estudos com abordagem etnobotânica (GUERRA et al., 2006; GUERRA et al., 2007), sendo que ambos foram realizados em bairros urbanos, enfocando apenas o uso medicinal das plantas. Existe, portanto, carência de estudos no município, sobretudo na zona rural, onde a interação com o ambiente natural proporciona acúmulo de informações sobre as espécies, seus usos e manejos. Além disso, são necessários estudos que analisem todos os possíveis usos das plantas e abordem a percepção que cada indivíduo tem dos espaços que compõem suas unidades produtivas, bem como as variáveis envolvidas no processo de manejo e conservação dos recursos existentes.

Desta forma, a realização de um estudo etnobotânico em uma comunidade rural de Mossoró-RN proporcionará a valorização, o resgate e a preservação do conhecimento que a população local detém sobre as espécies vegetais, podendo também ajudar a compreender como esses recursos são organizados e manejados nos espaços que compõem as unidades produtivas. Além disso, podem contribuir para o desenvolvimento de técnicas alternativas de manejo e exploração dos agroecossistemas, subsidiando trabalhos sobre o uso sustentável da biodiversidade. Portanto, o objetivo do presente trabalho foi realizar um estudo etnobotânico sobre o uso e manejo de recursos vegetais, sobretudo medicinais, na comunidade São

João da Várzea, Mossoró-RN, enfatizando a percepção dos informantes em relação aos espaços domésticos e à conservação destes recursos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PERCEPÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS RURAIS

As famílias que vivem em comunidades rurais reservam espaços em suas unidades produtivas ao cultivo de espécies úteis e criação de animais domésticos, desenvolvendo intensa relação com o ambiente e com os recursos que manejam. De acordo com Canci (2006), ao realizar esse manejo, as famílias geram e sustentam um sistema próprio de conhecimentos. Toda sociedade humana acumula um acervo de informações sobre o ambiente que a cerca, lhe possibilitando interagir e prover suas necessidades de sobrevivência (AMOROZO, 1996). Desta forma, os conhecimentos dos agricultores baseiam-se em uma prolongada vivência empírica e são gerados de experiências distintas submetidas a um contínuo processo de construção e reconstrução, de vez que são compartilhadas entre e dentro de gerações, por intermédio de mecanismos informais e orais (AZEVEDO, 2003).

Conforme Santos, Pereira e Andrade (2007), o conhecimento tradicional é o resultado da soma das experiências de cada indivíduo, sendo que a vivência e a relação entre homem e natureza dependem do espaço e de seus atributos. Assim, cada indivíduo percebe e utiliza os recursos presentes nos espaços manejados distintamente, acumulando conhecimento ao longo do tempo e o repassando às gerações futuras. Segundo Silva Neto e Basso (2005), a maneira como os fatores produtivos são organizados tende a corresponder ao conjunto de conhecimentos, às situações ecológicas, sociais e às experiências específicas acumuladas por cada agricultor. Assim, o “saber local” enraíza-se em contextos culturais e ambientais específicos, de forma que é preciso compreender a lógica interna da pessoa, grupo ou comunidade para compreendê-lo adequadamente (AMOROZO, 2002a).

Nabuco et al. (2009), em estudo realizado em Santo Antônio de Leverger-MT, observaram que a organização territorial do sistema agrário de duas

comunidades é fruto de três elementos: a relação de parentesco, a influência das instituições na comunidade e os aspectos naturais que determinam a forma de ocupação e uso dos recursos naturais. Assim como nos estudos de Aguiar (2006), Azevedo (2001) e Nabuco et al. (2009), a ideia de espaço exposta neste trabalho considera que o território não é apenas a noção de espaço concreto, físico, mas engloba também o espaço não mensurável, espaço funcional, construído a partir das teias de relações sociais. De acordo com Nabuco et al. (2009), os espaços sociais e agrícolas ocupados por uma comunidade precisam ser manejados e organizados segundo determinada lógica: a lógica do camponês, que se utiliza do corpo de conhecimento que possui.

Neste sentido, a percepção e a organização dos espaços que compõem as unidades produtivas refletem as particularidades de cada família, sobretudo aqueles onde as relações entre o homem e o ambiente são mais presentes, como nos espaços localizados próximos às residências. Conforme Oliveira (2006), os arredores das residências são importantes subsistemas da unidade produtiva caracterizados por envolver uma complexidade em seu manejo e pela multiplicidade de uso dos recursos e espaços, sendo também considerados pelos agricultores seus aspectos sociais e culturais.

Os espaços localizados próximo às residências recebem diferentes denominações. Segundo Oliveira (2006), esta diversidade de nomes ocorre devido à existência de diferentes grupos sociais e das particularidades de cada membro destes grupos, já que o nome dado a estes espaços varia de acordo com a cultura de cada um. A autora acrescenta que os arredores das residências caracterizam-se por possuírem grande diversidade de espécies vegetais e animais e pela multiplicidade de uso dos recursos.

Desta forma, os arredores das residências, considerados neste trabalho como espaços domésticos, são sistemas complexos que envolvem diferentes estruturas e funções que variam conforme a cultura e necessidade de cada indivíduo. Nestes espaços, grande diversidade de espécies é usada, manejada ou conservada de acordo com o conhecimento acumulado através de gerações. De acordo com Meirelles et al. (2003), a integração de diferentes espécies em sistemas

agrícolas resulta em um sistema bastante complexo e diversificado, sendo esta complexidade definida de acordo com o saber do agricultor e a informação acumulada ao longo do tempo.

Segundo Oliveira (2006), as residências e seus arredores não são apenas espaços produtivos, mas multifuncionais nos quais as pessoas manifestam sua cultura, suas crenças, seus mitos, sua história; promovem encontros, festas, cultos, rezas, benzeduras; constroem relações com as plantas e animais; extraem dele recursos para sua sobrevivência e produzem alimentos. As denominações dos subsistemas que compõem os espaços domésticos variam entre os membros de uma comunidade, embora seja muito comum na literatura os autores generalizarem os nomes desses espaços e se referirem a eles apenas usando os termos quintais, quintais agroflorestais ou *homegardens*.

2.2 QUINTAIS AGROFLORESTAIS

O Sistema agroflorestal (SAF) é uma das formas de uso e manejo dos recursos naturais mais antigos, fazendo parte do sistema de produção da maioria das comunidades tradicionais. Este sistema está presente em várias partes do mundo e, por contribuir com a segurança alimentar e a sustentabilidade ambiental, vem ganhando cada vez mais importância na sociedade atual. De modo geral, os SAFs são formas de uso e manejo da terra, onde árvores ou arbustos são utilizadas em associação com cultivos agrícolas ou animais, numa mesma área, de maneira simultânea ou numa sequência temporal (BRITO; COELHO, 2000). Dentre os SAFs existentes, os quintais agroflorestais representam a maior expressão (ALMEIDA, 2000), sendo os quintais domésticos dos trópicos considerados exemplos clássicos desses sistemas (ALTIERI, 2002).

O quintal agroflorestal – também conhecido como *homegarden*, horto caseiro, pomar caseiro ou terreiro – é o espaço de terra ao redor da residência onde existe associação de espécies manejadas exclusivamente pela mão-de-obra

familiar, com o objetivo de fornecer várias formas de bens e serviços. Os quintais podem ser definidos como a porção de terra perto da casa, de acesso fácil e cômodo, na qual se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies, agrícolas e florestais, e onde se realiza a criação de pequenos animais domésticos (BRITO; COELHO, 2000; MACEDO, 2000; RONDON NETO et al., 2004).

Segundo Novais (2008), o quintal é muito mais do que uma mera porção de terreno é um espaço social e cultural, na qual as famílias mantêm grande diversidade de plantas, fazendo uso delas de forma sustentável e garantindo sua preservação. São sistemas tradicionais resultantes de conhecimentos acumulados e transmitidos através de gerações, constituídos principalmente de frutíferas, plantas medicinais e pequenos animais (ROSA et al., 2007). Desta forma, a estrutura, composição e função dos quintais são influenciadas pelas características sociais e culturais da família, revelando suas particularidades, satisfações e expectativas.

De modo geral, os quintais são multiestratificados, sendo as espécies dispostas sem organização aparente. Entretanto, a distribuição espacial dos recursos nestes espaços obedece a uma organização implícita, definida de acordo com a lógica e os objetivos de cada família. Conforme Schimitt (2003), por trás de uma aparente desordem, existe em cada quintal uma organização bastante complexa, onde cada planta possui sua função e lugar. Estudos relatam certa setorização na escolha do local de plantio das espécies, onde as herbáceas de uso medicinal geralmente encontram-se próximas à cozinha da casa (FLORENTINO; ARAÚJO; ALBUQUERQUE, 2007; FREITAS et al., 2012), as ornamentais são dispostas na frente da residência e as alimentares são alocadas na porção de trás do quintal (AMARAL; GUARIM NETO, 2008; SEMEDO; BARBOSA, 2007; SIVIERO et al., 2011).

2.2.1 Importância dos Quintais Agroflorestais

Os quintais agroflorestais são subsistemas de uso da terra que possuem grande importância socioeconômica, cultural e ambiental, principalmente no

semiárido brasileiro, onde as dificuldades são agravadas pelas condições edafoclimáticas típicas da região. De acordo com Blanckaert et al. (2004), os quintais podem ser considerados sistemas agroflorestais de grande importância como fonte de recursos para os habitantes das Caatingas e Matas Secas, pois suportam e garantem diversidade à produção agrícola familiar. Além disso, o aspecto cultural é destacado por Ferreira (1995) quando afirma que os quintais não são somente espaço para plantas úteis, mas também como espaço de trabalho, encontros, festas e culturas. Neste sentido, a importância socioeconômica, cultural e ecológica dos quintais agroflorestais é relatada por vários autores, principalmente quanto à segurança alimentar e nutricional, incremento na renda familiar e participação feminina, introdução e domesticação de espécies, eficiência do uso do solo resultante da biodiversidade biológica e conservação de espécies.

2.2.1.1 Segurança Alimentar

Os quintais exercem função fundamental para a segurança alimentar das famílias, de vez que a diversidade de espécies vegetais e animais manejados nestes espaços são utilizados principalmente como fontes de alimentos. De acordo com Kasseboehmer e Silva (2004), os quintais agroflorestais fornecem produção diversificada de alimentos, proporcionando melhoria da qualidade e segurança alimentar das comunidades. Segundo Meirelles et al. (2003), eles são considerados o eixo da segurança alimentar e poupança nos tempos de crise das famílias rurais.

Além disso, a utilização de práticas agroecológicas, utilizando o mínimo de insumos externos, adotadas no manejo dos quintais, garante a produção de alimentos de qualidade destinados à família e aos consumidores de maneira geral. Uma alimentação saudável e de qualidade deve ser diversificada, equilibrada, segura e prazerosa (CONSEA, 2004). Neste sentido, a produção para o autoconsumo e subsistência praticada na agricultura familiar em quintais agroflorestais deve ser valorizada, visando à produção de alimentos seguros e de

qualidade (COSTANTIN, 2005). Estas ações proporcionam conservação e manejo da biodiversidade e a melhoria da qualidade do alimento, de vez que não utilizam agrotóxicos (CONSEA, 2004).

Segundo Costantin (2005), as sociedades estabelecem conjuntos de práticas alimentares, consolidadas ao longo do tempo e que expressam diferentes culturas alimentares e essa cultura, por sua vez, implica diretamente na escolha das espécies a ser cultivadas nos quintais. Ao estudar os quintais agroflorestais de Ferraz no município de Rio Claro-SP, Guimarães (1998) verificou que a produção de alimentos nestes exerce forte influência sobre a frequência de consumo de frutas e hortaliças, favorecendo uma dieta qualitativamente superior, trazendo benefício nutricional à alimentação dessas famílias.

2.2.1.2 Incremento na renda familiar e participação feminina

Os quintais possuem importância econômica direta e indireta. Indireta porque disponibilizam recursos alimentícios, reduzindo a necessidade de compra de produtos já existentes, e direta devido à comercialização da produção excedente, que representa uma fonte adicional de renda ao orçamento familiar. Segundo Pasa, Soares e Guarim Neto (2005), o quintal destaca-se pelo valor econômico que desempenha na residência, além de constituir fonte de recursos alimentícios e medicinais. Assim, os quintais agroflorestais são considerados uma espécie de poupança de emergência e fonte de renda suplementar, tanto por meio de plantas como animais domésticos que podem ser comercializados *in natura* ou processados (MEIRELLES et al., 2003).

Uma característica presente nos quintais agroflorestais é a evidência do trabalho feminino. Segundo Costantin (2005), a divisão do trabalho ocorre naturalmente entre os membros da família, variando de acordo com sua idade e com sexo e sendo distribuída conforme os diferentes momentos que compõem o processo produtivo. Segundo Rosa (2002), esta divisão é uma estratégia dos

agricultores familiares para maximizar a eficiência da mão-de-obra familiar. Neste contexto, mesmo que de forma subjetiva, ocorre a divisão de atividades e funções realizadas nos quintais, onde a mulher geralmente é responsável pela maior parte das atividades desenvolvidas nos quintais. De acordo com Costantin (2005), os quintais são considerados por muitas mulheres uma extensão do serviço doméstico.

Desta forma, a mulher desempenha o papel mais importante na formação e manutenção dos quintais (ALMEIDA, 2000; COSTANTIN, 2005). Um dos motivos que levam a esse destaque é a proximidade do quintal com a casa e o fato de os produtos originados desse quintal influenciarem diretamente a dieta alimentar da família (COSTANTIN, 2005). Além disso, trata-se de mulheres que quase sempre se envolvem no tratamento de seus filhos e maridos, sendo em geral as principais depositárias do saber popular quanto ao uso das plantas medicinais (PASA, 2011), atribuindo-se a elas a função de cultivo destas plantas nos quintais.

2.2.1.3 Introdução e domesticação de espécies

Por estes sistemas serem unidades produtivas manejadas há décadas, são considerados locais fundamentais ao cultivo, proteção e seleção de muitas plantas reconhecidas como úteis pelos agricultores familiares (ALTIERI, 1999; BLANCKAERT et al., 2004). Conforme Viana, Dubois e Anderson (1996), muitas espécies foram domesticadas a partir da sua introdução nos quintais. Desta forma, os quintais podem ser considerados reservas atuais e potenciais de recursos vegetais, além de preservarem parte da história cultural local (BLANCKAERT et al., 2004).

De acordo com Amorozo (2002b), os quintais contribuem na diversidade e variedade de vegetais, servindo como banco de germoplasma para os próximos cultivos. Além disso, funcionam como estações experimentais de novas plantas e técnicas de cultivo antes de serem utilizadas na agricultura (FOX, 1999). Segundo

Albuquerque (2005), estes sistemas são sem dúvida locais de experimentação e intercâmbio de germoplasma nas comunidades em que são praticados.

2.2.1.4 Diversidade e conservação de espécies

Os quintais são sistemas caracterizados pela utilização de poucos insumos, capacidade constante de produção (COSTA; ARRUDA; OLIVEIRA, 2002), eficiente ciclagem de nutrientes, boas qualidades biofísicas, alta biodiversidade e grande potencial para conservação da estrutura física e da fertilidade do solo (LOK; MENDEZ, 1998). A diversidade do sistema permite: produzir durante o ano todo; distribuir o trabalho de forma mais equitativa e com menor intensidade e demandar menos recursos devido ao aproveitamento máximo de luz, nutrientes, espaço e água (RONDON NETO et al., 2004). Sobre este aspecto Costa, Arruda e Oliveira (2002) afirmam que as características de alta diversidade de espécies, capacidade de captar luz solar, controle biológico, reciclagem de nutrientes do solo e redução de erosão tornam os quintais sistemas semelhantes aos ecossistemas naturais.

Desta forma, a combinação de espécies de diferentes hábitos de crescimento existente nos quintais resulta em uma estrutura semelhante às florestas, numa configuração de diferentes camadas ou estratos (COSTANTIN, 2005; SCHIMITT, 2003). De acordo com Macedo (2000), por meio da multiestratificação diferenciada da grande diversidade de espécies de usos múltiplos, que exploram os perfis vertical e horizontal da paisagem, os quintais aproveitam ao máximo a energia solar vital. O princípio ecológico dos quintais, segundo Costantin (2005), resulta da diversidade de espécies que exploram nichos diversificados dentro do sistema. Conforme a mesma autora, a cobertura do solo, proporcionada pelo dossel das copas de diferentes espécies, aumenta a proteção do solo contra a erosão, melhorando suas propriedades químicas, físicas e biológicas. Além disso, o componente arbóreo provoca alterações do microclima e, conseqüentemente, no balanço hídrico do solo, contribuindo para a elevação da

umidade do solo disponível para as plantas sob a copa das árvores (MONTROYA; RIBASKI; RODIGUERI, 2001).

Os quintais agroflorestais possuem sustentabilidade ecológica e biológica, juntamente com o alto grau de aceitabilidade social, devido à sua produção diversificada, à redução dos riscos de perda da produção, ao aumento da eficiência de mão-de-obra, à produção contínua reduzindo as perdas de pós-colheita, à boa reciclagem de nutrientes e à redução da erosão em função da boa cobertura do solo. (COSTANTIN, 2005, p. 44).

Considerando-se as características ecológicas e de diversidade cultural envolvidas no manejo dos quintais, pode-se inferir que estes sistemas atuam como uma estratégia de uso mais sustentável dos recursos. Nesse sentido, estudos realizados em áreas de Caatinga sugerem que esses agroecossistemas podem contribuir para a conservação de plantas nativas e elaboração de estratégias de uso sustentável dos recursos naturais (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002b; ALBUQUERQUE; ANDADRE; CABALLERO, 2005). Conforme Amaral e Guarim Neto (2008), os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra, fato que por si só indica sua sustentabilidade.

De acordo com Albuquerque (2005), embora as populações tradicionais tenham durante muito tempo sido consideradas unicamente como exploradoras de seu ambiente, muitos estudos vêm comprovar que tais populações podem manejar habilmente seus recursos, com base numa visão conservacionista e sistêmica da natureza. O mesmo autor afirma que os métodos locais de manejo dos recursos naturais podem apontar para estratégias alternativas de utilização do ambiente e de desenvolvimento. Desta forma, qualquer proposta de desenvolvimento rural para caminhar no rumo da sustentabilidade deve se preocupar em resgatar e valorizar os conhecimentos (CANCI, 2006), que, conforme Maturana e Varela (2004) e Rego (2000), são socialmente construídos na interação das pessoas entre si e com o meio.

Segundo Santos, Pereira e Andrade (2007), a valorização do espaço passa necessariamente pelo conhecimento do seu potencial de utilização, sendo que a etnobotânica coloca-se, nesse sentido, como instrumento capaz de conciliar

desenvolvimento socioeconômico e promoção de identidade e respeito aos recursos vegetais. Neste contexto, a etnobotânica surge como campo interdisciplinar, abrangendo estudos que buscam resgatar e preservar os conhecimentos tradicionais das pessoas em relação às espécies, seus usos, manejos e relações com o ambiente.

2.3 ETNOBOTÂNICA: ORIGEM, CONCEITOS E IMPORTÂNCIA

Embora a relação entre populações humanas e recursos vegetais tenha sido abordada desde a antiguidade, o termo etnobotânica foi empregado pela primeira vez no ano de 1895 por Harshberger, que a definiu como o estudo dos vegetais utilizados por povos aborígenes (AMOROZO, 1996). Desde então, várias definições podem ser encontradas para etnobotânica. A etnobotânica compreende o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas (ALVES et al., 2007; FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004; HEIDEN et al., 2006).

A etnobotânica é um campo interdisciplinar que abrange estudos e interpretações dos conhecimentos como significado cultural, manejo e uso tradicional da flora (RIBEIRO; MIRANDA; GUARIM NETO, 2009). De acordo com Oliveira et al. (2009), a etnobotânica pode ser entendida como o estudo das interações entre pessoas e plantas, revelando a grande importância dos recursos vegetais para a sobrevivência e manutenção de populações locais. Desta forma, a etnobotânica desponta como o campo interdisciplinar que compreende o estudo e a interpretação do conhecimento, significação cultural, manejo e usos tradicionais dos elementos da flora (CABALLERO, 1979).

O Brasil detém a maior biodiversidade do mundo, sendo reconhecidas 43.471 espécies para a flora brasileira (LISTA DE ESPÉCIES DA FLORA DO BRASIL, 2013). Além da grande extensão territorial, tal fato está relacionado à existência de diferentes condições edafoclimáticas e geomorfológicas. Ocupando cerca da metade do continente Sul-Americano, o

Brasil apresenta diversidade de zonas climáticas, desde os trópicos úmidos até as zonas semiáridas e temperadas, que contribuem para a formação de zonas biogeográficas ecologicamente diferenciadas. A extensão territorial do país e a diversidade de biomas contribuem para uma ampla diversificação da flora, da fauna e dos micro-organismos, haja vista englobar em suas fronteiras alguns dos biomas mais ricos do planeta em número de espécies vegetais (CORADIN, 2011).

De acordo com Leite e Coradin (2011), os recursos vegetais nativos, além de fontes de alimentos, podem ser utilizados para a obtenção de fibras, madeira, pigmentos, condimentos, aromas, energia e princípios ativos para produção de medicamentos. Para os mesmos autores, a exploração do potencial de uso dos recursos fitogenéticos nativos depende do conhecimento das espécies e de seus usos pelos agricultores familiares e pelos povos de comunidades tradicionais, como caiçaras, ribeirinhos, quilombolas e indígenas.

Desta forma, o resgate desses conhecimentos tem merecido atenção especial nos últimos anos. Segundo Delwing et al. (2007), a valorização e o resgate de conhecimentos e recursos genéticos tradicionais são processos de manutenção da diversidade. Assim, estudos sobre o conhecimento e uso dos recursos naturais pelas populações locais, bem como os impactos de suas práticas sobre a biodiversidade são fundamentais (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002b). Neste contexto, a etnobotânica abrange estudos que buscam resgatar e preservar os conhecimentos tradicionais das pessoas em relação ao uso dos recursos naturais disponíveis no meio em que vivem. Estudos desta natureza são ainda mais importantes onde esses recursos são constantemente ameaçados, principalmente pela ação antrópica.

De acordo com Trovão et al. (2004), a redução na área ocupada pelas florestas tropicais em torno do mundo tem acarretado taxas alarmantes de perda de biodiversidade e depauperamento dos recursos genéticos. Conforme o mesmo autor, no Nordeste brasileiro, onde está localizada a maior parte da região semiárida do país, a vegetação predominante é a Caatinga, caracterizada por possuir plantas adaptadas fisiologicamente às condições de deficiência hídrica. A Caatinga é um bioma exclusivamente brasileiro e abriga grande diversidade

biológica, sendo registradas 681 espécies de angiospermas, distribuídas em 62 famílias botânicas (LISTA DE ESPÉCIES DA FLORA DO BRASIL, 2013). A Caatinga contém uma grande variedade de tipos vegetacionais, com elevado número de espécies e também remanescentes de vegetação ainda bem preservada, que incluem expressivo número de táxons raros e endêmicos (GIULIETTE et al., 2003). Entretanto, essa vegetação também passa por um extenso processo de devastação ambiental, provocado pelo uso insustentável dos seus recursos naturais (LEAL; TABARELLI; SILVA, 2003). Segundo Fonseca-Kruel e Peixoto (2004), a pressão antrópica exercida sobre os ecossistemas tem provocado perdas de extensas áreas verdes, da cultura e das tradições das comunidades que habitam estas áreas.

Comumente, a Caatinga está associada ao fornecimento de recursos madeireiros e medicinais (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002a). Entretanto, o uso intenso dessas espécies e as coletas extrativistas realizadas vêm reduzindo drasticamente suas populações, sendo agravada, conforme Albuquerque e Andrade (2002a), quando se trata de espécies que apresentam esparsa distribuição ou pequenas populações. Este fato é ainda mais agravado por se tratar de ecossistema pouco valorizado e estudado, considerado durante muito tempo pobre em biodiversidade (TROVÃO et al., 2004). Desta forma, apesar de abranger um dos biomas mais ameaçados do planeta, são poucos os estudos etnobotânicos realizados no semiárido nordestino (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002a, 2002b).

Faz-se necessário, portanto, o descobrimento e desenvolvimento de métodos não destrutivos de usos dos recursos florestais. Assim, é de fundamental importância o papel que os povos tradicionais desempenham na exploração dos ambientes naturais (PASA; SOARES; GUARIM NETO, 2005). As pessoas afetam a estrutura de paisagens e comunidades vegetais, a evolução de espécies individuais e a biologia de determinadas populações de plantas de interesse, beneficiando e promovendo os recursos manejados (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002a). Adicionalmente, a exploração dos ambientes naturais por povos tradicionais pode fornecer subsídios a estratégias de manejo e exploração sustentáveis em longo prazo (AMOROZO, 2002b).

Estudos etnobotânicos indicam que as pessoas afetam a estrutura de comunidades vegetais e paisagens, a evolução de espécies individuais, a biologia de determinadas populações de plantas de interesse não apenas sob aspectos negativos, como comumente se credita à intervenção humana, mas beneficiando e promovendo os recursos manejados (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002a). De acordo com Santos, Pereira e Andrade (2007), além de modificar o ambiente, o ser humano, por meio das experiências acumuladas, possui a capacidade de aprimorar suas técnicas, utilizando-as em benefício próprio e do ecossistema. Estes autores atribuem o reconhecimento da contribuição das populações locais para com a manutenção da diversidade biológica ao surgimento da etnociência.

As populações locais possuem detalhado conhecimento sobre os ambientes que ocupam, creditado principalmente ao modo de vida e de subsistência. De acordo com Amorozo (1996), toda sociedade acumula informações sobre o ambiente que a cerca, possibilitando a interação para prover suas necessidades de sobrevivência. Sob este aspecto, a realização de estudos etnobotânicos possibilita o resgate e a preservação dos conhecimentos populares dessas comunidades em relação às plantas que utilizam. Para Hanazaki (2003), os estudos etnobotânicos são relevantes não apenas como uma ferramenta descritiva ou analítica sobre o uso de recursos, mas também devido ao seu potencial para o resgate e valorização de conhecimentos que estão sendo pouco a pouco abandonados.

É importante salientar que este conhecimento abrange recursos medicinais, alimentícios, pesticidas contra pragas e contraceptivos, dentre outros, além de fornecer informações de caráter conservacionista (ALBUQUERQUE, 2002). Neste contexto, a investigação etnobotânica pode reunir informações acerca de todos os possíveis usos de plantas, como uma contribuição para o desenvolvimento de novas formas de exploração dos ecossistemas (SCHARDONG; CERVI, 2000). Além de auxiliar na manutenção de espécies vegetais, a etnobotânica contribui para a preservação da diversidade cultural, aspecto muito importante para garantir a sustentabilidade (DELWING et al., 2007).

As investigações etnobotânicas focalizam as relações pessoas/plantas e contribuem para o manejo e conservação dos recursos naturais, o conhecimento das

plantas economicamente importantes, seus respectivos ecossistemas e as interações entre cientistas e instituições (OLIVEIRA, 2008). De acordo com Fonseca-Kruel e Peixoto (2004), os estudos etnobotânicos podem subsidiar trabalhos sobre uso sustentável da biodiversidade por meio da valorização e do aproveitamento do conhecimento empírico das sociedades humanas. Albuquerque (2010) destaca a importância de uma etnobotânica que ajude a resolver problemas, que se coloque à disposição da sociedade e que se posicione como elemento para o aprimoramento da gestão de políticas públicas de conservação da biodiversidade.

Além de apontar alternativas para o manejo e conservação dos recursos naturais, o conhecimento local pode ser a chave para a descoberta de novas drogas de interesse médico e farmacêutico (ALBUQUERQUE, 2005), sobretudo no Brasil, onde de toda a sua diversidade apenas 1100 espécies vegetais foram avaliadas em suas propriedades medicinais (GUERRA; NODARI, 2001). Desta forma, nas investigações etnobotânicas, observa-se posição de destaque das plantas medicinais.

2.4 ETNOBOTÂNICA E AS PLANTAS MEDICINAIS

O Brasil é o país que detém a maior parcela da biodiversidade, em torno de 15 a 20% do total mundial, com destaque para as plantas superiores, das quais detém aproximadamente 24% da biodiversidade (BRASIL, 2006). Brasil (2006) também destaca que, além desse acervo genético, o país é possuidor de rica diversidade cultural e étnica, que resultou em um acúmulo considerável de conhecimentos e tecnologias tradicionais, passados de geração a geração, entre os quais se destaca o vasto acervo de conhecimentos sobre manejo e uso de plantas medicinais. De acordo com Andrade e Casali (2002), o conhecimento tradicional deve ser resgatado junto à população rural do Brasil que, devido à miscigenação dos saberes indígena, europeu e africano, aliada a anos de experimentação empírica, torna esta população detentora de muito conhecimento sobre plantas

medicinais. A definição de conhecimento tradicional é aqui empregada, consoante Diegues e Arruda (2001), que o consideram o conjunto de saberes e “saber fazer” a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração.

Nesse contexto, o resgate do conhecimento tradicional sobre o uso de plantas medicinais junto à população tem merecido atenção especial nos últimos anos devido a uma série de fatores, tais como: a aceleração no processo de aculturação e perda de valiosas informações populares; o desaparecimento de algumas espécies ainda não estudadas; o crescente interesse pela fitoterapia devido à preferência de muitos consumidores por produtos de origem natural; o difícil acesso da grande maioria da população brasileira ao medicamento e à assistência médica, bem como a crescente busca de novos fármacos pelas indústrias farmacêuticas.

Embora o conhecimento que as comunidades tradicionais possuem sobre os recursos vegetais tenha sido subestimado por muito tempo pelos cientistas, que negligenciavam outras formas ou sistemas de conhecimento (ALBUQUERQUE, 2005), o interesse da comunidade acadêmica por esse conhecimento vem crescendo, principalmente com a comprovação científica de propriedades medicinais de várias espécies. Segundo França et al. (2008), estudos sobre a medicina popular vêm merecendo atenção cada vez maior devido ao contingente de informações e esclarecimentos que vem sendo oferecido à ciência. Assim, o uso de plantas medicinais vem sendo paulatinamente reconhecido e incorporado ao saber científico, sendo que vários ramos das ciências têm contribuído para essa difusão, destacando-se a etnobotânica, que proporciona a realização de estudos e pesquisas interdisciplinares (DANTAS; GUIMARÃES, 2007).

Segundo Oliveira et al. (2009), plantas medicinais é um tema predominantemente abordado nos trabalhos de etnobotânica apresentados no Congresso Nacional de Botânica (CNB) de 1985 a 2007, e nas publicações de estudos etnobotânicos realizados no Brasil, onde 64% dos trabalhos publicados nos periódicos de 1990 até 2007 tratavam deste assunto. As pesquisas etnobotânicas têm estudado a utilização de plantas medicinais por comunidades tradicionais como

importante fonte de medicamentos no tratamento de várias enfermidades (ALBUQUERQUE, 2002). Mesmo reconhecendo que os usos tradicionais não estão livres de efeitos colaterais e toxicidade, eles podem ser considerados como uma pré-triagem quanto à utilidade terapêutica em humanos (SIMÕES et al., 2004). As observações populares sobre o uso e a eficácia de plantas medicinais contribuem de forma relevante para a divulgação das virtudes terapêuticas dos vegetais, auxiliando os pesquisadores na seleção de espécies para estudos botânicos, farmacológicos e fitoquímicos (MACIEL; PINTO; VEIGA JÚNIOR, 2002).

Segundo Almeida et al. (2010), a bioprospecção, visando à busca de novos medicamentos é uma das abordagens mais conhecidas, sendo de grande interesse da indústria farmacêutica, pois no mundo todo a venda de produtos fitoterápicos gera bilhões de dólares por ano. Muitos princípios ativos já foram extraídos de plantas, fazendo parte atualmente do arsenal terapêutico da medicina convencional, sendo o conhecimento sobre as propriedades terapêuticas das plantas uma ferramenta poderosa na descoberta de novos medicamentos (ALMEIDA, 2004). Assim, o conhecimento tradicional sobre o uso de plantas como fontes de medicamentos é importante do ponto de vista da prospecção biológica, visto que muitas das drogas hoje usadas na medicina moderna foram desenvolvidas a partir de informações etnobotânicas (ALVES et al., 2007), como, por exemplo, as drogas e substâncias citadas por Balick e Cox (1996): aspirina, atropina, pilocarpina, paclitaxel, vincristina e vimblastina. Estima-se que aproximadamente 40% dos medicamentos atualmente disponíveis foram desenvolvidos direta ou indiretamente a partir de fontes naturais, assim subdivididos: 25% de plantas, 12% de microrganismos e 3% de animais (CALIXTO et al., 2001). Das 252 drogas consideradas básicas e essenciais pela Organização Mundial de Saúde (OMS), 11% são originárias de plantas e um número significativo são drogas sintéticas obtidas de precursores naturais (RATES, 2001).

Nos últimos anos, há um crescente interesse e uso de plantas medicinais (ALMEIDA, 2003; BESERRA et al., 2007; LOURENZANI; LOURENZANI; BATALHA, 2004), sendo que alguns fatores têm contribuído para esse aumento no Brasil, dentre eles: aspectos financeiros, já que os medicamentos alopáticos

possuem custo mais elevado (AGRA; DANTAS, 2007; BESERRA et al., 2007; MIURA; LOWE; SCHINESTSCCK, 2007; PARENTE; ROSA, 2001); difícil acesso à assistência médica e farmacêutica e carência de recursos dos órgãos públicos de saúde (BESERRA et al., 2007; PARENTE; ROSA, 2001); tendência dos consumidores em utilizar preferencialmente produtos de origem natural e evitar efeitos colaterais dos medicamentos alopáticos (BESERRA et al., 2007; MIURA; LOWE; SCHINESTSCCK, 2007; PARENTE; ROSA, 2001) e facilidade para a aquisição de plantas (AGRA; DANTAS, 2007).

De acordo com a OMS, mesmo com os avanços da medicina moderna, 80% da população mundial, principalmente de países em desenvolvimento, recorrem às práticas tradicionais nos seus cuidados básicos de saúde e 85% destes cuidados utilizam plantas ou preparações destas (BRASIL, 2006). Planta medicinal, conforme definição da OMS (2003), é uma espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos. No Brasil, as plantas medicinais ocupam posição de destaque em relação à importância do uso popular medicinal. Segundo Amorozo (2002b), muitas sociedades tradicionais ou autóctones possuem extensa farmacopeia natural, oriunda de recursos vegetais encontrados nos ambientes naturais ou cultivados em ambientes antropicamente alterados.

A utilização de plantas medicinais constitui muitas vezes o único recurso disponível para o tratamento de doenças nas comunidades rurais, sobretudo em países em desenvolvimento (CUNHA; BORTOLOTTTO, 2011; GUERRA et al., 2010; MACIEL; PINTO; VEIGA JÚNIOR, 2002; PASA, 2007; PASA; SOARES; GUARIM NETO, 2005; RICARDO, 2011; ROQUE; ROCHA; LOIOLA, 2010; TRESVENZOL et al., 2006). Esta realidade é muito observada na região Nordeste, onde, segundo Matos (2002), 90% da população economicamente carente recorrem às plantas medicinais para a cura de seus problemas de saúde. Apesar dessa importância, poucos são os estudos desenvolvidos no bioma Caatinga, predominante nesta região, envolvendo uma abordagem etnobotânica.

2.5 ESTUDOS ETNOBOTÂNICOS NO RIO GRANDE DO NORTE

O estado do Rio Grande do Norte é dividido politicamente em 167 municípios, possuindo, segundo Brasil (2011), 95% de sua cobertura vegetal inseridos no bioma Caatinga. Assim como nos demais estados onde ocorre, este bioma é constantemente ameaçado pela ação antrópica, principalmente por meio de práticas extrativistas e agropastoris insustentáveis, que vêm reduzindo drasticamente suas populações de espécies e, conseqüentemente, o conhecimento tradicional associado. Mesmo com todos estes riscos relacionados à riqueza vegetal e de conhecimentos, é notável a carência de estudos utilizando a abordagem etnobotânica, sendo encontrados poucos trabalhos deste estado na literatura.

Os estudos etnobotânicos realizados no Rio Grande do Norte investigaram, dentre outros aspectos: a utilização de plantas para diversas finalidades, mas principalmente o uso de plantas medicinais em comunidades rurais e bairros urbanos; aspectos etnobotânicos de algumas famílias ou espécies botânicas específicas e a estrutura dos quintais como sistema de manejo rico em diversidade de espécies (FREITAS, 2009; FREITAS et al., 2011; FREITAS et al., 2012; GUERRA et al., 2006; GUERRA et al., 2007; GUERRA et al., 2010; LOIOLA et al., 2010; MORAIS, 2011; MOSCA; LOIOLA, 2009; PAULINO et al., 2011; PAULINO et al., 2012; RIBEIRO, 2006; ROQUE, 2009; ROQUE; ROCHA; LOIOLA, 2010; SILVA et al., 2011; SILVA; FREIRE, 2010; TORRES et al., 2007).

Freitas (2009) realizou estudo etnobotânico sobre os recursos genéticos em quintais e a comercialização de plantas medicinais no município de São Miguel-RN. A autora verificou, dentre outros resultados, que os espaços dos núcleos familiares são compostos por grande diversidade de etnoespécies, sendo demonstrada pelos informantes ampla compreensão sobre essas plantas e seus usos. Constatou-se também que os raizeiros de São Miguel-RN exercem papel fundamental na comercialização de plantas e produtos medicinais no município.

Freitas et al. (2011), em trabalho realizado com crianças e adolescentes da Zona Rural de São Miguel-RN sobre a percepção dos recursos genéticos vegetais existentes nos quintais das suas residências, concluíram que elas possuem conhecimento de grande número de espécies existentes nesses espaços. Os autores também observaram grande interesse pelo tema e participação ativa das crianças nas oficinas e atividades desenvolvidas, demonstrando a importância dos quintais, tanto para o convívio da família como para o cultivo de plantas e criação de animais.

Ainda em São Miguel-RN, Freitas et al. (2012) efetuaram levantamento etnobotânico das espécies medicinais dos quintais do Sítio Cruz, constatando que estes espaços possuem grande diversidade de espécies medicinais usadas pela comunidade para tratar doenças, destacando-se os problemas do sistema respiratório. Observou-se que as folhas foram as partes da planta mais utilizadas, principalmente na forma de chá e lambedor, e que a mulher desempenha papel fundamental no cultivo e uso das plantas e manutenção dos quintais e dos espaços que o compõem.

Em Caraúbas-RN, Moraes (2011) desenvolveu estudo etnobotânico visando à sistematização de informações sobre o conhecimento das etnoespécies presentes nos quintais da comunidade rural Abderramant e sua relação com a sustentabilidade das famílias residentes na comunidade. A autora verificou, dentre outros resultados, que os quintais são compostos por grande diversidade de espécies medicinais e que a população rural da comunidade possui conhecimento a respeito destas espécies, utilizando-o no tratamento de suas enfermidades.

Mosca e Loiola (2009), realizando levantamento de espécies usadas na medicina popular em bairros urbanos nos municípios de Natal-RN, região Litorânea e Santa Cruz-RN, constataram que os entrevistados são detentores de informações acerca do uso das plantas para tratamento de doenças e que as pessoas mais idosas detêm conhecimento etnobotânico. As autoras também observaram que as partes mais utilizadas para o preparo dos medicamentos foram as folhas, frutos e raízes, usadas principalmente para o tratamento de doenças respiratórias.

Guerra et al. (2006), estudando o uso e o cultivo de plantas medicinais em bairros do município de Mossoró, verificaram que significativa parcela da população utiliza as mais diferentes ervas medicinais. Os autores chamaram atenção para a necessidade de desenvolvimento de projetos por órgãos públicos visando à produção e distribuição de mudas e fornecimento de assistência técnica para a população.

Ainda em Mossoró, Guerra et al. (2007), ao realizar estudo sobre as plantas medicinais e hortaliças utilizadas para cura de doenças em três bairros urbanos, verificaram que ao menos uma espécie de planta medicinal é cultivada nas residências, destacando-se hortelã, capim santo, malvarisco e erva cidreira. As demais espécies utilizadas são adquiridas por meio da compra em vendedores ou supermercados. Já em relação às hortaliças utilizadas para tratar as enfermidades, o pepino, beterraba, berinjela, melancia, espinafre, cenoura, alho, cebola, batatinha, couve flor, abóbora, coentro e alface foram as espécies mais citadas.

No município de Apodi-RN, Paulino et al. (2012) estudaram as plantas medicinais utilizadas no Sítio Góis, verificando que os informantes possuem conhecimento sobre os usos das plantas medicinais da Caatinga e dos quintais, embora tenham citado reduzido número de espécies em relação a outros estudos realizados na região Nordeste. Observaram também que as espécies mais importantes em relação aos usos foram *Amburana cearenses*, *Myracrodruon urundeuva*, *Sideroxylon obtusifolium* e *Ximenia americana*, mas enfatizam que são necessários estudos farmacológicos e de validação.

Em Apodi-RN, Guerra et al. (2010) também realizaram levantamento de espécies medicinais utilizadas pela população; porém, na comunidade rural Moacir Lucena. Os autores verificaram que existe a tradição dos seus habitantes em utilizar os recursos naturais para cura de doenças, sendo citadas diversas espécies vegetais para fins medicinais, principalmente para as seguintes indicações terapêuticas: cicatrização de ferimentos, anti-inflamatórios, dores de cabeça, intestinais e musculares, calmante, transtornos digestivos e sintomas gripais.

Roque (2009), em seu trabalho de dissertação, buscou identificar as principais categorias de uso de plantas nativas do bioma Caatinga em uma

comunidade rural no município de Caicó-RN. Segundo o autor, os dados levantados comprovam o potencial de uso que possui a flora da região Seridó e também reforçam a importância que a biodiversidade tem sobre as comunidades rurais, viabilizando o início do manejo da vegetação local.

Em Caicó-RN, Roque, Rocha e Loiola (2010) realizaram trabalho com o objetivo de identificar o uso e diversidade de plantas medicinais nativas do bioma Caatinga na comunidade rural de Laginhas. Os autores observaram diversidade de espécies da flora seridoense com potencial medicinal, verificando que a aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão) e o cumaru (*Amburana cearensis* (Allemão) A. C. Sm.) se destacaram como as espécies com o maior número de citações, sendo estas também as que obtiveram o maior número de indicações de usos terapêuticos.

Também na região do Seridó, Silva e Freire (2010) realizaram estudo no município de Serra Negra do Norte-RN acerca da percepção ambiental das populações do entorno da Estação Ecológica do Seridó (ESEC Seridó), enfatizando seus conhecimentos sobre plantas de uso medicinal. Constatou-se rico conhecimento dessas populações sobre as plantas presentes na região, considerado de grande importância para futuras estratégias de gestão desta Unidade de Conservação.

Loiola et al. (2010) conduziram estudo sobre o potencial de uso de leguminosas em comunidades rurais de São Miguel do Gostoso-RN. Dentre outros aspectos, constataram que as espécies de leguminosas apresentam destacável potencialidade econômica, social e ecológica, demonstrando que essas formações vegetacionais são importantes para o bem viver das populações locais e indicando a necessidade do desenvolvimento de ações que permitam a utilização sustentável dos recursos, a partir de manejo adequado da vegetação.

Torres et al. (2007), em levantamento etnoecológico da biodiversidade da península de Galinhos-RN, verificaram que a maioria dos entrevistados reconhece a importância da preservação ambiental e enfatiza a importância de torná-los parceiros da preservação do ambiente por meio da adoção de um comportamento conservacionista.

Ribeiro (2006) realizou estudo com o objetivo de analisar a potencialidade e formas de uso da flora fanerogâmica de fragmentos de floresta ciliar no município de Parnamirim-RN, constatando que a população ribeirinha tem interesse por plantas, desconhecendo, entretanto, a flora local e suas potencialidades, enfatizando que a falta de conhecimento desta população deve-se provavelmente à ausência de trabalhos de educação ambiental que integrem a comunidade local.

Silva et al. (2011) investigaram aspectos etnoecológicos e etnobotânicos da carnaúba (*Copernicia prunifera* (Mill) H. E. Moore) no semiárido do Vale do Açu-RN. Conforme os autores, a pesquisa teve papel fundamental no sentido de difundir os conhecimentos etnobotânicos e etnoecológicos da carnaúba no semiárido, além de permitir a sistematização de informações e conhecimentos tradicionais, bem como do uso da espécie.

Paulino et al. (2011) realizaram revisão bibliográfica sobre a flora do Rio Grande do Norte. Analisando estudos conduzidos em treze áreas do Estado a fim de obter o Índice de Importância Relativa (IR) e a riqueza de espécies nativas arbustivas e arbóreas de plantas de uso medicinal, verificando que o Rio Grande do Norte apresenta grande diversidade de espécies de uso medicinal e 29 têm alto valor de importância. Entretanto, destacaram que ainda são necessários mais estudos florísticos, fitossociológicos e etnobotânicos visando a dar suporte à conservação e ao uso sustentável da biodiversidade do Estado.

REFERÊNCIAS

AGRA, C. A.; DANTAS, I. C. Identificação das plantas medicinais indicadas pelos raizeiros e utilizadas pelas mulheres no combate a enfermidades do aparelho Geniturinário na cidade de Campina Grande, PB. **Revista de Biologia e Farmácia (Biofar)**, v. 1, n. 1, 2007.

AGUIAR, M. V. A. **El aporte del conocimiento local para el desarrollo rural**: Un estudio de caso sobre el uso de la biodiversidad em dos comunidades campesinas tradicionales del Estado de Mato Grosso-Brasil. 2006. 744f. Tese (Doutorado em Agroecologia, Campesinato e História) - Instituto de Sociologia e Estudios Campesinos, Universidade de Córdoba, Córdoba - Espanha, 2006.

ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à etnobotânica**. Recife: Edições Bagaço, 2002. 88p.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta bot. bras.**, v. 16, n. 3, p. 273-285, 2002a.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciência**, v. 27, n. 7, p. 336-346, 2002b.

ALBUQUERQUE, U. P., ANDRADE, L. H. C.; CABALLERO, J. Structure and floristics of homegardens in Northeastern Brazil. **Journal of arid environments**, v. 62, p. 491-506, 2005.

ALBUQUERQUE, U. P. **Etnobiologia e biodiversidade**. Recife: NUPPEA, 2005. 78p.

ALBUQUERQUE, U. P. Etnobotânica aplicada à conservação da biodiversidade. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife-PE: NUPEEA, 2010. p. 351-363.

ALMEIDA, C. F. C. B. R.; ARAÚJO, T. A. S.; PEIXOTO SOBRINHO, T. J. S.; AMORIM, E. L. C. Ferramentas químicas aplicadas aos estudos etnobotânicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife-PE: NUPEEA, 2010. p. 499-528.

ALMEIDA, C. F. C. B. R. **Etnobotânica nordestina: estratégia de vida e composição química como preditores do uso de plantas medicinais por comunidades locais na caatinga**. 2004. 66f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) – CCB. Biologia Vegetal, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

ALMEIDA, D. G. **A construção de sistemas agroflorestais a partir do saber ecológico local: O caso dos agricultores familiares que trabalham com agrofloresta em Pernambuco**. 2000. 235f. Dissertação (Mestrado em Agrossistemas) - Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

ALMEIDA, M. Z. **Plantas medicinais**. Salvador: EDUFBA, 2003.

ALVES, R. R. N.; SILVA, A. A. G.; SOUTO, W. M. S.; BARBOZA, R. R. D. Utilização e comércio de plantas medicinais em Campina Grande, PB, Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 4, n. 2, p. 175-198, 2007.

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba: Agropecuária, 2002.

ALTIERI, M. A. The ecological role of biodiversity in agroecosystems. **Agriculture, ecosystem and environment**, v. 74, p. 19-31, 1999.

AMARAL, C. N.; GUARIM-NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 3, n. 3, p. 329-341, 2008.

AMOROZO, M. C. M. A perspectiva etnobotânica na conservação de biodiversidade. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE BOTÂNICA DE SÃO PAULO, 14., 2002, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: UNESP, 2002a.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002b.

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. **Plantas medicinais: arte e ciência; um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: UNESP, 1996. p. 47-68.

ANDRADE, F. M. C.; CASALI, V. W. D. Etnobotânica e estudo de plantas medicinais. In: RODRIGUES, A. G., ANDRADE, F. M. C., COELHO, F. M. G., COELHO, M. F. B., AZEVEDO, R. A. B.; CASALI, V. W. D. (Eds.) **Plantas medicinais e aromáticas: etnoecologia e etnofarmacologia**. Viçosa: UFV/Departamento de Fitotecnia. 2002. p. 77-144.

AZEVEDO, R. A. B. **Indicadores agronômicos em unidades de produção de agricultura familiar**. 2001. 306f. Tese (Doutorado em Fitotecnia) - Departamento de Fitotecnia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2001.

AZEVEDO, R. A. B. Os agricultores tradicionais e a agronomia: a difícil compatibilidade dos modelos conceituais. In: COELHO, M. F. B.; COSTA JUNIOR, P.; DOMBROSKI, J. L. D. **Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais**. Cuiabá: UNICEN, 2003. p. 33-44.

BALICK, M. J.; COX, P. A. **Plants, people and culture**. New York: Scientific American Library, 1996.

BESERRA, N. M.; CARREIRA, C. F. S.; DINIZ, M. F. F. M.; BATISTA, L. M. Plantas medicinais comercializadas pelos raizeiros de feiras livres em Juazeiro do Norte - CE para o tratamento das afecções respiratórias. In: ENCONTRO DE EXTENSÃO E ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, 2007, João Pessoa. **Anais...** Joao Pessoa-PB, 2007.

BLANCKAERT, I.; SWEENEN, R. L.; FLORES, M. P.; LOPEZ, R. R.; SAADE, R. L. Floristic composition, plant uses and management practices in homegardens of San Rafael Coxcatlan, Valley of Tehuacan-Cuicatlan. **Journal of Arid Environments**, Mexico, v. 57, n. 1, p. 39-62, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília, DF, 2006. 60p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Monitoramento do bioma Caatinga 2008-2009**. Brasília, DF, 2011. 46p.

BRITO, M. A.; COELHO, M. F. B. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais unidades auto- sustentáveis. **Revista Agricultura Tropical**, Cuiabá, v. 1, n. 4, p. 7-38, 2000.

CABALLERO, J. La Etnobotânica. In: BARRERA, A. **La Etnobotânica**: tres puntos de vista y uma perspectiva. Xalapa: INIREB. 1979. p. 27-30.

CALIXTO, J. B. et. al. Biological activity of plant extracts: novem analgesic drugs. **Expert Opinion Emerging Drugs**, v. 2, p. 261- 279, 2001.

CANCI, I. J. **Relações dos sistemas informais de conhecimento no manejo da agrobiodiversidade no Oeste de Santa Catarina**. 2006. 191f. Dissertação (Mestrado em Recursos Genéticos Vegetais) – Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-graduação em Recursos Genéticos Vegetais, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2006.

CONSELHO NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. **Princípios e diretrizes de uma política de segurança alimentar e nutricional**: Textos de referência da II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília-DF: Gráfica e Editora Positiva, 2004. 80p.

CORADIN, L. A Iniciativa Plantas para o Futuro. In: CORADIN, L. SIMINSKI, A.; REIS, A. **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial**: plantas para o futuro - Região Sul. Brasília: MMA, 2011. 934p.

COSTA, R. B.; ARRUDA, E. J.; OLIVEIRA, L. C. S. Sistemas agrossilvipastoris como alternativa sustentável para a agricultura familiar. **Interações**: Revista Internacional de Desenvolvimento Local, v. 3, n. 5, p. 25-32, 2002.

COSTANTIN, A. M. **Quintais Agroflorestais na visão dos agricultores de Imaruá - SC**. 2005. 120f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

CUNHA, S. A.; BORTOLOTTI, I. M. Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 25, n. 3, p. 685-698, 2011.

DANTAS, I. C.; GUIMARAES, F. R. Plantas medicinais comercializadas no município de Campina Grande, PB. **Revista de Biologia e Farmácia (Biofar)**, v. 1, n. 1, 2007.

DELWING, A. B., FRANKE, L. B., BARROS, I. B. I., PEREIRA, F. S.; BARROSO, C. M. A etnobotânica como ferramenta da validação do conhecimento tradicional: manutenção e resgate dos recursos genéticos. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, p. 421-425, 2007.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. (Org.) **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. (Biodiversidade, 4). 2001.

FERREIRA, M. S. F. D. **A comunidade de Barranco Alto: diversificação de saberes as margens do rio Cuiabá**. 1995. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação Pública) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 1995.

FLORENTINO, A. T. N.; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v. 21, n. 1, p. 37-47, 2007.

FONSECA-KRUEL, V. S.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v. 18, n. 1, p. 177-190. 2004.

FOX, V. C. **Diversidade e uso de plantas nos quintais de Ferraz, Município de Rio Claro -SP**. 1999. 64f. (Monografia) Rio Claro-SP: UNESP.

FRANCA, I. S. X.; SOUZA, J. A.; BAPTISTA, R. S.; BRITTO, V. R. S. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Rev. bras. enferm.**, v. 61, n. 2, p. 201-208, 2008.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; MAIA, S. S. S.; AZEVEDO, R. A. B. A percepção dos quintais rurais por crianças de São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Verde**, v. 6, n. 2, p. 212-220, 2011.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; MAIA, S. S. S.; AZEVEDO, R. A. B. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 10, n. 1, p. 48-59, 2012.

FREITAS, A. V. L. **Recursos genéticos em quintais e comercialização de plantas de uso medicinal no município de São Miguel-RN**. 2009. 192f. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia - Área de concentração Etnoconhecimento, caracterização e propagação de plantas) - Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró, 2009.

GUERRA, A. M. N. M.; CUNHA NETO, J. R.; MARQUES, J. V. A. D.; PESSOA, M. F.; MARACAJÁ, P. B. Plantas medicinais e hortaliças usadas para cura de doenças em residências da cidade de Mossoró-RN. **Revista Verde**, v. 2, n. 1, p. 70-77, 2007.

GUERRA, A. M. N. M.; MARQUES, J. V. A. D.; PESSOA, M. F.; MARACAJÁ, P. B. Uso e cultivo de plantas medicinais em residências da cidade de Mossoró no Médio Oeste do Estado do Rio Grande do Norte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE OLERICULTURA, 46, 2006, Goiânia-GO. **Anais...** Goiânia: Revista da Associação brasileira de Horticultura, suplemento CD Rom., 2006. v. 24. p. 2664-2667.

GUERRA, A. M. N., PESSOA, M. F., SOUZA, C. S. M.; MARACAJÁ, P. B. Utilização de plantas medicinais pela comunidade rural Moacir Lucena, Apodi-RN. **Bioscience Journal**, v. 26, n. 3, p. 442-450, 2010.

GUERRA, P. M.; NODARI, O. R. Biodiversidade: aspectos biológicos, geográficos, legais e éticos. In: SIMÕES, M. O. et al. **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC, 2001. p. 15

GUIMARAES, R. G. **A importância de quintais domésticos com relação à alimentação e renda familiar**. 1998. 40f. (Monografia). Rio Claro-SP: UNESP.

GIULIETTI, A. M.; BOCAGE NETA, A. L.; CASTRO, A. A. J. F.; GAMARRA-ROJAS, C. F. L.; SAMPAIO, E. V. S. B.; VIRGINIO, J. F.; QUEIROZ, L. P.; FIGUEIREDO, M. A.; RODAL, M. J. N.; BARBOSA, M. R. V.; HARLEY, R. M. Diagnóstico da vegetação nativa do bioma Caatinga. In: SILVA, J. M. C.; TABARELLI, M.; FONSECA, M. T.; LINS, L. V. **Biodiversidade da caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, Universidade Federal de Pernambuco, 2003. 382p.

HANAZAKI, N. **Etnobotânica no litoral da Mata Atlântica**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/litoral/lit15.shtml>>. Acesso em: 15 out. 2012.

HEIDEN, G.; MACIAS, L.; BOBROWSKI, V. L.; IGANCI, J. R. V. Comercialização de carqueja por ervateiros da zona central de Pelotas, Rio Grande do Sul. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 6, n. 2, p. 50-57, 2006.

KASSEBOEHMER, A. L.; SILVA, I. C. Contribuições ambientais, econômicas e sociais dos sistemas agroflorestais (SAFs) para a área de proteção ambiental (APA) de Guaraquecaba, Paraná, Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: EMBRAPA, 2004, p. 145-147.

LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. **Ecologia e conservação da Caatinga**. Recife: Universitária da UFPE, 2003. 822p.

LEITE, L. L.; CORDIN, L. **Espécies Nativas da Flora Brasileira de Valor Econômico Atual ou Potencial: plantas para o futuro – Região Sul**. Brasília: MMA, 2011.

LISTA DE ESPÉCIES DA FLORA DO BRASIL 2013. **Lista de Espécies da Flora do Brasil 2013**. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

LOIOLA, M. I. B.; PATERNO, G. B. C.; DINIZ, J. A.; CALADO, J. F.; OLIVEIRA, A. C. P. Leguminosas e seu potencial de uso em comunidades rurais de São Miguel do Gostoso – RN. **Revista Caatinga**, v. 23, n. 3, p. 59-70, 2010.

LOK, R.; MENDEZ, E. El uso del ordenamiento local del espacio para una clasificación de huertos en Nicaragua. In: LOK, R. (Ed.) **Huertos Tradicionales de America Central**: características, beneficios e importancia, desde um enfoque multidisciplinario. Turrialba, Costa Rica: CATIE/AGUILA/IDR/ETC Andes, 1998. p. 129-149.

LOURENZANI, A. E. B. S.; LOURENZANI, W. L.; BATALHA, M. O. Barreiras e oportunidades na comercialização de plantas medicinais provenientes da agricultura familiar. **Informações Econômicas**, v. 34, n. 3, p. 15-25, 2004.

MACEDO, R. L. G. **Princípios básicos para o manejo sustentável de sistemas agroflorestais**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2000.

MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA JUNIOR, V. F. Plantas Medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, v. 25, n. 3, p. 429-438, 2002.

MATOS, F. J. A. **Farmácias Vivas**: sistemas de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades. 4. ed. Fortaleza: Editora UFC, 2002. 267p.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Campinas: Palas Athena, 2004. 283p.

MEIRELLES, L. R.; MEIRELLES, A. L. C. B.; MOTTER, C.; BELLE, N. **Revista dos Sistemas Agroflorestais**. Centro Ecológico Litoral Norte-PDA/PPG7/MMA. 2003. 60p.

MIURA, A. K.; LOWE, T. R.; SCHINESTOCK, C. F. Comércio de plantas medicinais, condimentares e Aromáticas por ervateiros da área central de Pelotas-RS: estudo etnobotânico preliminar. **Rev. Bras. Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007.

MONTOYA, L. J.; RIBASKI, J.; RODIGUERI, H. R. Sistemas agroflorestais: aspectos ambientais e socioeconômicos. **Informe Agropecuário EPAMIG**, v. 22, n. 212, p. 61-67, 2001.

MORAIS, V. M. **Etnobotânica nos quintais da comunidade de Abderramant em Caraúbas-RN**. 2011. 112f. Tese (Doutorado em Fitotecnia) - Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró, 2011.

MOSCA, V. P.; LOIOLA, M. I. B. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, nordeste do Brasil. **Revista Caatinga**, v. 22, p. 225-234, 2009.

NABUCO, H. C. G.; AZEVEDO, R. A. B.; ALBUQUERQUE, M. C. F.; LEITE, J. C.; CELLA, C. Organização espacial em comunidades camponesas de Santo Antônio de Leverger-MT. **Interações**, v. 10, n. 2, p. 219-231, 2009.

NOVAIS, A. M. **Percepção de moradores da comunidade Jardim Paraíso, Cáceres-MT: um estudo de caso**. 2008. 79f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres-MT, 2008.

OLIVEIRA, F. C.; ALBUQUERQUE, U. P.; FONSECA-KRUEL, V. S.; HANAZAKI, N. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v. 23, p. 590-605, 2009.

OLIVEIRA, R. C. **Uso e manejo de recursos nos arredores das residências de camponeses: estudo de caso na região de Morraria, Cáceres, MT**. 2006. 166f. Dissertação (Mestrado em Agricultura Tropical) - Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Programa de Pós-graduação em Agricultura Tropical, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2006.

OLIVEIRA, H. B. **Estudo etnofarmacológico de plantas medicinais em Rosário da Limeira-MG**. 2008. 84 f. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia) – Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Diretrizes de la OMS buenas prácticas agrícolas y de recolección (BPAR) de plantas medicinales. Ginebra. 2003. 79p.

PARENTE, C. E. T.; ROSA, M. M. T. Plantas comercializadas como medicinais no Município de Barra do Pirai, RJ. **Rodriguésia**, v. 52, n. 80, p. 47-59, 2001.

PASA, M. C. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, n. 1, p. 179-196, 2011.

PASA, M. C. **Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá, Cuiabá, MT**. Cuiabá: Entrelinhas, 2007.

PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (Alto da Bacia do Rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta botânica brasileira**, v. 19, n. 2, p. 195-207, 2005.

PAULINO, R. C.; HENRIQUES, G. P. S. A.; COELHO, M. F. B.; ARAÚJO, P. V. N. Riqueza e importância das plantas medicinais do Rio Grande do Norte. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 11, n. 1, p. 157-168, 2011.

PAULINO, R. C.; HENRIQUES, G. P. S. A.; MOURA, O. N. S.; COELHO, M. F. B.; AZEVEDO, R. A. B. Medicinal plants at the Sítio do Gois, Apodi, Rio Grande do Norte State, Brazil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 22, n. 1, p. 29-39, 2012.

RATES, S. M. K. Plants as source of drugs. **Toxicon**, v. 39, p. 603-13, 2001.

REGO, T. C. R. **A origem da singularidade humana na visão dos educadores**. São Paulo: Cadernos Cedes, ano XX, n. 35, 2000.

RIBEIRO, A. H. **Potencial de uso do componente vegetal e estudo da percepção ambiental dos moradores residentes às margens do riacho Águas Vermelhas, Parnamirim/RN**. 2006. 70f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Centro de Biociências, Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

RIBEIRO, R. S. C.; MIRANDA, A. F.; GUARIM NETO, G. Etnoecologia e recursos vegetais na Comunidade Ribeirinha de Passagem da Conceição, Várzea

Grande, MT. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE ECOLOGIA, 3., 2009, São Lourenço. **Anais...** São Lourenço, 2009.

RICARDO, L. G. P. S. **Estudos etnobotânicos e prospecção fitoquímica das plantas medicinais utilizadas na comunidade Horto, Juazeiro do Norte-CE.** 2011. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Pós-Graduação em Ciências Florestais, Centro de Saúde e Tecnologia Rural, Universidade Federal de Campina Grande, Patos-PB, 2011.

RONDON NETO, R. M.; BYCZKOVSKI, A.; WINNICKI, J. A.; SIMAO, S. M. S.; PASQUALOTTO, T. C. Os quintais agroflorestais do assentamento rural rio da areia, município de Teixeira Soares, PR. **Cerne**, v. 10, n. 1, p. 125-135, 2004.

ROQUE, A. A. **Potencial de uso dos recursos vegetais em uma comunidade rural do semi-árido do Rio Grande do Norte.** 2009. 76f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2009.

ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M.; LOIOLA, M. I. B. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 12, n. 1, p. 31-42, 2010.

ROSA, L. S. **Limites e possibilidades do uso sustentável dos produtos madeireiros na Amazônia Brasileira:** o caso dos pequenos agricultores da vila Boa Esperança, em Moju, no Estado do Pará. 2002. 304f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

ROSA, L. S.; SILVEIRA, E. L.; SANTOS, M. M.; MODESTO, R. S.; PEROTE, J. R. S.; VIEIRA, T. A. Os quintais agroflorestais em áreas de agricultores familiares no município de Bragança - PA: composição florística, uso de espécies e divisão de trabalho familiar. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 2, p. 337-341, 2007.

SANTOS, A. L. S.; PEREIRA, E. C. G.; ANDRADE, L. H. C. A construção da paisagem através do manejo dos recursos naturais e a valorização do etnoconhecimento. In: ALBUQUERQUE, U. P.; ALVES, A. G. C.; ARAÚJO, T.

A. S. **Povos e paisagem: etnoecologia, etnobiologia e biodiversidade**. Recife-PE: NUPEEA/UFRPE, 2007. p. 61-73.

SCHARDONG, R. M. F.; CERVI, A. C. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. **Acta Biológica Paranaense**, v. 29, n. 1, p. 187-217, 2000.

SCHIMITT, C. O que é que tem lá no quintal? **Revista Agroecologia & Agricultura Familiar**, Ano 6, n. 5, p. 40, 2003.

SEMEDO, R. J. C. G.; BARBOSA, R. I. Árvores frutíferas nos quintais urbanos de Boa Vista, Roraima, Amazônia brasileira. **Acta Amazônica**, v. 37, p. 561-568, 2007.

SILVA NETO, B.; BASSO, D. Introdução. In: SILVA NETO, Benedito; BASSO, D. (Org.). **Sistemas Agrários do Rio Grande do Sul: análise e recomendações de políticas**. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 17-24.

SILVA, R. A. R.; ROCHA, T. G. F.; MARINHO, A. A.; FARJADO, C. G.; VIEIRA, F. A. Etnoecologia e etnobotânica da palmeira carnaúba (*Copernicia prunifera* (Mill) H. E. Moore) no semi-árido do Vale do Rio Açu-RN. In: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 10., 2011, São Lourenço-MG. **Anais...** São Lourenço, 2011.

SILVA, T. S.; FREIRE, E. M. X. Abordagem etnobotânica sobre plantas medicinais citadas por populações do entorno de uma unidade de conservação da caatinga do Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 12, n. 4, p. 427-435, 2010.

SIMÕES, C. M. O.; SCHENKEL, E. P.; GOSMANN, G.; MELLO, J. C. P.; MENTZ, L. A.; PETROVICK, P. R. **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 5 ed. Porto Alegre/Florianópolis: UFRGS/UFSC, 2004.

SIVIERO, A.; DELUNARDO, T. A.; HAVERROTH, M.; OLIVEIRA, L. C.; MENDONÇA, A. M. S. Cultivo de Espécies Alimentares em Quintais Urbanos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v. 25, n.3, p. 549-556, 2011.

TORRES, D. F.; OLIVEIRA, E. S.; ALVES, R. R. N.; VASCONCELLOS, A. Levantamento etnoecológico da biodiversidade da península de Galinhos, Rio Grande do Norte. In: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 8., 2007, Caxambu-MG. **Anais...** Caxambu-MG, 2007.

TRESVENZOL, L. M.; PAULA, J. R.; RICARDO, A. F.; FERREIRA, H. D.; ZATTA, D. T. Estudo sobre o comercio informal de plantas medicinais em Goiânia e cidades vizinhas. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 3, n. 1, p. 23-28, 2006.

TROVÃO, D. M. B. M.; SILVA; S. C.; SILVA, A. B.; VIEIRA JUNIOR, R. L. Estudo comparativo entre três fisionomias de Caatinga no estado da Paraíba e análise do uso das espécies vegetais pelo homem nas áreas de estudo. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 4, n. 2, p. 1-5, 2004.

VIANA, V. M.; DUBOIS, J. C. L.; ANDERSON, A. A importância dos Sistemas Agroflorestais para a Amazônia. In: REBRAF/ FUNDAÇÃO FORD (ed.). **Manual agroflorestal para a Amazônia**, Rio de Janeiro: REBRAF, 1996.

CAPÍTULO II - ETNOBOTÂNICA EM UNIDADES PRODUTIVAS DA COMUNIDADE SÃO JOÃO DA VÁRZEA, MOSSORÓ-RN

RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi realizar um levantamento etnobotânico em unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN, enfatizando o uso e o manejo de plantas presentes em espaços domésticos, sobretudo as de uso medicinal. Para tanto, foram estudadas 22 unidades produtivas, utilizando-se técnicas diversas de coleta de dados, tais como a observação direta e participante, turnê guiada, lista livre, entrevistas semiestruturadas e confecção de croquis. Foram identificados e descritos 15 espaços, todos eles possuindo características e funções próprias, modeladas de acordo com o conhecimento e particularidades de cada família. Em todas as unidades produtivas, observou-se a presença de espaços caracterizados como quintais agroflorestais, sendo verificada participação expressiva das mulheres no manejo desses ambientes. Considerando-se apenas os espaços domésticos, localizados nos arredores das residências, verificou-se a presença de 154 espécies pertencentes a 63 famílias botânicas, abrangendo um total de 2.474 plantas. Dentre estas espécies, as mais frequentes foram goiabeira (*Psidium guajava* L.), coqueiro (*Cocos nucifera* L.) e flor de seda (*Calotropis procera* (Aiton) W. T. Aiton). Em relação ao uso, as categorias mais representativas foram medicinal (57 spp.), ornamental (54 spp.) e alimentícia (52 spp.), sendo que a maioria das espécies tiveram mais de um uso relatado. De um total de 67 patologias, a gripe e a disenteria foram as indicações terapêuticas mais citadas durante as entrevistas, podendo ser tratadas com 18 e 11 espécies, respectivamente. Portanto, as unidades produtivas estudadas são constituídas por vários espaços que refletem os aspectos socioeconômicos e culturais das famílias. Estes espaços, por sua vez, são compostos por grande diversidade de espécies que são utilizadas pelas famílias para várias finalidades, sobretudo uso medicinal.

Palavras-chave: Espaços domésticos. Quintais agroflorestais. Diversidade de espécies.

CHAPTER II - ETHNOBOTANY IN PRODUCTIVE UNITS IN SÃO JOÃO DA VÁRZEA COMMUNITY, MOSSORÓ-RN

ABSTRACT

The purpose of the present study was to conduct an ethnobotanical survey in productive units in São João da Várzea, Mossoró-RN, emphasizing the use and handling of plants present in domestic spaces, especially the medicinal use. Therefore, we studied 22 productive units, using various techniques of data collection, such as direct and participant observation, guided tour, free list, semistructured interviews and sketches. We identified and described 15 spaces, all of them having their own characteristics and functions, modeled according to the knowledge and circumstances of each family. In all productive units, we observed the presence of spaces characterized as homegardens, being verified significant participation of women in the handling of these environments. Considering only the domestic spaces, located in the vicinity of dwellings, we verified the presence of 154 species belonging to 63 plant families, covering a total of 2.474 plants. Among these species, the most frequent were guava tree (*Psidium guajava* L.), coconut palm (*Cocos nucifera* L.) and silk flower (*Calotropis procera* (Aiton) W.T. Aiton). Regarding the use, the most representative categories were medicinal (57 spp.), ornamental (54 spp.) and alimentary (52 spp.). From a total of 67 diseases, influenza and dysentery were the most cited indications during interviews and can be treated with 18 and 11 species, respectively. Therefore, the productive units studied are composed of several areas that reflect the socioeconomic and cultural aspects of families. These areas, in turn, are composed of wide diversity of species that are used by families for several purposes, especially medicinal.

Keywords: Domestic spaces. Homegardens. Species diversity.

1 INTRODUÇÃO

As unidades produtivas de uma comunidade rural são caracterizadas pela presença de espaços que refletem as particularidades de cada família. De acordo com Nabuco et al. (2009), os espaços sociais e agrícolas ocupados por uma comunidade precisam ser manejados e organizados segundo determinada lógica: a lógica do camponês, que se utiliza do corpo de conhecimento que possui. Os espaços domésticos, localizados nos arredores das residências, são sistemas complexos, onde grande diversidade de espécies é manejada ou conservada. Muitos destes espaços são denominados e caracterizados como quintais agroflorestais ou simplesmente quintais.

Segundo Brito e Coelho (2000), os quintais podem ser definidos como uma área de produção localizada perto da casa, onde são cultivadas espécies agrícolas e florestais, e a criação de pequenos animais domésticos. A importância dos quintais agroflorestais é relatada por vários autores, principalmente quanto à segurança alimentar e nutricional (CONSEA, 2004), ao incremento na renda familiar, à introdução e domesticação de espécies (MEIRELLES et al., 2003), à eficiência do uso da terra resultante da diversidade biológica (ANGEL-PEREZ; MARTIN, 2004; COSTANTIN, 2005) e à conservação de espécies (MOURA; ANDRADE, 2007).

Ao longo do tempo, as pessoas que manejam esses espaços desenvolveram técnicas e estratégias para lidar com os recursos disponíveis, o que proporcionou vasto conhecimento a esse respeito. Os quintais agroflorestais são sistemas tradicionais resultantes de conhecimentos acumulados e transmitidos através de gerações (ROSA et al., 2007). Segundo Silva Neto e Basso (2005), a maneira como os fatores produtivos são organizados tende a corresponder ao conjunto de conhecimentos, às situações ecológicas, sociais e às experiências específicas acumuladas por cada agricultor. Desta forma, os conhecimentos dos agricultores baseiam-se em uma prolongada vivência empírica e são gerados de experiências distintas, sendo elas: experiências acumuladas das sucessivas gerações; experiência coletiva de cada geração de agricultores e experiência individual de cada um dos

agricultores, constituída a partir de suas objetividade e subjetividade (AZEVEDO, 2003). O mesmo autor ressalta que essas experiências estão submetidas a contínuo processo de construção e reconstrução, de vez que são compartilhadas, entre e dentro de gerações, por intermédio de mecanismos informais e orais.

Cada indivíduo percebe e utiliza distintamente os recursos presentes nos espaços que manejam, acumulando conhecimento ao longo do tempo e o repassando para gerações futuras. Neste sentido, as plantas são utilizadas para múltiplas finalidades, destacando-se em vários estudos realizados em quintais o uso de plantas alimentícias e medicinais (CARNIELLO et al., 2010; FLORENTINO; ARAÚJO; ALBUQUERQUE, 2007; FREITAS, 2009; GUARIM NETO; AMARAL, 2010; MORAIS, 2011; MOURA; ANDRADE, 2007; PASA; NEVES; ALCÂNTARA, 2008; RONDON NETO et al., 2004; ROSA et al., 2007). De acordo com Freitas et al. (2012), o homem utiliza as plantas como alternativa terapêutica na perpetuação de informações valiosas, muitas vezes próprias de sua cultura. Este fator faz com que cada sociedade ou comunidade possua seu próprio sistema de classificação, crenças e métodos populares capazes de promover a cura dos seus próprios males (MOREIRA et al., 2002). Segundo Franco (2005), o uso popular de plantas medicinais é uma arte que acompanha o ser humano desde os primórdios da civilização, sendo fundamentada no acúmulo de informações repassadas oralmente.

No entanto, em função do modelo de desenvolvimento instaurado observa-se uma tendência à redução e ao desaparecimento dos conhecimentos tradicionais motivados pela ação constante do processo de modernização (DIEGUES, 2008). De acordo com Freitas et al. (2012), o êxodo rural, a crescente urbanização e o desinteresse dos jovens pelo conhecimento tradicional, bem como a pressão antrópica e uso insustentável dos recursos naturais são responsáveis pela erosão genética e do conhecimento associado às plantas e animais. Desta forma, o resgate desses conhecimentos tem merecido atenção especial nos últimos anos. Segundo Delwing et al. (2007), a valorização e o resgate de conhecimentos e recursos genéticos tradicionais são processos de manutenção da diversidade.

Assim, estudos sobre o conhecimento e uso dos recursos naturais pelas populações locais, bem como os impactos de suas práticas sobre a biodiversidade são fundamentais (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002b). Neste contexto, a etnobotânica surge como campo interdisciplinar, abrangendo estudos que buscam resgatar e preservar os conhecimentos tradicionais das pessoas em relação às espécies, seus usos, manejos e relações com o ambiente. A etnobotânica compreende o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas (ALVES et al., 2007; FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004; HEIDEN et al., 2006).

Apesar de nos últimos anos diversos estudos sobre quintais terem sido desenvolvidos no Brasil, a escassez de informações sobre esses sistemas ainda é bastante acentuada, sobretudo no Nordeste brasileiro. De acordo com Albuquerque, Cavalcanti e Caballero (2005), muito pouco se conhece acerca da percepção local e estrutura fitossociológica de quintais no Brasil. No Rio Grande do Norte, dezessete trabalhos etnobotânicos foram realizados, sendo que a maioria investigou o uso de plantas medicinais pelas comunidades (GUERRA et al., 2006; GUERRA et al., 2007; GUERRA et al., 2010; MOSCA; LOIOLA, 2009; PAULINO et al., 2011; PAULINO et al., 2012; ROQUE; ROCHA; LOIOLA, 2010; SILVA; FREIRE, 2010), o uso de plantas para várias finalidades (RIBEIRO, 2006; ROQUE, 2009; TORRES et al., 2007) ou aspectos etnobotânicos de algumas famílias ou espécies botânicas específicas (LOIOLA et al., 2010; SILVA et al., 2011). Entretanto, apenas quatro estudos abordaram, dentre outros aspectos, a estrutura dos quintais (FREITAS, 2009; FREITAS et al., 2011; FREITAS et al., 2012; MORAIS, 2011).

Estudos desta natureza tornam-se ainda mais necessários em locais onde os conhecimentos tradicionais são constantemente ameaçados. Em Mossoró-RN, alguns fatores têm contribuído para essa ameaça, interferindo na dinâmica socioeconômica das comunidades rurais, principalmente nos últimos anos. Dentre estes fatores, destacam-se a grande especulação imobiliária e a consequente expansão do território urbano do município, associada às oportunidades de emprego, principalmente nos setores de construção civil, petróleo, comércio e

serviços, que intensificam o ingresso de jovens e adultos oriundos da zona rural em atividades alheias ao seu convívio, resultando na descaracterização do espaço rural ou mesmo no deslocamento das pessoas de seu ambiente natural para a zona urbana.

Desta forma, a realização de um estudo etnobotânico no município de Mossoró-RN proporcionará a valorização, o resgate e a preservação do conhecimento que a população local detém sobre o uso e manejo das plantas e dos espaços que compõem as unidades produtivas. Além disso, podem contribuir para o desenvolvimento de novas técnicas de manejo e exploração dos agroecossistemas, além de subsidiar trabalhos sobre o uso sustentável da biodiversidade. Portanto, o objetivo do presente trabalho foi realizar um levantamento etnobotânico em unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN, enfatizando o uso e o manejo de plantas presentes em espaços domésticos, sobretudo as de uso medicinal.

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A comunidade São João da Várzea está localizada na zona rural de Mossoró-RN (FIGURA 1). O município de Mossoró foi criado pela Lei nº 246 de 15 de março de 1852, desmembrando-se de Assu. Situa-se na mesorregião Oeste Potiguar e na microrregião Mossoró, distando da capital Natal cerca de 277 km. Limita-se com os municípios de Tibau, Grossos, Areia Branca, Serra do Mel, Açú, Upanema, Governador Dix-Sept Rosado, Baraúna e o estado do Ceará, abrangendo uma área de 2110 km² (CPRM, 2005), sendo 1873,1 km² correspondentes à zona rural. De acordo com a contagem da população realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, o município possui 259.815 habitantes (IBGE, 2013).



Figura 1 – Localização da comunidade São João da Várzea, Mossoró-RN.

Mossoró possui um clima do tipo muito quente e semiárido, caracterizado por: estação chuvosa atrasando-se para o outono; precipitação pluviométrica média anual de 695,8mm; período chuvoso entre os meses de fevereiro a abril; temperatura média anual em torno de 27,4 °C; umidade relativa média anual de 70% e 2700 horas de insolação (CPRM, 2005; IDEMA, 2012; SEMARH, 2012).

Conforme dados do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte (IDEMA, 2012), a formação vegetal predominante no município é a Caatinga hiperxerófila, caracterizada por vegetação de caráter mais seco com abundância de cactáceas e plantas de porte mais baixo e espalhadas, como, por exemplo: jurema preta (*Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir), mofumbo (*Combretum leprosum* Mart.), facheiro (*Pilosocereus pachycladus* Ritter.), faveleiro (*Cnidoscolus phyllacanthus* (M. Arg.) Pax & Hoffm.) xique-xique (*Pilocereus gounellei* K. Schum) e marmeleiro (*Croton sonderianus* Muell. Arg.). Também é possível encontrar no município regiões compostas por Carnaubal, vegetação natural onde a espécie predominante é a palmeira carnaubeira (*Copernicea prunifera* (Mill.) H. E. Moore), e Vegetação Halófila, que se caracteriza por suportar grande salinidade em decorrência da penetração da água do mar nas regiões baixas marginais dos cursos d' água, destacando-se o pirixiu (*Batis maritima* L.) e o bredo (*Sesuvium portulacastrum* L.), às vezes consorciados com carnaubais.

A comunidade São João da Várzea localiza-se às margens da RN 117, no sentido Mossoró - Governador Dix Sept Rosado, nas coordenadas 5° 18' 19,5" Sul e 037° 24' 46,8" Oeste, altitude de 28m, distando 18 km da sede do município. De acordo com o Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (EMATER, 2012), a comunidade São João da Várzea está inserida no Polo Passagem do Rio, composto por cerca de 400 famílias distribuídas em 11 comunidades e 2 Assentamentos do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF).

2.2 APROXIMAÇÃO DO AMBIENTE DE ESTUDO

Primeiramente, foi realizada uma visita à liderança da comunidade, por intermédio de técnicos da Unidade Local de Apoio ao Produtor Rural de Mossoró da EMATER-RN. Sr. Neto (M. N. S., 47 anos), então Presidente do Conselho Comunitário do Sítio São João da Várzea, representou papel fundamental no desenvolvimento deste trabalho, fornecendo informações sobre a comunidade, ajudando na articulação e realização das oficinas e agindo como mediador nos primeiros contatos com os informantes. Dentre os fatores positivos no sucesso dos trabalhos, Mota (1997) destaca a apresentação do pesquisador ao grupo pesquisado, sendo necessário que seja feita por pessoa de confiança e que tenha projeção na comunidade.

A pesquisa foi conduzida respeitando-se os aspectos éticos relacionados ao acesso ao conhecimento tradicional. Para tanto, foi realizada uma oficina com os moradores da comunidade, onde foi apresentada e discutida a proposta de trabalho, enfatizando os objetivos, sua importância e a metodologia a ser adotada. Além disso, foi esclarecido que a participação dos informantes na pesquisa estava condicionada à sua aceitação, podendo desistir a qualquer momento sem qualquer prejuízo. Durante a oficina, todos os presentes manifestaram interesse e concordaram, verbalmente, em participar da pesquisa.

De acordo com Ruas et al. (2006), oficinas são reuniões de trabalho que envolvem grupos de pessoas que se dispõem a tratar de questões de interesse comum, discutindo problemas e potencialidades, trocando experiências vividas e propondo soluções condizentes com a realidade e encaminhamentos necessários. Segundo a autora, estas oficinas têm o objetivo de aprofundar conceitos básicos e questões que constituem a referência para ações, programas e projetos em desenvolvimento ou que se encontram em fase de planejamento. Segundo Costantin (2005), as oficinas devem ser valorizadas como forma de abordagem qualitativa.

Nesse encontro, foi elaborado o Termo de Anuência Prévia (TAP) (APÊNDICE A), conforme orienta o Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN) (ALBUQUERQUE; CAVALCANTI; CABALLERO, 2005; BRASIL, 2012). Além disso, foi possível realizar levantamento preliminar da realidade a ser estudada, identificando características específicas do ambiente e das pessoas que o compõem. O encontro contou com a participação de pessoas de todas as faixas etárias, do sexo feminino e do masculino. Na literatura, foram encontrados registros de muitos trabalhos etnobotânicos que realizaram essa avaliação prévia e caracterização da área de estudo (ALBERT, 1996; LEBBIE; GURIES, 1995; MARTINEZ, 1995; MILLIKEN; MING, 1996; SANTOS; DIAS; MARTINS, 1995).

2.3 SELEÇÃO DAS UNIDADES PRODUTIVAS E DOS INFORMANTES

Para a seleção das unidades produtivas, foi utilizada a amostragem não-probabilística, que consiste em escolher os elementos da população de forma intencional. Neste tipo de amostragem, o pesquisador centra-se em grupos específicos, baseados na sua experiência ou conhecimento do universo (ALBUQUERQUE; LUCENA; LINS NETO, 2010). Conforme Amorozo (1996), qualquer membro adulto normal de uma cultura ou mesmo, em alguns casos, crianças e adolescentes, pode funcionar como informante. Informantes são aquelas pessoas reconhecidas pela comunidade como possuidoras de maior conhecimento sobre as plantas, o ambiente em que vivem e seus usos (RODRIGUES, 2002).

A técnica de amostragem utilizada foi a conhecida como “Bola de neve” ou *Snow ball* (BAILEY, 1994). A partir do contato inicial com a comunidade, um primeiro especialista é reconhecido, passando a indicar outro especialista e assim sucessivamente, até envolver todos os especialistas da comunidade (ALBUQUERQUE; LUCENA; LINS NETO, 2010). Vale ressaltar que em alguns momentos do presente estudo, foi necessário reiniciar o processo por falta de

indicação do informante. De acordo com Albuquerque, Lucena e Lins Neto (2010), distintas razões fazem com que os informantes não se sintam à vontade para citar nomes de outros especialistas.

Alguns critérios foram utilizados para seleção das unidades produtivas, sendo, em ordem de importância, os seguintes: 1) que exista uma residência habitada na unidade produtiva; 2) que exista, na unidade produtiva, um espaço denominado ou caracterizado como quintal; 3) que haja interesse por parte do mantenedor desse espaço em participar do estudo e 4) que haja disponibilidade de tempo dessas pessoas. Assim, visando a coletar o maior volume de informações sobre os espaços e os recursos existentes nos arredores da residência, em cada unidade produtiva, selecionou-se como informante principal para as entrevistas a pessoa que realiza o manejo do espaço denominado ou caracterizado como quintal.

Dessa maneira, foram selecionadas 22 unidades produtivas, correspondendo a aproximadamente 42% das famílias da comunidade (APÊNDICE B). De acordo com Mota (1997), o número de informantes de modo que os dados obtidos sejam representativos é variável, dependendo do caráter da pesquisa. O mesmo autor afirma que, quando qualitativa, o número de indivíduos ideal é aquele que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões e, quando quantitativa, dependerá da avaliação estatística a fim de determinar a amostra que representa a população em estudo.

Foram realizadas visitas às residências das famílias selecionadas, visando a esclarecer possíveis dúvidas sobre a pesquisa e agendar as datas e horários das entrevistas de modo a não atrapalhar as atividades diárias. Na ocasião, realizou-se a leitura do Termo de Anuência Prévia, reafirmando-se que as informações coletadas seriam utilizadas apenas para fins de pesquisa. Solicitou-se a assinatura do informante no referido termo, sendo entregue uma cópia devidamente assinada pelas partes envolvidas.

2.4 COLETA DE DADOS

No presente trabalho, foram realizadas de duas a cinco visitas por unidade produtiva no período de junho a setembro de 2012, sendo utilizadas várias técnicas de coleta de dados. Conforme Andrade e Casali (2002), geralmente em trabalhos etnobotânicos mais de uma metodologia é utilizada, dependendo do momento, sendo muitas vezes complementares. De modo geral, foram utilizados cinco tipos de formulários para: 1) realização do histórico e descrição da comunidade sob a perspectiva dos moradores; 2) coleta de dados socioeconômicos e culturais dos informantes; 3) coleta de informações sobre os espaços que compõem as unidades produtivas; 4) coleta de dados sobre cada planta localizada nestes espaços e 5) coleta de informações sobre as plantas medicinais encontradas.

2.4.1 Histórico e descrição da comunidade

Objetivando a realização de um histórico da comunidade e sua caracterização sob a visão e perspectiva dos próprios moradores, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com dois líderes locais, Sr. Neto (M. N. S., 47 anos) e Sr. Valdecino (A. V. M. L., 65 anos), então Presidente e Vice-Presidente do Conselho Comunitário do Sítio São João da Várzea, respectivamente. Ambos residem na comunidade desde o nascimento, tendo participação ativa no desenvolvimento local.

2.4.2 Perfil socioeconômico e cultural dos informantes

Para caracterização socioeconômica e cultural dos informantes, realizaram-se entrevistas semiestruturadas utilizando-se formulários contendo perguntas

abertas e fechadas. Estes formulários compreendiam perguntas sobre sexo, idade, naturalidade, grau de escolaridade, estado civil, número de pessoas na residência, tempo de residência na comunidade, principal fonte de renda da família, condição de posse da terra, atividades agropecuárias desenvolvidas, renda obtida com o quintal e destino do lixo.

2.4.3 Identificação e descrição dos espaços das unidades produtivas

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e observação direta e participante de acordo com as metodologias propostas por Albuquerque, Lucena e Alencar (2010) e Amorozo e Viertler (2010). Em todos os casos, o diálogo desenvolvido durante o trabalho baseou-se em uma relação de respeito e confiança entre informantes e pesquisador. Os informantes foram questionados sobre os espaços, infraestruturas e plantas que compõem as unidades produtivas. Estes espaços foram denominados e caracterizados conforme perspectivas dos informantes, buscando-se sempre que possível relacioná-los às suas estratégias e tomadas de decisão de uso e manejo das espécies.

Para tanto, foram analisados os seguintes aspectos: como os agricultores denominam e definem esses espaços; sua relação com os recursos naturais presentes nesses espaços; o que condiciona as tomadas de decisões dos agricultores em relação aos recursos cultivados, criados ou mantidos nesses espaços; as estratégias de produção utilizadas; os aspectos culturais e tradicionais existentes; a força de trabalho utilizada; a introdução de insumos externos; a importância desses espaços para a família; a diversidade de espécies e as estratégias de conservação dos recursos genéticos.

Embora na literatura o termo quintal seja comumente usado para designar todos os espaços localizados próximos às residências, é importante considerar a percepção, o conhecimento e a tradição do informante em relação à nomeação e definição desses espaços. Desta forma, visando à não generalização dos

subsistemas existentes, consideraram-se todas as denominações citadas. Assim, o conjunto de espaços localizados nos arredores das residências, inclusive o quintal, foi considerado e denominado, no presente trabalho, como espaços domésticos.

Com o objetivo de facilitar a compressão da lógica e percepção que os informantes utilizam na organização e manejo destes espaços, eles foram representados graficamente por meio do mapeamento participativo, denominado por Albuquerque, Lucena e Alencar (2010) mapeamento comunitário. De acordo com estes autores, esta técnica é utilizada para reunir informações acerca dos recursos naturais e da percepção local em dado contexto geográfico, podendo-se registrar, com a colaboração dos informantes, o conhecimento local sobre a distribuição de recursos úteis.

Dessa forma, foram realizados croquis dos espaços domésticos das unidades produtivas estudadas, plotando-se e especificando-se todos os espaços existentes, bem como a residência, as infraestruturas, as benfeitorias e as plantas presentes. Os desenhos foram feitos sem utilização de escala, com o formato e a distribuição das espécies definidos de acordo com a observação local. A documentação fotográfica auxiliou na fase de confecção digital dos croquis.

2.4.4 Levantamento etnobotânico dos espaços domésticos

O levantamento etnobotânico foi realizado apenas nos espaços domésticos, não envolvendo os demais espaços da unidade produtiva. Utilizaram-se as técnicas de observação direta e participante que, de acordo com Albuquerque, Lucena e Alencar (2010), consistem na observação e registro livre dos fenômenos observados em campo, com menor ou maior grau de envolvimento, respectivamente.

Segundo Azevedo e Coelho (2002), a observação direta dos usos e dos conhecimentos sobre as plantas medicinais implica em uma contextualização das informações obtidas, o que é fundamental para o entendimento mais completo dos

processos. Os mesmos autores afirmam que a observação participante implica no envolvimento direto do pesquisador nas atividades da comunidade, o que permite compreendê-las detalhadamente. A observação participante consiste na apreensão em profundidade do modo de vida, das ideias e motivações dos sujeitos da pesquisa, por meio da convivência do pesquisador com os membros do grupo e do envolvimento em suas atividades diárias (AMOROZO; VIERTLER, 2010). A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas (MINAYO, 1994).

Outra técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada que, de acordo com Pretty et al. (1995), é uma conversa dirigida na qual somente os tópicos são predeterminados, e novas questões vão surgindo como resultado das discussões. Nas entrevistas semiestruturadas, as perguntas são parcialmente estruturadas pelo pesquisador antes de ir ao campo, apresentando grande flexibilidade, pois permite aprofundar elementos que podem ir surgindo durante a entrevista (ALBUQUERQUE; LUCENA; ALENCAR, 2010). Este tipo de entrevista serve para a coleta de informações mais dirigidas e, conseqüentemente, possibilita entrevistar maior número de pessoas, quando comparado com entrevistas abertas (AZEVEDO; COELHO, 2002).

Para alguns questionamentos, foi considerada a técnica de lista livre, que consiste em pedir que os informantes listem eventos importantes em relação ao assunto investigado (AZEVEDO; COELHO, 2002). De acordo com Albuquerque, Lucena e Alencar (2010), esta técnica baseia-se no princípio de que os elementos culturalmente mais importantes aparecerão em muitas listas e em uma ordem de importância.

Além de informações gerais sobre os espaços que compõem a propriedade, os informantes foram questionados sobre informações específicas das plantas presentes no ambiente, inclusive as que se encontram em vasos, buscando-se prioritariamente o conhecimento que possuem sobre o uso das plantas e sobre o ambiente. Os informantes foram indagados sobre o uso e manejo das plantas e as partes utilizadas para cada uso, abordando-se questões específicas sobre cada

espécie presente nos espaços domésticos. Nesse caso, as entrevistas foram feitas durante a verificação *in loco* para cada espécie citada por cada informante, utilizando-se o método *turnê guiada* ou *walk-in-the-woods*, que, segundo Albuquerque, Lucena e Alencar (2010), consiste em ir até o campo com o informante visando a fundamentar e validar os nomes das plantas citadas nas entrevistas.

Assim, as espécies foram classificadas quanto ao uso de acordo com as definições dos próprios informantes, evitando-se utilizar categorias previamente definidas. Em relação às espécies utilizadas para fins terapêuticos, foram investigadas suas indicações, as formas de uso, possíveis contraindicações, a origem e difusão do conhecimento, aspectos sobre sistemas de classificação e nomenclatura e como o material de propagação foi adquirido. As espécies citadas como medicinais foram comparadas com as presentes na Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS) divulgada em 2009 pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2013). As indicações terapêuticas das plantas foram descritas utilizando-se os mesmos termos citados pelos informantes, sendo também codificadas conforme Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, conhecida como Classificação Internacional de Doenças (CID 10), publicação oficial da Organização Mundial de Saúde (OMS) (OMS, 2007).

2.5 IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL BOTÂNICO

Durante a *turnê-guiada*, as plantas citadas foram detalhadamente fotografadas para posterior confirmação da identificação botânica por meio de bibliografia especializada (BRAGA, 1976; LORENZI, 2006; LORENZI; MATOS, 2002; LORENZI; SOUZA, 2008; MAIA, 2004). Algumas espécies foram herborizadas de acordo com técnicas estabelecidas em coletas botânicas, para posterior identificação taxonômica por especialistas.

A nomenclatura das espécies e seus autores foram confirmados utilizando-se a base de dados Trópicos® do Missouri Botanical Garden (TRÓPICOS, 2013). O sistema de classificação de plantas utilizado foi o APG II (APG, 2003), do inglês *Angiosperm Phylogeny Group*. De acordo com Lorenzi e Souza (2008), o APG II é o sistema de classificação de plantas que rege hoje as famílias botânicas, sendo este baseado em estudos filogenéticos até o nível molecular.

2. 6 REGISTRO DAS INFORMAÇÕES

As informações obtidas foram, com a devida autorização dos entrevistados, registradas com o auxílio de um gravador portátil (mp4) e fotografadas com câmera digital. Além disso, foram utilizadas as técnicas de anotação simultânea da comunicação e uso de diário de campo para informações adicionais. Todas as informações foram anotadas conforme obtidas nos questionários e entrevistas, empregando-se as mesmas terminologias usadas pelos informantes.

2.7 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Na medida em que foram coletadas, as informações foram compiladas sob a forma de um banco de dados, utilizando-se matrizes de textos, conforme metodologia proposta por Amorozo e Viertler (2010). Para tanto, utilizou-se o programa Microsoft Office Excel® 2010, sendo realizada a estatística descritiva e elaborados gráficos de frequência, bem como tabelas contendo a síntese das informações obtidas nas entrevistas realizadas. Toda a tabulação de dados foi realizada utilizando-se os termos, denominações e descrições citadas, respeitando-se o modo de pronúncia dos informantes.

Foi determinada a diversidade de uso das espécies, utilizando-se o Índice de Shannon-Wiener (H'), que, de acordo com Begossi (1996), expressa a diversidade de uso da vegetação de determinada área. Este índice é amplamente empregado em ecologia e vem sendo utilizado mais recentemente em trabalhos etnobotânicos a fim de avaliar a diversidade do conhecimento etnobotânico (FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004). Em geral, índices elevados relacionam áreas relativamente bem conservadas associadas às populações com significativo conhecimento etnobotânico (LIMA et al., 2000). Segundo Begossi (1996), o índice de diversidade de Shannon-Wiener permite comparações entre a diversidade do conhecimento etnobotânico de diferentes comunidades e em geral auxiliam no entendimento de suas interações com o ambiente.

O Índice de Shannon-Wiener foi calculado conforme sugerido por Begossi (1996), utilizando-se a seguinte fórmula:

$$H' = -\sum_{i=1}^s (p_i) (\log p_i)$$

Onde:

H' = índice de diversidade

s = número de espécies

$p_i = n_i / N$

n_i = número de citações por espécie; considera-se apenas uma citação por espécie por informante, mesmo que um informante tenha citado uma espécie várias vezes, para vários usos.

N = número total de citações:

$$N = \sum_{i=1}^s n_i$$

O índice foi calculado na base 10 e base e , tendo como unidade do resultado décits/indivíduos e nats/indivíduos, respectivamente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 HISTÓRICO E DESCRIÇÃO DA COMUNIDADE

Por meio da entrevista realizada com o Sr. Valdecino (A. V. M. L., 65 anos), foi possível abordar aspectos históricos da comunidade. Sr. Valdecino foi o idealizador e fundador do Conselho Comunitário do Sítio São João da Várzea, atuou em diferentes cargos em várias gestões do conselho, ocupando, no momento da pesquisa, sua Vice-presidência. Sua experiência no movimento sindical lhe rendeu um capítulo no livro de Barreto (2010), que discorre sobre as principais lideranças do movimento comunitário de Mossoró.

Sempre na luta, conta o líder que, desde o início do seu povoamento, a comunidade já enfrentava muitas dificuldades, e vendo o clamor dos pequenos agricultores e de suas famílias, teve a ideia, juntamente com Wellington Barreto, de organizar a entidade para que assim tivesse um instrumento representativo quando da suas idas aos poderes competentes. Assim o fez. Organizou o Conselho Comunitário e foi eleito o seu primeiro Presidente, passando a contar com o apoio de todos os comunitários em sua interminável luta por melhorias sociais. (BARRETO, 2010, p. 49).

Segundo o Sr. Valdecino, a região foi primeiramente conhecida como Ausente, tendo o Sr. Florêncio Medeiros Couto, oriundo da região do Seridó potiguar, como primeiro morador. A origem do nome da comunidade está relacionada a uma frase mencionada pelo Sr. Florêncio, que ao se instalar na região e permanecer morando sozinho, em conversa com um amigo disse: “Moro aqui neste alto, ausente”. Depois do Sr. Florêncio, outras famílias se instalaram no Sítio Ausente, dentre elas Alexandre Rosa e sua família, Domingos Ferreira de Castro, Sr. Chico Lopes e a família Jesuíno Cariri.

Em 1918, foi construída a Igreja Católica, cujo padroeiro é São João Batista, em terreno doado pela família Medeiros. Porém, não há informações sobre quem a construiu. No início da década de 1960, chegou à referida Igreja o padre frei Oliveira, alagoano que desenvolveu um reconhecido trabalho para a comunidade. Nesta ocasião, o Padre sugeriu à comunidade a mudança do nome de Sítio Ausente, que, segundo ele, era um nome com significado triste, para Sítio São João da Várzea, já que o padroeiro era São João e a região localizava-se na várzea do Rio Apodi-Mossoró. As famílias aceitaram a sugestão e a partir de então a comunidade passou a ser chamada Sítio São João da Várzea.

Segundo o Sr. Valdecino, as principais dificuldades enfrentadas pelas famílias da comunidade eram a falta de energia elétrica, de abastecimento de água e de escola para as crianças. No início da década de 1990, parte da rede elétrica foi instalada, chegando à totalidade das residências em 20 de maio de 1995.

O prefeito, acompanhado do seu secretariado, vem à comunidade em um dia chuvoso e faz a entrega da complementação da rede elétrica da comunidade, fato que emociona o líder até hoje, porque viu ali um sonho sendo realizado. (BARRETO, 2010, p. 49-50).

Em relação ao abastecimento de água, o Sr. Valdecino afirma que antigamente as famílias consumiam água do Rio Apodi-Mossoró ou de poços artesanais construídos no próprio leito do Rio. Com o passar do tempo, foram perfurados poços e construídas cisternas para armazenamento de água, por meio de programas desenvolvidos pelo Governo do Estado e da Prefeitura Municipal. Em 1998, o movimento comunitário, em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores da Lavoura de Mossoró (STLM) e a EMATER, conseguiu a perfuração de um poço e a instalação de um dessalinizador, junto à Prefeitura Municipal de Mossoró, bem como a construção de cisternas do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) junto à Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA BRASIL).

A única escola da região localizava-se no Sítio Macambira, comunidade vizinha, onde as aulas eram ministradas por D. Nenzinha de Zé Fernandes,

primeira professora da região, de modo todos precisavam se deslocar até a comunidade vizinha para estudar. Entretanto, com a construção de uma escola com duas salas de aula, na década de 1980, no próprio Sítio São João da Várzea, esse deslocamento já não se fazia necessário. A escola foi reformada, dando lugar à Escola Municipal Dr. José Gonçalves, inaugurada em 2009. O Sr. Valdecino ressaltou que essas e outras conquistas foram alcançadas sempre com muito esforço e muita luta da comunidade, estando ele mesmo bastante envolvido nesse processo.

De acordo com o Sr. Neto (M. N. S., 47 anos), hoje 53 famílias compõem a comunidade São João da Várzea, onde a grande maioria caracterizada como agricultores familiares. Entretanto, existem alguns proprietários de terra que não se caracterizam como agricultores familiares, sendo as atividades agropecuárias destas propriedades conduzidas por trabalhadores rurais, assalariados ou não, em conjunto com o proprietário ou isoladamente. Esses trabalhadores são conhecidos como moradores e, além de cuidar da propriedade, muitas vezes residem na nela e possuem uma área de terra cedida pelo proprietário para o plantio de culturas temporárias no período chuvoso.

Por meio dos relatos do Sr. Neto durante a entrevista realizada, foi possível reunir informações sobre a atual situação das famílias da comunidade São João da Várzea, abrangendo questões como as principais fontes de renda, organização social e infraestrutura disponível. Verificou-se que a agricultura familiar e a pecuária de pequeno porte são as principais atividades econômicas desenvolvidas na comunidade. A agricultura é praticada pela maioria das famílias em condições de sequeiro, sendo as principais culturas temporárias milho, feijão, melancia e jerimum. Observa-se maior interesse no plantio de milho, principalmente para alimentação animal, já o cultivo do feijão se destina basicamente ao consumo das famílias. As culturas permanentes existentes na comunidade resumem-se às fruteiras cultivadas em quintais e outros espaços das unidades produtivas. Existe uma região onde os solos são de várzea, às margens do Rio Apodi-Mossoró. Entretanto, predominam solos rasos, pedregosos, apresentando diversas áreas com afloramento de rochas, o que dificulta sua exploração agrícola.

A comunidade possui como principal fonte de água o Rio Apodi-Mossoró, que se apresenta perenizado. Apesar de todas as propriedades rurais localizarem-se às margens desse rio, tendo, portanto, acesso à água, a atividade de irrigação não é significativa, considerando-se seu enorme potencial. Segundo Emater (2012), a maioria desses agricultores considera o custo da energia elétrica como fator limitante para a exploração da irrigação na região. O cultivo irrigado realizado pelos agricultores familiares da comunidade resume-se a pequenas áreas de forrageiras, fruteiras e hortaliças folhosas utilizando-se o Rio Apodi-Mossoró como fonte de água para irrigação.

A comunidade se configura como importante produtor de hortaliças do município, abastecendo parte do mercado local de Mossoró e de municípios vizinhos, sendo os produtos comercializados na própria comunidade, no Centro de Comercialização de Alimentos, conhecida como Cobal, e em pequenos supermercados do município. Entretanto, esta atividade não é executada diretamente pelas famílias da comunidade, sendo a maioria dos produtores oriunda de bairros urbanos e se deslocando diariamente para executar suas atividades.

Em relação ao cultivo de hortaliças, uma ressalva deve ser considerada em relação à posse da terra desses agricultores, já que na maioria dos casos eles se caracterizam como arrendatários ou parceiros dos proprietários da terra. De acordo com Emater (2012), este perfil de arrendatário, muitas vezes realizado informalmente, influencia diretamente na estabilidade financeira destas famílias. Isto se deve ao fato de que em virtude de esses agricultores possuírem acesso limitado às propriedades, tanto em relação ao tempo como ao espaço ocupado, não planejam suas atividades em longo prazo, tampouco investem em infraestruturas que melhorariam o manejo e a produção de seus cultivos. Além disso, este fator tem grande impacto na renda familiar, de vez que parte desta é subtraída para o pagamento do uso da terra.

Segundo Emater (2012), na comunidade São João da Várzea ainda existem áreas com vegetação nativa, sendo possível encontrar, dentre outras espécies: carnaubeira (*Copernicia prunifera* (Mill.) H.E.Moore), juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart.), aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi), sabiá (*Mimosa caesalpinifolia*

Benth.), catingueira (*Caesalpinia pyramidalis* Tul.), jurema preta (*Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir.), quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium* Roem & Schult.), jucá (*Caesalpinia ferrea* Mart.) e mofumbo (*Combretum leprosum* Mart.). Além disso, há presença de espécies exóticas, como é o caso da algarobeira (*Prosopis juliflora* (SW) D. C.), principalmente nas margens do Rio Apodi-Mossoró.

Em relação ao extrativismo, observa-se grande importância da carnaubeira (*Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore), que fornece à população local renda a partir da exploração da cera e da palha, sendo esta última utilizada na fabricação de vassouras, na confecção de artesanatos, como chapéus e esteiras de palha e na preparação de compostos orgânicos. Atualmente, os carnaubais, como são conhecidas as áreas com grande densidade dessas plantas, são explorados por meio de arrendamento por extrativistas de outras comunidades ou de municípios vizinhos. Quanto à pecuária, destacam-se a bovinocultura leiteira e de corte, a ovinocaprino cultura e a criação de aves caipiras, de importante expressão na comunidade. A exploração de rochas calcárias e empregos fixos e temporários em cerâmicas localizadas na própria comunidade ou em comunidades vizinhas também constituem importantes fontes de renda para as famílias, principalmente no período seco do ano.

Os agricultores são organizados por meio do Conselho Comunitário do Sítio São João da Várzea, devidamente legalizado, que engloba 132 sócios, sob a presidência de Manoel Neto da Silva e vice-presidência Antônio Valdecino Miguel Lopes. A assistência técnica e extensão rural aos agricultores familiares são realizadas pela Unidade Local de Apoio ao Produtor Rural da Emater-RN de Mossoró. Os moradores não dispõem de linha de transporte regular para se deslocarem, no entanto, utilizam transportes alternativos ou particulares, principalmente motocicletas. Atualmente, todas as residências possuem energia elétrica fornecida pela Companhia Energética do Rio Grande do Norte (COSERN). Para comunicação, os moradores utilizam um telefone público existente próximo ao Centro de Apoio Comunitário e aparelhos celulares.

Para o abastecimento de água para consumo humano, a comunidade conta com dois poços públicos, tendo associado a um destes um dessalinizador que, de

acordo com o Sr. Neto, disponibiliza 300L de água por dia, insuficientes para suprir as necessidades da população. Do total de residências, 25 possuem cisternas construídas pelo P1MC, uma das ações do Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido da ASA BRASIL. Além disso, algumas famílias possuem sistema de bombeamento de água diretamente do Rio Apodi-Mossoró, que disponibiliza água para uso doméstico, fornecimento aos animais e irrigação de fruteiras em quintais e outros espaços dos arredores das residências.

A Escola Municipal Dr. José Gonçalves funciona como polo educacional, atendendo crianças e adolescentes do Sítio São João da Várzea e comunidades vizinhas. A escola conta com quatro salas de aula, laboratório de informática, biblioteca, cozinha, despensa, almoxarifado, banheiros, área de lazer e sala de direção, possuindo capacidade para atender a 420 alunos, da Educação Infantil ao 9º ano do ensino fundamental. Entretanto, para cursar o ensino médio, as crianças e adolescentes precisam se deslocar até a sede do município. O deslocamento das crianças e adolescentes é feito por meio de transporte escolar disponibilizado pelos governos municipal e estadual.

O posto de saúde mais próximo à comunidade é o do Bairro Bom Jesus; porém, uma equipe do Programa Saúde da Família (PSF) faz acompanhamento médico e odontológico periódicos na própria comunidade. Existe também uma Agente Comunitária de Saúde, mais conhecida como Agente de Saúde, que realiza visitas frequentes às famílias. Os agentes da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) realizam visitas anuais, averiguando principalmente a presença do barbeiro (*Triatoma* sp.). Já o Instituto de Defesa e Inspeção Agropecuária do Estado do Rio Grande do Norte (IDIARN) – visando ao controle da Febre Aftosa, em parceria com Subsecretaria de Desenvolvimento Rural do município de Mossoró – realiza o trabalho de vacinação e declaração do rebanho bovino duas vezes ao ano.

3.2 PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DOS INFORMANTES

Das 53 famílias residentes na comunidade, a pesquisa abrangeu um total de 22 (42%) unidades produtivas da comunidade São João da Várzea, município de Mossoró-RN. Em cada unidade produtiva, o informante entrevistado foi a pessoa responsável pelo manejo dos espaços denominados ou caracterizados como quintais. Embora se tenha utilizado esse critério de entrevistar os mantenedores dos quintais, a maioria das entrevistas foi realizada com a presença e participação de outros membros da família, sobretudo filhos, netos e algumas vezes os cônjuges, o que enriqueceu muito os resultados obtidos.

Deste total de informantes, 15 (68%) eram do sexo feminino e 7 (32%) do sexo masculino. Considerando-se o critério de seleção da entrevista, verificou-se a predominância da mulher nas atividades realizadas nos quintais. Os homens lidam com atividades externas aos arredores das residências, sejam estas remuneradas ou não, o que pode ter colaborado para sua ausência no domicílio nos horários das entrevistas, já que estas ocorreram nos períodos matutino ou vespertino. Em outros trabalhos sobre quintais, as mulheres também corresponderam à maior parcela dos entrevistados (AMOROZO, 2002; FLORENTINO; ARAÚJO; ALBUQUERQUE, 2007; FREITAS et al., 2012; MOURA; ANDRADE, 2007).

A idade dos informantes variou de 23 a 73 anos, com média de 50 anos, sendo que 45% destes apresentam idades inferiores a 50 anos e 55%, idades superiores. Faixa etária semelhante foi encontrada em Caruaru-PE por Florentino, Araujo e Albuquerque (2007); em Mirassol do Oeste-MT, por Carniello et al. (2010) e em São Miguel-RN, por Freitas et al. (2012). Os informantes residem na comunidade há um tempo médio de 28 anos, variando de 1 a 65 anos. Do total de informantes, 7 (32%) afirmaram que nasceram e sempre residiram na comunidade, tendo estes de 47 a 65 anos de idade, conforme Figura 2. A comunidade São João da Várzea é uma das comunidades mais antigas de Mossoró, sempre se destacando como comunidade polo.

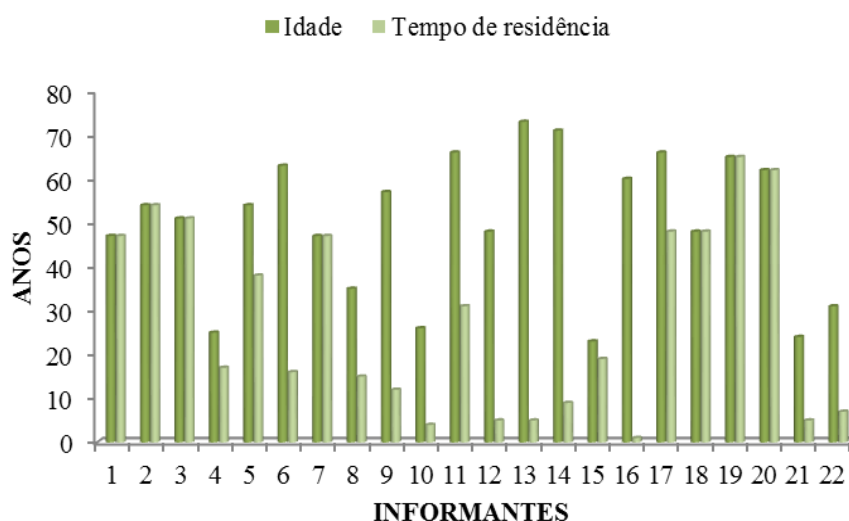


Figura 2 - Idade e tempo de residência dos informantes em São João da Várzea, Mossoró-RN.

Dos 22 informantes, 14 (64%) são naturais de Mossoró-RN e apenas um é natural de outro estado, a Paraíba. Os demais informantes são de outros municípios do Rio Grande do Norte, tais como: Alexandria, Almino Afonso, Caicó, Frutuoso Gomes, Macau, Marcelino Vieira e Martins. O local de nascimento e crescimento do informante pode implicar diretamente no seu conhecimento acerca dos recursos vegetais e animais de determinada região, de vez que o sistema de classificação, o uso, o manejo, a nomenclatura e outros fatores variam de acordo com a cultura e o ambiente do local de origem e do atual.

A grande maioria, 18 informantes (82%), nasceu e viveu a infância e adolescência na zona rural, ao passo que apenas 4 (18%) nasceram na zona urbana. Esta informação é relevante na medida em que na zona rural as crianças e adolescentes possuem maior contato e vivência com os recursos da natureza e suas interações com o ambiente, o que resulta em maior acúmulo de conhecimento sobre esses recursos, seus usos e manejos. De acordo com Amorozo (2002), o cultivo em comunidades agrícolas tradicionais é algo que se aprende muito cedo, na medida em que as crianças acompanhando os adultos às roças.

Quanto ao estado civil, 17 (77%) são casados, 3 (14%) são divorciados, 1 (4,5%) é viúvo e 1 (4,5%) é solteiro. Segundo Freitas et al. (2012), a condição casado poderá estar relacionada ao maior conhecimento sobre as plantas, sobretudo as medicinais, pois geralmente a existência dos filhos implica na busca de soluções práticas e imediatas para o tratamento de doenças. Apesar de um dos informantes possuir nível superior completo em Agronomia, os demais apresentam baixa escolaridade, tendo 15 (68%) deles cursado apenas as séries iniciais do nível fundamental. A baixa escolaridade também foi encontrada em outros estudos (AMARAL; GUARIM NETO, 2008; CARNIELLO et al., 2010; FREITAS et al., 2012; MORAIS, 2011).

Todos os informantes desenvolvem atividades agropecuárias, sendo que 20 (91%) deles dependem financeiramente dessas atividades, seja exclusivamente ou de forma associada a outras atividades não agrícolas, como costura ou empregos em empresas de cerâmica. Foram identificadas três formas de posse da terra, onde 10 (45%) são proprietários, 9 (41%) são parceiros e 3 (14%) são posseiros. Vale ressaltar que o sistema de parceria adotado é informal, sendo firmado verbalmente acordo de recompensa pelo uso da terra. Na maioria dos casos, esse acordo acontece por meio do sistema denominado de “terça”, no qual um terço da produção é repassado ao proprietário da terra como forma de pagamento de seu uso.

Todas as famílias possuem algum tipo de benefício, seja aposentadoria ou de programa de transferência direta de renda, como o Programa Bolsa Família do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Resultados semelhantes foram encontrados por Visbiski (2003) em Imaruí-SC, que mostrou a forte participação da aposentadoria como principal fonte geradora de renda para 27% dos entrevistados. No Rio Grande do Norte, Freitas (2009) e Moraes (2011) relataram semelhante composição da renda familiar.

Em todas as residências, observou-se separação do lixo em seco ou inorgânico e orgânico. O lixo orgânico, composto principalmente por restos de alimentos, é destinado à alimentação de animais domésticos, como aves caipiras e suínos. Já o lixo inorgânico é geralmente queimado ou enterrado em espaços

próximos aos quintais, denominados “monturo”, lixeiro ou “cisqueiro”, de vez que não há serviço de coleta de lixo na comunidade. Esta situação ocorre na zona rural de vários municípios do Nordeste e do Brasil, como em uma comunidade remanescente de quilombos do Vale do Ribeira-SP (VASCONCELLOS, 2004), na comunidade Sítio Cruz, em São Miguel-RN (FREITAS et al., 2012) e na comunidade Abderramant, em Caraúbas-RN (MORAIS, 2011).

Apesar de não haver coleta seletiva na comunidade, uma das informantes afirmou que algumas vezes seleciona o lixo para reciclagem. Esse fato isolado foi justificado porque a referida informante tem um irmão que trabalha em uma empresa de reciclagem de lixo, o que facilita sua entrega.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PRESENTES NAS UNIDADES PRODUTIVAS

As unidades produtivas rurais estudadas são marcadas pela presença de diferentes espaços, percebidos, definidos e utilizados de acordo com fatores socioeconômicos e culturais, tanto dos proprietários e sua família como daqueles presentes na população local. Todos esses espaços possuem características e funções próprias modeladas de acordo com o conhecimento tradicional, aprimorado ao longo dos anos, sobre as diferentes formas de uso e manejo dos elementos e recursos genéticos que os compõem. Conforme Nabuco et al. (2009), estudos sobre a percepção que os camponeses possuem de seus ambientes, recursos e espaços são fundamentais para entender as relações entre o homem e o ambiente, compreendendo suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas.

Assim como nos estudos de Aguiar (2006), Azevedo (2001) e Nabuco et al. (2009), a ideia de espaço exposta neste trabalho considera que o território não é apenas a noção de espaço concreto, físico, mas também o espaço não mensurável, espaço funcional construído a partir das teias de relações sociais. As residências e

seus arredores não são apenas espaços produtivos, eles são espaços multifuncionais onde as pessoas manifestam sua cultura, suas crenças, seus mitos, sua história; promovem encontros, festas, cultos, rezas, benzeduras; constroem relações com as plantas e animais; extraem dele recursos para sua sobrevivência e produzem alimentos (OLIVEIRA, 2006).

Visando a evitar qualquer tipo de padronização por parte do pesquisador, cada informante foi questionado sobre os espaços presentes em suas unidades produtivas, denominando-os e descrevendo-os seguindo sua lógica particular. Nesse sentido, Oliveira (2006), estudando o uso e o manejo de recursos nos arredores das residências em Cáceres-MT, observou que os indivíduos possuem formas distintas de enxergar os espaços e representá-los por meio de suas práticas, não existindo padrões, mas particularidades.

Nas unidades produtivas estudadas, foram identificados e caracterizados 15 espaços e subespaços, tais como: quintal, fundo da casa ou muro; terreiro; terreiro da frente, frente, frente de casa ou “pé de porta”; “oitão” ou beco; jardim; horta ou canteiro; roça ou roçado; “baixio” ou “croá”; beira do rio ou “beijo do rio”; “capineira”; mata, mato ou “manga”; “faxina”; curral, “cercado” ou estábulo; chiqueiro, chiqueiro de galinhas, chiqueiro de ovelhas ou chiqueiro de porcos e “monturo”, lixeiro ou “cisqueiro”. Os espaços domésticos observados, bem como as plantas e estruturas que os compõem estão representados nos croquis confeccionados das unidades produtivas estudadas (APÊNDICE C).

É importante ressaltar que esses espaços e subespaços não se encontram isolados uns dos outros, estando sempre integrados, formando sistemas complexos definidos por cada família. Desta forma, existe uma área de transição e de sobreposição entre eles, podendo o mesmo local receber diferentes denominações e funções, bem como espaços com diferentes funções serem denominados como sinônimos, dentro e entre as unidades produtivas estudadas. Além da multiplicidade de uso dos recursos dos arredores das residências, há uma multiplicidade de uso e nomeação dos espaços, que varia também de acordo com a cultura e necessidade de cada indivíduo (OLIVEIRA, 2006). Segundo a mesma

autora, os espaços ao redor das residências se diferenciam tanto de uma unidade produtiva para outra como de um indivíduo para outro.

Em todas as unidades produtivas, observou-se a presença de espaços caracterizados como quintais agroflorestais, independentemente de este espaço ter sido denominado pelo informante como quintal ou outro termo, de vez que esse era o principal critério de seleção para participação na pesquisa. Embora a pesquisa tenha sido conduzida sem um termo previamente determinado, o termo quintal sempre foi empregado no cotidiano dos informantes, o que facilitou a abordagem do assunto e o processo de comunicação no momento das entrevistas e conversas informais. Entretanto, em outras regiões, esses espaços podem receber diferentes denominações, dependendo de vários fatores, com influência dos hábitos e cultura da população local.

Em municípios da Amazônia, por exemplo, este sistema é denominado pomar caseiro devido à predominância de frutíferas nesses espaços (VAN LEEUWEN; GOMES, 1995). Santos e Guarim Neto (2004), estudando aspectos etnoecológicos de quintais em Alta Floresta-MT, afirmaram que cerca de 92% dos informantes admitem possuir um quintal, utilizando também outros termos, como lote, jardim e terreiro como sinônimo para designar esse espaço. Altieri (2002) afirma que no México a unidade de manejo que inclui a casa e uma área circunvizinha ou adjacente – visando à produção de grande variedade de espécies de plantas e, por vezes, de animais – é denominada quintal agroflorestal, horto de cozinha, horto de pátio ou horto familiar.

Cada sistema de quintais apresenta particularidades definidas pelas condições agroecológicas e pelas características socioculturais (BRITO; COELHO, 2000). De maneira geral, os quintais são percebidos pelos entrevistados como espaços dinâmicos, situados nos arredores da casa, com mais frequência atrás, geralmente cercados, onde ocorre o cultivo e a criação de diversas espécies de plantas e animais, respectivamente. Além disso, os quintais representam para os informantes, espaços apropriados para realização de atividades de lazer, cultura e descanso, conferindo ambiência aos membros da família.

Características semelhantes foram encontradas em quintais de Conceição-Açu, Cuiabá-MT, onde são localizados atrás da residência e possuem tamanho suficiente para atender a demanda familiar, servindo, dentre outras funções, como fonte de alimento e remédio (PASA; SOARES; GUARIM NETO, 2005). Para 58,3% dos informantes de Alta Floresta-MT, o quintal é o espaço de terra que circunda a residência quer seja na porção frontal, laterais e fundos do terreno, sendo geralmente delimitado por cercas (SANTOS; GUARIM NETO, 2004). Segundo esses autores, os quintais representam espaços nobres que permitem a realização de um misto de atividades e seu uso, organização e manutenção envolve o estabelecimento de relações entre elementos bióticos e abióticos.

Os quintais agroflorestais são subsistemas de uso da terra que possuem grande importância socioeconômica, cultural e ambiental, principalmente no semiárido brasileiro, onde as dificuldades são agravadas pelas condições edafoclimáticas típicas da região (FREITAS, 2009). Em São João da Várzea, esses quintais são áreas pequenas caracterizadas pela utilização da mão-de-obra familiar e baixo nível tecnológico. Um ponto fundamental para a manutenção dos quintais é o manejo, função do conhecimento local do agricultor, que se utiliza deste para contribuir com o avanço do sistema (ALMEIDA, 2000). Conforme Amaral e Guarim Neto (2008), os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra, fato que por si só indica sua sustentabilidade. O manejo dos quintais estudados abrange técnicas simples, como a realização de limpeza manual do espaço, capinas periódicas, poda, adubação orgânica e irrigação ou rega das plantas, além de fornecimento de água e alimentos aos animais domésticos.

Segundo Albuquerque (2005), o manejo dos quintais envolve práticas tradicionais de cultivo de plantas, tornando-se práticas simples e de baixo custo. Para Santos (2004), essas práticas tradicionais de manejo refletem importantes processos ecológicos de uso e conservação dos recursos vegetais. Florentino, Araujo e Albuquerque (2007) verificaram nos quintais estudados que o manejo envolve tecnologias simples, destacando que os cuidados mais intensos são direcionados a espécies que garantem alimento à família, como *Zea mays* L., *Manihot* sp., *Phaseolus* sp. e algumas frutíferas. A utilização de cuidados simples

com os quintais também foi relatada em Rosário do Oeste-MT (AMARAL; GUARIM NETO, 2008) e em Caraúbas-RN (MORAIS, 2011).

Os informantes utilizam-se de estratégias para maximizar o uso de recursos locais disponíveis, principalmente como forma de adaptar-se às dificuldades inerentes às condições edafoclimáticas da região semiárida. Todos afirmaram que não empregam insumos externos no cultivo de suas plantas. Foi observada a utilização de compostos orgânicos elaborados pela própria família, na adubação de plantas herbáceas, principalmente as ornamentais, medicinais e alimentícias. Os adubos mais citados foram o esterco bovino, conhecido como “estrume”, e os restos de folhas, principalmente de coqueiro (*Cocos nucifera* L.), cajueiro (*Anacardium occidentale* L.) e carnaubeira (*Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore), denominados “paú”. Em um caso, a informante relatou o uso de composto orgânico produzido com restos de frutas e cascas de ovos.

A gente faz adubo com cascas de frutas, casca de ovo. A gente prepara, bota pra secar e bota nas plantas. A gente faz assim, pega as cascas de legumes e separa, coloca numa vasilha e deixa secando. Do mesmo jeito a casca do ovo, a gente quebra, quando a gente ver que tá seca, a gente coloca na raiz da planta e coloca terra em cima, aí serve de adubo pras plantas, a gente faz assim. (D. D. S. S., 26 anos, UP10).

As plantas herbáceas recebem maiores cuidados, sendo geralmente cultivadas em vasos ou em outros recipientes de materiais reutilizados, sendo algumas vezes dispostas em locais sombreados, próximos à cozinha, onde os mantenedores dos quintais dedicam maior atenção. Em alguns casos, observou-se o uso de carvão vegetal na cova das plantas com a finalidade de fertilização mineral. Dificilmente observou-se manejo de adubação em plantas de porte arbustivo ou arbóreo.

Alguns informantes utilizam alternativas visando ao aperfeiçoamento do uso da terra e à diversificação da produção, garantindo, deste modo, a segurança alimentar da família, como é o caso da consorciação. No período chuvoso, um dos mais plantados é o consórcio milho (*Zea mays* L.) e feijão (*Vigna unguiculata* L.),

também chamados de “legumes”, sendo muitas vezes intercalados entre plantas frutíferas e forrageiras nos quintais.

Apesar de todas as unidades produtivas localizarem-se às margens do Rio Apodi-Mossoró, devido a problemas enfrentados anteriormente com enchentes, as residências são construídas mantendo-se distâncias médias de 510m do rio, variando de 240m (UP18) a 780m (UP3), o que dificulta o acesso e utilização da água desta fonte, principalmente para irrigação de plantas dos espaços domésticos. Nesse sentido, apenas quatro quintais (18%) possuem um pequeno e incipiente sistema de irrigação. Os demais informantes relataram não possuir condições financeiras para investir na irrigação das plantas, principalmente devido ao custo de implantação do sistema de bombeamento de água e ao custo de energia elétrica envolvido na atividade. A dificuldade de água na comunidade é relatada nos depoimentos a seguir.

Tenho vontade de ter muitas plantas que não tenho aqui, principalmente as de fruta, porque o espaço é pequeno e a gente não pode plantar, por causa da raiz. A goiabeira, a manga, mas por causa também da pouca água, porque tem pouca água aqui. O que dá pra gente plantar são essas mesmas por causa da água. No inverno não, é mais fácil, mas no verão aqui é muito difícil, a água é escassa. As vezes a gente planta, mas acaba morrendo porque a água é pouca, e o solo aqui também não é bom não, é salgada a terra daqui, aí não aguenta. (D. D. S. S., 26 anos, UP10).

Eu tenho vontade de plantar cajueiro, manga, goiaba, tenho vontade, lá pro lado do rio porque aqui a água é mais difícil. Nós temos água aqui porque vem daí do vizinho que eles têm motor do rio, aí traz e passa pra cá. Ai pra gente ter água da gente, tem que cortar a pista, é um problema também, porque é caro pra fazer isso aí, mas se Deus quiser a gente vai conseguir trazer água pra cá. (E. M. O. M., 54 anos, UP5).

Apesar de ter um rio perene, mas se fosse uma água mais próxima nós teríamos uma plantação cem por cento maior, até frutíferas, no caso de acerola, manga, mamão, as frutas mais fáceis, banana. A dificuldade maior é água, quem tem água, não, mas quem não tem, fica mais difícil. (M. N. S., 47 anos, UP7).

Observou-se como estratégia em todos os quintais o uso de águas residuais oriundas de atividades domésticas para rega de algumas plantas, principalmente fruteiras, o que é comum em locais onde a dificuldade de obtenção de água está presente na maior parte do ano e foi relatado por Moraes (2011) na comunidade Abderramant, no município de Caraúbas-RN, e por Freitas (2009) na comunidade Sítio Cruz, em São Miguel-RN.

Nos quintais, algumas práticas de manejo adicionais são destinadas às plantas, como a produção de mudas em vasos e recipientes pequenos contendo adubos orgânicos; a proteção das plantas contra animais com cercas ou outras estruturas artesanais; a utilização de arbustos e árvores para sombreamento de plantas herbáceas e mudas; o uso de cobertura morta, visando à manutenção da umidade do solo, visando à redução da temperatura em sua superfície e ao plantio na época adequada. A escolha da época de plantio foi citada por todos os informantes como fator condicionante do bom desenvolvimento da planta, como é exemplificado no depoimento a seguir.

Algumas plantas morrem no verão, algumas não aguentam, por exemplo o mamão. O mamão, a melhor época de plantar é no inverno, se não plantar nessa época ele não pega, as vezes um pega, mas demora muito. Porque no máximo é seis meses um pé de mamão, se você plantar nessa época dura até começar a chuva, por causa da falta d'água e da terra que é tão seca, aí ele demora o crescimento dele. Aí a gente já deixa pra plantar essas plantas mais no inverno. (D. D. S. S., 26 anos, UP10).

Apesar de em poucos casos o excedente da produção ser destinado à comercialização, como acontece com os ovos de aves caipiras e com frutos de acerola (*Malpighia glabra* L.), a castanha de caju (*Anacardium occidentale* L.) e o coco (*Cocos nucifera* L.), na grande maioria das vezes, os quintais são cultivados com a finalidade de produzir recursos alimentícios, medicinais e ornamentais para atender à demanda familiar. Desta forma, os espaços domésticos contribuem no orçamento da família de forma direta, com a venda da produção excedente, ou indireta, ao reduzir a necessidade de compra de produtos já existentes nestes espaços.

Conforme observado e relatado por alguns informantes, existe um hábito bastante comum de doação e troca de recursos produzidos entre os moradores da comunidade, caracterizando-os como pessoas prestativas e solidárias. Assim, em vários momentos o excesso ou parte da produção que poderia ser comercializada é doado para parentes e vizinhos mais necessitados. Situação semelhante foi encontrada no Sítio Cruz, em São Miguel-RN (FREITAS, 2009). Desta forma, o quintal é fundamental para a segurança alimentar das famílias, garantindo o acesso a alimentos de qualidade, compatíveis com uma dieta saudável e adequada aos gostos e tradições locais. Além disso, esses agroecossistemas proporcionam produção diversificada de alimentos (KASSEBOEHMER; SILVA, 2004), o que permite a oferta desses produtos durante o ano todo (VIVAN, 2003). De acordo com Meirelles et al. (2003), os quintais são considerados o eixo da segurança alimentar, funcionando como poupança nos tempos de crise das famílias rurais.

Desta forma, a importância dos quintais é relatada por vários autores, principalmente no tocante à segurança alimentar (CONSEA, 2004; COSTANTIN, 2005; KASSEBOEHMER; SILVA, 2004; WEZEL; BENDER, 2003), ao incremento na renda familiar (COSTANTIN, 2005; DUBOIS, 1996; VIQUEZ; PRADO; ONORO, 1994), à introdução e domesticação de espécies (BARRERA, 1980; MEIRELLES et al., 2003), à eficiência do uso da terra em virtude de sua diversidade biológica (ABDOELLAH, 1990; COSTANTIN, 2005; MACEDO, 2000; MONTOYA; RIBASKI; RODIGUERI, 2001) e à conservação de espécies e sustentabilidade (COSTANTIN, 2005; MOURA; ANDRADE, 2007; RONDON NETO et al., 2004).

O quintal é um espaço onde a gente pode cultivar plantas, assim, pra medicina, pra caso até fazer uma horta, é importante esse espaço. (D. D. S. S., 26 anos, UP10).

Embora exista participação de toda a família na implantação e condução dos quintais, as mulheres possuem expressiva importância no manejo desses ambientes, sendo responsáveis pela maioria das atividades desenvolvidas. Na maioria das vezes, cabe à mulher o plantio de espécies no quintal, por meio de

sementes e estacas adquiridas entre parentes e vizinhos, bem como as atividades de manutenção envolvidas na irrigação ou rega, poda e adubação, sendo, portanto, as principais responsáveis pela diversidade de espécies encontradas nestes espaços. Desta forma, as mulheres desempenham papel fundamental na decisão das espécies a ser cultivadas, principalmente quando se trata de plantas medicinais e ornamentais. Vários estudos corroboram essa característica (ALMEIDA, 2000; DUBOIS, 1996; RONDON NETO et al., 2004; ROSA et al., 1998; ROSA et al., 2007; VIEIRA, 2006; WINKLERPRINS, 2002).

De forma geral, observou-se uma divisão empírica de atividades e funções, onde a mulher é responsável pelos serviços domésticos e pelo manejo dos quintais, provavelmente devido à proximidade desses espaços às residências. De acordo com Costantin (2005), os quintais são considerados por muitas mulheres uma extensão do serviço doméstico. Segundo Rosa (2002), a divisão de trabalho no universo da agricultura familiar é uma estratégia dos agricultores para maximizar a eficiência da mão-de-obra familiar. Neste sentido, Florentino, Araujo e Albuquerque (2007) observaram uma distribuição das atividades quanto ao gênero, ou seja, nas áreas de monocultura os cuidados são de responsabilidade dos homens, restando para as esposas e os filhos os cuidados com as espécies frutíferas, ornamentais e condimentares.

Para House e Ochoa (1998), a mulher tem uma percepção multidimensional, buscando ampliar a biodiversidade de sua roça, ao passo que o homem possui ponto de vista unidimensional, empenhando-se em melhorar o rendimento de algumas espécies em particular. Oakley (2004) enfatiza a função dos quintais domésticos como reservatórios de biodiversidade, sendo as mulheres responsáveis pela manutenção deste sistema. A autora afirma ainda que as mulheres preservam a biodiversidade por meio de plantações com alta densidade de espécies subutilizadas, transformando seus quintais em laboratório de experiências para a adaptação de variedades locais e não domesticadas.

Em todos os quintais de São João da Várzea, foram encontradas infraestruturas com diversas finalidades, sendo algumas comuns a todos os quintais, principalmente aquelas relacionadas ao armazenamento de água, como

tanques e cisternas. Algumas unidades produtivas foram beneficiadas com cisternas do P1MC executado pela ASA BRASIL em parceria com o Governo Federal. Também verificou-se presença de construções, como armazéns ou simplesmente um espaço coberto com telhado para proteger os equipamentos e ferramentas de trabalho.

O terreiro foi considerado pelos informantes o espaço mais próximo à casa, circunvizinho, com número de árvores e outras plantas inferior aos quintais, e possuidor de tratos e manejos diferenciados, como a limpeza diária do solo, sendo sempre mantido sem folhas mortas ou plantas invasoras. Segundo Oliveira (2006), o terreiro caracteriza-se por ser mantido limpo e varrido diariamente, sendo geralmente de chão batido, que facilita na limpeza de plantas adventícias. Observou-se na maioria dos terreiros a presença de elementos que dão suporte às atividades domésticas desempenhadas pela mulher, como o “jirau”, estrutura de madeira utilizada como pia para lavar louças e lavanderia para roupas. Há também o “varal” ou “corda de estender roupa”, onde as roupas são postas para secar. Embora em menor número, são encontradas árvores para fornecer sombra e conforto térmico às pessoas e aos animais domésticos, como gatos e cachorros, e animais silvestres, como pavão e papagaio, que geralmente se encontram nesse local. Noda (2000), em trabalho realizado em Novo Paraíso (AM) explica que a denominação terreiro significa espaços sociais de produção agrícola, moradia, lazer e educação familiar, tendo se originado o nome terreiro da nomeação terra.

O espaço terreiro da frente, frente, frente de casa ou “pé de porta” foi citado por alguns informantes como o espaço situado na frente da casa, onde se observa geralmente a presença de uma ou duas árvores, visando à obtenção de sombra e à presença de plantas ornamentais. Por percorrer todos os lados da casa, muitas vezes o espaço terreiro se sobrepõe ou se soma ao oitão ou beco, espaço localizado nas laterais da casa, com manejo semelhante ao do terreiro.

O jardim é o local onde são cultivadas as plantas ornamentais que enfeitam a residência. A horta ou canteiro é o local onde são produzidos os legumes e as hortaliças, utilizando-se composto orgânico preparado pela própria família. Esse fato também foi relatado por Costantin (2005) em estudo sobre quintais

agroflorestais em Imaruí-SC. As hortas possuem geralmente algum tipo de proteção devido à ação dos pequenos animais domésticos, como as aves caipiras, que às vezes são soltas para “ciscar” à procura de alimento. Para tanto, os canteiros são plantados em estruturas suspensas denominadas “jirau” ou em locais cercados. Van Leeuwen e Gomes (1995) encontraram aspectos semelhantes na Amazônia, onde os canteiros estão acima de um jirau ou protegidos por uma cerca visando a evitar os estragos provocados pelos animais domésticos.

A roça ou roçado é o local onde os agricultores costumam plantar o cultivo anual no período chuvoso. Muitas vezes, este espaço é estabelecido numa porção do quintal ou em alguns casos em unidades produtivas de outras pessoas, por meio do sistema de “terça”, no qual o agricultor que cedeu a terra recebe um terço de toda a produção obtida como forma de pagamento. Vale salientar que quando a área ainda não foi cultivada, a vegetação nativa é desmatada por meio da prática da “broca”, como é conhecida a queima da vegetação nativa e posterior destocamento de forma manual. Alguns informantes relataram observações a respeito de práticas de cultivo e suas consequências, inclusive quanto às mudanças ocorridas ao longo do tempo no processo de preparo do solo. Antes, o preparo da área para o plantio na comunidade era feito manualmente, hoje, porém, a terra é preparada utilizando-se trator disponibilizado, na maioria dos casos, por programas de governo, como o Programa Terra Pronta e o Programa Semear.

Quando papai começou, ele plantava e limpava sem cortar com trator, no chão bruto mesmo. Arrancava o toco, muitas vezes até o toco ficava, ele plantava ali, mas não cortava com trator. E aí tinha uma dificuldade muito grande de limpar devido a terra ser dura, quando chove fica pregando na enxada, mas a gente via que naquela época a lavoura ficava melhor, mais corada, maior, a terra tava mais descansada. Hoje nós temos mais facilidade, a terra hoje é cortada no trator e as vezes eu não vejo tanta vantagem porque o solo não oferece mais condições, a lavoura as vezes não cresce, é pequenininha, hoje caiu muito. (M. N. S., 47 anos, UP7).

O baixio ou “croá” é a área topograficamente mais baixa na unidade produtiva onde, no período chuvoso, normalmente se acumula água, sendo comum na comunidade devido à proximidade do leito do Rio Apodi-Mossoró. Normalmente, neste local é implantada a “capineira”, caracterizada como o espaço onde são cultivadas plantas forrageiras para alimentação animal, principalmente o sorgo (*Sorghum bicolor* (L.) Moench) e o capim elefante (*Pennisetum purpureum* Schumacher). Algumas “capineiras” são irrigadas no período seco.

Em algumas unidades produtivas, foi observado o espaço denominado beira do rio ou “beijo do rio”, caracterizado como uma pequena área localizada na mata ciliar do Rio Apodi-Mossoró, que corta a comunidade, onde são cultivadas diversas espécies, como feijão (*Vigna unguiculata* L. Walp.), melancia (*Citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum & Nakai) e fruteiras tropicais, muitas vezes empregando-se irrigação.

Eu planto feijão, milho, sorgo, capim, batateira, macaxeira, tem aquela “lucena” de ração pro bicho, planto também. Tudo lá no terreno do beijo do rio e é porque é pequenininho, mas é na beira do rio. As terra aqui se não for, se você não tiver, se não pegar o rio, não vale de nada, porque não tem água, né? E lá não tem pedra, lá a pedra é mais profunda. (M. M. C. P., 63 anos, UP6).

De acordo com os informantes, mata, mato ou “manga” é o local que ainda não sofreu forte pressão antrópica. Nestes ambientes, encontram-se plantas nativas, utilizadas para diversos fins, principalmente madeireiros e medicinais. Quando há necessidade de alguma parte de plantas encontradas na mata, estas são coletadas por meio do extrativismo, geralmente realizado por membros da família do sexo masculino. De acordo com os informantes, os recursos medicinais obtidos da vegetação nativa são utilizados pela própria família, não havendo comercialização. Entretanto, existe pressão sobre os recursos madeireiros desses espaços, principalmente devido ao extrativismo de algumas espécies comercializadas como lenha para empresas cerâmicas. Além disso, é nesse espaço onde os bovinos, caprinos e ovinos são soltos para alimentar-se do pasto nativo.

A “faxina” é o espaço cercado com varas grandes que serve para criação de animais ou para evitar o acesso de animais a algum tipo de cultivo. Enquanto isso, o curral, “cercado” ou estábulo é o espaço os animais de porte maior, como bovinos, equinos, asininos e muares são manejados. Normalmente, observa-se a presença de ao menos uma árvore neste ambiente, fornecendo sombra aos animais, sendo nela posicionados os bebedouros e comedouros, denominados “cochos”. Segundo os informantes, o “chiqueiro” é o espaço onde os animais de pequeno porte, como ovinos, caprinos e aves caipiras são manejados. Alguns desses “chiqueiros” possuem estruturas de alvenaria ou madeira para abrigar os animais. Além disso, alguns informantes relacionam o nome do espaço ao nome do animal, como, por exemplo, o “chiqueiro de galinhas”, “chiqueiro de ovelhas” e, em menor quantidade, “chiqueiro de porcos”. Finalmente, o “monturo”, lixeiro ou “cisqueiro” é o local onde é jogado, enterrado ou queimado o lixo produzido pela família. Como não há serviço de coleta de lixo na comunidade, em todas as unidades produtivas foi observada a presença de um espaço reservado para tal fim.

3.4 DIVERSIDADE E USO DE ESPÉCIES NAS UNIDADES PRODUTIVAS

As informações obtidas no levantamento etnobotânico realizado nas 22 unidades produtivas estudadas estão sintetizadas na Tabela 1. A referida tabela é constituída pelas famílias botânicas, espécies, etnoespécies, usos mencionados, partes das plantas utilizadas, condições de cultivo, espaços domésticos onde estas espécies estão localizadas, ocorrências das espécies e número de unidades produtivas onde ocorreram. Embora tenham sido identificados 15 espaços nas unidades produtivas estudadas, o levantamento etnobotânico abrangeu apenas os espaços localizados nos arredores das residências, sendo generalizado em todo o texto o termo espaços domésticos para designar as áreas pesquisadas (FIGURA 3).

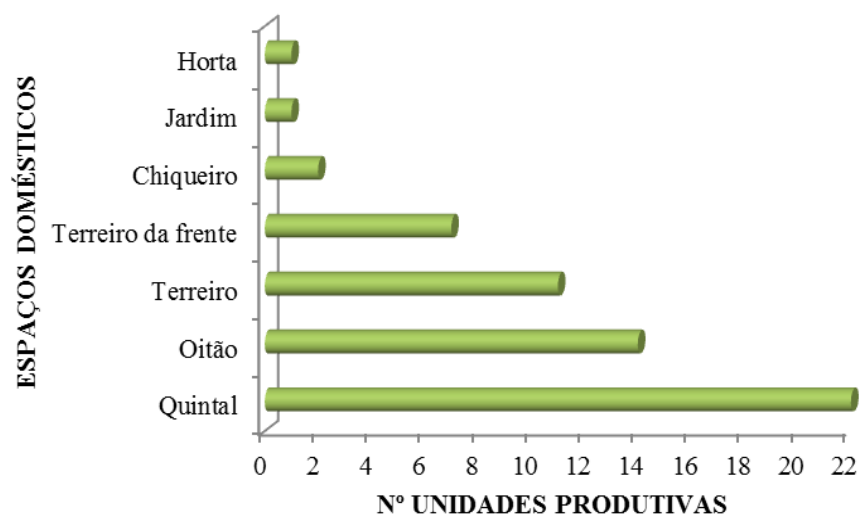


Figura 3 – Ocorrência de espaços domésticos em unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.

Tabela 1- Espécies encontradas no levantamento etnobotânico realizado em espaços domésticos de unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN. UP= Unidades produtivas. NC= Número de citações. Categorias de uso: A= “Alimentação”; B= “Artesanato”; C= “Comércio”; D= “Cosmético”; E= “Energia”; F= Forragem; G= “Medicinal”; H= “Místico”; I= “Nenhum”; J= “Óleo”; K= “Ornamental”; L= “Repelente”; M= “Sombra”; N= “Tecnológico”, O= “Tóxico”. Partes das plantas: a= “Bulbo”; b= “Casca”; c= “caule”; d= “Flor”; e= “Folha”; f= “Fruto”; g= “Látex”; h= “Pseudocaule”; i= “Pseudofruto”; j= “Raiz”; k= “Semente”; l= “Toda a planta”. Cultivo: s= solo; v= vaso. Espaços: A= “Quintal, fundo de casa, muro”; B= “Terreiro da frente, frente, frente de casa, pé de porta”; C= “Oitão, beco”; D= “Terreiro”; E= “Jardim”; F= “Horta”; G= “Chiqueiro de galinha, chiqueiro de ovelhas”.

Família/Espécie	Etnoespécie	Uso (NC)	Parte usada (NC)	Cultivo	Nº de plantas	Espaço (NC)	Ocorrência em UPs	Nº UP
AGAVACEAE								
<i>Agave americana</i> L.	--	K (1)	l (1)	s	2	D, E (2)	UP5	1
<i>Agave sisalana</i> Perr.	Espada de São Jorge	K (1)	l (1)	s	4	B (1)	UP10	1
AMARANTHACEAE								
<i>Celosia argentea</i> L.	--	K (1)	l (1)	s	1	D (1)	UP22	1
<i>Celosia cristata</i> L.	Veludo, Planta de rosa	K (1)	l (1)	s, v	29	A, D, E (3)	UP5, UP9	2
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	G (1)	c, d, e (3)	s	5	A, C (2)	UP3, UP4, UP7, UP9	4

...continua...

TABELA 1, Cont.

AMARYLLIDACEAE

<i>Allium cepa</i> L.	Cebola de cabeça	A, G (2)	a (1)	s	1	F (1)	UP11	1
<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebola, cebola de fio	A (1)	e (1)	s	33	A, F (2)	UP9, UP11	2
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	A, G (2)	a (1)	s	1	F (1)	UP11	1
<i>Crinum erubescens</i> L. f.	Croton, croton espada	K (1)	l (1)	s	2	A, B (2)	UP6, UP8	2
<i>Crinum procerum</i> Carey ex Herb.	Língua de vaca, Lágrima de noiva	K (1)	l (1)	s	6	C, D (2)	UP6, UP22	2

ANACARDIACEAE

<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	A, C, F, G, J, M (6)	b, i, k, l (4)	s	5	A, B, C, D (4)	UP8, UP9, UP13, UP14	4
<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	A, E, M (3)	c, f, l (3)	s	14	A, B, C, D (4)	UP3, UP4, UP11, UP12, UP13, UP14	6
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	G, N (2)	b, c (2)	s	2	A, C (2)	UP11, UP19	2

...continua...

TABELA 1, Cont.

<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá	A, M (2)	f, l (2)	s	9	A, G (2)	UP1, UP12	2
<i>Spondias purpurea</i> L.	Seriguela, siri	A, M, N (3)	c, f, l (3)	s	27	A, C, G (3)	UP1, UP2, UP12, UP13, UP14, UP17, UP18, UP20, UP21	9
<i>Spondias tuberosa</i> Arr. Cam.	Cajarana	A, F, M, N (4)	c, e, f, l (4)	s	28	A, B, C, D, G (5)	UP1, UP6, UP7, UP11, UP12, UP13, UP14, UP15, UP18, UP21	10
ANNONACEAE								
<i>Annona muricata</i> L.	Graviola, condessa	A, M (2)	f, l (2)	s, v	36	A (1)	UP1, UP6, UP10, UP12, UP14	5
<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha, pinheira	A, F, M (3)	f, l (2)	s	67	A, B, C, D, G (5)	UP1, UP6, UP7, UP9, UP11, UP12, UP13, UP14, UP17, UP18, UP19, UP20, UP22	13

...continua...

TABELA 1, Cont.

<i>Annona reticulata</i> L.	Condessa	A (1)	f (1)	v	2	A (1)	UP1	1
APOCYNACEAE								
<i>Allamanda blanchetii</i> A. DC.	--	K (1)	l (1)	s	9	A, C, D (3)	UP1, UP5, UP20	3
<i>Allamanda cathartica</i> L.	Trepadeira amarela	K (1)	l (1)	s	1	B (1)	UP10	1
<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Pereiro	E, F, G, M, N (5)	b, c, e, l (4)	s	54	A, B, C, D, E (5)	UP1, UP5, UP6, UP7, UP11, UP12, UP16, UP17, UP19, UP20	10
<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton	Carrapateira, rosa cera, flor de seda, flor de cera, pinhão	F, G, I, N, O (5)	c, d, e, f, g, k, l (7)	s	121	A, B, C, D (4)	UP1, UP2, UP3, UP5, UP7, UP8, UP9, UP11, UP12, UP13, UP14, UP15, UP16, UP19, UP21, UP22	16
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don.	Boa noite, onze horas, bom dia	G, K (2)	d, l (2)	s, v	120	A, B, C, D, E (5)	UP1, UP3, UP4, UP5, UP6, UP17, UP22	7

...continua...

TABELA 1, Cont.

<i>Cryptostegia grandiflora</i> R. Br.	Trepadeira, burra leiteira, linhadeira, fortaleza, unha do cão, mato de leite, pé de leite, moita leiteira	I, K, M, O (4)	g, l (2)	s	97	A, B, C, D, G (5)	UP1, UP2, UP6, UP7, UP8, UP11, UP12, UP17, UP18, UP19, UP20, UP21	12
<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira	K, M, O (3)	l (1)	s	2	A, D (2)	UP1, UP16	2
<i>Plumeria rubra</i> L.	--	K (1)	l (1)	s	1	A (1)	UP1	1
ARACEAE								
<i>Alocasia macrorrhizos</i> (L.) G. Don	Croton, croton bananeira	K (1)	l (1)	s	11	B, D, E (3)	UP5, UP6, UP8, UP22	4
<i>Caladium bicolor</i> L.	Croton	K (1)	l (1)	v	1	A (1)	UP1	1
<i>Dieffenbachia</i> sp.	Comigo ninguém pode	K (1)	l (1)	s	9	A, B, D (3)	UP1, UP6, UP14, UP22	4
<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.	Trepadeira	K (1)	l (1)	v	2	A, B, D (3)	UP1, UP8	2
<i>Philodendron imbe</i> Schott ex Endl.	Cara de cavalo, croton coração, croton	K (1)	l (1)	s, v	10	A, B, D (3)	UP1, UP6, UP8, UP21, UP22	5

...continua...

TABELA 1, Cont.

ARECACEAE

<i>Chamaedorea fragrans</i> (Ruiz & Pav.) Mart.	Palmeira	K (1)	l (1)	s	5	D, E (2)	UP5, UP20	2
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	A, B, G, J, K, M, N (7)	b, e, f, k, l (5)	s	97	A, B, C, D, F (5)	UP1, UP2, UP3, UP4, UP6, UP8, UP9, UP11, UP12, UP14, UP15, UP16, UP17, UP20, UP21, UP22	16
<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E.Moore	Carnauba	B (1)	e (1)	s	24	A (1)	UP1	1
<i>Licuala grandis</i> H. Wendl. ex Linden	Palmeira	K (1)	l (1)	s	2	A (1)	UP1	1

ASPARAGACEAE

<i>Asparagus densiflorus</i> (Kunth) Jessop	Alfinete	K (1)	l (1)	v	1	A (1)	UP1	1
---	----------	-------	-------	---	---	-------	-----	---

...continua...

TABELA 1, Cont.

ASPHODELACEAE

<i>Aloe arborescens</i> Mill.	--	K (1)	l (1)	s	1	A, D (2)	UP17	1
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	D, G (2)	e (1)	s	58	A, G (2)	UP1, UP2, UP6, UP20	4

ASTERACEAE

<i>Achmella repens</i> (Walter) Rich.	--	K (1)	l (1)	v	1	C (1)	UP1	1
<i>Zinnia peruviana</i> L.	--	K (1)	l (1)	s	91	A (1)	UP1	1

BALSAMINACEAE

<i>Impatiens balsamina</i> L.	Maravilha	K (1)	l (1)	s, v	4	D, E (2)	UP1	1
-------------------------------	-----------	-------	-------	------	---	----------	-----	---

BEGONIACEAE

<i>Begonia aconitifolia</i> A. D. C.	Asa de anjo	K (1)	l (1)	v	2	E (1)	UP1	1
<i>Begonia cucullata</i> Willd.	Brinco de princesa	K (1)	l (1)	v	2	B, D, E (3)	UP5, UP8	2

BIGNONIACEAE

<i>Tabebuia caraiba</i> (Mart.) Bur.	Caraiba, craibeira	K, M (2)	l (1)	s	7	A, B, D (3)	UP1, UP9, UP10	3
--------------------------------------	--------------------	----------	-------	---	---	-------------	----------------	---

...continua...

TABELA 1, Cont.

<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Pau darco	M (1)	l (1)	s	1	B (1)	UP12	1
---	-----------	-------	-------	---	---	-------	------	---

BIXACEAE

<i>Bixa orellana</i> L.	Corante	A (1)	k (1)	s	1	A (1)	UP1	1
-------------------------	---------	-------	-------	---	---	-------	-----	---

BORAGINACEAE

<i>Heliotropium indicum</i> L.	Fedegoso	G (1)	c, d, e (3)	s	3	A (1)	UP17	1
--------------------------------	----------	-------	-------------	---	---	-------	------	---

BRASSICACEAE

<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	Agrião	G (1)	d, e (2)	v	1	C (1)	UP20	1
-------------------------------------	--------	-------	----------	---	---	-------	------	---

BROMELIACEAE

<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	A, G (2)	f (1)	v	2	A (1)	UP10	1
----------------------------------	---------	----------	-------	---	---	-------	------	---

BURSERACEAE

<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J. B. Gillett	Imburana	M, N (2)	c, l (2)	s	4	A, G (2)	UP12	1
--	----------	----------	----------	---	---	----------	------	---

CACTACEAE

<i>Opuntia</i> sp.	Palma, palmatória	F, K, N (3)	c, l (2)	s	2	A, F (2)	UP1, UP11	2
--------------------	-------------------	-------------	----------	---	---	----------	-----------	---

...continua...

TABELA 1, Cont.

<i>Tacinga inamoena</i> (K.Scumm.) N.P.Taylor & Stuppy	--	K (1)	l (1)	v	1	A (1)	UP1	1
---	----	-------	-------	---	---	-------	-----	---

CAPPARACEAE

<i>Capparis cynophallophora</i> L.	Feijão bravo	F, M (2)	c, e, f, l (4)	s	1	A (1)	UP19	1
------------------------------------	--------------	----------	----------------	---	---	-------	------	---

CARICACEAE

<i>Carica papaya</i> L.	Mamão, mamoeiro	A, F, G (3)	c, d, e, f, g (5)	s	61	A, B, C, D (4)	UP1, UP4, UP6, UP7, UP8, UP9, UP10, UP13, UP14, UP15, UP17, UP20, UP22	13
-------------------------	-----------------	-------------	-------------------	---	----	-------------------	---	----

CHRYSOBALANACEAE

<i>Licania rigida</i> Benth.	Oiticica	J, M (2)	f, l (2)	s	2	A (1)	UP1	1
------------------------------	----------	----------	----------	---	---	-------	-----	---

<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	--	M (1)	l (1)	s	1	A (1)	UP1	1
---	----	-------	-------	---	---	-------	-----	---

CLEOMACEAE

<i>Cleome spinosa</i> Jacq.	Comer de passarinho	F (1)	K (1)	s	2	D (1)	UP21	1
-----------------------------	------------------------	-------	-------	---	---	-------	------	---

...continua...

TABELA 1, Cont.

CLUSIACEAE

<i>Clusia fluminensis</i> Planch. & Triana	--	K (1)	l (1)	v	1	A (1)	UP1	1
--	----	-------	-------	---	---	-------	-----	---

COMBRETACEAE

<i>Combretum leprosum</i> Mart.	Mofumbo	E, F, G, M, N (5)	b, c, e, f, j, l (6)	s	36	A, B, C, D, G (5)	UP2, UP6, UP7, UP11, UP17, UP19, UP20	7
---------------------------------	---------	-------------------	----------------------	---	----	-------------------	---------------------------------------	---

CONVOLVULACEAE

<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	Salsa	F, G, O (3)	c, d, e (3)	s	5	B, C (2)	UP6, UP16, UP19	3
---	-------	-------------	-------------	---	---	----------	-----------------	---

COSTACEAE

<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	--	G (1)	e (1)	s	18	A (1)	UP1	1
---------------------------------------	----	-------	-------	---	----	-------	-----	---

CRASSULACEAE

<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Corama, courama	G (1)	c, e (2)	s, v	3	A (1)	UP5, UP6	2
<i>Kalanchoe blossfeldiana</i> Poelln.	Calandiva	K (1)	l (1)	v	4	A, E (2)	UP1, UP5	2

...continua...

TABELA 1, Cont.

<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Malvarisca, corama	G (1)	c, e (2)	s, v	2	A (1)	UP6, UP9	2
--	-----------------------	-------	----------	------	---	-------	----------	---

CUCURBITACEAE

<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum & Nakai	Melancia	A (1)	f (1)	s	5	D, E, F (3)	UP5, UP11	2
---	----------	-------	-------	---	---	-------------	-----------	---

<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe	A (1)	f (1)	s	5	A (1)	UP8, UP9	2
---------------------------	--------	-------	-------	---	---	-------	----------	---

<i>Cucumis melo</i> L.	Melão	A (1)	f (1)	s	2	F (1)	UP11	1
------------------------	-------	-------	-------	---	---	-------	------	---

<i>Cucurbita pepo</i> L.	Jerimum	A, G (2)	c, f, k (3)	s	6	A, C (2)	UP9, UP11, UP15	3
--------------------------	---------	----------	-------------	---	---	----------	--------------------	---

<i>Luffa cylindrica</i> M. Roem	Bucheira, chuchu, bucha	N (1)	f (1)	s	5	A, D (2)	UP1, UP2, UP22	3
---------------------------------	----------------------------	-------	-------	---	---	----------	----------------	---

<i>Momordica charantia</i> L.	Melão Caetano	F, G, N (3)	c, e, f, k (4)	s	11	A, B, C (3)	UP2, UP5, UP6, UP8, UP12	5
-------------------------------	---------------	-------------	----------------	---	----	-------------	-----------------------------	---

DAVALLIACEAE

<i>Nephrolepis exaltata</i> (L.) Schott	Samambaia	K (1)	l (1)	v	2	A (1)	UP6, UP8	2
---	-----------	-------	-------	---	---	-------	----------	---

...continua...

TABELA 1, Cont.

EUPHORBIACEAE

<i>Croton campestris</i> A. St. Hil.	Velame	F, G, I, N (4)	e, g, l (3)	s	133	A, B, C, G (4)	UP2, UP3, UP9, UP11, UP16, UP18, UP19, UP20	8
<i>Euphorbia lactea</i> Haw.	Cordão de São Francisco	K (1)	l (1)	s	2	A (1)	UP1	1
<i>Euphorbia milii</i> Des Moul.	--	K (1)	l (1)	s	4	D (1)	UP22	1
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo, pinhão de São Francisco	G, H (2)	e, g, l (3)	s	73	A, B, C, D (4)	UP1, UP2, UP3, UP6, UP12, UP14, UP20, UP22	8
<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Pinhão	F, G, M, N (4)	c, e, f, g, l (5)	s	15	A, C, D (3)	UP11, UP12, UP18, UP21	4
<i>Manihot utilissima</i> Pohl	Macaxeira	A (1)	j (1)	s	6	A (1)	UP6, UP14	2
<i>Pedilanthus tithymaloides</i> (L.) Poit.	Sapatinho, palminha de Santa Luzia	K (1)	l (1)	s	5	A, D (2)	UP1, UP3, UP20	3

...continua...

TABELA 1, Cont.

<i>Ricinus communis</i> L.	Carrapateira, mamona	A, F, J (3)	e, f, k (3)	s	2	A (1)	UP8, UP12	2
FABACEA- CAESALPINIOIDEAE								
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Jucá	G, M (2)	f, l (2)	s	2	A (1)	UP14	1
<i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Sw.	--	K, M (2)	l (1)	s	21	A, C, D (3)	UP5, UP17, UP20	3
<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira	E, F, G, M, N (5)	c, d, e, f, l (5)	s	78	A, B, C, G (4)	UP2, UP3, UP11, UP13, UP15, UP19, UP20	7
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Manjerioba	A, F (2)	c, d, e, f, k (5)	s	1	C (1)	UP19	1
<i>Senna siamea</i> (Lam.) H.S. Irwin & Barneby	Acácia	K, M (2)	l (1)	s	4	A, D (2)	UP1, UP2, UP20	3
<i>Senna spectabilis</i> (DC.) H. S. Irwin & Barneby	Canafístula	F, M (2)	c, e (2)	s	2	A (1)	UP9	1
<i>Senna uniflora</i> (Mill.) H.S. Irwin & Barneby	Mata pasto	F, I (2)	c, d, e, f, l (5)	s	7	A, C (2)	UP2, UP8, UP21	3

...continua...

TABELA 1, Cont.

<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarina	A, F, G, M (4)	f, l (2)	s	3	A, B (2)	UP12, UP13	2
-----------------------------	----------	-------------------	----------	---	---	----------	------------	---

FABACEA-FABOIDEAE

<i>Erythrina variegata</i> L.	Raio de sol	K (1)	l (1)	s	1	D (1)	UP16	1
<i>Gliricidia sepium</i> (Jacq.) Kunth ex Walp.	--	F, K, M (3)	c, e, f, l (4)	s	9	A, B, D, E (4)	UP5, UP6, UP8, UP20	4
<i>Vigna unguiculata</i> L. Walp.	Feijão	A (1)	k (1)	s	1	A (1)	UP9	1

FABACEA-MIMOSOIDEAE

<i>Desmanthus virgatus</i> (L.) Willd.	Anil, jureminha de bode	F, M (2)	c, e, f, l (4)	s	7	A, C (2)	UP3, UP9	2
<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit	Leucena, lucena	F, M (2)	c, e, f, l (4)	s	31	A, B, C (3)	UP8, UP10, UP13, UP14, UP15	5
<i>Mimosa ophthalmocentra</i> Mart. ex Benth.	Jurema de imbirã	F, M, N (3)	c, e, f, l (4)	s	2	B (1)	UP19	1
<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	Jurema, jurema preta	E, G, M, N (4)	b, c, l (3)	s	5	A, D, G (3)	UP2, UP7, UP11, UP12	4

...continua...

TABELA 1, Cont.

<i>Piptadenia stipulacea</i> (Benth.) Ducke	Jurema branca	E, M (2)	c, l (2)	s	1	A (1)	UP11	1
<i>Prosopis juliflora</i> (Sw.) DC.	Algaroba	E, F, M (3)	c, e, f, l (4)	s	3	A (1)	UP8, UP11, UP13	3
LAMIACEAE								
<i>Mentha arvensis</i> L.	Hortelã, hortelã pimenta	A, G (2)	c, d, e (3)	v	6	A (1)	UP5, UP9, UP17	3
<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã, hortelã roxo, hortelã pimenta	A, G (2)	c, d, e (3)	v	8	A, C, F (3)	UP5, UP6, UP11, UP12, UP17	5
<i>Mentha X villosa</i> Huds.	Hortelã	A, G (2)	e (1)	s, v	6	A, C (2)	UP1, UP20	2
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriçao	G (1)	c, d, e (3)	s	3	D (1)	UP17	1
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Louro	A, G (2)	c, d, e (3)	s	4	A, F (2)	UP11, UP12	2
<i>Origanum majorana</i> L.	Manjerona	G (1)	c, d, e (3)	s	3	C, D (2)	UP7	1
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Malva, corama, courama	G (1)	c, e (2)	s, v	7	A, B, C, D (4)	UP1, UP5, UP6, UP8, UP20, UP22	6

...continua...

TABELA 1, Cont.

<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	G (1)	e (1)	s	1	C (1)	UP3	1
<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	Dipirona	G (1)	e (1)	v	1	A (1)	UP1	1
LAURACEAE								
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	A, G, M (3)	f, k, l (3)	s	5	A, C (2)	UP1, UP5, UP20	3
LYTHRACEAE								
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	A, G (2)	f, k (2)	s	8	A, B, D (3)	UP4, UP6, UP9, UP13, UP14, UP21, UP22	7
MALPIGHIACEAE								
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	A, C, F, G, M (5)	f, l (2)	s	65	A, B, C, D, E (5)	UP1, UP2, UP3, UP4, UP5, UP6, UP9, UP12, UP13, UP17, UP19, UP20, UP22	13
MALVACEAE								
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	Quiabo	A (1)	f (1)	s	4	A (1)	UP6	1

...continua...

TABELA 1, Cont.

<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutambeira, mutamba	A, E, F, M, N (5)	c, e, f, l (4)	s	8	A (1)	UP1, UP6, UP12, UP19	4
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Brinco de princesa	K, M (2)	l (1)	s	3	A, C (2)	UP1, UP20	2
<i>Pseudobombax marginatum</i> (A. St.-Hil., Juss. & Camb.) A. Robyns	Embiratanha	G (1)	b (1)	s	1	A (1)	UP8	1
<i>Sida rhombifolia</i> L.	Relógio, vassoura de relógio	N (1)	c, d, e, f (4)	s	82	A, C, D (3)	UP5, UP7, UP14, UP15	4
<i>Waltheria</i> sp.	Malva braba	F, N (2)	c, d, e (3)	s	8	A (1)	UP8	1

MELIACEAE

<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Ninho, nim	F, K, L, M (4)	e, l (2)	s	58	A, B, C, D, E (5)	UP1, UP4, UP5, UP6, UP8, UP10, UP17, UP19, UP20, UP21, UP22	11
------------------------------------	------------	----------------	----------	---	----	-------------------	---	----

MORACEAE

<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca	A, M (2)	f, k, l (3)	s	1	A (1)	UP9	1
<i>Ficus benjamina</i> L.	Sempre verde, figo	K, M (2)	l (1)	s	18	A, B, D (3)	UP1, UP3, UP6, UP8, UP12, UP20, UP22	7

...continua...

TABELA 1, Cont.

MUSACEAE

<i>Musa</i> sp.	Bananeira	A, F, G (3)	e, f, h (3)	s	94	A (1)	UP1, UP4, UP9, UP14	4
-----------------	-----------	-------------	-------------	---	----	-------	------------------------	---

MYRTACEAE

<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	A, M (2)	f, l (2)	s	2	C (1)	UP12	1
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira, goiaba	A, F, G, M (4)	e, f, l (3)	s, v	77	A, B, C, D (4)	UP1, UP2, UP3, UP4, UP5, UP6, UP8, UP9, UP13, UP14, UP17, UP18, UP19, UP20, UP21, UP22	16

<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Azeitona	A, M (2)	f, l (2)	s, v	3	A, B (2)	UP10, UP13	2
------------------------------------	----------	----------	----------	------	---	----------	------------	---

OLACACEAE

<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa	G (1)	b (1)	s	2	A (1)	UP11	1
-----------------------------	--------	-------	-------	---	---	-------	------	---

OLEACEAE

<i>Jasminum sambac</i> (L.) Aiton	Bugari	K (1)	e, l (2)	s	4	A, C (2)	UP14, UP20	2
-----------------------------------	--------	-------	----------	---	---	----------	------------	---

...continua...

TABELA 1, Cont.

PASSIFLORACEAE

<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Xanana	G, I, K (3)	d, e, j, l (4)	s	20	A, B, C, D (4)	UP8, UP9, UP13, UP14, UP16	5
-----------------------------	--------	-------------	----------------	---	----	-------------------	----------------------------------	---

PHYLLANTHACEAE

<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	G (1)	j (1)	s	9	A, B, C, D, E (5)	UP2, UP5, UP9, UP10	4
------------------------------	--------------	-------	-------	---	---	----------------------	------------------------	---

PIPERACEAE

<i>Peperomia obtusifolia</i> (L.) A. Dietr.	Croton figo	K (1)	l (1)	v	5	A, B, C, D (4)	UP1, UP6, UP8, UP20	4
--	-------------	-------	-------	---	---	-------------------	------------------------	---

PLANTAGINACEAE

<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassoura, vassourinha	G, N (2)	c, d, e, f, j, l (6)	s	96	A, C, D (3)	UP4, UP5, UP8, UP9, UP15, UP17, UP18	7
---------------------------	--------------------------	----------	-------------------------	---	----	-------------	--	---

<i>Stemodia maritima</i> L.	Rabo de soim, rabo de raposa	F, N (2)	c, e, l (3)	s	8	C (1)	UP8, UP18	2
-----------------------------	---------------------------------	----------	-------------	---	---	-------	-----------	---

...continua...

TABELA 1, Cont.

POACEAE

<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo	A, G (2)	e (1)	s	6	A (1)	UP1, UP4, UP5, UP6, UP9	5
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana	A, F (2)	c (1)	s	16	A (1)	UP9, UP22	2
<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench	Sorgo	F (1)	c, e (2)	s	3	A, D, E (3)	UP5, UP8	2

PORTULACACEAE

<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	Nove horas, onze horas	K (1)	l (1)	s, v	25	A, C, D, E (4)	UP1, UP3, UP5, UP9, UP12, UP21	6
<i>Portulaca oleracea</i> L.	Bredo, beldroega, doze horas, croton	K (1)	l (1)	s, v	27	A, B, C, D, E (5)	UP5, UP6, UP8, UP9, UP10, UP12, UP21, UP22	8

RHAMNACEAE

<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	A, D, E, F, G, M (6)	b, c, e, f, l (5)	s	18	A, C, G (3)	UP6, UP8, UP9, UP10, UP11, UP12, UP16, UP17, UP19, UP20	10
--------------------------------	----------	-------------------------	-------------------	---	----	-------------	---	----

...continua...

TABELA 1, Cont.

ROSACEAE

<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	Rosa menina	K (1)	l (1)	s	1	A (1)	UP1	1
-----------------------------	-------------	-------	-------	---	---	-------	-----	---

RUBIACEAE

<i>Ixora coccinea</i> L.	--	K (1)	l (1)	s, v	7	A (1)	UP1, UP10	2
--------------------------	----	-------	-------	------	---	-------	-----------	---

<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	G (1)	F (1)	s, v	5	A, C, D (3)	UP5, UP9, UP14, UP20	4
------------------------------	------	-------	-------	------	---	-------------	-------------------------	---

<i>Tocoyena guianensis</i> K. Schum.	Jenipapo	E, G, M, N (4)	b, c, l (3)	s	3	A (1)	UP11, UP17	2
--------------------------------------	----------	-------------------	-------------	---	---	-------	------------	---

RUSCACEAE

<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain 'Hahnii'	Espada de São Jorge fêmea	K (1)	l (1)	s	1	A, D (2)	UP1	1
--	------------------------------	-------	-------	---	---	----------	-----	---

<i>Sansevieria trifasciata</i> var. <i>laurentii</i> (De Wild.) N. E. Br	Espada de São Jorge, espada de São Jorge macho	K (1)	l (1)	s	32	A (1)	UP1, UP17, UP22	3
---	--	-------	-------	---	----	-------	--------------------	---

RUTACEAE

<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Tangerina	A, M (2)	f, l (2)	s	3	A, C (2)	UP3, UP4, UP12	3
---------------------------------	-----------	----------	----------	---	---	----------	----------------	---

...continua...

TABELA 1, Cont.

<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja	A, G, M (3)	e, f, l (3)	s	5	A (1)	UP1, UP9, UP12, UP14	4
<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão	A, G, M, N (4)	e, f, l (3)	s	21	A, C (2)	UP1, UP4, UP6, UP9, UP12, UP13, UP14, UP17, UP18, UP19	10

SAPOTACEAE

<i>Manilkara sapota</i> (L.) Van Royen	Sapoti	A, M (2)	f, l (2)	s	3	A (1)	UP1, UP12	2
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T. D. Penn.	Quixabeira	A, G, M (3)	b, f, l (3)	s	3	A (1)	UP1, UP9, UP11	3

SOLANACEAE

<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	Pimenta de cheiro	A (1)	f (1)	v	3	A (1)	UP6	1
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta malagueta	A, K (2)	f, l (2)	s	9	A, B (2)	UP9, UP13, UP14	3
<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	Tomate	A (1)	f (1)	s	1	A (1)	UP9	1
<i>Solanum melongena</i> L.	Berinjela	A, G (2)	f (1)	s	1	F (1)	UP11	1

...continua...

TABELA 1, Cont.

URTICACEAE

<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Croché, trinta rapaz, orelha de rato	K (1)	l (1)	s, v	10	A, B, D, E (4)	UP1, UP5, UP6, UP8, UP9, UP22	6
--------------------------------------	--	-------	-------	------	----	-------------------	----------------------------------	---

VERBENACEAE

<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	Cidreira, erva cidreira	A, G (2)	c, d, e (3)	s	6	A, C, F (3)	UP3, UP4, UP6, UP10 UP11, UP12	6
--	----------------------------	----------	-------------	---	---	-------------	--------------------------------------	---

VITACEAE

<i>Vitis vinifera</i> L.	Uva	A (1)	f (1)	s	1	A (1)	UP16	1
--------------------------	-----	-------	-------	---	---	-------	------	---

ZINGIBERACEAE

<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burt & R. M. Sm.	Coluna, colônia	G (1)	e (1)	s	32	A (1)	UP1	1
---	-----------------	-------	-------	---	----	-------	-----	---

O número de espécies e o número de espécies por espaço doméstico nas unidades produtivas de São João da Várzea encontram-se na Tabela 2. Nas 22 unidades produtivas da comunidade São João da Várzea, registou-se a presença de 154 espécies pertencentes a 63 famílias botânicas, abrangendo um total de 2474 plantas. Entretanto, observou-se distribuição heterogênea dessas espécies e do número de plantas entre as unidades produtivas, variando entre 9 (UP15) e 60 (UP1) espécies e 24 (UP16) e 375 (UP1) plantas (TABELA 3).

Essa diferença na composição florística está diretamente relacionada a alguns fatores, como a disponibilidade de água e o tamanho da unidade produtiva, o tipo de solo e a presença de afloramento de rochas, condição socioeconômica e cultural da família, preferência e interesse do mantenedor dos espaços domésticos e, finalmente, a aptidão agrícola da família. Outros estudos também citam a relação entre a diversidade de plantas existente nos espaços domésticos e alguns desses condicionantes, como: a função e o tamanho do quintal, fatores socioeconômicos e culturais (NAIR, 1986); potencial ecológico da região e preferência alimentar cultural (NIÑEZ, 1984) e interesses de seus proprietários, de vez que os produtos geralmente são utilizados para o autoconsumo na unidade familiar de produção (CONSEA, 2004).

Tabela 2- Número de espécies e número de espécies por espaço doméstico nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN. Cód.= Código; UP= Unidades produtivas; A= Chiqueiro de galinhas, chiqueiro de ovelhas; B= Jardim; C= Horta; D= Oitão, beco; E= Quintal, fundo de casa, muro; F= Terreiro; G= Terreiro da frente, frente, frente de casa, pé de porta.

Cód.	Nº Espécies	Espaços							Total de espaços citados/UP
		A	B	C	D	E	F	G	
UP1	60	-	-	-	-	60	-	-	1
UP2	17	5	-	-	6	7	-	4	4
UP3	17	-	-	-	12	4	7	-	3
UP4	15	-	-	-	-	15	-	-	1
UP5	33	-	19	-	4	13	20	-	4
UP6	40	-	-	-	6	28	1	17	4
UP7	11	-	-	-	7	3	8	-	3
UP8	32	-	-	-	7	19	10	10	4
UP9	37	-	-	-	-	35	5	-	2
UP10	14	-	-	-	1	7	-	7	3
UP11	30	-	-	11	9	16	-	-	3
UP12	32	7	-	-	8	21	-	8	4
UP13	18	-	-	-	-	11	-	10	2
UP14	26	-	-	-	-	26	-	-	1
UP15	9	-	-	-	-	9	-	-	1
UP16	10	-	-	-	5	4	3	-	3
UP17	22	-	-	-	6	19	3	-	3
UP18	10	-	-	-	7	4	-	-	2
UP19	18	-	-	-	10	11	-	5	3
UP20	31	-	-	-	15	16	9	-	3
UP21	14	-	-	-	-	6	11	-	2
UP22	23	-	-	-	-	7	19	-	2
Total de citações		12	19	11	103	341	96	61	--

Tabela 3- Número de famílias botânicas, espécies e plantas encontradas em espaços domésticos de unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN. Cód.= Código; UP= Unidades produtivas.

Cód.	Nº famílias	Nº espécies	Nº plantas
UP1	36	60	375
UP2	12	17	56
UP3	14	17	105
UP4	14	15	46
UP5	23	33	158
UP6	30	40	125
UP7	9	11	81
UP8	25	32	83
UP9	31	37	121
UP10	14	14	40
UP11	18	30	90
UP12	20	32	101
UP13	12	18	118
UP14	19	26	210
UP15	9	9	55
UP16	8	10	24
UP17	18	22	119
UP18	7	10	57
UP19	15	18	144
UP20	23	31	231
UP21	11	14	54
UP22	19	23	81
Total			2474

A família botânica que apresentou maior número de espécies foi a Lamiaceae (9 spp.), seguida pelas famílias Apocynaceae (8 spp.), Euphorbiaceae (8 spp.) e Fabacea-Caesalpinioideae (8 spp.), conforme Figura 4. Esses resultados assemelham-se aos encontrados em São Miguel-RN por Freitas (2009) e em parte com os encontrados por Florentino, Araújo e Albuquerque (2007) em Caruaru-PE.

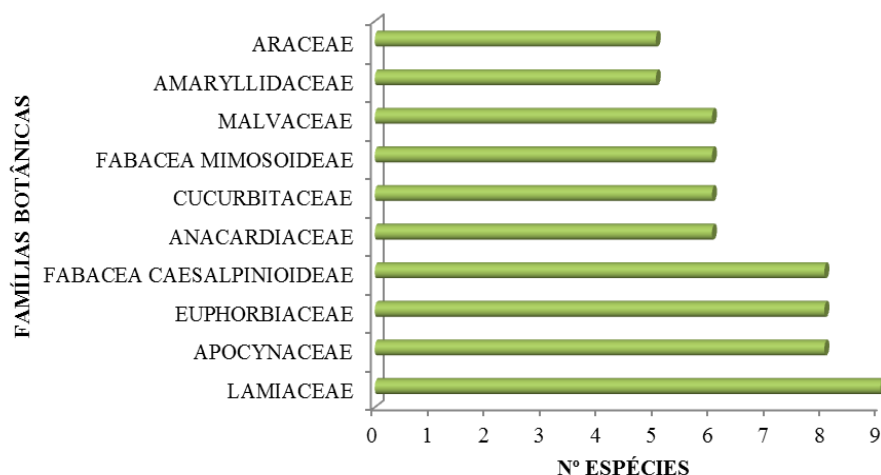


Figura 4- Famílias botânicas mais representativas nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.

As espécies mais frequentes foram goiabeira (*Psidium guajava* L.), coqueiro (*Cocos nucifera* L.) e flor de seda (*Calotropis procera* (Aiton) W.T. Aiton), presentes em 16 unidades produtivas (73%), seguidas de pinheira (*Annona squamosa* L.), aceroleira (*Malpighia glabra* L.) e mamoeiro (*Carica papaya* L.) em 13 unidades produtivas (59%) (FIGURA 5). Em São Miguel-RN, a goiabeira (*Psidium guajava* L.) e o coqueiro (*Cocos nucifera* L.) foram algumas das espécies mais frequentes, ocorrendo em 14 dos 20 quintais estudados (FREITAS, 2009). Verifica-se, portanto, que, com exceção da flor de seda (*Calotropis procera* (Aiton) W.T. Aiton), espécie espontânea utilizada pelos informantes como forrageira, medicinal e tecnológica, as espécies mais frequentes são fruteiras utilizadas na alimentação das famílias, contribuindo para sua segurança alimentar.

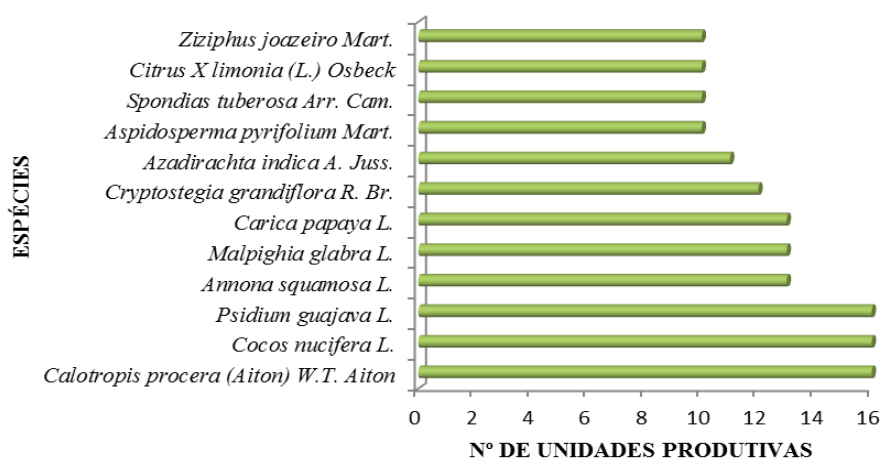


Figura 5- Espécies mais frequentes nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.

Esses resultados corroboram os encontrados por outros autores que constataram que as espécies mais frequentes nos quintais são as fruteiras, observando-se predominância de plantas lenhosas (FLORENTINO; ARAÚJO; ALBUQUERQUE, 2007; FREITAS, 2009; PASA; SOARES; GUARIM NETO, 2005). Para Florentino, Araújo e Albuquerque (2007), a preferência pelo cultivo de plantas lenhosas segue um padrão para todos os quintais, sendo justificada pela resistência destas espécies às adversidades climáticas, já que são mantidas sem muitas exigências de manejo. Espécies arbóreas, além de favorecer o estabelecimento de um microclima favorável, podem beneficiar o desenvolvimento de outras espécies (NAIR, 2004; WEZEL; BENDER, 2003).

Em relação ao total de espécies encontradas nos espaços domésticos estudados, o Índice de Shannon-Wiener (H') na base 10 foi de 2,03 décits/indivíduo e na base e , 4,67 nats/indivíduo, o que reflete tanto a disponibilidade de recursos vegetais quanto a considerável familiaridade da população com estes recursos. Esses resultados são considerados altos se comparados com os de outros trabalhos etnobotânicos realizados nestes espaços, como o de Freitas (2009), realizado em São Miguel-RN, onde se encontrou o valor

de $H' = 1,94$ débits/indivíduo. Amorim, Sampaio e Araújo (2005), por sua vez, em uma área de Caatinga do Seridó do Rio Grande do Norte, encontraram índice de $H' = 1,94$ nats/ind. Milani e Guido (2007), em levantamento etnobotânico nos quintais do distrito de Cruzeiro dos Peixotos-MG, verificaram índice de diversidade de $H' = 1,97$. Já em pesquisa etnobotânica de quintais tradicionais de Florianópolis-SC, Ribeiro (2009) obteve índice de $H' = 1,60$ débits.

Pilla, Amorozo e Furlan (2006), estudando o conhecimento sobre recursos vegetais alimentares de população rural no Vale do Paraíba-SP, observaram Índices de diversidade de Shannon-Wiener, na base 10, de 1,90 para o grupo residente no Núcleo Santa Virgínia do Parque Estadual da Serra do Mar e 1,97 para a população localizada nos arredores do Núcleo. Em trabalho realizado sobre as plantas úteis nos quintais de comunidades ribeirinhas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé, na Amazônia Central, Souza e Scudeller (2009) encontraram índices de diversidades de $H' = 1,90$ e $H' = 1,78$ na comunidade Julião e Agrovila, respectivamente.

De acordo com Begossi (1996), índices de diversidade altos sugerem que a população utiliza grande parcela da diversidade local e espera-se que quanto maior a diversidade florística local maior a diversidade de espécies usadas. Entretanto, alguns trabalhos evidenciaram valores de diversidade superiores aos encontrados no presente estudo, como o de Pereira e Guido (2008), que, pesquisando quintais e seu valor etnobotânico em Uberlândia-MG, verificaram Índice de Shannon-Wiener de 2,23. Amorozo (2002), estudando o uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger-MT, encontrou índice de Shannon-Wiener, na base 10, de 2,21 para o total de espécies.

Registrou-se abundância de espécies, contabilizando-se 2.474 indivíduos distribuídos nas 22 unidades produtivas. Outros estudos realizados em áreas de Caatinga registraram número inferior. Em Pernambuco, Florentino, Araújo e Albuquerque (2007) verificaram a presença de 1.461 indivíduos em 25 quintais de Caruaru-PE e Albuquerque, Cavalcanti e Caballero (2005) encontraram 390 plantas em 31 quintais. Enquanto isso, no Rio Grande do Norte, Moraes (2011) contabilizou a presença de 482 indivíduos em 39 quintais em Caraúbas-RN e

Freitas (2009), em São Miguel-RN, encontrou um total de 1.325 indivíduos em 20 quintais.

O velame (*Croton campestris* A. St. Hil.) se destacou como a espécie mais abundante, com um número total de 133 plantas em 8 unidades produtivas, seguido da flor de seda (*Calotropis procera* (Aiton) W.T. Aiton) e boa noite (*Catharanthus roseus* (L.) G. Don.), com 121 e 120 plantas, respectivamente (FIGURA 6). A maior abundância destas espécies deve-se provavelmente ao período em que o levantamento etnobotânico foi realizado, de junho a setembro de 2012, de vez que a região, assim como toda a região semiárida, enfrentava consequências da estiagem no referido ano. Assim, houve predominância de espécies que possivelmente apresentam maior resistência à deficiência hídrica, principalmente aquelas espontâneas, como é o caso do velame (*Croton campestris* A. St. Hil.) e da flor de seda (*Calotropis procera* (Aiton) W.T. Aiton) ou aquelas de fácil propagação, como a boa noite (*Catharanthus roseus* (L.) G. Don.).

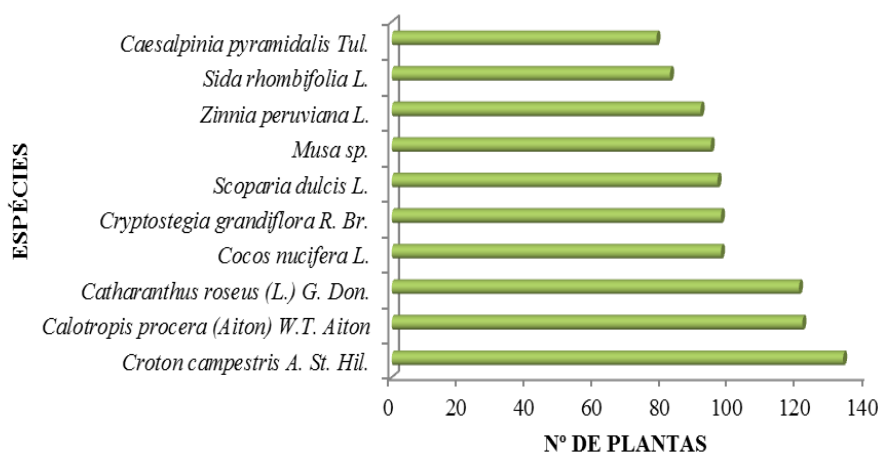


Figura 6 – Espécies mais abundantes nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.

Em São João da Várzea, assim como na maioria das comunidades localizadas na região semiárida, a exigência de água pela cultura é um fator que influencia a escolha das espécies que irão compor as unidades produtivas, de vez que a quantidade de água disponível para irrigação nessas regiões é, na maioria dos casos, insuficiente para suprir as necessidades das plantas. Além disso, este fato tem impacto direto na quantidade de plantas mantidas ou manejadas nos arredores das residências. Assim, a diversidade de espécies e sua abundância estão diretamente relacionadas ao período chuvoso, de vez que neste período são cultivadas diversas espécies anuais e perenes visando ao aproveitamento da facilidade de água para irrigação e a ação das chuvas.

Chuva é importante pra tudo, porque a chuva traz o comer pros bichos, a gente planta, aí tem o lucro da planta, o que você planta ao redor da sua casa você ver o resultado, tem água boa pra você beber. (L. P. S., 57 anos, UP9).

No inverno a qualidade das plantas, das frutas, das hortaliças é melhor, ficam mais bonitas, com rendimento maior. (D. D. S. S., 26 anos, UP10).

Em estudo realizado na Região da Morraria, Cáceres-MT, Oliveira (2006) encontrou condição semelhante, com o plantio se concentrando no período das chuvas e as plantas dependendo da água de precipitação para sobreviver. A mesma autora afirma que com o acesso à água limitado na época de seca, apenas algumas plantas são regadas, principalmente as medicinais e ornamentais, havendo relação de preferência ou importância para selecionar as plantas mantidas com rega durante o período.

Além disso, alguns aspectos culturais são observados durante o plantio e outras práticas executadas pelos informantes. Em trabalho realizado por Freitas (2009) em São Miguel-RN, um dos informantes relatou que a fase da lua deve ser observada para realização do plantio da mandioca e da limpeza e poda das plantas. No presente trabalho, uma das informantes citou a influência da fase da lua no

desenvolvimento e produtividade da batata-doce (*Ipomoea batatas* (L.) Lam.) cultivada por seu esposo no espaço denominado beira do rio ou “beijo do rio”.

O “véi” tem a época de plantar a batata, é na lua cheia que é pra ela encher, a rama não fica bem fininha na lua cheia. (M. M. C. P., 63 anos, UP6).

Embora não tenha sido feito estudo detalhado dos estratos existentes nos espaços domésticos estudados, observou-se que são multiestratificados. De acordo com Fox (1999), a aparência estrutural dos quintais é determinada pelo ambiente natural e pela tentativa da família em utilizar o máximo de espécies localmente adaptadas, em extensão de terra relativamente pequena, para múltiplos propósitos. Desta forma, a diversidade presente nos espaços domésticos proporciona a existência de três estratos, sendo o primeiro composto por plantas herbáceas de pequeno porte, como medicinais, ornamentais e hortaliças; o segundo, composto por fruteiras de médio porte e algumas forrageiras; e o terceiro, composto por fruteiras de grande porte e árvores nativas e exóticas.

Esses estratos assemelham-se ao processo de sucessão ecológica, que, de acordo com Costantin (2005), é um processo natural de formação ou recuperação de comunidades vegetais. Florentino, Araújo e Albuquerque (2007), estudando quintais agroflorestais em Caruaru-PE, verificaram que a estrutura vertical dos quintais apresentou três níveis, a saber: o predominantemente baixo, constituído por espécies fruteiras e medicinais; o médio, que engloba as fruteiras e plantas de sombra; e o alto, representado por plantas como coqueiro (*Coco nucifera* L.) e juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart.). A estrutura e composição florística dos quintais, associadas ao baixo aporte de energia na forma de insumos agrícolas, evidenciam o papel estratégico desses agroecossistemas na conservação da biodiversidade *in situ* (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002a; BLANCKAERT et al., 2004).

Embora sem um padrão definido de espaçamento e com uma aparente desorganização dos espaços domésticos estudados, a distribuição das plantas está diretamente relacionada às características e particularidades de cada unidade produtiva e de cada membro da família responsável pelo manejo desses espaços.

As plantas ornamentais, por exemplo, são sempre encontradas na frente da casa ou circundando-a, o que sugere interesse no uso dessas plantas para estética dos espaços domésticos. As utilizadas para alimentação humana geralmente são cultivadas atrás das residências, onde também são aproveitadas as sombras quando se trata de arbustos e árvores.

Outros autores observaram distribuição espacial semelhante, relatando certa setorização na escolha do local de plantio das espécies, onde as ornamentais são dispostas na frente da residência, ao passo que as alimentares são alocadas nos fundos do quintal (AMARAL; GUARIM NETO, 2008; SEMEDO; BARBOSA, 2007; SIVIERO et al., 2011). As plantas medicinais herbáceas, por sua vez, encontram-se geralmente próximas à cozinha da casa, corroborando outros estudos, como o de Florentino, Araújo e Albuquerque (2007) e Freitas et al. (2012). Rondon Neto et al. (2004), estudando quintais agroflorestais no município de Teixeira Soares-PR, relataram que a distribuição de plantas nos quintais segue considerável nível de organização, onde o plantio de frutíferas, ornamentais e florestais é realizado em áreas reservadas para esse fim, utilizando-se espaçamento padronizado.

Em relação às formas de uso das espécies encontradas nas unidades produtivas estudadas, foram citadas 15 categorias, conforme descrito na Tabela 4. Os informantes classificaram cada espécie em no mínimo uma dessas categorias (TABELA 5). O número de espécies citadas por categoria de uso nos espaços domésticos de cada unidade produtiva de São João da Várzea pode ser visualizado na Tabela 6.

Tabela 4 – Descrição das categorias de uso das plantas citadas por informantes de São João da Várzea, Mossoró-RN.

Categoria de uso	Descrição
Alimentação	Plantas usadas na alimentação humana.
Artesanato	Plantas usadas para a confecção de artesanato.
Comércio	Plantas que possuem ao menos uma de suas partes comercializadas.
Cosmético	Plantas usadas como cosméticos ou na produção destes.
Energia	Plantas utilizadas para o fornecimento de lenha, carvão ou outra forma de combustível.
Forragem	Plantas usadas na alimentação animal.
Medicinal	Plantas utilizadas para fins terapêuticos.
Místico	Plantas usadas em algum ritual ou no tratamento de problemas espirituais.
Nenhum	Plantas que foram consideradas por alguns informantes como sem uso algum.
Oleaginosa	Espécies usadas como óleo para alguma finalidade.
Ornamental	Plantas utilizadas na ornamentação de casas e jardins.
Repelente	Plantas utilizadas como defensivos naturais ou na produção destes.
Sombra	Plantas mantidas e usadas para fornecer sombra ao ambiente.
Tecnológico	Espécies utilizadas na construção de habitações e locais de trabalho, confecção de ferramentas, equipamentos, móveis e utensílios domésticos.
Tóxico	Plantas que possuem algum efeito tóxico para humanos e/ou animais.

Tabela 5 – Número de espécies, de uso e de unidades produtivas e suas respectivas porcentagens, por categorias de uso, citadas por informantes de São João da Várzea, Mossoró-RN. UP= Unidades produtivas.

Categoria de uso	Nº citação espécie	% Espécie	Nº citação uso	% Citação uso	Nº UP	% UP
Medicinal	57	18,9	170	20,1	21	12,1
Ornamental	54	17,9	125	14,8	16	9,2
Alimentação	52	17,3	199	23,5	22	12,7
Sombra	49	16,3	150	17,7	22	12,7
Forragem	35	11,6	70	8,3	17	9,8
Tecnológico	23	7,6	55	6,5	19	11,0
Energia	10	3,3	21	2,5	8	4,6
Nenhum	5	1,7	14	1,7	11	6,4
Oleaginosa	4	1,3	6	0,7	4	2,3
Tóxico	4	1,3	10	1,2	7	4,0
Artesanato	2	0,7	5	0,6	5	2,9
Comércio	2	0,7	2	0,2	2	1,2
Cosmético	2	0,7	10	1,2	9	5,2
Mística	1	0,3	8	0,9	8	4,6
Repelente	1	0,3	2	0,2	2	1,2
TOTAL	301	100	847	100	173	100

Tabela 6 - Número de espécies citadas por categoria de uso nos espaços domésticos de cada unidade produtiva de São João da Várzea, Mossoró-RN. Cód.= Código; UP= Unidades produtivas; NCC= Número de categorias citadas; TC= Total de citações; Categoria de uso: A= Alimentação; B= Artesanato; C= Comércio; D= Cosmético; E= Energia; F= Forragem; G= Medicinal; H= Mística; I= “Nenhum”; J= Oleaginosa; K= Ornamental; L= Repelente; M= Sombra; N= Tecnológico; O= Tóxico.

UPs	Uso															NCC
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	
UP1	17	1	-	-	-	1	11	1	2	1	24	-	17	1	-	10
UP2	4	-	-	1	2	-	8	1	1	-	1	-	3	4	2	10
UP3	5	-	-	-	1	-	7	1	2	-	4	-	4	-	-	7
UP4	10	-	1	-	-	-	7	-	-	-	2	-	2	2	-	6
UP5	6	-	-	-	-	3	7	-	-	-	16	1	3	3	-	7
UP6	14	-	-	1	3	3	20	1	-	-	13	-	9	2	1	10
UP7	3	-	-	-	3	1	2	-	-	-	-	-	5	5	1	7
UP8	6	-	-	-	-	12	8	-	1	1	12	-	3	3	-	8
UP9	22	-	1	-	-	7	20	-	-	2	7	-	7	2	-	8
UP10	5	-	-	1	-	1	3	-	-	-	5	1	6	-	-	7
UP11	16	1	-	1	6	6	17	-	-	-	-	-	10	7	1	9
UP12	19	-	-	1	-	3	11	1	1	2	4	-	17	6	-	10
UP13	12	-	-	-	-	9	1	-	1	-	-	-	10	1	-	6
UP14	14	-	-	-	-	2	6	1	-	-	4	-	5	1	-	7
UP15	4	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	3	2	-	4
UP16	3	1	-	1	-	2	4	-	-	-	3	-	3	2	2	9
UP17	8	-	-	1	3	1	12	-	1	-	5	-	8	3	-	9
UP18	5	-	-	-	-	-	3	-	1	-	-	-	5	3	1	6
UP19	7	-	-	1	1	11	5	-	-	-	-	-	11	4	2	8
UP20	7	1	-	2	2	2	10	1	2	-	12	-	9	3	-	11
UP21	5	-	-	-	-	3	2	-	1	-	3	-	6	-	-	6
UP22	7	1	-	-	-	-	6	1	1	-	10	-	4	1	-	8
TC	199	5	2	10	21	70	170	8	14	6	125	2	150	55	10	--

Verificou-se que das 154 espécies encontradas no estudo, 57 (18,9%) são utilizadas como medicinais, 54 (17,9%) como ornamentais, 52 (17,3%) como alimentícias, 49 (16,3%) para sombra e 35 (11,6%) como forragem. As plantas medicinais também se destacaram em estudo realizado em quintais de uma comunidade rural de Caraúbas-RN (MORAIS, 2011) e em quintais urbanos de Rosário Oeste-MT (GUARIM NETO; AMARAL, 2010). Segundo Guarim Neto e Amaral (2010), os estudos em quintais, sejam eles urbanos ou rurais, demonstram que o uso popular das plantas para fins medicinais é grande e quase sempre em números comparáveis às plantas utilizadas para a finalidade alimentar, com destaque também para as plantas ornamentais, especialmente em quintais urbanos. Esses recursos são os principais componentes dos quintais estudados em outros trabalhos, embora não sigam a mesma ordem de representatividade (CARNIELLO et al., 2010; FLORENTINO; ARAÚJO; ALBUQUERQUE, 2007; FREITAS, 2009; MOURA; ANDRADE, 2007; PASA; NEVES; ALCANTARA, 2008; RONDON NETO et al., 2004; ROSA et al., 2007).

De acordo com os resultados do levantamento etnobotânico, percebe-se que todas as espécies presentes nas unidades produtivas foram consideradas úteis, sendo que 51,3% delas foram citadas para mais de uma finalidade, ao passo que 48,7% para um único uso. Freitas (2009), estudando quintais em São Miguel-RN, encontraram alta diversidade de espécies, porém apenas 37,6% foram citadas para múltiplos usos. Florentino, Araújo e Albuquerque (2007) também verificaram que poucas espécies são utilizadas para mais de uma finalidade em quintais de Caruaru-PE. No presente estudo, o coqueiro (*Cocos nucifera* L.) apresentou-se como a espécie mais versátil, sendo utilizada como alimentícia, medicinal, oleaginosa, ornamental, tecnológica e para artesanato e sombra, abrangendo sete categorias de uso. As espécies classificadas na categoria “Nenhum” por alguns informantes tiveram usos diversos atribuídos por outros informantes, conforme Tabela 7.

Tabela 7 - Espécies citadas na categoria de uso “Nenhum”, unidades produtivas destas citações e outros usos citados por outros informantes de São João da Várzea, Mossoró-RN. UP= Unidades produtivas; A= “Forragem”; B= “Medicinal”; C= “Tecnológico”; D= “Tóxico”; E= “Ornamental”; F= “Sombra”.

Espécie	Etnoespécie	Citação “Nenhum”	Nº UP “Nenhum”	Outros usos
<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton	Flor de seda	UP1, UP3, UP22	3	A, B, C, D
<i>Cryptostegia grandiflora</i> R. Br.	Unha do cão	UP1, UP8, UP12, UP17, UP20, UP21	6	E, F, D
<i>Croton campestris</i> A. St. Hil.	Velame	UP3, UP18, UP20	3	A, B, C
<i>Senna uniflora</i> (Mill.) H.S. Irwin & Barneby	Mata pasto	UP2	1	A
<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Xanana	UP13	1	B, E

Apesar de se tentar instigar os informantes a descrever todos os possíveis usos das plantas encontradas nas unidades produtivas, verificou-se que alguns deles não possuíam conhecimento sobre o uso de algumas delas, o que sugere que os usos dessas espécies não são difundidos em toda a comunidade. Em alguns casos, além de não ser citado o uso, foram atribuídas características e descrições negativas referentes à planta, como presenciado em várias oportunidades sobre a unha do cão (*Cryptostegia grandiflora* R. Br.), provavelmente devido ao caráter invasor dessa espécie.

Aquilo é uma porcaria, não vale nada, só serve pra destruir planta. Mas também ele é um mato assassino, ele destrói as plantas. Onde ele nascer, assim muito, ele acaba com as plantas que tem, mata mesmo. Aquela florzinha roxa dele é pegajosa, aquilo é perigoso até uma criança pegar um pingão de leite daquele na boca, aquele bicho é venenoso. (L. M. S., 60 anos, UP16).

De acordo com Lorenzi e Souza (2008), a unha do cão (*Cryptostegia grandiflora* R. Br.) é um arbusto escandente, sublenhoso, muito ramificado, lactescente, muito rústico, estando hoje naturalizado em muitas regiões do Nordeste do país. Conforme informações do Instituto Hórus (2013), esta planta possui como ambientes naturais o semiárido, principalmente em áreas próximas a cursos de água e sujeitas à inundações. Possui como área de distribuição o Sudoeste de Madagascar, mas foi introduzida no Brasil para fins ornamentais.

No Brasil, assim como em outros países, como Austrália, México e Estados Unidos, a unha do cão (*Cryptostegia grandiflora* R. Br.) é considerada uma espécie invasora, integrando a lista de plantas consideradas potencialmente invasoras na Caatinga (CAVALCANTE; MAJOR, 2006). Também está inserida na lista de espécies da rede temática sobre espécies exóticas invasoras I3N do Instituto Hórus de Desenvolvimento e Conservação Ambiental, por sua vez ligada à Rede Interamericana de Informação sobre Biodiversidade (IABIN), criada por decisão dos países que integram o continente americano (INSTITUTO HÓRUS, 2013).

A espécie tem seu impacto ecológico associado ao seu desenvolvimento sobre as copas de árvores nativas, impedindo a passagem de luz e levando-as à morte por sombreamento excessivo, pelo peso de sua cobertura, por asfixia, quando os ramos se enrolam ao redor dos troncos ou pela redução da intensidade luminosa que limita ou até anula a regeneração natural (LEÃO et al., 2011). De acordo com Silva e Cavalcante (2009), esta espécie apresenta caráter agressivo e competitivo em relação à caranaubeira (*Copernicia prunifera* (Mill.) H.E.Moore). Segundo D'Ávila (2007), no Ceará, a unha do cão (*Cryptostegia grandiflora* R. Br.) é a principal praga que ameaça a carnaubeira (*Copernicia prunifera*) e toda a biodiversidade das plantas aluviais, pois a fitoinvasora se alastra com facilidade ao longo dos rios e riachos, sufocando as carnaúbas e demais árvores, afugentando animais silvestres e dificultando o acesso de pessoas.

Na medida em que os informantes relatavam as formas de uso de cada espécie, eram anotadas as partes das plantas utilizadas. Quando se tratava de espécies utilizadas para sombra ou como ornamentais, verificou-se dificuldade para separar as partes utilizadas, sendo considerada, então, a categoria “Toda a planta”.

Para os demais usos, os informantes citaram 11 partes vegetais, a saber: bulbo, casca, caule, flor, fruto, látex, pseudocaule, pseudofruto, raiz e semente. Desta forma, a categoria “Toda a planta” foi a mais representativa, tendo 98 espécies citadas (31%), 273 citações de uso (32,3%) e aparecendo nas 22 unidades produtivas estudadas. Em seguida, destacaram-se a folha, o fruto e o caule, conforme Tabela 8. Essa predominância de citações de utilização de “Toda a planta” deve-se provavelmente à relação entre esta categoria e a presença de plantas ornamentais e utilizadas para sombra nas unidades produtivas estudadas, de vez que existe dificuldade em separar em partes estas citações de uso.

Tabela 8 - Número e percentagem de espécies, número e percentagem de uso e número e percentagem de unidades produtivas por partes de plantas utilizadas por informantes de São João da Várzea, Mossoró-RN. UP= Unidades produtivas.

Parte da planta	Nº Espécie	% Espécie	Nº Citação de uso	% Citação de uso	Nº UP	% UP
Bulbo	2	0,6	2	0,2	1	0,6
Casca	11	3,5	26	3,1	12	7,6
Caule	46	14,6	93	11,0	18	11,5
Flor	20	6,3	38	4,5	17	10,8
Folha	57	18,0	148	17,5	22	14,0
Fruto	56	17,7	198	23,4	22	14,0
Látex	6	1,9	15	1,8	11	7,0
Pseudocaule	1	0,3	1	0,1	1	0,6
Pseudofruto	1	0,3	4	0,5	4	2,5
Raiz	5	1,6	11	1,3	8	5,1
Semente	13	4,1	37	4,4	19	12,1
Toda a planta	98	31,0	273	32,3	22	14,0
TOTAL	316	100	846	100	157	100

3.5 USO E CULTIVO DE PLANTAS MEDICINAIS NAS UNIDADES PRODUTIVAS

No levantamento etnobotânico, constatou-se que das 22 unidades produtivas, em apenas uma (UP15) não foram citadas plantas de uso medicinal pelo informante e sua idade pode ser um dos fatores que influenciaram essa ausência, de vez que esse informante foi o mais jovem de todos os entrevistados, com 23 anos. Siviero et al. (2012) verificaram correlação direta entre o fator idade e a riqueza de espécies medicinais cultivadas em quintais urbanos de Rio Branco-AC, mostrando que pessoas mais idosas tendem a conservar as práticas da medicina popular tradicional, cujo conhecimento relativo ao uso de plantas é geralmente expresso no cultivo das espécies na residência.

Silva e Proença (2008) observaram que a maior proporção de informantes que têm o hábito de cultivar espécies medicinais pertence às faixas etárias superiores a 54 anos. Amaral e Guarim Neto (2008) relataram que informantes mais idosos possuem maior informação sobre o uso de plantas medicinais. Já Mosca e Loiola (2009) verificaram que as pessoas mais idosas detêm o conhecimento etnobotânico e com raras exceções os mais jovens demonstram interesse em assimilar as informações sobre as espécies e as suas diferentes formas de utilização. Assim, em 21 unidades produtivas foram citadas 57 espécies com propriedades medicinais, representando 37% do total de espécies encontradas nas unidades produtivas estudadas (TABELA 9).

Tabela 9 - Espécies presentes em espaços domésticos citadas para fins medicinais por informantes das unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN. PU= Parte utilizada: A= Bulbo; B= Casca; C= Caule; D= Flor; E= Folha; F= Fruto; G= Látex; H= Pseudofruto; i= Raiz; J= Semente. NC= Número de citações. Cultivo: s= solo; v= vaso. NP= Número de plantas. NIT= Número de indicação terapêutica. NCIT= Número de citação de indicação terapêutica. FU= Forma de uso: A= *In natura*; B= Suco; C= Lambedor; D= Compressa; E= Decocção; F= Maceração; G= Infusão; H= Óleo. OP= Origem da planta: a= Espontânea; b= Doadada; c= estaca própria; d= semente própria; e= coletada. UP= Unidades produtivas.

Família/Espécie	Etnoespécie	PU (NC)	Cultivo	NP	Indicação terapêutica	NIT	NCIT	FU (NC)	OP (NC)	Ocorrência (UPs)	Nº UP
AMARANTHACEAE											
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	C, D, E (3)	s	5	Dor nos ossos; dor nos peitos; "Colar ossos"; gripe; inflamação; verme; dor no estômago; úlceras.	8	9	A, B, C, D, E (5)	a, b (2)	UP3, UP4, UP7, UP9	4
AMARYLLIDACEAE											
<i>Allium cepa</i> L.	Cebola de cabeça	A (1)	s	1	Gripe.	1	1	F (1)	c (1)	UP11	1
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	A (1)	s	1	Crise de garganta.	1	1	C, E (2)	c (1)	UP11	1

...continua...

TABELA 9, Cont.

ANACARDIACEAE

<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	B, H (2)	s	2	Inflamação; ferimento; gripe.	3	5	B, E (2)	a, d (2)	UP8, UP9	2
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	B (1)	s	2	Ferimento; inflamação; bronquite; cicatrizante.	3	5	A, C, E (3)	a (1)	UP11, UP19	2

APOCYNACEAE

<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Pereiro	B (1)	s	3	Piolho em animais; piolho em caprinos.	1	2	E (1)	a (1)	UP6, UP11	2
<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton	Rosa cera	G (1)	s	4	Dor de dente; verruga.	2	2	A (1)	a (1)	UP8	1
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don.	Boa noite, bom dia	D (1)	s	26	Ferida na boca; garganta inflamada.	2	2	G (1)	b (1)	UP6	1

...continua...

TABELA 9, Cont.

ARECACEAE

<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	F, J (2)	s	75	Dor de barriga; vômito; diarreia; gripe; falta de apetite; tosse; garganta; privação; dor de ouvido; fraqueza; dor no estômago; dor na garganta; febre; "tiriça"; inflamação intestinal; dor de cabeça; disenteria.	15	40	A, E, H (3)	a, b, d (3)	UP1, UP2, UP3, UP4, UP6, UP9, UP11, UP12, UP16, UP17, UP20, UP22	12
--------------------------	----------	----------	---	----	---	----	----	-------------	-------------	--	----

141 **ASPHODELACEAE**

<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	E (1)	s	4	Retirar sinal; cicatrizante; Inflamação; hemorroida; ferimentos; piolhos; câncer; estimulante; anti-inflamatório.	7	10	A, C (2)	b (1)	UP1, UP2, UP6	3
--------------------------------	--------	-------	---	---	---	---	----	----------	-------	---------------	---

BORAGINACEAE

<i>Heliotropium indicum</i> (L.) DC	Fedegoso	C, D, E (3)	s	3	Inflamação.	1	1	C, E (2)	a (1)	UP17	1
-------------------------------------	----------	-------------	---	---	-------------	---	---	----------	-------	------	---

...continua...

TABELA 9, Cont.

BRASSICACEAE

<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	Agrião	D, E (2)	c	1	Garganta inflamada; rouquidão.	2	2	A, G (2)	b (1)	UP20	1
-------------------------------------	--------	----------	---	---	-----------------------------------	---	---	-------------	-------	------	---

BROMELIACEAE

<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	F (1)	c	2	Tosse; gripe mal curada.	2	2	F (1)	c (1)	UP10	1
----------------------------------	---------	-------	---	---	--------------------------	---	---	-------	-------	------	---

CARICACEAE

<i>Carica papaya</i> L.	Mamoeiro, mamão	D, F, G, J (4)	s	27	Comida que faz mal; gripe; privação; verme; bronquite; “prisão de ventre”; intestino privado.	6	8	A, C, E (3)	a, d (2)	UP6, UP9, UP14, UP17	4
-------------------------	--------------------	-------------------	---	----	---	---	---	----------------	----------	----------------------------	---

COMBRETACEAE

<i>Combretum leprosum</i> Mart.	Mofumbo	B, F, I (3)	s	5	Dor de apendicite; pneumonia; tosse.	3	3	A, C, E (3)	a (1)	UP2, UP6	2
---------------------------------	---------	----------------	---	---	---	---	---	----------------	-------	----------	---

CONVOLVULACEAE

<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	Salsa	C, D, E (3)	s	1	Lepra; coceira; ferida.	2	2	E (1)	a (1)	UP6	1
--	-------	----------------	---	---	-------------------------	---	---	-------	-------	-----	---

...continua...

TABELA 9, Cont.

COSTACEAE

<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	--	E (1)	s	18	Pedra nos rins.	1	1	G (1)	b (1)	UP1	1
---------------------------------------	----	-------	---	----	-----------------	---	---	-------	-------	-----	---

CRASSULACEAE

<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Corama	C, E (2)	s, c	3	“Enfermidade”; “Dor nas urinas”; dor; gripe; inflamação; febre.	6	6	A, C, E (3)	b (1)	UP5, UP6	2
---	--------	----------	------	---	---	---	---	-------------	-------	----------	---

<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Malvarisca, corama	C, E (2)	s, c	2	Gripe; febre; inflamação.	3	4	C, E (2)	b (1)	UP6, UP9	2
--	--------------------	----------	------	---	---------------------------	---	---	----------	-------	----------	---

143 **CUCURBITACEAE**

<i>Cucurbita pepo</i> L.	Jerimum	C (1)	s	2	Cólica de recém nascido; cólica de umbigo.	1	1	E (1)	d (1)	UP11	1
--------------------------	---------	-------	---	---	--	---	---	-------	-------	------	---

<i>Momordica charantia</i> L.	Melão Caetano	E, F (2)	s	4	Germes vaginais; reumatismo; piolho em animais.	3	5	A, D, F (3)	a (1)	UP2, UP6, UP8	3
-------------------------------	---------------	----------	---	---	---	---	---	-------------	-------	---------------	---

EUPHORBIACEAE

<i>Croton campestris</i> A. St. Hil.	Velame	G (1)	s	71	“Impinge”.	1	4	A (1)	a (1)	UP9, UP11, UP16, UP19	4
--------------------------------------	--------	-------	---	----	------------	---	---	-------	-------	-----------------------	---

...continua...

TABELA 9, Cont.

	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	E, G (2)	s	41	Dor de cabeça; trombose; AVC.	2	3	A, D, E (3)	a (1)	UP6, UP20, UP22	3
	<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Pinhão	G (1)	s	7	“Estancar sangue”; carrapato de cachorro; veneno de cobra; verruca.	4	4	A (1)	a (1)	UP11, UP12	2
	FABACEA- CAESALPINIOIDEAE											
	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Jucá	B, F (2)	s	2	Cicatrizante.	1	1	E (1)	a (1)	UP14	1
144	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira	D (1)	s	33	Febre; dor; início de gripe; gripe; “peito cerrado”; tosse; bronquite; verme.	6	10	C, E (2)	a (1)	UP2, UP3, UP11, UP19, UP20	5
	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarina	F (1)	s	1	Diabetes; colesterol.	2	2	F (1)	b (1)	UP12	1
	FABACEA-MIMOSOIDEAE											
	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	Jurema	B (1)	s	2	Feridas.	1	1	A (1)	a (1)	UP12	1

...continua...

TABELA 9, Cont.

LAMIACEAE

<i>Mentha arvensis</i> L.	Hortelã, hortelã pimenta	C, D, E (3)	c	6	Dor de cabeça; Gastrite; febre; dor de barriga.	5	6	G (1)	b (1)	UP5, UP9, UP17	3
<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã, hortelã roxo, hortelã pimenta	C, D, E (3)	c	8	Dor de cabeça; gripe; febre; pneumonia; bronquite; gastrite; dor de barriga.	8	16	C, D, E, G (4)	b, c (2)	UP5, UP6, UP11, UP12, UP17	5
<i>Mentha X villosa</i> Huds.	Hortelã	E (1)	s, c	6	Dor de cabeça; gripe; AVC.	3	4	G (1)	b, c (2)	UP1, UP20	2
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriçã	C, D, E (3)	s	3	Dor de ouvido; "tiriça".	2	2	A, E (2)	b (1)	UP17	1
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Louro	C, D, E (3)	s	4	Dor de barriga; má digestão; diurético; digestivo; dor no estômago.	4	6	E (1)	c (1)	UP11, UP12	2
<i>Origanum majorana</i> L.	Manjerona	C, D, E (3)	s	3	“Estalecido”.	1	1	E (1)	a (1)	UP7	1

...continua...

TABELA 9, Cont.

<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Malva, corama	C, E (2)	s, c	7	Gripe; dor de cabeça; comida que faz mal.	3	9	C, E (2)	b (1)	UP1, UP5, UP6, UP8, UP20, UP22	6
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	E (1)	s	1	Dor de cabeça.	1	1	G (1)	b (1)	UP3	1
<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	Dipirona	E (1)	c	1	Dor; febre.	2	2	G (1)	b (1)	UP1	1
LAURACEAE											
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	J (1)	s	4	Dor nos rins; problema nos rins.	1	2	E, G (2)	b, d (2)	UP1, UP20	2
LYTHRACEAE											
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	F, J (2)	s	8	Inflamação do ovário; inflamação de garganta; inflamações gerais.	3	9	A, C, E, F (4)	b, d (2)	UP4, UP6, UP9, UP13, UP14, UP21, UP22	7

...continua...

TABELA 9, Cont.

MALPIGHIACEAE

<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	F (1)	s	44	Gripe; digestivo; anemia; "fastio".	5	12	A, B, C (3)	b, d (2)	UP2, UP3, UP4, UP6, UP9, UP12, UP17, UP22	8
----------------------------	---------	-------	---	----	--	---	----	----------------	----------	---	---

MALVACEAE

<i>Pseudobombax marginatum</i> (A. St.-Hil., Juss. & Camb.) A. Robyns	Embiratanha	B (1)	s	1	“Dor nas costas”; dor de dente.	2	2	F (1)	e (1)	UP8	1
---	-------------	-------	---	---	---------------------------------	---	---	-------	-------	-----	---

MUSACEAE

<i>Musa</i> sp.	Bananeira	F (1)	s	3	Privação; ossos.	2	2	A (1)	b, c (2)	UP9	1
-----------------	-----------	-------	---	---	------------------	---	---	-------	----------	-----	---

MYRTACEAE

<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba, goiabeira	E, F (2)	s	25	Diarreia; dor de barriga; disenteria; para regular intestino; comida que fez mal.	2	13	E, G (2)	a, b, d (3)	UP2, UP3, UP5, UP6, UP8, UP9, UP14, UP17, UP18, UP19, UP20, UP21, UP22	13
---------------------------	----------------------	----------	---	----	--	---	----	-------------	----------------	--	----

TABELA 9, Cont.

OLACACEAE

<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa	B (1)	s	2	Cicatrizante de ferimentos.	1	1	E (1)	a (1)	UP11	1
-----------------------------	--------	-------	---	---	-----------------------------	---	---	-------	-------	------	---

PASSIFLORACEAE

<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Xanana	D, E, I (3)	s	12	“Estourar tumor”; dor na garganta; tosse; gripe; coqueluche; disenteria.	6	8	A, C, D, E (4)	a (1)	UP8, UP9, UP14, UP16	4
-----------------------------	--------	-------------	---	----	--	---	---	----------------	-------	----------------------	---

PHYLLANTHACEAE

148 <i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	I (1)	s	9	Problema nos rins; “infecção nas urinas”; pedra nos rins.	2	5	E, F, G (3)	a (1)	UP2, UP5, UP9, UP10	4
----------------------------------	--------------	-------	---	---	---	---	---	-------------	-------	---------------------	---

PLANTAGINACEAE

<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	I (1)	s	69	Gripe; “cansaço”; asma.	2	5	C, E (2)	a (1)	UP9, UP17, UP18	3
---------------------------	-------------	-------	---	----	-------------------------	---	---	----------	-------	-----------------	---

POACEAE

<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo	E (1)	s	5	Dor de barriga; inflamação; gripe; “cansaço”; calmante.	6	7	E, G (2)	b (1)	UP1, UP4, UP6, UP9	4
--	-------------	-------	---	---	---	---	---	----------	-------	--------------------	---

...continua...

TABELA 9, Cont.

RHAMNACEAE

<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	B, C, E (3)	s	15	Coceira; feridas na cabeça; mau hálito; caspa; dor de barriga; asma; tratamento de dente; gripe.	8	12	A, C, E, F (4)	a (1)	UP6, UP8, UP9, UP11, UP12, UP16, UP17, UP20	8
--------------------------------	----------	----------------	---	----	--	---	----	----------------------	-------	--	---

RUBIACEAE

<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	F (1)	s, c	5	Diabetes; colesterol; infecções; inflamações.	3	12	B (1)	b (1)	UP5, UP9, UP14, UP20	4
<i>Tocoyena guianensis</i> K. Schum.	Jenipapo	B (1)	s	3	“Colar osso”; fratura.	1	2	D (1)	a (1)	UP11, UP17	2

RUTACEAE

<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja	E, F (2)	s	4	Insônia; calmante; dor de barriga; problema no intestino; intestino privado; "bucho inchado".	4	5	A, E, G (3)	b, d (2)	UP1, UP9, UP12	3
------------------------------------	---------	----------	---	---	---	---	---	----------------	----------	-------------------	---

...continua...

TABELA 9, Cont.

<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão	E, F (2)	s	14	Dor na garganta; gripe; garganta inflamada; dor de barriga; anemia; enjoo; asma; para emagrecer; dentes; tosse.	9	14	A, B, C, E (4)	b, d (2)	UP1, UP4, UP6, UP9, UP12, UP17, UP18, UP19	8
-------------------------------------	-------	----------	---	----	---	---	----	----------------	----------	--	---

SAPOTACEAE

<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T. D. Penn.	Quixabeira	B (1)	s	2	Inflamação; pancada; ferida; bronquite; inflamação de útero.	5	6	F (1)	a (1)	UP9, UP11	2
---	------------	-------	---	---	--	---	---	-------	-------	-----------	---

150 **SOLANACEAE**

<i>Solanum melongena</i> L.	Berinjela	F (1)	s	1	Colesterol alto.	1	1	B (1)	a (1)	UP11	1
-----------------------------	-----------	-------	---	---	------------------	---	---	-------	-------	------	---

VERBENACEAE

<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	Cidreira, erva cidreira	C, D, E (3)	s	6	Dor de barriga; “moleza no corpo”; má digestão; “pressão alta”; calmante; vômito; insônia.	6	12	E, G (2)	a, b, c, e (4)	UP3, UP4, UP6, UP10, UP11, UP12	6
---	-------------------------	-------------	---	---	--	---	----	----------	----------------	---------------------------------	---

ZINGIBERACEAE

<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burtt & R. M. Sm.	Coluna, colônia	E (1)	s	32	“Dor na coluna”.	1	1	G (1)		UP1	1
---	-----------------	-------	---	----	------------------	---	---	-------	--	-----	---

As espécies citadas pertencem a 37 famílias botânicas, abrangendo um total de 651 plantas (TABELA 10). A família botânica Lamiaceae apresentou o maior número de espécies medicinais, com 9 espécies, sendo representada por hortelã, hortelã pimenta (*Mentha arvensis* L.), hortelã, hortelã roxo, hortelã pimenta (*Mentha X piperita* L.), hortelã (*Mentha X villosa* Huds.), manjerição (*Ocimum basilicum* L.), louro (*Ocimum gratissimum* L.), manjerona (*Origanum majorana* L.), malva, corama, courama (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.), boldo (*Plectranthus barbatus* Andrews) e dipirona (*Plectranthus neochilus* Schltr.). Resultados semelhantes foram encontrados em outros estudos etnobotânicos (BARROS, 2007; FREITAS et al., 2012; MOSCA; LOIOLA, 2009; PAULINO et al., 2012; PINTO; AMOROZO; FURLAN, 2006; TEIXEIRA; MELO, 2006).

A representatividade da família Lamiaceae deve-se provavelmente à adaptabilidade das espécies a diferentes condições edafoclimáticas e facilidade de cultivo destas espécies, além do reconhecimento difundido de suas propriedades medicinais. A família Lamiaceae possui aproximadamente 4.000 espécies distribuídas em 220 gêneros, cujas espécies são representadas em geral por ervas, subarbustos ou arbustos e encontram-se distribuídas em quase todas as regiões do globo, especialmente na região do Mediterrâneo e Ásia central (ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2002). Segundo Severiano et al. (2010), estas espécies se desenvolvem bem em *hábitats* livres, abertos, declives secos e pedregosos e cumes de montanhas ensolaradas.

O fato de esta família ser constituída em sua maioria por espécies herbáceas facilita seu cultivo em espaços domésticos, ampliando sua utilização. Por serem efêmeras, sazonais e de crescimento rápido, as espécies herbáceas tendem a investir em compostos bioativos de baixo peso molecular ao invés de desenvolver sistemas de defesas estruturais metabolicamente imóveis e de alto gasto energético, constituindo importante fonte de remédios (STEPP; MOERMAN, 2001). Segundo Taiz e Zeiger (2003), estes compostos, conhecidos como metabólitos secundários, são substâncias orgânicas produzidas pelas plantas que não apresentam função direta no seu crescimento e desenvolvimento, apresentando distribuição restrita no reino vegetal. Os mesmos autores afirmam que, devido à toxicidade, estes

compostos atuam na defesa da planta contra a herbivoria e o ataque de micro-organismos.

Tabela 10 - Número de famílias botânicas, espécies e plantas de uso medicinal encontradas nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN. Cód.= Código; UP= Unidades produtivas.

Cód.	Nº famílias	Nº espécies	Nº plantas
UP1	8	11	67
UP2	8	8	37
UP3	7	7	18
UP4	7	7	9
UP5	5	7	12
UP6	17	20	79
UP7	2	2	4
UP8	8	8	14
UP9	19	20	53
UP10	3	3	6
UP11	14	17	58
UP12	9	11	46
UP13	1	1	1
UP14	6	6	11
UP15	0	0	0
UP16	4	4	11
UP17	10	12	56
UP18	3	3	39
UP19	5	5	76
UP20	9	10	39
UP21	2	2	2
UP22	6	6	13
TOTAL			651

Nesse contexto, a Lamiaceae possui vários representantes com propriedades terapêuticas comprovadas (MOSCA; LOIOLA, 2009). As espécies desta família acumulam substâncias com grande diversidade estrutural, tais como esteroides, flavonoides, iridoides e terpenoides, incluindo os triterpenos pentacíclicos (ESEQUIVEL et al., 1996). De acordo com Mariutti e Bragagnolo (2007), a maioria de suas espécies apresenta propriedades medicinais devido à presença de flavonoides, alcaloides, taninos e compostos fenólicos, como o ácido rosmarínico e o ácido cafeíco, os quais, dentre outras propriedades, são antioxidantes. Há evidências de que a seleção de plantas para uso medicinal não é feita ao acaso e que famílias botânicas com compostos bioativos tendem a ser mais bem representadas nas farmacopeias populares (MOERMAN; ESTABROOK, 2003).

Outras famílias botânicas que se também destacaram no estudo foram Apocynaceae (3 spp.), Euphorbiaceae (3 spp.), Fabacea Caesalpinoideae (3 spp.), Amaryllidaceae (2 spp.), Anacardiaceae (2 spp.), Crassulaceae (2 spp.), Cucurbitaceae (2 spp.), Rubiaceae (2 spp.) e Rutaceae (2 spp.). As demais famílias identificadas foram representadas por apenas uma espécie cada (FIGURA 7).

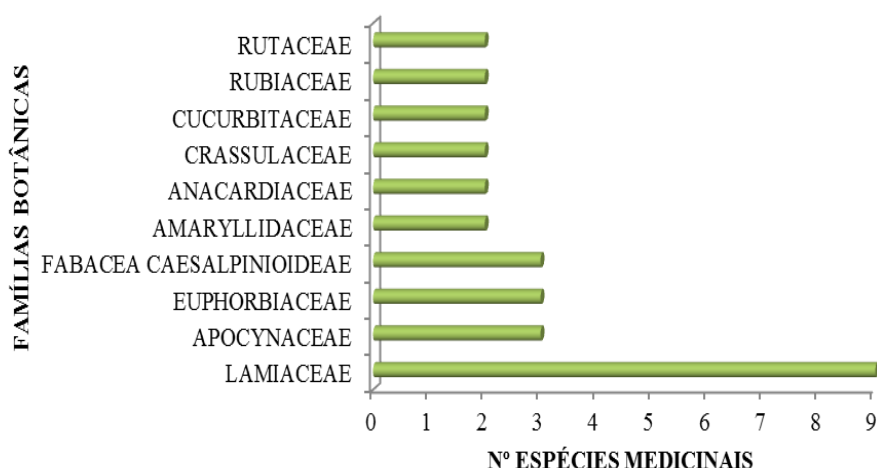


Figura 7- Famílias botânicas mais representativas em espécies medicinais encontradas nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.

As duas espécies com maior frequência de ocorrência foram a goiabeira (*Psidium guajava* L.) e o coqueiro (*Cocos nucifera* L.), presentes em 13 (59%) e 12 (55%) unidades produtivas, respectivamente (FIGURA 8). A predominância dessas espécies deve-se provavelmente ao fato de elas também serem utilizadas na alimentação, constituindo incremento da dieta familiar. Por outro lado, estudos conduzidos no Sul do país mostraram outro padrão de frequência de espécies medicinais nestes espaços. Rondon Neto et al. (2004), estudando quintais agroflorestais no município de Teixeira Soares-PR, verificaram que as espécies de maior frequência foram *Cymbopogon citratus* Stapf e *Pneumus boldus* Molina. Em Imaruí, Santa Catarina, Costantin (2005) observou que na maioria dos quintais as plantas medicinais apresentaram papel de destaque, sendo a hortelã (*Mentha* spp.), o boldo (*Vernonia* spp.) e o capim cidreira (*Cymbopogom* spp.) as espécies mais comuns.

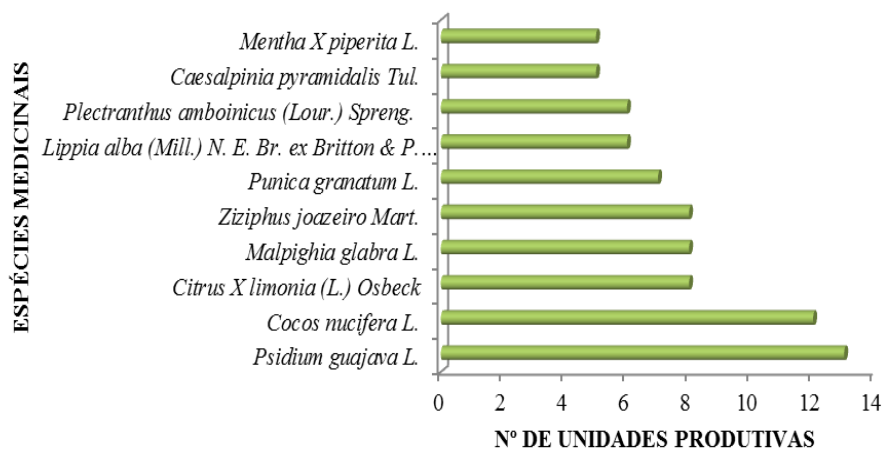


Figura 8 – Frequência de espécies medicinais nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.

O coqueiro (*Cocos nucifera* L.) também se destacou entre as espécies medicinais com o maior número indivíduos, 75 plantas, seguido do velame (*Croton campestris* A. St. Hil.), com 71 plantas (FIGURA 9). Vale salientar que a abundância de todas as espécies citadas como medicinais se refere apenas à quantidade de plantas presente nas unidades produtivas onde estas foram citadas como medicinais, desprezando-se as presentes nas unidades produtivas em que os informantes não as citaram para este fim.

Considerando-se a nomenclatura das plantas medicinais encontradas nos espaços domésticos, verificou-se que a espécie *Costus spiralis* (Jacq.) Roscoe, ocorrida em apenas uma unidade produtiva (UP1), não foi reconhecida por nome vernacular. Já entre as espécies *Mentha arvensis* L., *Mentha X piperita* L. e *Mentha X villosa* Huds., pertencentes à família Lamiaceae, observou-se grande sinonímia, sendo todas denominadas hortelã, e as duas primeiras, hortelã pimenta. Sinonímia de termos vernaculares também ocorreu entre as espécies *Kalanchoe brasiliensis* Cambess. e *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng., sendo ambas denominadas corama, mas nesse caso envolveu famílias diferentes, Crassulaceae e Lamiaceae, respectivamente.

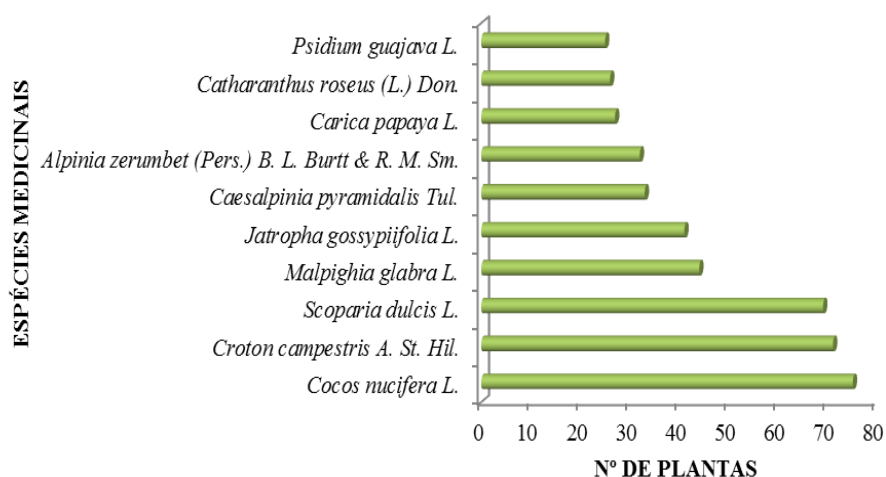


Figura 9 – Espécies medicinais mais abundantes nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.

Embora as diferenças entre essas espécies sejam reconhecidas pelos informantes por meio de critérios envolvendo características físicas ou propriedades organolépticas, como cor, odor e textura, este fato remete à problemática da identificação destas plantas, já que o mesmo nome vernacular pode ser usado para mais de uma espécie e uma espécie pode receber mais de um nome vernacular. Esta problemática torna-se ainda mais grave quando se refere a plantas medicinais, já que os princípios ativos de cada uma apresentarão diferenças que causam efeitos diversos (SILVA, 2002).

Outro aspecto observado foi a intrínseca relação entre os nomes vernaculares de algumas espécies e suas características, sugerindo a existência de um sistema de classificação e nomenclatura tradicional das plantas. Estas associações de nomes funcionam como estratégias para facilitar o reconhecimento das plantas no ambiente e a transmissão de conhecimento sobre estas espécies pelos informantes a outras pessoas. Neste sentido, algumas espécies foram denominadas segundo critérios utilizados pelos próprios informantes, realizando analogias às características físicas; às propriedades organolépticas, como cor, sabor e odor; aos usos mais comuns da planta; às indicações terapêuticas conhecidas e aos medicamentos alopáticos de efeitos semelhantes (TABELA 11). Este último caso foi evidenciado com a etnoespécie dipirona (*Plectranthus neochilus* Schltr.), onde a informante associou esse nome à semelhança das indicações terapêuticas da planta com as do medicamento Dipirona sódica.

Silva e Guarim Neto (2012) afirmaram que algumas espécies recebem nomes iguais aos de medicamentos alopáticos devido à similaridade dos efeitos proporcionados por eles, como foi observado por estes autores em Cuiabá-MT para o caso do anador, novalgina e vique. Costa (2002), estudando aspectos etnobotânicos do trabalho com plantas medicinais realizado por curandeiros em Iporanga-SP, também constatou a semelhança de plantas denominadas doril, penicilina e estomalina com os respectivos medicamentos de uso consagrado e aceito popularmente. Ritter et al. (2002), estudando plantas usadas como medicinais no município de Ipê-RS, destacaram que nomes comerciais de

medicamentos, como anador, infalivina, melhoral e penicilina, foram informados como nomes populares de plantas.

Tabela 11 - Critérios de nomenclatura de plantas medicinais encontradas nos espaços domésticos de São João da Várzea, Mossoró-RN.

Critério de nomenclatura	Etnoespécie	Espécie	Unidade Produtiva
Analogia a características físicas	Cebola de cabeça	<i>Allium cepa</i> L.	UP11
	Rosa cera	<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton	UP8
Indicação terapêutica conhecida	Coluna	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burtt & R. M. Sm.	UP1
	Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	UP2, UP5, UP9, UP10
Medicamento alopático de efeito semelhante	Dipirona	<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	UP1
Propriedade organoléptica (cor)	Pinhão roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	UP6, UP20, UP22
	Hortelã roxo	<i>Mentha X piperita</i> L.	UP5
Propriedade organoléptica (odor)	Colônia	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burtt & R. M. Sm.	UP1
	Catingueira	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	UP2, UP3, UP11, UP19, UP20
Propriedade organoléptica (sabor)	Hortelã pimenta	<i>Mentha arvensis</i> L.	UP5, UP17
	Hortelã pimenta	<i>Mentha X piperita</i> L.	UP5, UP18
Uso mais comum da planta	Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	UP9, UP17, UP18

De acordo com Oliveira, Barros e Moita Neto (2010), o estudo do emprego popular de plantas medicinais é uma ferramenta importante na descoberta de novos fármacos, visto que o uso e a permanência de determinadas plantas dentro de uma comunidade sugerem que ela possua real eficácia. A atribuição de nomes de remédios alopáticos às plantas medicinais indica a similaridade química destas plantas com os medicamentos sintéticos (MARTINS; SENNA-VALLE; PEREIRA, 2005), corroborando a necessidade de estudos químicos e farmacológicos para a comprovação dos efeitos medicinais destas espécies.

Em fevereiro de 2009, o Ministério da Saúde divulgou a Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS) onde constam 71 plantas medicinais que apresentam potencial para gerar produtos de interesse ao Sistema Único de Saúde. A finalidade da RENISUS é orientar estudos e pesquisas que possam subsidiar a elaboração da lista de plantas medicinais e fitoterápicos a ser disponibilizados para uso da população, com segurança e eficácia para o tratamento de determinada doença (BRASIL, 2013).

Das 57 espécies citadas como medicinais pelos informantes, 18 (31,6%) encontram-se na RENISUS, são elas: *Allium sativum* L., *Aloe vera* (L.) Burm. f., *Alpinia zerumbet* (Pers.) B. L. Burtt & R. M. Sm., *Anacardium occidentale* L., *Ananas comosus* (L.) Merr., *Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Oken., *Caesalpinia ferrea* Mart., *Chenopodium ambrosioides* L., *Jatropha gossypifolia* L., *Mentha X piperita* L., *Mentha X villosa* Huds., *Momordica charantia* L., *Ocimum gratissimum* L., *Persea americana* Mill., *Phyllanthus niruri* L., *Plectranthus barbatus* Andrews, *Psidium guajava* L. e *Punica granatum* L.

Giraldi e Hanzaki (2010), estudando o uso e o conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão (em Florianópolis-SC), constataram que das 114 espécies citadas como medicinais, apenas 23 (20%) foram encontradas na RENISUS. Estes resultados demonstram a importância de estudos etnobotânicos na divulgação de espécies utilizadas em diferentes regiões com potencial para serem incluídas na RENISUS.

Quanto às espécies medicinais encontradas nos espaços domésticos estudados, o Índice de diversidade de Shannon-Wiener (H') na base 10 foi de 1,62

décits/indivíduo e na base e , 3,73 nats/indivíduos. Esses valores são considerados baixos se comparados aos de outras pesquisas etnobotânicas, como a de Paulino et al. (2012), que, estudando as plantas medicinais da Caatinga e de quintais utilizadas no Sítio do Góis (Apodi-RN), encontraram valores de $H' = 2,59$. Pilla, Amorozo e Furlan (2006) verificaram índice de 4,07 na Base e quando estudaram a obtenção e uso de plantas medicinais em Martim Francisco, Mogi-Mirim-SP.

Cunha e Bortolotto (2011), em trabalho sobre a etnobotânica de plantas medicinais no Assentamento Monjolinho em Anastácio-MS, verificaram alta diversidade de usos das espécies, com $H' = 5,03$, refletindo a disponibilidade de recursos vegetais nativos e cultivados e a familiaridade da população com estes recursos. Pinto, Amorozo e Furlan (2006), por sua vez, obtiveram índice de Shannon-Wiener, na base 10, de 1,83 quando estudaram o conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica em Itacaré-BA. Essa baixa diversidade encontrada deve-se possivelmente ao fato de nesse trabalho abordar apenas as plantas medicinais presentes nos espaços domésticos, ao passo que os demais trabalhos citados abrangeram plantas medicinais encontradas em outros ambientes, sobretudo em áreas de vegetação nativa.

A maioria das espécies (71,9%) possui mais de uma indicação terapêutica, destacando-se o coqueiro (*Cocos nucifera* L.), que teve 40 citações de indicação terapêutica, tendo seu uso associado ao tratamento de 15 afecções, a saber: dor de barriga, vômito, diarreia, gripe, falta de apetite, tosse, garganta, privação, dor de ouvido, fraqueza, dor no estômago, dor na garganta, febre, "tiriça", inflamação intestinal, dor de cabeça, disenteria. Os 12 informantes que citaram o coqueiro (*Cocos nucifera* L.) como medicinal associaram a essa planta outros usos, como alimentação (100%), artesanato (34%), sombra (25%), tecnológico (25%) e ornamental (17%). Para utilização como medicinal, foram citadas três formas de preparo e uso, com destaque para o consumo *in natura* (água de coco) e na forma de óleo, ambas com 7 indicações. O uso por meio da decocção foi relatado apenas por um dos informantes. Em várias oportunidades, os informantes atribuíram à água de coco a propriedade de soro, não sendo relatada contraindicação.

A água serve de soro. Quando a gente tá doente, só o que toma é água de coco, é forte a água de coco. É forte e usa ela como soro. Pra qualquer doença, pra qualquer doença, gripe, febre, fraqueza, as vezes assim, a dor de barriga [...] Até a água de coco é igualmente a soro, salgado como soro. (L. P. S, 57 anos, UP9).

O coco é pra tudo, é pra óleo, é pra tapioca, é pra doce, pra bolo, pra tudo, né? Pra um bocado de utilidade. A água é soro, quando não tem o soro pra aplicar, a gente dá água de coco. A maior parte é pra febre, infecção intestinal. [...] O óleo do coco é pra garganta, também pra untar o cabelo, assim, quando você tá com dor de cabeça, usa o óleo pra passar a dor de cabeça, pra cansaço também, a pessoa cansada gosta de passar, assim, nos peitos, passa na cabeça também pra “afrochar” a gripe, quando a pessoa tá com a gripe muito forte. [...] Até pra dor de ouvido, usa também. [...] Até a casca dele é pra “tiraça”, você faz o banho pra banhar a criança que tem “tiraça” e é em primeiro lugar. [...] Pega, cozinha o bago do coco, dá o banho, e também, se você quiser, pega aquele chá, coloca na geladeira e fica dando pro bebê. Não tem “tiraça” que se aguento, vai embora mesmo. [...] A palha usa pra fazer vassoura, o palito dela. Agora a folha mesmo, aqui só fica aí, se acaba aí, aí vira adubo, né? E serve também pra fazer, assim, sombra, latada pra animais, de primeiro até pra gente, né? Hoje em dia não faz mais, palhoça, essas coisas, hoje em dia são tudo modernos. (L. M. S, 60 anos, UP16).

Em outros estudos etnobotânicos, o coqueiro (*Cocos nucifera* L.) também foi considerada espécie medicinal. Em São Miguel-RN, seu consumo *in natura* foi indicado para dor de barriga, vômito, gripe e diarreia (FREITAS et al., 2012). As mesmas indicações foram observadas por Moraes (2011) em Caraúbas-RN. Em Apodi-RN, Paulino et al. (2012) verificaram que o óleo do coco é utilizado como cicatrizante. Carneiro (2009), em revisão a respeito das espécies de uso medicinal na Região Centro Oeste do Brasil, verificou que o coqueiro (*Cocos nucifera* L.) foi citado por vários autores como tratamento para tuberculose, hemorroidas, rins, infecção urinária, úlcera, infecção nos rins, verme, disenteria, anemia e derrame, seja utilizando-se o fruto ou a flor.

Embora nenhum exemplar de gergelim (*Sesamum indicum* L.) tenha sido encontrado nos espaços domésticos das 22 unidades produtivas estudadas, três

informantes fizeram relatos sobre a utilização dessa espécie como medicinal, atribuindo ao seu uso a recuperação de problemas sérios de saúde, envolvendo o sistema locomotor. O uso da expressão “abaixo de Deus” presente nos relatos abaixo reflete a religiosidade dos informantes e a fé no poder de cura das plantas medicinais.

O gergelim é bom pra reumatismo, você passa o óleo das sementes nas “juntas” e bebe um pouquinho. (M. M. C. P., 63 anos).

A minha doença que eu tive com dois anos de idade, que eu fiquei numa cama só bulindo o pescoço, abaixo de Deus quem me curou foi o gergelim. Uma compressa que minha madrinha fez junto com mamãe nas minhas pernas foi que eu voltei a andar. Abaixo de Deus foi o gergelim. (M. N. S., 47 anos, UP7).

Eu tive um AVC forte mesmo, eu tive todas as coisas, mas você sabe qual foi o meu melhor médico abaixo de Deus e o meu melhor remédio? Gergelim, o leite do gergelim com hortelã. Não existe medicina melhor de que o leite de gergelim com hortelã. (L. M. S., 60 anos, UP16).

De forma geral, o modo de administração que mais se destacou foi por via oral, sobretudo na forma de decocção, citada como alternativa ou única forma de preparo para 33 espécies medicinais (58%). Resultados semelhantes foram encontrados por Amoroza (2002), onde a administração via oral sob a forma de chá foi verificada para 124 espécies coletadas de ambientes diversos em Santo Antônio do Leverger-MT. A decocção também foi citada como a forma de preparo mais utilizada em outros estudos (PINTO; AMOROZO; FURLAN, 2006; SILVA; SABLAYROLLES, 2009; SIVIERO et al., 2012). Outras formas de preparo foram citadas para algumas espécies, como consumo *in natura*, suco, lambedor, compressa, maceração, infusão e óleo (FIGURA 10). O lambedor é uma preparação espessada com açúcar, sendo geralmente feita a partir de plantas usadas para problemas respiratórios, como tosse e bronquite (LORENZI; MATOS, 2002).

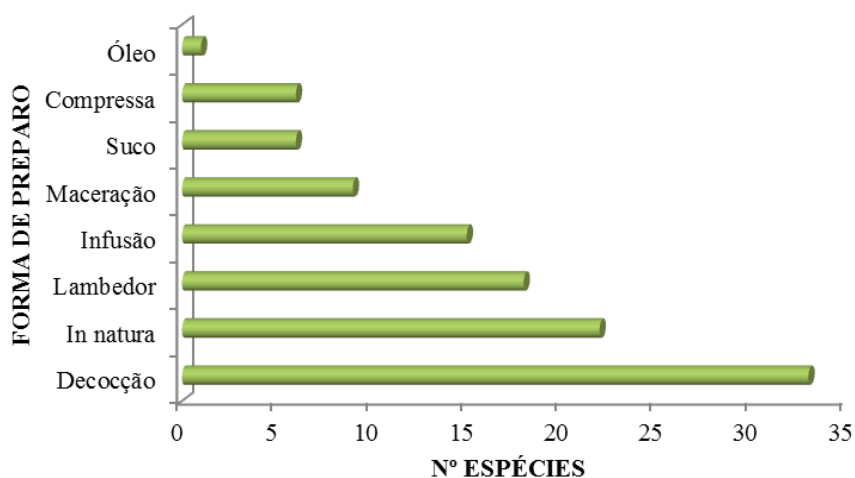


Figura 10 - Formas de preparo das espécies medicinais encontradas nas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN.

Dez partes vegetais foram mencionadas para uso medicinal (TABELA 12). Do total de preparações caseiras registradas, as folhas foram empregadas em 32,6% delas, seguidas dos frutos (20%), cascas (10,2%) e flores (10,2%). A maioria dos autores que trabalham com a etnobotânica de plantas medicinais também destaca a folha como a parte vegetal mais utilizada nessas preparações (AMOROSO, 2002; FREITAS et al., 2012; GUERRA et al., 2010; MOSCA; LOIOLA, 2009; PASA; SOARES; GUARIM NETO, 2005; PINTO; AMOROZO; FURLAN, 2006; SILVA, 2007; SILVA; SABLAYROLLES, 2009; SIVIERO et al., 2012).

Tabela 12 – Número e percentagem de espécies, número e percentagem de citação e número e percentagem de unidades produtivas por parte da planta medicinal utilizada por informantes de São João da Várzea, Mossoró-RN. UP= Unidades produtivas.

Parte da planta	Nº Espécie	% Espécie	Nº Citação	% Citação	Nº UP	% UP
Bulbo	2	2,1	2	0,9	1	1,1
Casca	11	11,3	22	10,2	10	10,8
Caule	14	14,4	19	8,8	6	6,5
Flor	14	14,4	22	10,2	10	10,8
Folha	27	27,8	70	32,6	19	20,4
Fruto	15	15,5	43	20,0	19	20,4
Látex	5	5,2	9	4,2	8	8,6
Pseudofruto	1	1,0	1	0,5	1	1,1
Raiz	4	4,1	9	4,2	6	6,5
Semente	4	4,1	18	8,4	13	14,0
TOTAL	97	100	215	100	93	100

Esta significativa maioria do uso de folhas deve-se provavelmente à frequente utilização de plantas medicinais herbáceas cultivadas em espaços domésticos pelas pessoas da comunidade, cujas folhas estão disponíveis durante o ano todo. Segundo Castellucci et al. (2000), o amplo uso das folhas no preparo de remédios caseiros pode estar relacionada à facilidade de colheita, de vez que estão disponíveis na maior parte do ano. Outros estudos alegam que a maioria das espécies vegetais tende a concentrar os princípios ativos nas folhas, fornecendo indicativo importante na estratégia de defesa contra herbivoria (STEPP, 2004), o que corrobora a importância do uso destas partes vegetais de plantas medicinais.

Das 57 espécies citadas como medicinais, apenas 10 (17,6%) tiveram alguma contraindicação expressa pelos informantes (TABELA 13). Esses resultados sugerem a falta de conhecimento dos entrevistados em relação aos possíveis riscos na utilização de plantas medicinais, de vez que podem conter substâncias tóxicas ou prejudiciais em determinadas situações. Entre as espécies que não tiveram contraindicações relatadas, estão o pinhão (*Jatropha mollissima* (Pohl) Baill.) e o pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), altamente tóxicas e que tiveram a ingestão do látex como indicação de uso. O consumo do látex de pinhão (*Jatropha mollissima* (Pohl) Baill.) também foi relatado por Roque, Rocha e Loiola (2010) em uma comunidade rural no município de Caicó-RN. Lorenzi e Matos (2002) relatam a ocorrência de substâncias com propriedades tóxicas no pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), devendo à sua administração oral ser desaconselhada.

Ritter et al. (2002) listaram algumas espécies com toxicidade estabelecida, dentre elas encontra-se o melão caetano (*Momordica charantia* L.), citado no presente estudo para uso externo. Os informantes indicaram seu uso por meio de compressas, para reumatismo; banhos e asseios, para germes vaginais e maceração de suas folhas, para banhos em animais, visando ao controle de ectoparasitas. Estas duas últimas indicações possuem referências no trabalho de Lorenzi e Matos (2002). Estes autores afirmam ainda que esta espécie, apesar de bastante utilizada na medicina popular, tem sua composição química e farmacológica pouco estudada no Brasil, embora tenha sido descoberta uma substância protéica de atividade imunodepressora em suas sementes. No entanto, as formas de uso encontradas neste trabalho diferem das encontradas por Silva e Guarim Neto (2012), quando ela foi indicada para infecções pulmonares e por Ritter et al. (2002) que foi citada para prevenção de gripe.

Tabela 13 - Contraindicações de espécies medicinais encontradas em espaços domésticos de São João da Várzea, Mossoró-RN.

Espécie	Etnoespécies	Contraindicação
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	Quem tem alergia; mulheres
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	Pessoas diabéticas
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Grávidas, hipertensos
<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão	Hipertenso por causa do sal; mulheres menstruadas
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Malvarisca, corama	Mulheres e crianças, porque pode dá câncer (“arde muito”)
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	Cidreira, erva cidreira	Recém-nascidos
<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã, hortelã roxo, hortelã pimenta	Gestantes
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	Mulheres gestantes ou próximo à menstruação; crianças pequenas
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Malva, corama, courama	Diabéticos por causa do açúcar; quem tem “pressão alta” ou gastrite
<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	Dipirona	Quem não pode tomar o medicamento dipirona

Em alguns casos, as contraindicações foram citadas pelos informantes como consequência da forma de preparo e não dos efeitos dos compostos da própria planta. Um exemplo foi encontrado para o limão (*Citrus X limonia* (L.) Osbeck), que teve o uso do sal associado em preparações utilizadas por 5 informantes (UP1, UP4, UP12, UP6 e UP17), para o tratamento de garganta inflamada, dor de barriga e tosse, sendo contraindicado para pessoas com hipertensão. Por motivo semelhante, o abacaxi (*Ananas comosus* (L.) Merr.) e a malva (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.) foram contraindicados para

pessoas diabéticas quando utilizadas sob a forma de lambedor devido à utilização de açúcar em sua preparação.

Apesar de a menor quantidade de espécies medicinais ser cultivada em vasos ou recipientes (16%), estas recebem cuidados adicionais, como, por exemplo, a utilização de adubação orgânica, cuidados com a drenagem do solo e disposição das plantas em locais sombreados. Esse cuidado com o sombreamento de algumas espécies também foi abordado por Florentino, Araújo e Albuquerque (2007) em estudo sobre quintais realizado em Caruaru-PE. Na maioria dos casos, essas plantas são cultivadas em locais próximos à cozinha, onde a mulher, principal responsável pelo manejo, tem acesso mais fácil e constante. Essa condição também foi verificada por outros autores (FLORENTINO; ARAÚJO; ALBUQUERQUE, 2007; FREITAS et al., 2012; LAMONT; ESHBAUGH; GREENBERG, 1999; MURRIETA; WINKLERPRINS, 2003; SIVIERO et al., 2012; WEZEL; BENDER, 2003).

Em relação à procedência do material de propagação das plantas medicinais existentes nas unidades produtivas, verificou-se que a maioria das espécies (29 spp.) nasceu espontaneamente ou foi doada (26 spp.) por familiares, vizinhos e amigos em geral (TABELA 9). Algumas fruteiras, como a goiabeira (*Psidium guajava* L.), a aceroleira (*Malpighia glabra* L.) e o mamoeiro (*Carica papaya* L.) nasceram em muitas unidades produtivas sem o plantio intencional do mantenedor dos espaços domésticos, mas foram mantidas após germinarem. Segundo esses mantenedores, as sementes foram jogadas no solo dos arredores da casa após o consumo dos frutos, elas germinaram e foram selecionadas as plantas que iam permanecer nos espaços domésticos.

Algumas espécies, porém, são infestantes, mas por possuir utilidade para a família, são toleradas e mantidas nos espaços domésticos, como é o caso da vassourinha (*Scoparia dulcis* L.), utilizada como medicinal e para confecção de vassouras. Alguns informantes relataram que durante o período chuvoso é comum a emergência de plantas medicinais espontaneamente, como o mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) e a manjerona (*Origanum majorana* L.), provavelmente por haver um banco de sementes no solo.

Às vezes ela nasce sozinha, por exemplo, o mamão a gente joga a semente lá, aí no inverno ela nasce sem botar água, a gente faz só arrancar um bocado e deixa só aquele limite e fica mantendo. [...] Quando nasce mamão macho, corta, deixa só um, é pequenininho, não presta não. [...] Esse ano não nasceu nenhum, só tem os do ano passado, porque não choveu. [...] Nasce muita planta sozinha, nasce mastruz, nasce mamão, nasce também manjerição, manjerona, são plantas cheirosas que o povo fala que é medicinal, tudo nasce sozinha [...] O manjerona geralmente dá nos terreiros e o manjerição ele já fica mais afastado, ele nasce depois da cerca, em pé de cerca, muito cheirosa a folha, a flor muito cheirosa também. (M. N. S., 47 anos, UP7).

A acerola às vezes aqui no inverno, devido ela ter tanto, aí ela fica seca aí no canto, aí quando chega o inverno, aí chove e ela nasce por conta própria, aí a gente pega e muda. [...] A goiaba quando é assim debaixo do pé, quando é no inverno nasce, acerola também nasce, o mamão. Eles tudo nasce só, mas devido já aos pés que a gente tem, né? Já cai as sementes no canto, aí a gente só faz manter pra crescer e mudar. O mastruz, nasce sozinho. [...] Quando chega a chuva, onde tiver uma semente daquela planta, seca já, aí nasce. Aí agora a planta que tá, que não pode ficar naquele canto, a gente arranca e bota noutro canto. (L. P. S., 57 anos, UP9).

A troca de sementes e mudas de plantas constitui prática bastante comum na comunidade, sendo dificilmente relatada a compra desse material, constituindo, portanto, importante meio de conservação de espécies e do conhecimento tradicional associado. Esta troca de espécies vegetais está diretamente associada à transmissão de conhecimento, principalmente a respeito de seu uso e cultivo. Esse fato também foi reportado em Santarém-PA (SILVA; SABLAYROLLES, 2009), em Rio Branco-AC (SIVIERO et al., 2012), em Cuiabá-MT (PASA; SOARES; GUARIM NETO, 2005) e em Natal e Santa Cruz-RN (MOSCA; LOIOLA, 2009).

Quando questionados sobre as doenças tratadas com as plantas, os informantes comumente citaram sintomas, sendo estes também considerados no estudo e apresentados na Tabela 14, utilizando-se os mesmos termos mencionados. Desta maneira, as indicações terapêuticas abrangem doenças propriamente ditas e alguns sintomas. Alguns trabalhos etnobotânicos também informam as doenças tal

como mencionadas durante as entrevistas, como os desenvolvidos por Amorozo e Gely (1988) e Freitas et al. (2012).

Tabela 14 - Doenças e sintomas citados, classificação conforme CID 10 e espécies encontradas nos espaços domésticos citadas para tratamento de doenças em São João da Várzea, Mossoró-RN. NE= Número de espécies por indicação terapêutica. UP= Unidades produtivas. NC= Número de citações por indicação terapêutica.

Indicação terapêutica	CID 10		Espécie	Etnoespécie	NE	Ocorrência (UPs)	NC
	Capítulo	Grupo					
Coqueluche	I	A30 - A49 - Outras doenças bacterianas	<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Xanana	1	UP9	1
Germes vaginais	I	A50 - A64 - Infecções de transmissão predominantemente sexual	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão Caetano	1	UP2	1
"Impinge"	I	B35 - B49 - Micoses	<i>Croton campestris</i> A. St. Hil.	Velame	1	UP9, UP11, UP16, UP19	4
Verme	I	A00 - A09 - Doenças infecciosas intestinais B65 - B83 - Helminthíases	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	3	UP7	4
			<i>Carica papaya</i> L.	Mamoeiro		UP9, UP17	
			<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira		UP11	
Verruga	I	B00 - B09 - Infecções virais caracterizadas por lesões de pele e mucosas	<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton	Rosa cera	2	UP8	2
	XVIII	R20 - R23 - Sintomas e sinais relativos à pele e ao tecido subcutâneo	<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Pinhão		UP12	

...continua...

TABELA 14, Cont.

Câncer	II	C00 - C97 - Neoplasias [tumores] malignas(os)	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	1	UP6	1
Anemia	III	D50 - D53 - Anemias nutricionais D55 - D59 - Anemias hemolíticas D60 - D64 - Anemias aplásticas e outras anemias	<i>Malpighia glabra</i> L. <i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Acerola Limão	2	UP6 UP6	2
"Estancar sangue"	III XVIII	D65 - D69 - Defeitos da coagulação, púrpura e outras afecções hemorrágicas R50 - R69 - Sintomas e sinais gerais	<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Pinhão	1	UP11	1
Colesterol, colesterol alto	IV	E70 - E90 - Distúrbios metabólicos	<i>Tamarindus indica</i> L. <i>Morinda citrifolia</i> L. <i>Solanum melongena</i> L.	Tamarina Noni Berinjela	3	UP12 UP5, UP9, UP14, UP20 UP11	6
Diabetes	IV	E10 - E14 - Diabetes mellitus	<i>Tamarindus indica</i> L. <i>Morinda citrifolia</i> L.	Tamarina Noni	2	UP12 UP5, UP9, UP14, UP20	5
Para emagrecer	IV	E65 - E68 - Obesidade e outras formas de hiperalimentação	<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão	1	UP9	1

...continua...

TABELA 14, Cont.

171	Falta de apetite, "fastio"	V	F50 - F59 - Síndromes comportamentais associadas a disfunções fisiológicas e a fatores físicos	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	2	UP4, UP6	3
				<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola		UP6	
	Calmente, insônia	V	F50 - F59 - Síndromes comportamentais associadas a disfunções fisiológicas e a fatores físicos	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo	3	UP9	4
		VI	G40 - G47 - Transtornos episódicos e paroxísticos	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja		UP1	
				<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	Cidreira		UP10, UP11	
	Dor de ouvido	VIII	H90 - H95 - Outros transtornos do ouvido	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	2	UP6, UP11, UP16	4
				<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição		UP17	
	"Pressão alta"	IX XVIII	I10 - I15 - Doenças hipertensivas R00 - R09 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho circulatório e respiratório	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	Cidreira	1	UP10	1
	Hemorroidas	IX	I80 - I89 - Doenças das veias, dos vasos linfáticos e dos gânglios linfáticos, não classificadas em outra parte	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	1	UP6	1

...continua...

TABELA 14, Cont.

172	Trombose, AVC	IX	I60 - I69 - Doenças cerebrovasculares	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	2	UP20, UP22	3
				<i>Mentha X villosa</i> Huds.	Hortelã		UP20	
	Asma, "cansaço"	X	J40-J47 - Doenças crônicas das vias aéreas inferiores	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	4	UP17, UP18	6
				<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo		UP9	
				<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro		UP11, UP16	
				<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão		UP6	
	Bronquite, "peito cerrado"	X	J20 - J22 - Outras infecções agudas das vias aéreas inferiores J40 - J47 - Doenças crônicas das vias aéreas inferiores	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	5	UP11	6
				<i>Carica papaya</i> L.	Mamoeiro		UP9	
				<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira		UP19, UP20	
				<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã roxo		UP11	
				<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T. D. Penn.	Quixabeira		UP11	

...continua...

TABELA 14, Cont.

Dor na garganta, inflamação de garganta, "crise de garganta"	X	J00 - J06 - Infecções agudas das vias aéreas superiores	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	7	UP11	20
	XVIII	R00 - R09 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho circulatório e respiratório	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don.	Boa noite, bom dia		UP6	
			<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro		UP4, UP6, UP9, UP11, UP12, UP16, UP20	
			<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	Agrião		UP20	
			<i>Punica granatum</i> L.	Romã		UP4, UP6, UP9, UP13, UP14, UP21	
			<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Xanana		UP8	
			<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão		UP1, UP4, UP12	
"Estalecido"	X	J00 - J06 - Infecções agudas das vias aéreas superiores	<i>Origanum majorana</i> L.	Manjerona	1	UP7	1

...continua...

TABELA 14, Cont.

Gripe, "gripe mal curada"	X	J09 - J18 - Influenza [gripe] e pneumonia	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	18	UP7, UP9	42
			<i>Allium cepa</i> L.	Cebola de cabeça		UP11	
			<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro		UP8, UP9	
			<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro		UP3, UP9, UP17, UP22	
			<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi		UP10	
			<i>Carica papaya</i> L.	Mamoeiro		UP9	
			<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Corama		UP6	
			<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Malvarisca		UP6, UP9	
			<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira		UP2, UP3, UP19, UP20	
			<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã roxo		UP6, UP11	
			<i>Mentha X villosa</i> Huds.	Hortelã		UP20	

			<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Malva		UP1, UP20, UP22	
			<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola		UP2, UP3, UP4, UP6, UP9, UP12, UP17, UP22	
			<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Xanana		UP9, UP16	
			<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha		UP9, UP17, UP18	
			<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo		UP9	
			<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro		UP17	
			<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão		UP4, UP9, UP18	
Pneumonia	X	J09 - J18 - Influenza [gripe] e pneumonia	<i>Combretum leprosum</i> Mart.	Mofumbo	2	UP2	2
			<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã roxo		UP11	

...continua...

TABELA 14, Cont.

"Roquidão"	X XVIII	J30 - J39 - Outras doenças das vias aéreas superiores R47 - R49 - Sintomas e sinais relativos à fala e à voz	<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	Agrião	1	UP20	1
Cólica de recém nascido, cólica de umbigo	XI XVIII	K40 - K46 - Hérnias R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Jerimum	1	UP11	1
Comida que faz mal, "bucho fofo", "bucho inchado", má digestão, digestivo	XI XVIII	K55 - K63 - Outras doenças dos intestinos R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	<i>Carica papaya</i> L. <i>Ocimum gratissimum</i> L. <i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng. <i>Malpighia glabra</i> L. <i>Psidium guajava</i> L. <i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck <i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	Mamoeiro Louro Malva Acerola Goiaba Laranja Cidreira	7	UP6 UP11, UP12 UP5, UP6, UP8 UP2 UP6 UP12 UP6, UP11, UP12	12

...continua...

TABELA 14, Cont.

Diarréia, disenteria, regular intestino, dor de barriga	XI XVIII	K55 - K63 - Outras doenças dos intestinos R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	11	UP1, UP2, UP4, UP9, UP20	30
			<i>Mentha arvensis</i> L.	Hortelã pimenta		UP17	
			<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã roxo		UP17	
			<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Louro		UP11, UP12	
			<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba		UP2, UP3, UP5, UP8, UP9, UP14, UP17, UP18, UP19, UP20, UP21, UP22	
			<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Xanana		UP14	
			<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo		UP1	
			<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro		UP9	
			<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja		UP9	
			<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão		UP6	

				<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	Cidreira		UP3, UP6, UP11, UP12	
Dor de apendicite	XI	K35 - K38 - Doenças do apêndice		<i>Combretum leprosum</i> Mart.	Mofumbo	1	UP2	1
Dor de dente, tratamento de dentes	XI	K00 - K14 - Doenças da cavidade oral, das glândulas salivares e dos maxilares		<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton	Rosa cera	4	UP8	5
				<i>Pseudobombax marginatum</i> (A. St.-Hil., Juss. & Camb.) A. Robyns	Embiratanha		UP8	
				<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro		UP12, UP20	
				<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão		UP12	
Gastrite	XI	K20 - K31 - Doenças do esôfago, do estômago e do duodeno		<i>Mentha arvensis</i> L.	Hortelã pimenta	2	UP17	2
				<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã roxo		UP17	
Inflamação intestinal	XI XVIII	K50 - K52 - Enterites e colites não-infecciosas K55 - K63 - Outras doenças dos intestinos R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome		<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	1	UP11, UP16	2

...continua...

TABELA 14, Cont.

Intestino privado, privação, problema no intestino	XI XVIII	K55 - K63 - Outras doenças dos intestinos R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	4	UP6	6
			<i>Carica papaya</i> L.	Mamoeiro		UP9, UP14	
			<i>Musa</i> sp.	Bananeira		UP9	
			<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja		UP9, UP12	
Mau hálito	XI	K00 - K14 - Doenças da cavidade oral, das glândulas salivares e dos maxilares	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	1	UP9	1
Úlcera	XI	K20 - K31 - Doenças do esôfago, do estômago e do duodeno K50 - K52 - Enterites e colites não-infecciosas	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	1	UP9	1
Caspa	XII	L20 - L30 - Dermatite e eczema	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	1	UP9, UP17, UP20	3
Coceira	XII	L20 - L30 - Dermatite e eczema	<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	Salsa	2	UP6	2
			<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro		UP6	

...continua...

TABELA 14, Cont.

Cicatrizante de ferimentos, 'enfermidade'	XII	L00 - L08 - Infecções da pele e do tecido subcutâneo	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	10	UP8	13
		L20 - L30 - Dermatite e eczema	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira		UP11, UP19	
			<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro		UP12	
			<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa		UP1, UP2, UP6	
			<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	Salsa		UP6	
			<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Corama		UP5	
			<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Jucá		UP14	
			<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	Jurema		UP12	
			<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa		UP11	
			<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T. D. Penn.	Quixabeira		UP9	

...continua...

TABELA 14, Cont.

Ferida na boca	XII	L00 - L08 - Infecções da pele e do tecido subcutâneo L20 - L30 - Dermatite e eczema	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don.	Boa noite, bom dia	1	UP6	1
Feridas na cabeça	XII	L00 - L08 - Infecções da pele e do tecido subcutâneo L20 - L30 - Dermatite e eczema	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	1	UP8	1
Dor na coluna, "dor nas costas"	XIII	M40 - M54 - Dorsopatias	<i>Pseudobombax marginatum</i> (A. St.-Hil., Juss. & Camb.) A. Robyns	Embiratanha	2	UP8	2
			<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burtt & R. M. Sm.	Coluna, colônia		UP1	
Dor nos ossos, fortalecer ossos	XIII	M80 - M94 - Osteopatias e condropatias M00 - M25 - Artropatias	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L. <i>Musa</i> sp.	Mastruz Bananeira	2 	UP3 UP9	2
Reumatismo	XIII	M00 - M25 - Artropatias	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão Caetano	1	UP6, UP8	2

...continua...

TABELA 14, Cont.

Dor nos rins, problema nos rins, "dor nas urinas", "infecção nas urinas", diurético	XIV	N10 - N16 - Doenças renais túbulo-intersticiais	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Corama	4	UP6	5
	XVIII	N25 - N29 - Outros transtornos do rim e do ureter					
		R30 - R39 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho urinário	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Louro		UP11	
			<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate		UP1, UP20	
			<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra		UP10	
Inflamação do ovário	XIV	N70 - N77 - Doenças inflamatórias dos órgãos pélvicos femininos	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	1	UP9	1
Inflamação de útero	XIV	N70 - N77 - Doenças inflamatórias dos órgãos pélvicos femininos	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T. D. Penn.	Quixabeira	1	UP11	1
Pedra nos rins	XIV	N20 - N23 - Calculose renal	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe		2	UP1	5
	XVIII	R30 - R39 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho urinário	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra		UP2, UP5, UP9, UP10	

...continua...

TABELA 14, Cont.

Dor	XVIII	R50 - R69 - Sintomas e sinais gerais	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Corama	6	UP6	8
			<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira		UP2	
			<i>Mentha arvensis</i> L.	Hortelã pimenta		UP9	
			<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã roxo		UP6, UP12	
			<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	Dipirona		UP1	
			<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.)Stapf	Capim santo		UP4, UP6	
Dor no estômago	XVIII	R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	3	UP9	3
			<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro		UP6	
			<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Louro		UP11	
Dor nos peitos	XVIII	R00 - R09 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho circulatório e respiratório	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	1	UP3	1

...continua...

TABELA 14, Cont.

Dor de cabeça	XVIII	R69 - Sintomas e sinais gerais	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	7	UP11, UP16	15
			<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo		UP6	
			<i>Mentha arvensis</i> L.	Hortelã pimenta		UP5, UP9	
			<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã roxo		UP5, UP6, UP11, UP12	
			<i>Mentha X villosa</i> Huds.	Hortelã		UP1, UP20	
			<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Malva		UP5, UP6, UP8	
			<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo		UP3	
Enjoo	XVIII	R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão	1	UP6	1
Estimulante	XVIII	R40 - R46 - Sintomas e sinais relativos à cognição, à percepção, ao estado emocional e ao comportamento	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	1	UP2	1

...continua...

TABELA 14, Cont.

"Estourar tumor"	XVIII	R20 - R23 - Sintomas e sinais relativos à pele e ao tecido subcutâneo	<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Xanana	1	UP8, UP16	2
Febre	XVIII	R50 - R69 - Sintomas e sinais gerais	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	8	UP9, UP11, UP16	13
			<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Corama		UP6	
			<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Malvarisca		UP6	
			<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira		UP2	
			<i>Mentha arvensis</i> L.	Hortelã pimenta		UP17	
			<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã roxo		UP6, UP11, UP12, UP13	
			<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	Dipirona		UP1	
			<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola		UP6	

...continua...

TABELA 14, Cont.

Inflamações gerais, infecções	XVIII	R50 - R69 - Sintomas e sinais gerais	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	11	UP7	19
			<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro		UP8, UP9	
			<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira		UP11, UP19	
			<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa		UP2, UP6	
			<i>Heliotropium indicum</i> (L.) DC	Fedegoso		UP17	
			<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Corama		UP6	
			<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Malvarisca		UP9	
			<i>Punica granatum</i> L.	Romã		UP6, UP22	
			<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo		UP6	
			<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni		UP5, UP9, UP14, UP20	
			<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T. D.	Quixabeira		UP9, UP11	

TABELA 14, Cont.

Fraqueza, "moleza no corpo"	XVIII	R40 - R46 - Sintomas e sinais relativos à cognição, à percepção, ao estado emocional e ao comportamento	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	2	UP6, UP9	3
			<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	Cidreira		UP4	
"Prisão de ventre"	XVIII	R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	<i>Carica papaya</i> L.	Mamoeiro	1	UP14	1
Retirar sinal	XVIII	R20 - R23 - Sintomas e sinais relativos à pele e ao tecido subcutâneo	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	1	UP1	1
"Tiriça"	XVIII	R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	2	UP11, UP16	3
			<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição		UP17	
Vômito	XVIII	R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	2	UP1, UP2, UP20	4
			<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	Cidreira		UP12	

...continua...

TABELA 14, Cont.

Tosse	XVIII	R00 - R09 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho circulatório e respiratório	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	6	UP4, UP17	8
			<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi		UP10	
			<i>Combretum leprosum</i> Mart.	Mofumbo		UP6	
			<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira		UP20	
			<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Xanana		UP9	
			<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão		UP17, UP19	
Fratura, "colar osso"	XIX	S40 - S49 - Traumatismos do ombro e do braço	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	2	UP7	3
		S50 - S59 - Traumatismos do cotovelo e do antebraço					
		S60 - S69 - Traumatismos do punho e da mão	<i>Tocoyena guianensis</i> K. Schum.	Jenipapo		UP11, UP17	
		S70 - S79 - Traumatismos do quadril e da coxa					
		S80 - S89 - Traumatismos do joelho e da perna					
		S90 - S99 - Traumatismos do tornozelo e do pé					
Pancada	XIX	T66 - T78 - Outros efeitos de causas externas e os não especificados	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T. D. Penn.	Quixabeira	1	UP9	1

...continua...

TABELA 14, Cont.

Veneno de cobra	XIX	T51 - T65 - Efeitos tóxicos de substâncias de origem predominantemente não-medicinal	<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Pinhão	1	UP11	1
Carrapato de cachorro	--	--	<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Pinhão	1	UP11	1
Piolhos	--	--	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	1	UP6	1
Piolho em animais	--	--	<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Pereiro	2	UP6, UP11	4
			<i>Momordica charantia</i> L.	Melão Caetano		UP6, UP8	

Os informantes citaram um total de 67 patologias que podem ser tratadas com espécies medicinais. O maior número de plantas medicinais foi indicado para o tratamento de gripe (18 spp.), disenteria (11 spp.), inflamações gerais (11 spp.) e como cicatrizante de ferimentos (10 spp.). A gripe e a disenteria também se destacaram como as indicações terapêuticas mais citadas durante as entrevistas, com 42 e 30 citações, respectivamente. Silva e Sablayrolles (2009), estudando as plantas medicinais utilizadas por colonos migrantes nordestino em Santarém-PA, constataram que dentre as indicações de uso a gripe, dores de barriga, indigestão, tosse, rouquidão foram as mais citadas. Mosca e Loiola (2009), em estudo sobre o uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, verificaram que várias espécies de plantas foram citadas para os mesmos grupos de doenças por sistemas corporais, sendo que o tratamento de gripe/garganta/ouvido foi o mais citado. Medeiros, Fonseca e Andreatta (2004) também encontraram o maior número de espécies para o tratamento da gripe, entre os moradores entrevistados em Mangaratiba-RJ.

O foco do trabalho é considerar os termos e descrições utilizados pelos informantes para designar as doenças e sintomas tratados com plantas medicinais, considerando-se a classificação empírica e subjetiva desenvolvida por cada um. Entretanto, resolveu-se padronizar as diversas denominações relacionadas a sintomas e doenças citados ao longo das entrevistas, visando à comparação da riqueza de informações e detalhes dos dois sistemas. Para tanto, resolveu-se agrupá-las e codificá-las de acordo com a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, também conhecida como Classificação Internacional de Doenças (CID 10) (OMS, 2007).

A CID 10 fornece códigos relativos à classificação de doenças e de uma grande variedade de sinais, sintomas, aspectos anormais, queixas, circunstâncias sociais e causas externas para ferimentos ou doenças (LEITE, 2011). A cada estado de saúde é atribuída uma categoria única à qual corresponde um código CID 10, abrangendo capítulos, grupos e categorias. Devido à especificidade das informações que se aplicam mais à área da medicina e da farmacologia e visando a evitar possíveis erros de classificação, as doenças e sintomas citados neste trabalho

foram codificados apenas em capítulos e grupos da CID 10. Os capítulos e os respectivos grupos que os compõem, bem como a ocorrência destes no presente trabalho encontram-se na Tabela 15.

O Capítulo XVIII se destacou como o que abrangeu o maior número de enfermidades, com 27 citações de doenças e sintomas. Estes resultados podem estar associados à abrangência deste capítulo ao permitir a codificação de sintomas e sinais não classificados em outros capítulos e à grande frequência de descrições de sintomas durante as entrevistas. Esses resultados também foram constatados por Silva, Dreveck e Zeni (2009), que estudaram plantas medicinais utilizadas por uma população rural no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí-SC.

Outro motivo que pode estar relacionado a essa predominância do Capítulo XVIII é o fato de que, para a maioria dos informantes, as plantas medicinais representam a primeira alternativa para tratamento dos sinais e sintomas iniciais da doença, só depois, caso não haja melhora no estado de saúde, os mesmos recorrem aos medicamentos da medicina convencional. Silva (2007), estudando o uso de plantas medicinais no município de Ouro Verde-GO, observou aspecto semelhante, onde para uma parcela da população as práticas populares constituem o único recurso de tratamento de uma parcela da população, sendo que “o paciente” só é levado a um posto de saúde quando ultrapassado determinado nível de tolerância ou ainda quando surge outro sintoma.

Eu costumo usar as plantas mais que remédios. uso primeiro os remédios medicinais e quando não vejo resultado, é que eu procuro os de farmácia. Anti-inflamatório é difícil a gente tomar, é mais os medicinais pra tratar dor de cabeça, essas coisas assim a gente usa mais as plantas, gripe também, a não ser que seja um caso muito grave. (D. D. S. S., 26 anos, UP10).

Tabela 15 – Capítulos e intervalos de Grupos, de acordo com a CID 10, das indicações terapêuticas tratadas com plantas medicinais em São João da Várzea, Mossoró-RN.

Capítulo	Descrição do Capítulo	Intervalo de grupos	Nº de ocorrência	Nº grupos citados
I	Algumas doenças infecciosas e parasitárias.	A00-B99	6	6
II	Neoplasias (tumores).	C00-D48	1	1
III	Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários.	D50-D89	4	4
IX	Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas.	E00-E90	3	3
V	Transtornos mentais e comportamentais.	F00-F99	2	1
VI	Doenças do sistema nervoso.	G00-G99	1	1
VII	Doenças do olho e anexos.	H00-H59	0	0
VIII	Doenças do ouvido e da apófise mastoide.	H60-H95	1	1
IX	Doenças do aparelho circulatório.	I00-I99	3	3
X	Doenças do aparelho respiratório.	J00-J99	8	5
XI	Doenças do aparelho digestivo.	K00-K93	12	6
XII	Doenças da pele e do tecido subcutâneo.	L00-L99	8	2
XIII	Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo.	M00-M99	4	3
XIV	Doenças do aparelho geniturinário.	N00-N99	5	4
XV	Gravidez, parto e puerpério.	O00-O99	0	0
XVI	Algumas afecções originadas no período perinatal.	P00-P96	0	0
XVII	Malformações congênitas, deformidades e anomalias cromossômicas.	Q00-Q99	0	0
XVIII	Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte.	R00-R99	27	7
XIX	Lesões, envenenamento e algumas outras consequências de causas externas.	S00-T98	8	8
XX	Causas externas de morbidade e de mortalidade.	V01-Y98	0	0
XXI	Fatores que influenciam o estado de saúde e o contato com os serviços de saúde.	Z00-Z99	0	0
XXII	Códigos para propósitos especiais.	U04-U99	0	0

Houve destaque também para doenças do aparelho digestivo (Capítulo XI), com 12 citações, seguidas pelas doenças do aparelho respiratório (Capítulo X), doenças da pele e do tecido subcutâneo (Capítulo XII) e lesões, envenenamento e algumas outras consequências de causas externas (Capítulo XIX), com 8 citações cada. Os grupos de doenças de acordo com a CID 10 que mais se destacaram encontram-se na Figura 11. Os demais grupos foram representados por apenas uma indicação terapêutica cada. Verificou-se predominância do Grupo R10-R19 (Capítulo XVIII), que compreende sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome, com 10 indicações terapêuticas. O fato de este grupo ser constituído de sintomas como vômito, dor no estômago, disenteria, dentre outros comuns a várias doenças, pode ter contribuído para sua maior ocorrência.

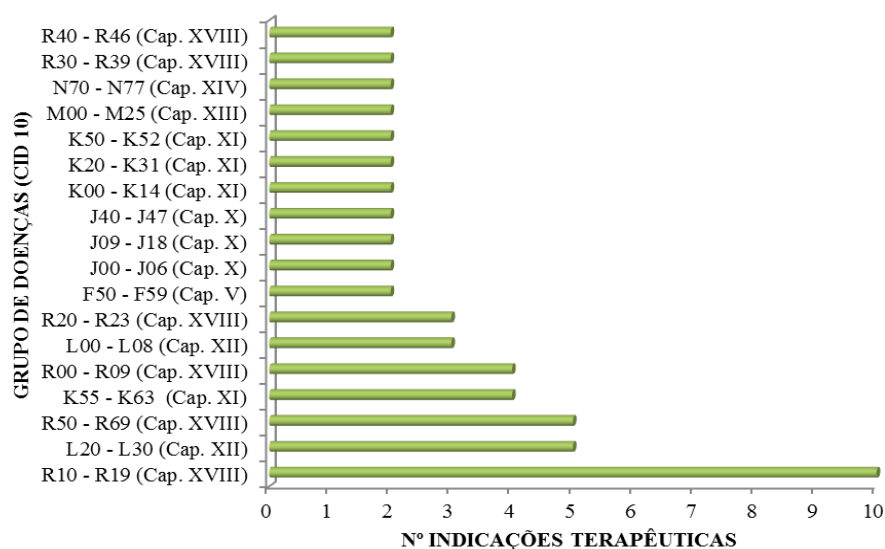


Figura 11- Número de indicações terapêuticas por Grupos de doenças (CID 10) citados por informantes de São João da Várzea, Mossoró-RN.

Durante as entrevistas, algumas espécies foram citadas para tratamento de ectoparasitas de mamíferos, como: babosa (*Aloe vera* (L.) Burm. f.) para piolhos em humanos; pereiro (*Aspidosperma pyrifolium* Mart.) e melão Caetano (*Momordica charantia* L.) para piolhos em animais; e pinhão (*Jatropha mollissima* (Pohl) Baill.) para carrapatos de animais. Nesses casos, não houve codificação de acordo com a CID 10. Embora a CID 10 seja considerada a classificação internacional padrão, listando diversas categorias de doenças, ela generaliza algumas informações, dificultando a identificação da categoria correta. Apesar de a CID 10 ser adequada a propósitos epidemiológicos gerais e administrativos da saúde (DI NUBILA; BUCHALLA, 2008), nem sempre ela permite a inclusão de detalhes suficientes para algumas especialidades, às vezes podendo ser necessária informação acerca de diferentes atributos das afecções classificadas (OMS, 2007). Além disso, a utilização da CID 10 exige conhecimento mais técnico e apurado da área médica e farmacológica, o que se torna uma dificuldade quando se trata de estudos etnobotânicos.

Ao tentar agrupar sintomas e doenças citados por informantes em estudos etnobotânicos, o pesquisador tende a sintetizar informações e adequá-las à classificação já padronizada da CID 10, enquadrando as citações dos informantes em categorias pré-estabelecidas e perdendo-se informações detalhadas a respeito das indicações terapêuticas e do sistema de classificação tradicional da comunidade estudada. Além disso, as categorias de doenças da CID 10 nem sempre compreendem as doenças e sintomas citados pelos informantes, podendo gerar erros e afetar o resultado final do trabalho.

Do total de doenças ou sintomas tratados com espécies medicinais encontradas nas unidades produtivas estudadas, 18 foram citadas pelos informantes conforme classificação tradicional. Esta classificação utiliza termos populares e regionalizados que apresentam correspondências com as categorias de doenças da medicina oficial, sendo necessária a descrição de informações detalhadas para que se possa codificá-las de acordo com a CID 10 (TABELA 16).

Tabela 16 – Descrição de doenças e sintomas, segundo classificação tradicional de informantes de São João da Várzea, Mossoró-RN.

Classificação tradicional	Descrição	Capítulo	Grupo
"Cansaço"	Dificuldade de respirar.	X	J40-J47 - Doenças crônicas das vias aéreas inferiores
"Bucho fofo"	Dificuldade na digestão de alimentos.	XI	K55 - K63 - Outras doenças dos intestinos
		XVIII	R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome
"Bucho inchado"	Má digestão.	XI	K55 - K63 - Outras doenças dos intestinos
		XVIII	R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome
"Colar osso"	Reconstrução do osso em caso de fratura.	XIX	S40 - S49 - Traumatismos do ombro e do braço S50 - S59 - Traumatismos do cotovelo e do antebraço S60 - S69 - Traumatismos do punho e da mão S70 - S79 - Traumatismos do quadril e da coxa S80 - S89 - Traumatismos do joelho e da perna S90 - S99 - Traumatismos do tornozelo e do pé
"Dor nas urinas"	Infecção urinária.	XIV	N10 - N16 - Doenças renais túbulo-intersticiais N25 - N29 - Outros transtornos do rim e do ureter
		XVIII	R30 - R39 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho urinário
"Enfermidade"	Ferimentos, feridas.	XII	L00 - L08 - Infecções da pele e do tecido subcutâneo L20 - L30 - Dermatite e eczema
"Estalecido"	Coriza, nariz escorrendo.	X	J00 - J06 - Infecções agudas das vias aéreas superiores

...continua...

TABELA 16, Cont.

"Estancar sangue"	Controlar a perda de sangue.	III XVIII	D65 - D69 - Defeitos da coagulação, púrpura e outras afecções hemorrágicas R50 - R69 - Sintomas e sinais gerais
"Estourar tumor"	Rompimento de pele de furúnculo.	XVIII	R20 - R23 - Sintomas e sinais relativos à pele e ao tecido subcutâneo
"Fastio"	Falta de apetite.	V	F50 - F59 - Síndromes comportamentais associadas a disfunções fisiológicas e a fatores físicos
"Impinge"	Doença dermatológica causada por infecção fúngica.	I	B35 - B49 - Micoses
"Infecção nas urinas"	Infecção urinária.	XIV XVIII	N10 - N16 - Doenças renais túbulo-intersticiais N25 - N29 - Outros transtornos do rim e do ureter R30 - R39 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho urinário
"Moleza no corpo"	Fraqueza, desânimo.	XVIII	R40 - R46 - Sintomas e sinais relativos à cognição, à percepção, ao estado emocional e ao comportamento
"Peito cerrado"	Desconforto no peito com ronco ou chiado.	X	J20 - J22 - Outras infecções agudas das vias aéreas inferiores J40 - J47 - Doenças crônicas das vias aéreas inferiores
"Pressão alta"	Hipertensão arterial.	IX XVIII	I10 - I15 - Doenças hipertensivas R00 - R09 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho circulatório e respiratório
"Prisão de ventre"	Constipação intestinal.	XVIII	R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome
"Tiriça"	Icterícia, coloração amarelada da pele e olhos.	XVIII	R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome
"Dor nas costas"	Dor lombar, na parte mais baixa da coluna.	XIII	M40 - M54 - Dorsopatias

Em estudos etnobotânicos, é comum obter-se informações sobre uso de plantas para o tratamento de doenças não reconhecidas pela medicina oficial. No presente trabalho, apenas o pinhão roxo ou pinhão de São Francisco (*Jatropha gossypifolia* L.) foi citada como espécie mística, sendo utilizada para proteção ou tratamento de “doenças culturais”. O termo “doenças culturais” refere-se às manifestações interpretadas como doenças e que não apresentam causa fundamentada cientificamente (PINTO; AMOROZO; FURLAN, 2006). Segundo Roque, Rocha e Loiola (2010), as doenças culturais são bastante populares em comunidades rurais e servem para explicar sintomas de outras doenças não identificadas pela população naquele momento específico.

Com um total de 73 plantas distribuídas em espaços como quintal, terreiro, terreiro da frente e oitão, o pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) foi encontrado em oito unidades produtivas. Esta espécie foi considerada útil para “dar sorte”, afastar inveja, “mau olhado”, “olho mau” e “olho gordo” por todos os informantes que mantinham essas plantas em seus espaços domésticos. Os informantes afirmaram que mantêm ao menos uma planta dessa espécie visando à proteção de suas residências contra fenômenos negativos. Essa é uma prática difundida em todo o Nordeste. Segundo Lorenzi e Matos (2002), o pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) é usado no nordeste do Brasil como planta mágica, que é plantada em frente das casas, evitando a entrada de males. São atribuídos poderes mágicos ao pinhão roxo, como proteção contra relâmpagos, cobras e contra a violência (FRANCIS, 2013). Embora não se tenha evidenciado a ocorrência de rezadeiras ou benzedadeiras entre os informantes, a maioria relacionou o uso do pinhão roxo à prática de rezar ou benzer pessoas acometidas por determinadas “doenças culturais”.

Considerando-se a pluralidade de usos das plantas, uma das formas que se podem destacar é a prática de utilização de plantas por rezadores, que em seus rituais de rezas e benzeduras associam o uso de um determinado vegetal a uma ação terapêutica nos processos ritualísticos da reza (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009). De acordo com Santos (2008), as rezadeiras ou benzedadeiras são mulheres que realizam benzeduras, acionando conhecimentos do catolicismo popular, súplicas e

rezas com o objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam sua ajuda. Segundo o autor, para compor o ritual de cura, as rezadeiras podem utilizar vários elementos, como ramos verdes, gestos em cruz feitos com a mão direita, agulha, linha, pano e reza. Essas pessoas não visam ao lucro financeiro e realizam a atividade afirmando ter um dom divino (SILVA, 2007).

Alguns informantes descreveram rituais que devem ser cumpridos metodicamente durante o preparo de algumas plantas para uso. Desta forma, mesmo que não tenha sido citada como planta mística, a hortelã (*Mentha arvensis* L., *Mentha X piperita* L. ou *Mentha X villosa* Huds.) teve seu uso associado ao caráter místico, de vez que a maioria dos informantes relatou que no momento do preparo as folhas não podem ser fervidas, pois isso pode causar a morte da planta de onde elas foram retiradas. O mesmo aspecto foi observado por Pasa, Neves e Alcantara (2008) em quintais de Rondonópolis-MT; porém com outra espécie: a arruda (*Ruta graveolens* L.).

Não pode cozinhar o hortelã porque mata o pé. Não sei porque, mas já aconteceu já, é verdade. Se você tem um pé de hortelã bem bonito, se você cozinhar o chá toda vida no fogo, ele seca, mata. [...] Eu tinha um pé que eu botava em cima da parede, o pé de hortelã era tão grande que ele descia assim, pela parede, era bonito, aí uma mulher toda vida que passava, levava, aí toda vida botava no fogo, aí matou o pezinho de hortelã. Ele seca, seca, seca, fica bem sequinho, aí eu não sei porque. Eu acho que é porque ele já vem feito pra ser só abafado. (L. P. S., 57 anos, UP9).

É interessante observar que em levantamento etnobotânico sobre o conhecimento e uso de plantas conduzido por Baldauf et al. (2009) na comunidade do Lami, situada na região sul de Porto Alegre-RS, a principal forma de utilização de plantas medicinais foi o chá e a maioria dos entrevistados ressaltou a importância de se preparar o chá sem ferver a planta, pois a fervura queimaria o “ser da erva”. Os autores atribuem essa prática ao conhecimento dos informantes acerca da possível perda de princípios ativos de diversas espécies durante o

processo de decocção; uma exceção seria o preparo de chás a partir de cascas ou raízes, onde seria possível ferver a planta por alguns minutos sem que ela perdesse as propriedades. Estas informações precisam de mais investigação, pois é possível que códigos que implicam no uso mais eficiente da planta estejam sendo passados por meio daquilo que em nossa cultura é denominado de “místico”.

Aspecto semelhante foi descrito para o uso do juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart.), onde, conforme relato de um informante, deve-se “tirar nove espumas”, ou seja, deve-se misturar e bater a raspa da casca com água até fazer espuma, então se retira a espuma e repete o processo por nove vezes para que enfim se possa preparar o lambedor. Esse mesmo processo foi descrito por Roque, Rocha e Loiola (2010), onde os entrevistados recomendaram a retirada de nove conchas de espumas no preparo do juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart.) para lavagem de queimaduras.

Quando se questionou sobre a transmissão do conhecimento de uso das plantas medicinais para outras pessoas, obteve-se resposta para apenas 42% das plantas, sendo os familiares os mais representativos, sobretudo os filhos. O relato de uma das informantes descreve a questão.

Já ensinei a muitas pessoas já. Já fiz também pra muita gente, pros filhos, pros amigos, qualquer pessoa que chegue falando da criança que tá assim, né? Eu ensino. (L. P. S., 57 anos, UP9).

Observou-se que o conhecimento acerca das plantas medicinais disponíveis em espaços domésticos, concentram-se geralmente em pessoas mais idosas ou mais experientes. A tendência de concentração de saberes tradicionais nas pessoas mais idosas implica em maior risco ao sistema terapêutico local, o que se deve principalmente ao fato de os jovens serem mais vulneráveis ao processo de aculturação, seja devido ao acesso cada vez mais fácil aos recursos e influências da medicina ocidental, seja devido à educação formal, na qual, segundo Amoroso (1996), se reduz consideravelmente o tempo de convívio dos jovens com os mais velhos e experientes. Phillips e Gentry (1993) sugerem que a aprendizagem sobre a

preparação de remédios caseiros é um processo complexo e defendem a ideia de que a aquisição de conhecimentos nesse domínio ocorre durante toda a vida.

Estes fatos contribuem para a desestruturação da rede de transmissão vertical de conhecimentos, e essa situação também foi observada por Lozada, Ladio e Weigandt (2006) e Silva (2007). Begossi (2000) salienta que a desestruturação da rede de transmissão vertical contribui para a diminuição da variabilidade cultural, podendo tornar as comunidades menos capazes de responder às mudanças, o que afeta a resiliência do sistema local. Resiliência pode ser entendida como a habilidade de um sistema em absorver ou resistir às perturbações e conforme o conhecimento acerca dos recursos naturais disponíveis na região é perdido, a resiliência tende a diminuir (BERKES; FOLKE, 1994).

Em São João da Várzea, apesar do esforço de alguns informantes em tentar transmitir seus conhecimentos sobre as plantas medicinais e seus usos, poucos jovens expressam interesse nesse aprendizado, como pode ser observado nos relatos abaixo.

É porque hoje em dia o pessoal só se lembra só de farmácia. Antigamente, do povo mais “véio”, o povo só se curava com remédio do mato. Era raiz de cansação, era casca de quixabeira, era tudo isso. Mas hoje em dia o povo só vai pra farmácia, farmácia, farmácia. Os de farmácia, os remédios já vem tudo de raiz. Mas o povo não acredita que o mato tá mais fácil, né? E é mais barato. [...] O povo não acredita, só acredita no da farmácia. (L. P. S., 57 anos, UP9).

É que tem gente que não gosta de tomar muita medicação caseira, hoje em dia a maior parte do povo é tudo... O povo diz assim: “não é que fulano é civilizado”, que civilizado, home? Civilizado? Esse povo quer tudo, tudo no mundo acha que é difícil, é isso, é aquilo, não entendem as coisas. Acha que o povo do mato não sabe de nada, a pessoa que mora no sítio, pessoa que sabe as coisas antigas, aí acha que aquilo ali é uma coisa que nunca passou, é inventado, é isso, é aquilo, a maior parte da juventude hoje tá assim. (L. M. S, 60 anos, UP16).

Hoje em dia, o pessoal não tem mais interesse por nada, o interesse desse povo de hoje é correr pra rua, pros médicos. Eles não têm interesse em fazer nenhum remédio em casa pra

poder ir pro médico só se aquele remédio caseiro não tiver jeito. (M. M. C. P., 63 anos, UP6).

Segundo os informantes, muitos jovens optam por diagnóstico médico e preferem uso de medicamentos alopáticos. Entretanto, após a maternidade ou paternidade, os mesmos demonstram mais interesse pelo assunto e passam a fazer uso de plantas medicinais no tratamento de doenças corriqueiras dos filhos. Comportamento semelhante foi relatado por Silva (2007) em estudo sobre as práticas terapêuticas exercidas por benzedeiras e curandeiras em Ouro verde de Goiás-GO. O sistema terapêutico da comunidade é um processo histórico vivido pelos moradores, observando-se que os jovens da comunidade não sabem fazer uso do recurso vegetal medicinal disponível na comunidade (BEGOSSI, 1996; FONTES; COELHO; FERNANDO, 2007).

4 CONCLUSÕES

As unidades produtivas estudadas são constituídas por espaços, dispostos e caracterizados conforme lógica e particularidades da família que os manejam. Os espaços domésticos, localizados nos arredores das residências, abrigam grande diversidade de espécies vegetais cultivadas ou toleradas visando à utilização para diferentes finalidades.

Os informantes possuem um conhecimento acumulado a respeito do uso e manejo das plantas para tratamento de diferentes sintomas e doenças, com práticas bem definidas para as preparações com as plantas e uso terapêutico.

Mais estudos de natureza antropológica são necessários para se compreender as doenças e sintomas da comunidade estudada, pois ao enquadrar as citações dos informantes em categorias previamente estabelecidas perde-se informações detalhadas a respeito das indicações terapêuticas e do sistema de classificação tradicional.

As informações obtidas neste estudo podem contribuir para elaboração de estratégias de conservação dos recursos vegetais, considerando-se as práticas de manejo das espécies em cada espaço percebido, além de proporcionar a valorização e o resgate do conhecimento associado a essas espécies.

REFERÊNCIAS

ABDOELLAH, O. S. Home Gardens in Java and Their Future Development. In: **Tropical Home Gardens**. The United Nations University, 1990, p. 69-80.

AGUIAR, M. V. A. **El aporte del conocimiento local para el desarrollo rural**: Un estudio de caso sobre el uso de la biodiversidad em dos comunidades campesinas tradicionales del Estado de Mato Grosso-Brasil. 2006. 744f. Tese (Doutorado em Agroecologia, Campesinato e História) - Instituto de Sociologia e Estudos Campesinos, Universidade de Córdoba, Córdoba - Espanha, 2006.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta bot. bras.**, v. 16, n. 3, p. 273-285, 2002a.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciência**, v. 27, n. 7, p. 336-346, 2002b.

ALBUQUERQUE, U. P.; CAVALCANTI, L. H.; CABALLERO, J. Structure and Floristics of Homegardens in Northeastern Brazil. **Journal of Arid Enviroments**, v. 62, n. 3, p. 491-506, 2005.

ALBUQUERQUE, U. P. **Etnobiologia e biodiversidade**. Recife: NUPPEA, 2005. 78p.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUJcENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010. p. 39-64.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; LINS NETO, E. M. F. Seleção dos participantes da pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010. p. 21-37.

ALMEIDA, C. F. C. B. R.; ALBUQUERQUE, U.P. Check-list of the Family Lamiaceae in Pernambuco, Brazil. **Braz Arch Biol Technol.**, v. 45, n. 3, p. 343-353, 2002.

ALMEIDA, D. G. **A construção de sistemas agroflorestais a partir do saber ecológico local:** O caso dos agricultores familiares que trabalham com agrofloresta em Pernambuco. 2000. 235f. Dissertação (Mestrado em Agrossistemas) - Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

ALVES, R. R. N.; SILVA, A. A. G.; SOUTO, W. M. S.; BARBOZA, R. R. D. Utilização e comercio de plantas medicinais em Campina Grande, PB, Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 4, n. 2, p. 175-198, 2007.

ALTIERI, M. **Agroecologia:** bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: Agropecuária, 2002.

AMARAL, C.N.; GUARIM-NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 3, n. 3, p. 329-341, 2008.

AMORIM, I. L.; SAMPAIO, E. V. S. B.; ARAÚJO, E. L. Flora e estrutura da vegetação arbustivo-arbórea de uma área de caatinga do Seridó, RN, Brasil. **Acta botânica brasileira**, v. 19, n. 3, p. 615-623, 2005.

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. **Plantas medicinais:** arte e ciência; um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: UNESP, 1996. p. 47-68.

AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais pelos caboclos do baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Ser. Bot.**, v. 4, n. 1, p. 47-131. 1988.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002.

AMOROZO, M. C. M.; VIERTLER, R. B. A abordagem qualitativa na coleta e análise de dados em etnobiologia e etnoecologia. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010. p. 67-82.

ANDRADE, F. M. C.; CASALI, V. W. D. Etnobotânica e estudo de plantas medicinais. In: RODRIGUES, A. G., ANDRADE, F. M. C.; COELHO, F. M. G.; COELHO, M. F. B.; AZEVEDO, R. A. B.; CASALI, V. W. D. (Eds.) **Plantas medicinais e aromáticas: etnoecologia e etnofarmacologia**. Viçosa: UFV/Departamento de Fitotecnia, 2002. p. 77-144.

ANGEL-PEREZ, A. L. D.; MARTIN, A. M. B. Totonac homegardens and natural resources in Veracruz, Mexico. **Agriculture and Human Values**, v. 21, p. 329-346, 2004.

ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 141, n. 1, p. 399-436, 2003.

AZEVEDO, R. A. B.; COELHO, M. F. B. Métodos de investigação do conhecimento popular sobre plantas medicinais. In: RODRIGUES, A. G. et al. **Plantas medicinais e aromáticas: etnoecologia e etnofarmacologia**. Viçosa: UFV, Departamento de Fitotecnia, 2002. 320p.

AZEVEDO, R. A. B. **Indicadores agrônômicos em unidades de produção de agricultura familiar**. 2001. 306f. Tese (Doutorado em Fitotecnia) - Departamento de Fitotecnia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2001.

AZEVEDO, R. A. B. Os Agricultores Tradicionais e a Agronomia: a difícil compatibilidade dos modelos conceituais. In: COELHO, M. F. B.; COSTA JUNIOR, P.; DOMBROSKI, J. L. D. **Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais**. Cuiabá: UNICEM, 2003. p. 33-43.

BAILEY, K. **Methods of Social Research**. 4. ed. New York: The Free Press, 1994. 588p.

BALDAUF, C.; KUBO, R. R.; SILVA, F.; IRGANG, B. E. “Ferveu, queimou o ser da erva”: conhecimentos de especialistas locais sobre plantas medicinais na região

Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 11, n. 3, p. 282-291, 2009.

BARRERA, A. Sobre La Unidade de Habitacion Tradicional Campesina Y el Manejo de Recursos Bioticos en el area Maya Yucatanense. **Biótica**, v. 5, n. 3, p. 115-129, 1980.

BARRETO, J. W. **Importantes lideranças do movimento comunitário de Mossoró**. Mossoró-RN: Academia Maçônica de Letras do Rio Grande do Norte, 2010.

BARROS, L. C. P. **Conhecimento sobre plantas medicinais com atividade de controle do colesterol, pressão arterial e problemas renais, utilizadas pela população residente no Bairro dos Marins município de Piquete – SP**. 2007. 166f. Dissertação (Mestrado em Agronomia – Área de Concentração Horticultura) – Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2007.

BEGOSSI, A. Scale, Ecological Economics and the Conservation of Biodiversity. In: Clóvis Cavalcanti (org.). **The Environment, Sustainable development and Public Policies: Building Sustainability in Brazil**. Cheltenham, Reino Unido. 2000. p. 30-43.

BEGOSSI, A. Use of ecological methods in ethnobotany: diversity indices. **Economic Botany**, v. 50, n. 3, p. 280-289, 1996.

BERKES, F.; FOLKE, C. **Linking social and ecological systems for resilience and sustainability. Beijer Discussion Paper Series**, 52. The Royal Swedish Academy of Sciences. Stockholm. 1994.

BLANCKAERT, I.; SWEENEN, R. L.; FLORES, M. P.; LOPEZ, R. R.; SAADE, R. L. Floristic composition, plant uses and management practices in homegardens of San Rafael Coxcatlan, Valley of Tehuacan-Cuicatlan. **Journal of Arid Environments**, Mexico, v. 57, n. 1, p. 39-62, 2004.

BRAGA, R. **Plantas do nordeste, especialmente do Ceará**. 3. ed. Mossoró: ESAM, 1976, p. 435-436 (ESAM Coleção Mossoroense, 42).

BRASIL. Ministério da Saúde. **Renisus**. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/visualizar_texto.cfm?idtxt=30277>. Acesso em: 19 fev. 2013.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Conselho de Gestão do Patrimônio Genético**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/patrimonio-genetico/conselho-de-gestao-do-patrimonio-genetico>>. Acesso em: 05 jul. 2012.

BRITO, M. A.; COELHO, M. F. B. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais unidades auto- sustentáveis. **Revista Agricultura Tropical**, Cuiabá, v. 1, n. 4, p. 7-38, 2000.

CARNEIRO, M. R. B. **A flora medicinal no Centro Oeste do Brasil: um estudo de caso com abordagem etnobotânica em Campo Limpo de Goiás**. 2009. 242f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente) - Centro Universitário de Anápolis, UNIEVANGÉLICA. Anápolis, 2009.

CARNIELLO, M. A.; SILVA, R. S.; CRUZ, M. A. B.; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazônica**, v. 40, n. 3, p. 451- 470, 2010.

CASTELLUCCI, S. et al. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luís Antonio – SP: uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 3, n. 1, p. 51-60, 2000.

CAVALCANTE, A. M. B.; MAJOR, I. Invasion of Alien Plants in the Caatinga Biome. **AMBIO. A Journal of the Human Environment**, v. 35, p. 141-143, 2006.

CONSELHO NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. **Princípios e diretrizes de uma política de segurança alimentar e nutricional: Textos de referência da II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**. Brasília-DF: Gráfica e Editora Positiva, 2004. 80p.

COSTA, M. A. G. **Aspectos etnobotânicos do trabalho com plantas medicinais realizado por curandeiros no município de Iporanga-SP**. 2002. 134f. Dissertação (Mestrado em Agronomia – Área de Concentração em Horticultura) –

Faculdade de Ciências Agrônômicas, Universidade Estadual Paulista. Botucatu, 2002.

COSTANTIN, A. M. **Quintais Agroflorestais na visão dos agricultores de Imaruí - SC**. 2005. 120f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

CPRM - SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea: diagnóstico do município de Mossoró, estado do Rio Grande do Norte**. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

CUNHA, S. A.; BORTOLOTTI, I. M. Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 25, n. 3, p. 685-698, 2011.

D'ÁVILA, O. A. **O extrativismo da carnaúba no Ceará**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007. 172p. (Série BNB Teses e Dissertações, n. 4).

DELWING, A. B.; FRANKE, L. B.; BARROS, I. B. I.; PEREIRA, F. S.; BARROSO, C. M. A etnobotânica como ferramenta da validação do conhecimento tradicional: manutenção e resgate dos recursos genéticos. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, p. 421-425, 2007.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 4. ed. São Paulo: HUCITEC. 2008. 169p.

DI NUBILA, H. B. V.; BUCHALLA, C. M. O papel das Classificações da OMS - CID e CIF nas definições de deficiência e incapacidade. **Rev. bras. Epidemiol.**, v. 11, n. 2, p. 324-335, 2008.

DUBOIS, J. C. L. Utilización de productos forestales madereros y no madereros por los habitantes de los bosques amazonicos. **Unasylva**, v. 47, n. 186, p. 8-15, 1996.

ESEQUIVEL, B.; CALDERÓN, J. S.; SÁNCHEZ, A. A.; RAMAMOORTHY, T. P.; FLORES, E. A.; DOMÍNGUEZ, R. M.; **Rev. Latinoam. Quím.** v. 44, n. 24, 1996.

FLORENTINO, A. T. N.; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v. 21, n. 1, p. 37-47, 2007.

FONSECA-KRUEL, V. S.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v. 18, n. 1, p. 177-190, 2004.

FONTES, D. J.; COELHO, V. A. T. G.; FERNANDO, T. Uso de Plantas Medicinais pelos Moradores da Comunidade de Conceição de Ibitipoca, MG. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 5, supl. 1, p. 237-239, 2007.

FOX, V. C. **Diversidade e uso de plantas nos quintais de Ferraz, Município de Rio Claro -SP**. 1999. 64f. (Monografia) Rio Claro-SP: UNESP.

FRANCIS, J. K. **Wildland shrubs of the United States and its territories: thammic descriptions. *Jatropha gossypifolia* L.** U.S. Department of Agricultura, Forest Service, Internacional Institute of Tropical Service and Shrub Sciences Laboratory. Disponível em: <<http://www.fs.fed.us/global/iitf/pdf/shrubs/Jatropha%20gossypifolia.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2013.

FRANCO, E. A. P. **A diversidade etnobotânica no quilombo Olho d'água dos Pires, Esperantina, Piauí, Brasil**. 2005. 104f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - PRODEMA, Universidade Federal de Piauí, Teresina, 2005.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; MAIA, S. S. S.; AZEVEDO, R. A. B. A percepção dos quintais rurais por crianças de São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Verde**, v. 6, n. 2, p. 212-220, 2011.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; MAIA, S. S. S.; AZEVEDO, R. A. B. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 10, n. 1, p. 48-59, 2012.

FREITAS, A. V. L. **Recursos genéticos em quintais e comercialização de plantas de uso medicinal no município de São Miguel-RN**. 2009. 192f.

Dissertação (Mestrado em Fitotecnia - Área de concentração Etnoconhecimento, caracterização e propagação de plantas) - Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró, 2009.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta bot. Bras.**, v. 24, n. 2, p. 395-406, 2010.

GUARIM NETO, G.; AMARAL, C. N. Aspectos etnobotânicos de quintais tradicionais dos moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**, n. 29, p. 191-212, 2010.

GUERRA, A. M. N. M.; CUNHA NETO, J. R.; MARQUES, J. V. A. D.; PESSOA, M. F.; MARACAJÁ, P. B. Plantas medicinais e hortaliças usadas para cura de doenças em residências da cidade de Mossoró-RN. **Revista Verde**, v. 2, n. 1, p. 70-77, 2007.

GUERRA, A. M. N. M.; MARQUES, J. V. A. D.; PESSOA, M. F.; MARACAJÁ, P. B. Uso e cultivo de plantas medicinais em residências da cidade de Mossoró no Médio Oeste do Estado do Rio Grande do Norte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE OLERICULTURA, 46., 2006, Goiânia-GO. **Anais...** Goiânia: Revista da Associação brasileira de Horticultura, suplemento CD Rom., 2006. v. 24, p. 2664-2667.

GUERRA, A. M. N.; PESSOA, M. F.; SOUZA, C. S. M.; MARACAJÁ, P. B. Utilização de plantas medicinais pela comunidade rural Moacir Lucena, Apodi-RN. **Bioscience Journal**, v. 26, n. 3, p. 442-450, 2010.

HEIDEN, G.; MACIAS, L.; BOBROWSKI, V. L.; IGANCI, J. R. V. Comercialização de carqueja por ervateiros da zona central de Pelotas, Rio Grande do Sul. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 6, n. 2, p. 50-57, 2006.

HOUSE, P.; OCHOA, L. In: LOK, R. et al. **Huertos caseros tradicionales de America Central**: características, beneficios e importância desde un enfoque multidisciplinares. Costa Rica: CATIE, 1998. p. 61-79.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **Diagnóstico das comunidades do Polo Passagem do Rio, Mossoró-RN**. Mossoró-RN: EMATER-RN. 2012. 54p.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE. **Perfil do seu município**. Disponível em: <http://www.idema.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/idema/socio_economicos/enviados/perfil_municipio.asp>. Acesso em: 10 jan. 2012.

INSTITUTO HÓRUS – Instituto Hórus de Desenvolvimento e Conservação Ambiental/The Nature Conservancy. **Base de Dados sobre Espécies Exóticas Invasoras em I3N-Brasil**. Disponível em: <<http://i3n.institutohorus.org.br>>. Acesso em: 25 fev. 2013.

KASSEBOEHMER, A. L.; SILVA, I. C. Contribuições ambientais, econômicas e sociais dos sistemas agroflorestais (SAFs) para a área de proteção ambiental (APA) de Guaraquecaba, Paraná, Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: EMBRAPA, 2004, p. 145-147.

LAMONT, S. R.; ESHBAUGH, W. A.; GREENBERG, A. M. Composition, diversity, and use of homegardens among three Amazonian villages. **Economic Botany**, v. 53, n. 3, p. 312-326, 1999.

LEÃO, T. C. C.; ALMEIDA, W. R.; DECHOUM, M.; ZILLER, S. R. **Espécies Exóticas Invasoras no Nordeste do Brasil**: Contextualização, Manejo e Políticas Públicas. Recife: Cepan, 2011. 99p.

LEBBIE, A. R.; GURIES, R. P. Ethnobotanical value and consevation of sacred groves of the kpaa Mende in Sierra Leone. **Economy Botany**, v. 49, n. 3. p. 297-308, 1995.

LEITE, D. T. L. F. Perfil epidemiológico do servidor público do INSS que obteve licença de saúde própria ou de familiar no período de janeiro de 2009 e junho de

2010. In: CONGRESSO CONSAD DE GESTÃO PÚBLICA, 4., 2011, Brasília. **Anais...** Brasília, 2011.

LIMA, R. X.; SILVA, S. M.; KUNIYOSHI, Y. S.; SILVA, L. B. Etnobiologia de comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil. **Etnoecológica**, v. 4, n.6, p. 33-55, 2000.

LOIOLA, M. I. B.; PATERNO, G. B. C.; DINIZ, J. A.; CALADO, J. F.; OLIVEIRA, A. C. P. Leguminosas e seu potencial de uso em comunidades rurais de São Miguel do Gostoso – RN. **Revista Caatinga**, v. 23, n. 3, p. 59-70, 2010.

LORENZI, H. **Manual de identificação e controle de plantas daninhas**: plantio direto e convencional. 6 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2006. 339p.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil**: nativas e exóticas cultivadas. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. 512p.

LORENZI, H.; SOUZA, H. M. **Plantas ornamentais no Brasil**: arbustivas, herbáceas e trepadeiras. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008. 1088p.

LOZADA, M.; LADIO, A.; WEIGANDT, M. Cutural Transmission of Ethnobotanical knowledge in a Rural Community of Northwestern Patagonia, Argentina. **Economic Botany**, v. 60, n. 4, p. 374-385, 2006.

MACEDO, R. L. G. **Princípios básicos para o manejo sustentável de sistemas agroflorestais**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2000.

MAIA, G. N. **Caatinga**: árvores e arbustos e suas utilidades, 2004. 413p.

MARIUTTI, L. R. B.; BRAGAGNOLO, N. Revisão: Antioxidantes Naturais da Família Lamiaceae. Aplicação em Produtos Alimentícios. **Braz. J. Food Technol.**, v. 10, n. 2, p. 96-103, 2007.

MARTINEZ, P. H. Comercialization of wild medicinal plants from southwest Puebla, México. **Economic Botany**, v. 49, n. 2, p. 197-206, 1995.

MARTINS, L. G. S.; SENNA-VALLE, L.; PEREIRA, N. A. Princípios ativos e atividades farmacológicas de 8 plantas popularmente conhecidas por nome de medicamentos comerciais. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 7, n. 2, p. 73-76, 2005.

MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA, V. S.; ANDREATA, R. H. P. Plantas medicinais e seus usos pelos sitiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, n. 2, p. 391-399, 2004.

MEIRELLES, L. R.; MEIRELLES, A. L. C. B.; MOTTER, C.; BELLE, N. **Revista dos Sistemas Agrofloretais**. Centro Ecológico Litoral Norte-PDA/PPG7/MMA. 2003. 60p.

MILANI, J. F.; GUIDO, L. F. E. **Educação Ambiental a partir do resgate dos quintais e seu valor etnobotânico no distrito de Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG**. 2007. (Apresentação de Trabalho/Outra).

MILLIKEN, W.; BRUCE, A. The use of medicinal plants by the Yanomani indians of Brasil. **Economy Botany**, v. 50, n. 1, p. 10-25, 1996.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. 80p.

MING, L. C. Etnobotânica de plantas medicinais na reserva extrativista “Chico Mendes”-Acre. In: WHORKSHOP DE PLANTAS MEDICINAIS DE BOTUCATU, 2., 1996, Botucatu. **Anais...** Botucatu: UNESP, 1996. p. 35-43.

MOERMAN, D. E.; ESTABROOK, G. F. Native Americans choice of species for medicinal use is dependent on plant family: confirmation with meta-significance analysis. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 87, p. 51-59, 2003.

MONTOYA, L. J.; RIBASKI, J.; RODIGUERI, H. R. Sistemas agrofloretais: aspectos ambientais e socioeconômicos. **Informe Agropecuário EPAMIG**, v. 22, n. 212, p. 61-67, 2001.

MORAIS, V. M. **Etnobotânica nos quintais da comunidade de Abderramant em Caraúbas-RN**. 2011. 112f. Tese (Doutorado em Fitotecnia) - Programa de

Pós-Graduação em Fitotecnia, Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró, 2011.

MOREIRA, R. C. T., COSTA, L. C. B., COSTA, R. C. S.; ROCHA, E. A. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farmacêutica Bonaerense**, v. 21, n. 3, p. 205-211, 2002.

MOSCA, V. P.; LOIOLA, M. I. B. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, nordeste do Brasil. **Revista Caatinga**, v. 22, p. 225-234, 2009.

MOTA, M. G. F. L. C. **Plantas medicinais utilizadas por raizeiros: uma abordagem etnobotânica no contexto da saúde e doença**. 1997. 252f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Ambiente) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 1997.

MOURA, C. L.; ANDRADE, L. H. A. Etnobotânica em quintais urbanos nordestinos: um estudo no bairro da Muribeca, Jaboatão dos Guararapes, PE. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 5, n. 1, p. 219-221, 2007.

MURRIETA, R. S. S.; WINKLERPRINS, A. M. G. A. Flowers of water: homegardens and gender roles in a riverine caboclo community in the lower Amazon, Brazil. **Culture and Agriculture**, v. 25, p. 35-47, 2003.

NABUCO, H. C. G.; AZEVEDO, R. A. B.; ALBUQUERQUE, M. C. F.; LEITE, J. C.; CELLA, C. Organização espacial em comunidades camponesas de Santo Antônio de Leverger-MT. **Interações**, v. 10, n. 2, p. 219-231, 2009.

NAIR, P. K. R. An evaluation of the structure and function of tropical homegardens. **Agricultural Systems**, v. 21, p. 279-310, 1986.

NAIR, P. K. P. The enigma of tropical homegardens. **Agroforestry Systems**, v. 61, p. 135-152, 2004.

NIÑEZ, V. Household Gardens: theoretical considerations on an old survival strategy. **Food Systems Research Series**, v. 1, n. 1, p. 1-41, 1984.

NODA, S. N. Na terra como na água: organização e conservação de recursos naturais terrestres e aquáticos em uma comunidade da Amazônia Brasileira. 2000. 193f. Tese (Doutorado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade) - Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2000.

OAKLEY, E. Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas**, v. 1, n. 1, p. 37-39, 2004.

OLIVEIRA, F. C. S.; BARROS, R. F. M.; MOITA NETO, J. M. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 12, n. 3, p. 282-301, 2010.

OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 7, n. 3, p. 245-251, 2009.

OLIVEIRA, R. C. **Uso e manejo de recursos nos arredores das residências de camponeses**: estudo de caso na região de Morraria, Cáceres, MT. 2006. 166f. Dissertação (Mestrado em Agricultura Tropical) - Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Programa de Pós-graduação em Agricultura Tropical, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. Décima Revisão. 10. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-EDUSP, 2007. v. 1.

PASA, M. C.; NEVES, W. M. S.; ALCÂNTARA, K. C. Enfoque etnobotânico das categorias de uso das plantas na unidade de paisagem quintal, comunidade Fazenda Verde em Rondonópolis, MT. **Biodiversidade**, v. 7, n. 1, p. 3-13, 2008.

PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (Alto da Bacia do Rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta botânica brasileira**, v. 19, n. 2, p.195-207, 2005.

PAULINO, R. C.; HENRIQUES, G. P. S. A.; COELHO, M. F. B.; ARAUJO, P. V. N. Riqueza e importância das plantas medicinais do Rio Grande do Norte. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 11, n. 1, p. 157-168, 2011.

PAULINO, R. C.; HENRIQUES, G. P. S. A.; MOURA, O. N. S.; COELHO, M. F. B.; AZEVEDO, R. A. B. Medicinal plants at the Sítio do Gois, Apodi, Rio Grande do Norte State, Brazil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 22, n. 1, p. 29-39, 2012.

PEREIRA, J. F. Q.; GUIDO, L. F. E. Propostas de educação ambiental a partir do resgate dos quintais e seu valor etnobotânico no distrito Tapuirama, Uberlândia, MG. In: SEMANA DO SERVIDOR, 4., SEMANA ACADÊMICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 5., 2008, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia, 2008.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. The Useful Plants of Tamboapata, Peru: II. Additional Hypothesis Testing in Quantitative Ethnobotany. **Economic Botany**, v. 47, p. 33-43, 1993.

PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 4, p. 789-802, 2006.

PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 4, p. 751-762, 2006.

PRETTY, J. N., GUIJT, I., SCOONES, I.; THOMPSON, J. **A trainer's Guide for Participatory Learning Action**. IIED, Londres, UK. IIED Participatory Methodology Series, 1995. 267p.

RIBEIRO, A. H. **Potencial de uso do componente vegetal e estudo da percepção ambiental dos moradores residentes às margens do riacho Águas Vermelhas, Parnamirim/RN**. 2006. 70f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Centro de Biociências, Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

RIBEIRO, T. M. **Etnobotânica de Quintais Tradicionais da Planície Costeira do Campeche (Florianópolis/SC)**. 2009. 65f. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) - Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

RITTER, M. R.; SOBIERAJSKI, G. R.; SCHENKEL, E. P.; MENTZ, L. A. Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 12, n. 2, p. 51-62, 2002.

RONDON NETO, R. M.; BYCZKOVSKI, A.; WINNICKI, J. A.; SIMAO, S. M. S.; PASQUALOTTO, T. C. Os quintais agroflorestais do assentamento rural rio da areia, município de Teixeira Soares, PR. **Cerne**, v. 10, n. 1, p. 125-135, 2004.

ROQUE, A. A. **Potencial de uso dos recursos vegetais em uma comunidade rural do semi-árido do Rio Grande do Norte**. 2009. 76f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M.; LOIOLA, M. I. B. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginghas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 12, n. 1, p. 31-42, 2010.

ROSA, L. S. **Limites e possibilidades do uso sustentável dos produtos madeireiros na Amazônia Brasileira: o caso dos pequenos agricultores da vila Boa Esperança, em Moju, no Estado do Pará**. 2002. 304f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

ROSA, L. S.; SILVA, L. C. B.; MELO, A. C. G.; CABRAL, W. S. Avaliação e diversificação de quintais agroflorestais na Comunidade de Muriim-Benfica, Município de Benevides – Pará. In: CONGRESSO BRASILEIRO EM SISTEMAS AGROFLORESTAIS, 1998, Belém. **Anais...** Belém: EMBRAPA/CPATU, 1998, 246p.

ROSA, L. S.; SILVEIRA, E. L.; SANTOS, M. M.; MODESTO, R. S.; PEROTE, J. R. S.; VIEIRA, T.A. Os quintais agroflorestais em áreas de agricultores familiares no município de Bragança - PA: composição florística, uso de espécies e divisão de trabalho familiar. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 2, p. 337-341, 2007.

RUAS, E. D.; BRANDAO, I. M. M.; CARVALHO, M. A. T.; SOARES, M. H. P.; MATIAS, R. F.; GAVA, R. C.; MESONES, W. G. P. **Metodologia participativa**

de extensão rural para o desenvolvimento sustentável. Belo Horizonte: MEXPAR, 2006. 134p.

SANTOS, F. V. Mulheres que rezam: uma abordagem antropológica entre os saberes das rezadeiras e os saberes dos médicos em Cruzeta/RN. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro. **Anais...** Porto Seguro: RBA, 2008.

SANTOS, M. G.; DIAS, A. G. P.; MARTINS, M. M. Conhecimento e uso da medicina alternativa entre alunos e professores do primeiro grau. **Revista Saúde Pública**, v. 29, n. 3, p. 221-227, 1995.

SANTOS, S.; GUARIM NETO, G. Aspectos etnoecológicos de quintais, terreiros ou jardins em Alta Floresta-MT. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 56., 2004, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá, 2004. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/56ra/banco_senior/RESUMOS/resumo_1090.html>. Acesso em: 15 jan. 2013.

SANTOS, S. **Um estudo etnoecológico dos quintais de Alta Floresta-MT.** 2004. 166f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2004.

SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS HÍDRICOS. **Bacia Apodi/Mossoró.** Disponível em: <<http://www.semarnh.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/semarnh/sistemadeinformacoes/consulta/cBaciaDetalhe.asp?CodigoEstadual=01>>. Acesso em: 10 de jan. 2012.

SEMEDO, R. J. C. G.; BARBOSA, R. I. Árvores frutíferas nos quintais urbanos de Boa Vista, Roraima, Amazônia brasileira. **Acta Amazônica**, v. 37, p. 561-568, 2007.

SEVERIANO, M. V. N.; DANTAS, I. C.; SILVA, J. C.; FELISMINO, D. C. Levantamento das plantas medicinais cultivadas no Centro de Estudo e Pesquisa Malaquias da Silva Amorim. **Revista de Biologia e Farmácia**, v. 04, n. 01, p. 93-101, 2010.

SILVA, C. S. P. **As plantas medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil:** uma abordagem etnobotânica. 2007. 153f. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Departamento de Botânica, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SILVA, C. S. P.; PROENÇA, C. E. B. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, **Brasil. Acta bot. bras.**, n. 22, v. 2, p. 481-492, 2008.

SILVA, E. R. R.; SABLAYROLLES, M. G. P. Quintais agroflorestais por colonos migrantes: as plantas medicinais em Vila Nova, Mojuí dos Campos (Santarém/PA). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, 7., 2009, Luziânia. **Anais...** Luziânia, 2009. p. 1-4.

SILVA, J. S.; GUARIM NETO, G. Uso de recursos vegetais com fins medicinais por Moradores de bairros da Zona Oeste de Cuiabá – MT, Brasil. **Revista de Ciências Agro-Ambientais**, v. 10, n. 1, p. 9-22, 2012.

SILVA, M. D.; DREVECK, S.; ZENI, A. L. B. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população rural no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí – Indaial. **Revista Saúde e Ambiente / Health and Environment Journal**, v. 10, n. 2, p. 54-64, 2009.

SILVA NETO, B.; BASSO, D. Introdução. In: SILVA NETO, Benedito; BASSO, D. (Org's). **Sistemas Agrários do Rio Grande do Sul: análise e recomendações de políticas**. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 17-24.

SILVA, R. A. R.; ROCHA, T. G. F.; MARINHO, A. A.; FARJADO, C. G.; VIEIRA, F. A. Etnoecologia e etnobotânica da palmeira carnaúba (*Copernicia prunifera* (Mill) H. E. Moore) no semi-árido do Vale do Rio Açu-RN. In: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 10., 2011, São Lourenço-MG. **Anais...** São Lourenço, 2011.

SILVA, R. C. V. M. **Coleta e identificação de espécimes botânicos**. Belém: Embrapa, 2002. (Série Documentos, 143)

SILVA, S. M.; CAVALCANTE, A. M. B. Impactos Ambientais e Descrição

Morfológica Comparada de Duas Espécies Fitoinvasoras (*Cryptostegia Grandiflora* e *C. Madascariensis*) no Estado do Ceará. In: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 9., 2009, São Lourenço. **Anais...** São Lourenço, 2009, p. 1-3.

SILVA, T. S.; FREIRE, E. M. X. Abordagem etnobotânica sobre plantas medicinais citadas por populações do entorno de uma unidade de conservação da caatinga do Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 12, n. 4, p. 427-435, 2010.

SIVIERO, A.; DELUNARDO, T. A.; HAVERROTH, M.; OLIVEIRA, L. C.; MENDONÇA, A. M. S. Cultivo de Espécies Alimentares em Quintais Urbanos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v. 25, n. 3, p. 549-556, 2011.

SIVIERO, A.; DELUNARDO, T. A.; HAVERROTH, M.; OLIVEIRA, L. C.; MENDONÇA, A. M. S. Plantas medicinais em quintais urbanos de Rio Branco, Acre. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 14, n. 4, p. 598-610, 2012.

SOUZA, C. C. V.; SCUDELLER, V. V. Plantas úteis nos Quintais das Comunidades Ribeirinhas Julião e Agrovila - Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé - Amazônia Centra. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 4, n. 2, p. 2487-2491, 2009.

STEPP, J. R.; MOERMAN, D. E. The importance os weeds in ethnopharmacology. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 75, p. 19-23, 2001.

STEPP, J. R. The role of weeds as sources of pharmaceuticals. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 92, n. 2-3. p. 163-166, 2004.

TAIZ, L.; ZEIGER, E. **Fisiologia Vegetal**. 3. Ed., Porto Alegre: Artmed, 2003. 719p.

TEIXEIRA, S. T.; MELO, J. I. M. Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. **Iheringia, ser. Bot.**, v. 61, n. 1-2, 2006.

TORRES, D. F.; OLIVEIRA, E. S.; ALVES, R. R. N.; VASCONCELLOS, A. Levantamento etnoecológico da biodiversidade da península de Galinhos, Rio

Grande do Norte. In: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 8., 2007, Caxambu-MG. **Anais...** Caxambu-MG, 2007.

TROPICOS. **Missouri Botanical Garden.** Disponível em: <<http://www.tropicos.org>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

VAN LEEUWEN, J.; GOMES, J. B. M. O pomar caseiro na região de Manaus, Amazonas, um importante sistema agroflorestal tradicional. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, 2., 1995, Londrina. **Anais...** Londrina: IAPAR, 1995. p. 180-189. Disponível em: <<http://www.inpa.gov.br/cpca/johannes/johapomar.html>>. Acesso em: 15 out. 2012.

VASCONCELLOS, M. C. **Um olhar etnobotânico para os usos dos recursos vegetais dos terreiros de uma comunidade remanescente de quilombos do Vale do Ribeira, SP.** 2004. 141f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Faculdade de Ciências Agrônômicas, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2004.

VIEIRA, T. A. **Sistemas agroflorestais em áreas de agricultores familiares no município de Igarapé-Açu, Pará:** adoção, composição florística e gênero. 2006. 102f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém: UFRA, 2006.

VIQUEZ, E.; PRADO, A.; ONORO, P. et al. Caracterización del huerto mixto tropical “La Asunción”, Masatepe, Nicaragua. *Agroforesteria en las Américas*, **Turrialba**, n. 2, p. 5-9, 1994.

VISBISKI, V. N. **Sistemas silvipastoris em Imaruí - SC:** a construção de um sonho comum. 2003. 141f. Dissertação (Mestrado em Agrossistemas) - Centro de Ciências Agrárias. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

VIVAN, J. Sistemas Agroflorestais: quando agricultura e florestas são aliadas. **Revista Agroecologia e Agricultura Familiar**, p. 25-39, 2003.

WEZEL, A.; BENDER, S. Plant species diversity of homegardens of Cuba and its significance for household food supply. **Agroforestry Systems**, v. 57, p. 39-49, 2003.

WINKLERPRINS, A. M. G. A. House-lot gardens in Santarem, Para, Brazil: linking rural with urban. **Urban Ecosystems**, v. 6, p. 43-65, 2002.

CAPÍTULO III - USO, MANEJO E CONSERVAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DA VÁRZEA, MOSSORÓ- RN.

RESUMO

Visando ao resgate dos conhecimentos tradicionais a respeito do uso, manejo e conservação de plantas medicinais na comunidade São João da Várzea, Mossoró-RN, foi realizado um estudo etnobotânico, utilizando-se várias técnicas de coleta de dados, como: entrevistas informais e semiestruturadas, observação direta e participante, história de vida, lista livre e turnê guiada ou *walk-in-the-woods*. As duas informantes-chave selecionadas, Dona Maria (M. M. C. P., 63 anos) e Dona Lucia (L. M. S., 60 anos), afirmaram ter adquirido o conhecimento sobre plantas medicinais na fase de infância a partir de ensinamento de seus avós. Durante as trilhas percorridas, tanto nos espaços domésticos, como no entorno das unidades produtivas, foram encontradas 41 espécies, distribuídas em 28 famílias botânicas, com destaque para a Euphorbiaceae (5 spp.). Das 53 indicações terapêuticas citadas, o maior número de espécies medicinais foi indicado para o tratamento de gripe (12 spp.). Dentre as espécies encontradas, o coqueiro (*Cocos nucifera* L.) foi a que mais se destacou, sendo associado ao tratamento de 12 afecções através de três formas de uso e preparo. Em relação às partes utilizadas, as folhas e as cascas foram empregadas para 27,2% e 22,2% das formas de uso registradas, respectivamente. Foram citadas 20 etnoespécies que não foram encontradas nas trilhas realizadas, sendo estas indicadas para 19 patologias, representadas principalmente por doenças do aparelho respiratório (Capítulo X). Durante as trilhas foi possível observar alguns aspectos fenológicos e de conservação das espécies, podendo estes contribuir para o desenvolvimento de alternativas mais sustentáveis de uso e manejo dos recursos medicinais.

Palavras-chave: Etnobotânica. Conhecimento tradicional. Conservação de espécies.

CHAPTER III - USE, HANDLING AND CONSERVATION OF MEDICINAL PLANTS IN SÃO JOÃO DA VÁRZEA'S COMMUNITY, MOSSORÓ-RN.

ABSTRACT

Aiming recover traditional knowledge about use, handling and conservation of medicinal plants in São João da Várzea's community, Mossoró-RN, an ethnobotanical study was performed, using several techniques of data collection, such as: informal and semistructured interviews, direct and participant observation, history of life, free list, and guided tour or walk-in-the-woods. The two key informants selected, Dona Maria (M. M. C. P., 63 years) and Dona Lúcia (L. M. S., 60 years), said have acquired knowledge about medicinal plants in childhood starting with their grandparents. During tracks covered, both in domestic spaces, as around the production units, 41 species were found, distributed in 28 botanical families, especially the Euphorbiaceae (5 spp.). Of the 53 therapeutic indications cited, the largest number of medicinal species was indicated for the treatment of influenza (12 spp.). Among the species found, the coconut palm (*Cocos nucifera* L.) was the one that stood out, being associated with the treatment of 12 diseases across three forms of use and preparation. Regarding the parts used, leaves and bark were employed to 27.2% and 22.2% manners of use recorded, respectively. 20 Ethnospecies that were not found on the tracks performed were cited, which are outlined for 19 diseases, represented mainly by respiratory diseases (Chapter X). During the tracks was possible to observe some aspects of phenology and conservation of the species, these may contribute to the development of more sustainable use and handling of medicinal resources.

Keywords: Ethnobotany. Traditional knowledge. Species conservation.

1 INTRODUÇÃO

Os seres humanos convivem naturalmente com os recursos vegetais e exploram suas potencialidades para satisfazer suas necessidades (ANDRADE; MARQUES; ZAPII, 2006), desenvolvendo amplo conhecimento a respeito do uso e manejo da biodiversidade, principalmente sobre as plantas com propriedades terapêuticas. A utilização de plantas medicinais para tratamento, cura e prevenção de doenças é uma das mais antigas formas de prática medicinal da humanidade (PASA, 2011). Esse uso muitas vezes se constitui como o único recurso disponível para o tratamento de doenças nas comunidades rurais, sobretudo em países em desenvolvimento (CUNHA; BORTOLOTTI, 2011; GUERRA et al., 2010; MACIEL; PINTO; VEIGA, 2002; PASA, 2007; PASA; SOARES; GUARIM NETO, 2005; RICARDO, 2011; ROQUE; ROCHA; LOIOLA, 2010; TRESVENZOL et al., 2006). Essa realidade é muito observada na região Nordeste, onde, segundo Matos (2002), 90% da população economicamente carente recorre às plantas medicinais para a cura de seus problemas de saúde.

O uso de plantas medicinais é embasado no conhecimento empírico acumulado e transmitido através de gerações, constituindo importante fonte de informações sobre a forma como essas pessoas utilizam os recursos disponíveis para o tratamento de suas doenças e como as mesmas percebem e interagem com o meio em que vivem. Nesse sentido, Albuquerque (2005) afirma que o conhecimento tradicional não se restringe aos organismos, mas inclui percepções e explicações sobre a paisagem, geomorfologia e a relação entre os diferentes seres vivos com o ambiente físico.

O conhecimento que as comunidades tradicionais possui sobre os recursos vegetais foi, por muito tempo, subestimado pelos cientistas, que negligenciavam outras formas ou sistemas de conhecimento (ALBUQUERQUE, 2005). Entretanto, o interesse da comunidade acadêmica por esse conhecimento vem crescendo, principalmente com a comprovação científica de propriedades medicinais de várias espécies. Para Maciel, Pinto e Veiga (2002), as observações populares sobre o uso e a eficácia de plantas medicinais contribuem de forma relevante para a divulgação

das virtudes terapêuticas dos vegetais, auxiliando os pesquisadores na seleção de espécies para estudos botânicos, farmacológicos e fitoquímicos. Desta forma, a informação coletada junto à população a respeito do uso de plantas é de fundamental importância (PASA, 2011), podendo contribuir para a construção do conhecimento científico. Assim, o “saber local”, contextualizado cultural e ambientalmente, está cada vez mais chamando a atenção de pesquisadores de distintas áreas (AMOROZO, 2002).

Além disso, o resgate do conhecimento tradicional tem merecido atenção especial nos últimos anos devido à aceleração no processo de aculturação e à erosão genética provocada pela forte pressão antrópica e uso insustentável dos recursos naturais. A esmagadora cultura global, o capitalismo, aos poucos tende a dissipar essa riqueza que o homem construiu de modo tão simbiótico com o meio ambiente que está ao seu redor (PASA; ÁVILA, 2010). Para Pilla, Amorozo e Furlan (2006), na medida em que a relação com a terra passa por uma modernização e o contato com centros urbanos se intensifica, a rede de transmissão do conhecimento sobre plantas medicinais pode sofrer alterações, sendo necessário o urgente resgate deste conhecimento e das técnicas terapêuticas, como forma de deixar registrado este modo de aprendizado informal.

Neste contexto, a etnobotânica surge como uma forma de resgatar e preservar os conhecimentos tradicionais a respeito das espécies, seus usos, manejos e relação com o ambiente. A etnobotânica compreende o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas (ALVES et al., 2007; FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004; HEIDEN et al., 2006). De acordo com Andrade e Casali (2002), o conhecimento tradicional deve ser resgatado junto à população rural do Brasil que, devido à miscigenação dos saberes indígena, europeu e africano, aliada há anos de experimentação empírica torna esta população detentora de muito conhecimento sobre plantas medicinais. As investigações etnobotânicas focalizam as relações pessoas/plantas e contribuem com o manejo e conservação dos recursos naturais, o conhecimento das plantas economicamente importantes, seus

respectivos ecossistemas e as interações entre cientistas e instituições (OLIVEIRA, 2008).

Por meio de estudos etnobotânicos, as plantas medicinais podem ter suas ações terapêuticas conhecidas para serem posteriormente comprovadas (OLIVEIRA; MENINI NETO, 2012), permitindo o entendimento das bases racionais para o uso medicinal de algumas espécies vegetais, desenvolvimento de fitoterápicos a baixo custo e a descoberta de novas drogas (SIVIERO et al., 2012). Estas pesquisas também podem auxiliar na identificação de práticas adequadas ao manejo da vegetação, já que, conforme Albuquerque (2005), o conhecimento das culturas locais fornece fortes elementos para a conservação dos recursos biológicos.

Estudos desta natureza são ainda mais importantes onde esses recursos são constantemente ameaçados, principalmente pela ação antrópica, como é o caso da Caatinga. A Caatinga é um bioma exclusivamente brasileiro, caracterizada por possuir plantas adaptadas fisiologicamente às condições de deficiência hídrica (TROVÃO et al., 2004) e por abranger grande diversidade biológica, sendo registradas 681 espécies de angiospermas, distribuídas em 62 famílias botânicas (LISTA DE ESPÉCIES DA FLORA DO BRASIL, 2013). A Caatinga contém uma grande variedade de tipos vegetacionais, com elevado número de espécies e também remanescentes de vegetação ainda bem preservada, que incluem expressivo número de táxons raros e endêmicos (GIULIETTE et al., 2003).

A diversidade de plantas medicinais conhecida na Caatinga é elevada e sua obtenção na própria comunidade sugere forte correlação entre uso e conhecimento tradicional dessas plantas (MARTINS, 2012). Apesar desta riqueza vegetal e de conhecimentos e do risco envolvido nas práticas extrativistas e agropastoris insustentáveis, que vêm reduzindo drasticamente suas populações de espécies, poucos são os estudos relacionados ao conhecimento envolvendo o uso e o manejo de plantas medicinais nesse bioma. Esse fato é ainda mais agravado por se tratar de ecossistema pouco valorizado, considerado durante muito tempo como pobre em biodiversidade (TROVÃO et al., 2004).

Com 95% de sua cobertura vegetal inseridos neste bioma, o Rio Grande do Norte também possui grande carência de estudos relacionados às plantas medicinais sob uma abordagem etnobotânica, embora recentemente alguns tenham sido desenvolvidos (GUERRA et al., 2006; GUERRA et al., 2007; GUERRA et al., 2010; FREITAS, 2009; FREITAS et al., 2011; FREITAS et al., 2012; LOIOLA et al., 2010; MORAIS, 2011; MOSCA; LOIOLA, 2009; PAULINO et al., 2011; PAULINO et al., 2012; RIBEIRO, 2006; ROQUE, 2009; ROQUE; ROCHA; LOIOLA, 2010; SILVA; FREIRE, 2010; TORRES et al., 2007).

O município de Mossoró-RN, localizado na região oeste do estado, vem passando nos últimos anos por significativas mudanças na sua estrutura econômica, organizacional e de dinâmica territorial, podendo-se creditá-las principalmente ao crescimento dos setores da construção civil, petróleo, comércio e serviços. Se por um lado essas atividades geram oportunidades de emprego e renda para as famílias do município, inclusive as da zona rural, por outro, provocam consequências diretas sobre a biodiversidade e a riqueza cultural existente. Neste sentido, a especulação imobiliária e consequente expansão do território urbano do município, bem como o ingresso de pessoas, especialmente os jovens, oriundos da zona rural em atividades alheias ao seu convívio, constituem fatores que ameaçam constantemente a preservação do conhecimento tradicional. Além disso, a influência da medicina ocidental e o notável desinteresse e descrença dos jovens em relação às práticas terapêuticas tradicionais têm fragilizado o conhecimento sobre as plantas medicinais, seus usos e manejos.

Desta forma, torna-se essencial o desenvolvimento de estudos com enfoque etnobotânico sobre as plantas utilizadas para fins medicinais no município de Mossoró-RN. A realização destes estudos proporcionará a valorização, o resgate e a preservação do conhecimento que foi, ao longo do tempo, acumulado pelas gerações, sobre as formas de uso e manejo das plantas medicinais, podendo também subsidiar trabalhos sobre o uso sustentável da biodiversidade. Assim, o presente trabalho teve como objetivo resgatar os conhecimentos tradicionais a respeito do uso, manejo e conservação de plantas medicinais na comunidade São João da Várzea, Mossoró-RN.

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O estudo foi desenvolvido na comunidade rural São João da Várzea, no município de Mossoró-RN, localizada às margens da RN 117, no sentido Mossoró - Governador Dix Sept Rosado, nas coordenadas 5° 18' 19,5" Sul e 037° 24' 46,8" Oeste, altitude de 28m, distando 18 km da sede do município. A comunidade é composta por 53 famílias, muitas das quais recorrem ao uso de plantas medicinais para o tratamento de doenças e sintomas que são acometidas.

As principais atividades econômicas desenvolvidas pelas famílias são: cultivo de milho (*Zea mays* L.) e feijão (*Vigna unguiculata* L. Walp.) em condições de sequeiro; produção de hortaliças e forrageiras utilizando-se irrigação; pecuária de pequeno porte, abrangendo bovinocultura leiteira e de corte, ovinocaprino cultura e criação de aves caipiras; extrativismo de palha e cera de carnaubeira (*Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore); extração de rocha calcária; e empregos fixos e temporários em cerâmicas localizadas na própria comunidade ou em comunidades vizinhas. Uma descrição mais aprofundada sobre a comunidade pode ser consultada no Capítulo II deste trabalho "Etnobotânica em unidades produtivas da comunidade São João da Várzea, Mossoró-RN".

2.2 SELEÇÃO DAS INFORMANTES-CHAVE

Durante as visitas e entrevistas realizadas na etapa anterior da pesquisa, "Etnobotânica em unidades produtivas da comunidade São João da Várzea, Mossoró-RN", foi possível identificar os informantes que possuíam maior afinidade e envolvimento com o uso de plantas medicinais. Neste contexto, foram

selecionadas duas informantes-chave para colaborar mais ativamente na pesquisa, de vez que elas se destacaram pela riqueza de informações obtidas diretamente através de seus relatos ou aquelas impressas nas entrelinhas de conversas formais e informais, considerando-se as sutilezas e peculiaridades de cada uma.

Desta forma, a concepção de informante-chave adotada nesse trabalho baseou-se na maior riqueza de informações sobre o uso e manejo de plantas medicinais, observada durante a primeira etapa da pesquisa, o que tende a refletir em um maior conhecimento a respeito desses recursos. De acordo com Amorozo e Viertler (2010), os informantes-chaves são sujeitos de pesquisa selecionados por sua competência cultural em determinado assunto. Além disso, algumas pessoas da comunidade apontaram as duas informantes-chave como detentoras de maior conhecimento sobre plantas medicinais. Segundo Albuquerque, Lucena e Lins Neto (2010), pessoas que são reconhecidas em sua comunidade como grandes conhecedoras das plantas e/ou animais da região são denominadas de especialistas locais.

Assim, para a seleção das informantes-chave, foi utilizada a amostragem não probabilística, que consiste em escolher os elementos da população de forma intencional. Neste tipo de amostragem, o pesquisador centra-se em grupos específicos, baseados na sua experiência ou conhecimento do universo (ALBUQUERQUE; LUCENA; LINS NETO, 2010). Após seleção das informantes-chave, as mesmas foram visitadas e questionadas sobre a possibilidade de continuarem contribuindo com a pesquisa, desta vez mais especificamente sobre as plantas medicinais. Ambas concordaram verbalmente e prontamente se disponibilizaram a participar. Para cada informante-chave foi apresentado o objetivo e a importância do trabalho, bem como a metodologia a ser utilizada, sendo elucidadas possíveis dúvidas. Foram agendadas as datas e horários das entrevistas, de modo a não atrapalhar as atividades domésticas das mesmas.

A pesquisa foi conduzida respeitando-se os aspectos éticos relacionados ao acesso ao conhecimento tradicional. Desta forma, foi esclarecido a cada informante-chave que sua participação na pesquisa estava condicionada à sua aceitação, podendo a mesma desistir a qualquer momento. Na ocasião, realizou-se

a leitura do Termo de Anuência Prévia (TAP) (APÊNDICE A), conforme orienta o Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN) (BRASIL, 2012), reafirmando-se que as informações coletadas seriam utilizadas apenas para fins de pesquisa. Solicitou-se a assinatura das informantes-chave no referido termo, sendo entregue uma cópia do mesmo devidamente assinado pelas partes envolvidas.

2.3 COLETA DE DADOS

A pesquisa foi realizada nos meses de agosto e setembro de 2012, sendo utilizada a abordagem qualitativa. Segundo Gressler (2003), esta abordagem é utilizada quando se busca descrever a complexidade de determinado problema, levando em consideração todos os componentes de uma situação e suas interações e influências recíprocas, numa visão holística. De acordo com Minayo (2003), a pesquisa qualitativa aborda um nível de realidade que não pode ser quantificado, correspondendo ao universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, representando um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Amorozo e Viertler (2010) acrescentam que esse tipo de pesquisa interessa-se por aprofundar o conhecimento de processos e estabelecer relações com aspectos do contexto onde ocorrem. Conforme Jorge e Moraes (2003), o material essencial da investigação qualitativa é a palavra que se expressa na fala, revelando condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas de cada grupo estudado.

A obtenção de informações socioeconômicas e sobre o uso e manejo de plantas medicinais foi aferida por várias técnicas de coleta de dados. Conforme Andrade e Casali (2002), geralmente em trabalhos etnobotânicos, dependendo do momento, mais de uma metodologia é utilizada e muitas vezes estas são complementares. De acordo com Jorge e Moraes (2003), a combinação de técnicas é sugerida a fim de trazer melhor elucidação de questionamentos e maior proximidade da realidade por mostrar, sob vários pontos de vista, os múltiplos

elementos que fazem parte do objeto enfocado. Desta forma, foram realizadas entrevistas informais e semiestruturadas, observação direta e participante, história de vida, lista livre e turnê guiada ou *walk-in-the-woods*, de acordo com as metodologias propostas por Albuquerque, Lucena e Alencar (2010) e Amorozo e Viertler (2010).

2.3.1 Observação direta e participante

Essas técnicas foram de fundamental importância para complemento e comprovação de informações obtidas por meio das entrevistas, bem como para identificar possíveis informações não citadas durante. Conforme Albuquerque, Lucena e Alencar (2010), as técnicas de observação direta e participante consistem na observação e registro livre dos fenômenos observados em campo, com menor ou maior grau de envolvimento, respectivamente. Estes autores acrescentam que a observação direta, também conhecida como observação participante por distanciamento total, proporciona a obtenção de grande quantidade de informações que devem ser devidamente organizadas para que possam auxiliar na compreensão do contexto estudado.

Segundo Azevedo e Coelho (2002), a observação direta dos usos e conhecimentos sobre as plantas medicinais implica em uma contextualização das informações obtidas, o que é fundamental para o entendimento mais completo dos processos. Os mesmos autores afirmam que a observação participante implica no envolvimento direto do pesquisador nas atividades da comunidade, o que permite compreender detalhadamente todas elas. A observação participante consiste na apreensão em profundidade do modo de vida, das ideias e motivações dos sujeitos da pesquisa, por meio da convivência do pesquisador com os membros do grupo e do envolvimento em suas atividades diárias (AMOROZO; VIERTLER, 2010).

De acordo com Silva (2002), a observação participante se realiza por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter

informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. A importância desta técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, de vez que observados diretamente na própria realidade transmitem o que há de mais importante e evasivo na vida real (MINAYO, 1994). Para Combessie (2004), esta técnica é apropriada aos primeiros contatos com a comunidade, de modo a possibilitar um momento de exploração da realidade.

2.3.2 Entrevistas informais e semiestruturadas

Visando à garantia de maior liberdade de expressão das informantes-chave, utilizou-se inicialmente a técnica de entrevista informal. Conforme Amorozo e Viertler (2010), trata-se da entrevista realizada com ausência total de controle ou estrutura, semelhantemente a uma conversa normal. Segundo as autoras, é utilizada durante as primeiras fases da observação participante, quando se está conhecendo a situação, além ser útil para aumentar ou estreitar as relações com informantes e identificar novos tópicos de interesse.

Outra técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada, que, de acordo com Pretty et al. (1995), é uma conversa dirigida na qual somente os tópicos são predeterminados, e novas questões vão surgindo como resultado das discussões. Nas entrevistas semiestruturadas, as perguntas são parcialmente estruturadas pelo pesquisador antes de ir ao campo, apresentando grande flexibilidade, pois permitem aprofundar elementos que podem ir surgindo durante a entrevista (ALBUQUERQUE; LUCENA; ALENCAR, 2010). Para realização destas entrevistas, recorreu-se ao uso de dois formulários previamente elaborados, ambos contendo questões abertas.

O primeiro formulário continha questões de caráter socioeconômico e cultural, além daquelas referentes ao conhecimento sobre o uso e manejo de plantas medicinais. Além disso, foram abordados aspectos sobre possíveis sistemas de

classificação e nomenclatura das plantas e das doenças, fenologia, coleta e conservação das plantas medicinais nos ambientes onde se encontram, bem como sobre a origem e difusão do conhecimento a respeito destas plantas. O segundo formulário compreendeu perguntas específicas sobre cada espécie citada para fins terapêuticos, investigando-se suas indicações de uso, partes utilizadas e formas de preparo.

As indicações terapêuticas das plantas foram descritas conforme pronunciadas, sendo utilizados os mesmos termos citados pelas informantes-chaves. Além disso, foram codificadas de acordo com a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, conhecida como Classificação Internacional de Doenças (CID 10) (OMS, 2007). As espécies citadas como medicinais também foram comparadas com as presentes na Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS) divulgada em 2009 pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2013).

Em todos os casos, o diálogo desenvolvido durante o trabalho baseou-se em uma relação de respeito e confiança entre as informantes-chave e a pesquisadora, permitindo a obtenção de informações mais fidedignas. Além disso, todos os relatos foram registrados utilizando-se termos regionalizados, descritos neste estudo em sua forma literal, mantendo a fidelidade dos detalhes de pronúncia, cuja importância reside na preservação e resgate da linguagem local.

2.3.3 História de vida

Em vários momentos das entrevistas, as informantes-chave recorreram a acontecimentos passados e experiências vivenciadas para relatar o uso de plantas medicinais. Neste sentido, sempre que possível, foram estimuladas a relatar aspectos que pudessem embasar o conhecimento sobre o uso das plantas medicinais, bem como acontecimentos que possibilitaram maior aproximação destas com os recursos.

A história de vida do informante é vista como um método complementar às entrevistas semiestruturadas e à observação participante, sendo caracterizada como uma estratégia de compreensão da realidade (MINAYO, 2004). Segundo Albuquerque, Lucena e Alencar (2010), trata-se de uma abordagem totalmente aberta e subjetiva, na qual o pesquisador conduz o informante pelos caminhos e vertentes da vida dele que lhe são interessantes, e que se enquadrem dentro dos objetivos a ser alcançados.

Neste trabalho, foi utilizado o método da história de vida tópica, que enfatiza apenas determinado setor da vida pessoal e não se preocupa em desvendar todo o conjunto de experiências vividas pelo informante (MINAYO, 2004). Conversas informais nas quais o informante interage intimamente com o pesquisador, explanando suas experiências de vida, é a característica fundamental deste tipo de abordagem, sendo registradas as informações contextualizadas aos usos de plantas medicinais (SILVA, 2007).

2.3.4 Lista livre

Para alguns questionamentos, foi considerada a técnica de lista livre, que consiste em pedir que os informantes listem eventos que sejam importantes em relação ao assunto que está sendo investigado (AZEVEDO; COELHO, 2002). De acordo com Albuquerque, Lucena e Alencar (2010), essa técnica baseia-se no princípio de que os elementos culturalmente mais importantes aparecerão em muitas listas e em uma ordem de importância.

2.3.5 Turnê guiada ou *walk-in-the-woods*

Visando à verificação *in loco* das espécies medicinais citadas durante as entrevistas e estimular a citação de outras, realizaram-se duas trilhas, uma com

cada informante-chave, utilizando-se o método *turnê guiada* ou *walk-in-the-woods*. Segundo Albuquerque, Lucena e Alencar (2010), este método consiste em ir até o campo com o informante, visando a fundamentar e validar os nomes das plantas citadas nas entrevistas, pois estes nomes podem variar, tanto entre regiões como entre indivíduos de uma mesma comunidade. As trilhas foram previamente agendadas e o percurso e a distância das mesmas foram definidas pelas próprias informantes-chave de acordo com a familiaridade do ambiente e facilidade de acesso, respeitando-se suas limitações físicas, principalmente por se tratar de pessoas idosas e uma delas ser portadora de deficiência física. A área percorrida em cada trilha foi demarcada no Programa Google Earth[®] utilizando-se a mesma escala (APÊNDICE D).

2.4 IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL BOTÂNICO

A maioria das plantas medicinais citadas durante as entrevistas foi encontrada durante a *turnê-guiada*, sendo detalhadamente fotografadas, para posterior confirmação da identificação botânica por meio de bibliografia especializada (BRAGA, 1976; LORENZI, 2006; LORENZI; MATOS, 2002; LORENZI; SOUZA, 2008; MAIA, 2004). Algumas espécies foram herborizadas de acordo com técnicas estabelecidas em coletas botânicas, para posterior identificação taxonômica por especialistas.

Entretanto, algumas destas plantas não foram encontradas durante a *turnê-guiada*, sendo estas tratadas como *etnoespécies*. O sistema de classificação de plantas utilizado foi o do *Angiosperm Phylogeny Group*, conhecido como APG II (APG, 2003). A nomenclatura das espécies e seus autores foram confirmadas utilizando-se a base de dados Trópicos[®] do Missouri Botanical Garden (TRÓPICOS, 2013).

2. 5 REGISTRO DAS INFORMAÇÕES

As informações obtidas foram, com a devida autorização dos entrevistados, registradas com o auxílio de um gravador portátil (Mp4) e fotografadas com câmera digital. Além disso, foram utilizadas as técnicas de anotação simultânea da comunicação e uso de diário de campo para informações adicionais. Todas as informações foram anotadas conforme obtidas nos questionários e entrevistas, empregando-se as mesmas terminologias usadas pelos informantes.

2.6 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Todas as informações foram organizadas visando a facilitar as reflexões e interpretações, sobretudo em relação à transcrição das entrevistas e análise das anotações realizadas em campo. Segundo Amorozo e Viertler (2010), a principal ferramenta intelectual empregada na análise dos dados qualitativos é a comparação, sendo utilizado o método de comparar e contrastar.

As informações específicas sobre as plantas medicinais foram compiladas sob a forma de um banco de dados, utilizando-se matrizes de textos, conforme metodologia proposta por Amorozo e Viertler (2010), utilizado-se o programa Microsoft Office Excel® 2010, sendo realizada a estatística descritiva e utilizados gráficos de frequência, bem como tabelas contendo a síntese das informações obtidas nas entrevistas realizadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DAS INFORMANTES-CHAVE E CONSIDERAÇÕES SOBRE SEUS CONHECIMENTOS

Dos 22 informantes que participaram da etapa anterior da pesquisa, intitulada como “Etnobotânica em unidades produtivas da comunidade São João da Várzea, Mossoró-RN”, duas informantes se destacaram por demonstrar maior conhecimento a respeito do uso de plantas medicinais: Dona Maria (M. M. C. P., 63 anos, UP6) e Dona Lucia (L. M. S., 60 anos, UP16).

Em estudos etnobotânicos sobre plantas medicinais, é comum a predominância de informantes do sexo feminino. Segundo Rodrigues e Casali (2002), as mulheres são grandes detentoras do conhecimento sobre plantas medicinais, possuindo importante função no processo de transmissão. Isto se deve provavelmente à responsabilidade atribuída à mulher no cultivo e preparo de plantas medicinais, bem como nos cuidados empregados às crianças e outros membros da família quando estes são acometidos por alguma doença. De acordo com Pasa (2011), as mulheres, quase sempre envolvidas diretamente no tratamento de seus filhos e maridos, geralmente são as principais depositárias do saber popular quanto ao uso das plantas.

Ambas as informantes-chave são idosas, com 60 e 63 anos de idade, o que sugere que o acúmulo de conhecimento sobre plantas medicinais está diretamente associado às experiências vivenciadas ao longo do tempo, à convivência mais longa com o ambiente que as cerca e à maior frequência de práticas de uso das plantas para tratamento de doenças. Segundo Costa (2002), a concentração dos conhecimentos acerca das plantas medicinais com as pessoas mais idosas se deve à experiência de vida, a própria necessidade de uso e sua frequência ao longo dos anos. De acordo com Siviero et al. (2012), as pessoas mais idosas tendem a conservar as práticas da medicina popular tradicional, cujo conhecimento relativo

ao uso de plantas é geralmente expresso no cultivo das espécies na residência. Outros trabalhos também relataram essa relação diretamente proporcional entre a idade do informante e seu conhecimento sobre o uso de plantas medicinais (AMARAL; GUARIM NETO, 2008; BARROS, 2007; SIVIERO et al., 2012).

3.1.1 Considerações sobre a vida e o conhecimento de Dona Maria (M. M. C. P.)

Dona Maria nasceu no Sítio Paraíba, município de Alexandria-RN, no dia 28 de junho de 1949, tendo no momento da pesquisa 63 anos de idade. Ainda criança, foi morar com sua família em Marcelino Vieira-RN, onde passou sua infância e parte de sua juventude. Antes de chegar a Mossoró, Dona Maria residiu em outros municípios do estado do Rio Grande do Norte, sempre na zona rural.

Quando eu saí de Marcelino Vieira eu tinha, eu saí de lá pra me casar, com 23 anos. Antes de vim pra cá eu fui pra Luís Gomes, passei um tempo, aí voltei de novo, aí fui pra município de José da Penha. Aí depois eu vim pra cá, eu já tinha 38 anos, ia fazer 40 anos quando vim pra Mossoró. (M. M. C. P., 63 anos).

Chegando a Mossoró, a família se instalou na zona urbana da cidade por quatro anos, até se mudar para a comunidade São João da Várzea, onde residem até os dias atuais, totalizado 16 anos. Dona Maria é casada com o Senhor Raimundo (R. J. P., 86 anos) há 40 anos, com quem teve seis filhos. O fato de Dona Maria ter nascido e crescido na zona rural lhe permitiu manter estreita relação com os recursos da natureza, proporcionando acúmulo de conhecimento a respeito destes recursos, seus usos, manejos e interações com o ambiente. De acordo com Amorozo (2002), o cultivo em comunidades agrícolas tradicionais se aprende muito cedo, na medida em que as crianças acompanham os adultos às roças.

Dona Maria e sua família desenvolvem atividades de agricultura de subsistência e pecuária em pequena escala, sendo caracterizados como agricultores familiares. Entretanto, a própria informante identifica diferenças na intensidade dessas atividades comparando-se à época de seus pais, principalmente quanto à aquisição de produtos e utilização da mão de obra. Em relação aos recursos utilizados na época de infância, Dona Maria relatou que tudo era produzido pelos próprios membros da família, desde o cultivo de plantas e criação de animais visando à alimentação, até produtos de higiene pessoal e utensílios domésticos.

Meus pais compravam somente a roupa, o resto tudo eles que plantavam, feijão, milho, arroz, eles criavam porco, o rebanho nesse tempo tinha manga tudo solta, não era que nem hoje, o rebanho de bode, de porco, era solto aí. No meu tempo não tinha essa história de comprar nada não, era tudo produzido em casa mesmo, comprava somente a roupa e os chinelos, e assim mesmo, até os chinelos meu pai fazia em casa, ele fazia os chinelos pra todo mundo de sola. [...] A mandioca que ele plantava, ele mesmo rapava em casa e fazia a farinha, era tudo feito em casa. O corante também, ele plantava urucum, só era torrar no fogo, pisar no pilão, peneirava e fazia o corante. O arroz, o milho, a fuba de milho, o café era torrado e pisado. O sabão era feito em casa, ele pegava o “fato” do porco, tratava bem tratadinho, botava numa panelona bem grande num fogo de lenha, ficava mexendo aí derretia tudo. Eu vi muito minha vó fazendo sabão. Era tudo feito, minha filha. [...] Toda qualidade de louça minha vó fazia, os potes, jarros de plantar, panelas, tudo minha vó fazia, nesse tempo não tinha bacia, nem caldeirão, era tudo cozinhado em panela de barro, ela fazia as quartinhas, minha vó trabalhava bem. (M. M. C. P., 63 anos).

Costa (2002), estudando aspectos etnobotânicos do trabalho com plantas medicinais realizado por curandeiros no município de Ipiranga-SP, verificou que, segundo os informantes, o trabalho agrícola ocorre com menor intensidade nos dias de hoje, comparando-se à época de seus pais, quando só eram comprados o querosene, sal e tecidos. Barros (2007) encontrou situação semelhante no município de Piquete-SP, afirmando que atualmente quase tudo é comprado, inclusive produtos básicos da alimentação, como as hortaliças. Ao comparar os

tempos de infância com os atuais, Dona Maria enfatizou as dificuldades enfrentadas para se obter os recursos necessários em épocas passadas.

Hoje em dia, é tudo pronto, já tem o comerezinho pronto, não tem mais o trabalho de pilar milho pra fazer o beiju, pra fazer o cuscuz, fazer o “macunzar” pisava no pilão, pisava o arroz, pisava tudo no pilão, ficava cheia de calo as mãos. Lavava roupa no rio, longe. Hoje em dia tá bom demais. Eu apanhava algodão nas roças, passava o dia todo apanhando algodão, só chegava em casa cinco horas. Fiava, fazia as redes, fazia varanda, tudo eu fazia quando era pequena. (M. M. C. P., 63 anos).

Observa-se, portanto, um processo de transformação na qual a produção de alimentos e outros itens de consumo básicos são substituídos pela compra de produtos industrializados ou não, gerando dependência crescente do mercado e do comércio. De acordo com Barros (2007), este processo vem ocorrendo em regiões rurais de todo o país e tem levado os produtores a deixar de plantar, causando a perda de conhecimento sobre o manejo das espécies comestíveis fundamentais para garantir a diversidade alimentar das famílias. Nesse contexto, quando questionada sobre o processo de aprendizagem do cultivo de plantas, Dona Maria relata que aprendeu com familiares, mais precisamente os pais, avó e uma tia.

Tinha uma tia que gostava de plantar muito, aí ela pegava as vasilhas e ia pegar o estrume. Eu via ela fazendo os canteiros, carregando estrume de boi e as pedras pra fazer os canteiros pra botar o estrume e agoar. Ela dizia: a gente passa dois dias agoando, quando é com dois dias a gente vai plantar. Aí plantava o coentro, o coentro era “relado”, plantava o alho, a cebola, até a semente do fumo era plantada. (M. M. C. P., 63 anos).

Na residência simples, de alvenaria, construída passo a passo pela própria família, inclusive com a fabricação dos tijolos, moram cinco pessoas: o casal, um filho e dois netos. A escolaridade de Dona Maria é o ensino fundamental incompleto. Embora não se tenha solicitado qualquer justificativa, a informante

atribuiu sua baixa escolaridade à dificuldade de acesso à escola e à necessidade de mão-de-obra nas atividades domésticas e agropecuárias durante a idade escolar.

A aposentadoria rural do casal atualmente constitui a principal fonte de renda da família. Outros autores também mostraram forte participação da aposentadoria como fonte de renda dos entrevistados (FREITAS, 2009; MORAIS, 2011; VISBISKI, 2003). Além disso, a família possui benefício proveniente de programa de transferência direta de renda, como o Programa Bolsa Família do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS).

Em relação à fonte do conhecimento sobre plantas medicinais, Dona Maria afirmou ter interesse permanente em aprender, atribuindo a maior parte de seu conhecimento sobre plantas à convivência com sua avó paterna durante a infância. Assim, o conhecimento sobre o uso, indicações e formas de preparo das plantas medicinais foi transmitido oralmente ou adquirido por meio de experiências práticas acompanhadas e vivenciadas, memorizadas segundo convicções e necessidades próprias. De acordo com Attuch (2006), os sistemas de conhecimento acontecem pela conjunção de fatores variáveis, envolvendo experiências pessoais transcendentais, relações espirituais e religiosas, além de atividades adquiridas, praticadas e aprimoradas por um sujeito no contexto de uma coletividade.

Aprendi a fazer os remédios com minha vó, quando eu era menina, eu tinha 10 anos. Porque nesse tempo a gente morava dentro do mato. Nos meus tempos de criança você não via carro, você não tinha estrada pra você andar, era só “vareda”, “vareda”. Aí a gente ia naquelas varedinhas, aí ela andava e parava, onde tinha uma florzinha da catingueira ela me dizia: “ói minha fia, essa florzinha aqui é pra gripe, essa é o mofumbo, a casca dela serve pro mel, a casca do mofumbo”, tudo isso ela me ensinava, dentro da mata, sabe? [...] A gente andava dentro das matas, o jucá, ela dizia “minha fia, o jucá serve pra pancada, se você levar uma pancada, criar uma posta” [...] ela disse “só é pegar, botar de molho e beber a água do jucá pra desmanchar toda posta que tiver”. (M. M. C. P., 63 anos).

O papel da família na transmissão do conhecimento sobre o uso de plantas medicinais também foi evidenciado em outros trabalhos etnobotânicos (CALÁBRIA et al., 2008; CUNHA; BORTOLOTTI, 2011; DAMASCENO; BARBOSA, 2008; GIRALDI; HANAZAKI, 2010; OLIVEIRA, 2008; RICARDO, 2011; RODRIGUES; GUEDES, 2006). Além da figura da avó paterna, Dona Maria também informou que aprendeu a usar algumas plantas com um médico que atendia na comunidade, de cujo nome não se recordava.

Tô cansado de fazer consulta com o médico daqui de gripe, febre, essas coisas, ele fala do caseiro, aí ensina a malva corama, aquela malva que arde, o mastruz, o hortelã, ele ensina tudinho e caso você fizer em casa e não tiver jeito, aí você vai e leva pra consulta. [...] Mas esse médico não vem mais pra cá, agora é outro. (M. M. C. P., 63 anos).

Dona Maria também descreveu como sua avó a ensinava a reconhecer as espécies medicinais e, dentro da mesma espécie, as plantas que poderiam ser utilizadas. Critérios de classificação das plantas como apropriadas ou inapropriadas para uso foram repassados por meio de demonstrações práticas e relatos.

A minha vó pegava uma pedrinha, batia e dizia como era. O mofumbo ela dizia “só serve pra fazer o remédio se o mofumbo tiver maduro, se a casca do mofumbo tiver madura, ela serve pra botar de molho pra beber e serve pra fazer o mel também do mofumbo”. Ela descascava e mostrava. Tudo que ela ia mostrar que era de casca, ela descascava um pouquinho, o cumaru, a catingueira. O cheiro do cumaru é diferente. Via a cor também. (M. M. C. P., 63 anos).

Ao longo das entrevistas e conversas informais, foi possível observar a admiração e gratidão de Dona Maria para com sua avó paterna, tendo em várias oportunidades a enaltecida em seus relatos, referindo-se sempre a ela como exemplo de mulher, detentora de grande conhecimento.

Minha vó, minha vó, eu acho que ela estudou pra medicina porque ela sabia de tudo. [...] Naquele tempo tinha médico não, os médicos era tudo do povo do mato. Ela era parteira, ela sabia de tudo, ela rezava também. Minha vó ia pegar menino longe, era parteira minha vó, ela só não fazia cesáreo, mas ela sabia fazer tudo. Minha vó tinha os livros dela, era uma ruma de livro que ela dizia que era pra ela estudar pra parteira. (M. M. C. P., 63 anos).

Dona Maria relatou que criou seis filhos e dois netos utilizando plantas medicinais sempre que havia necessidade, cuidando deles em sua própria residência. Afirmou, porém, que os jovens geralmente não possuem interesse em aprender sobre o uso das plantas medicinais. Alguns fatores podem contribuir para esse desinteresse, sendo um dos principais a falta de envolvimento das crianças e jovens com atividades diárias tipicamente rurais, de vez que o acesso a recursos como televisão e computadores, cada vez mais comum na zona rural, tem se tornado mais atrativo para os mesmos. Além disso, Amorozo (1996) destaca que a educação formal reduz consideravelmente o tempo de convívio dos jovens com os mais velhos e experientes.

Outro fator agravante é o acesso cada vez mais fácil aos recursos e influências da medicina ocidental, fazendo com que os jovens recorram ao uso de medicamentos alopáticos, inclusive para o tratamento de problemas de saúde básicos e simples. De acordo com Pinto, Amorozo e Furlan (2006), as práticas relacionadas ao uso popular de plantas medicinais são a alternativa viável de muitas comunidades para o tratamento de doenças ou manutenção da saúde; porém, sua continuidade pode ser ameaçada pela interferência de fatores externos à dinâmica social do grupo.

Hoje em dia, o pessoal não tem mais interesse por nada, o interesse desse povo de hoje é correr pra rua, pros médicos. Eles não têm interesse em fazer nenhum remédio em casa pra poder ir pro médico só se aquele remédio caseiro não tiver jeito. (M. M. C. P., 63 anos).

Mesmo com esse desinteresse, Dona Maria afirmou que já ensinou formas de preparo e de cultivo de plantas medicinais tanto a familiares como a outras pessoas da comunidade quando a procuram. Afirmou ainda que muito material propagativo ou mesmo mudas das plantas já foram doadas às pessoas da comunidade pela mesma, com o objetivo de estimular o cultivo e garantir a conservação dessas plantas na própria comunidade. Entretanto, segundo relatos da informante, essas tentativas não tiveram êxito, já que sempre que as pessoas precisam de alguma planta voltam a procurá-la para solicitar informações de uso, bem como pedir as partes de plantas necessárias para o preparo.

Já ensinei muito o povo a fazer mel, ensino a plantar. Muita gente que não sabe plantar, eu ensino a cavar, usar o estrume, aguar, tudo isso eu ensino. Já dei tanta planta aqui, hoje em dia eu procuro, e ninguém tem, minha filha. [...] Eu tinha tudo aqui em casa, pode acreditar como aqui no inverno, aqui em casa, era um “partido” que você via. Esse oitão aí fazia gosto, começava de acolá pra cá, só de manjerição e manjerona e hoje não tem um pé. Chegaram, arrancaram, levaram tudo pra lá, e hoje ninguém tem. (M. M. C. P., 63 anos).

Segundo Dona Maria, algumas pessoas a procuram para pedir partes de plantas já definidas, ao passo que outras não conhecem as plantas que servem para os problemas de saúde que estão passando e também solicitam essas informações. Neste caso, Dona Maria indica a planta, explicando as formas de uso, ensina a forma de preparo, ou em alguns casos, prepara e entrega pronto. A maioria das pessoas que procuram indicações de plantas para suas enfermidades é do sexo feminino, de todas as idades. Nesse sentido, Dona Maria enfatiza a importância do conhecimento a respeito das plantas medicinais, suas formas de uso e manejo.

Acho importante conhecer as plantas e saber fazer os remédios, porque tem gente que não sabe nem tirar a casca no mato. Tem gente que nem saber tirar uma casca no mato, não sabe. E eu acho que tem muitos remédios da farmácia que vem do mato, da medicina do mato. (M. M. C. P., 63 anos).

Além disso, Dona Maria associa o conhecimento e a habilidade de lidar com as plantas a um “dom” divino que permite ajudar as pessoas que precisam de indicações de uso das plantas medicinais para o tratamento de determinada doença. Ao longo de todas as entrevistas, a expressão “abaixo de Deus” foi usada em inúmeras ocasiões, principalmente quando relatado o poder de cura das plantas. O uso dessa expressão e sua concepção sobre a razão pela qual as pessoas adoecem refletem a religiosidade da informante e demonstram que o conhecimento sobre o uso das plantas medicinais está intimamente relacionado à sua visão de mundo e à sua concepção sobre aspectos da natureza. Attuch (2006), estudando o conhecimento tradicional do cerrado sob a memória de Dona Flor, relatou que ela também considera ter um “dom”, dado por Deus, de parteira e raizeira. Segundo a autora, Dona Flor também utiliza a expressão “abaixo de Deus” para se referir às suas habilidades de ajudar as mulheres a ter seus filhos e de indicar determinadas ervas para fazer dado remédio.

Acho que tem que ter o dom de fazer as coisas, de ter aquele interesse, de ter aquela sabedoria de fazer tudo, de saber pra que serve. Eu tenho esse dom, esse interesse, tanto tenho interesse pra mim, como tenho pros outros. Eu tenho interesse de ensinar como é que faz. (M. M. C. P., 63 anos).

As pessoas ficam doentes porque Deus permite. Deus que permite a doença também. Deus permite adoecer e permite ficar bom também. (M. M. C. P., 63 anos).

Questionada sobre quando começou a preparar as plantas para fins medicinais, Dona Maria afirmou ter sido com o primeiro filho. Nesse sentido, Freitas et al. (2012) afirmam que geralmente a existência dos filhos implica na busca de soluções práticas e imediatas para o tratamento de doenças.

A primeira vez que eu fiz um remédio eu já era casada, foi do tempo dos meus meninos pra cá, fiz remédio de malva, de jatobá, lambedor. [...] Foi com meu filho mais velho, era gripe. Olhe, eu não sabia fazer mel nenhum, eu ensinava o povo a fazer, mas eu não sabia direito, fazia, mas não ficava bom. Aí

quando a pessoa vai ficando mais velha, vai fazendo mais direitinho. Eu aprendi fazer mesmo depois, quando eu tava mais velha, com a experiência aí eu já sei como é que faz. (M. M. C. P., 63 anos).

Em relação ao acesso às plantas medicinais, Dona Maria relatou que algumas são encontradas nos arredores da residência, em espaços denominados de quintais, terreiros e oitão. Outras plantas, no entanto, precisam ser coletadas, por meio do extrativismo, em ambientes que não sofreram tanta ação do homem, encontrando maior número de plantas nativas. A coleta das partes necessárias para o preparo dos produtos é realizada, na maioria das vezes, pela própria informante e em alguns casos por seu esposo.

Quando a gente precisa, a gente vem pros matos catar. [...] Eu mesmo vou buscar na mata as plantas, só ameixa que as vezes eu quero a casca aí o “véi” vai buscar, porque é longe. Mas essas outras cascas sou eu que vou tirar tudinha pra fazer lambedor, é mofumbo, é cumaru. (M. M. C. P., 63 anos).

3.1.2 Considerações sobre a vida e o conhecimento de Dona Lúcia (L. M. S.)

Dona Lúcia (L. M. S.) nasceu no município de Caicó-RN, no dia 24 de agosto de 1952, tendo no momento da pesquisa 60 anos de idade. De acordo com relato da informante, quando sua mãe estava grávida de sete meses, morava em uma barraca de marmeleiro, pois seu pai trabalhava na construção de uma estrada, denominada por ela de “rodagem”.

Meu nascimento foi muito sofrido, eu nasci na terra, nasci de sete “mês”. Eu queria comer panelada, mamãe não comeu, aí eu nasci. Nasci na terra, debaixo de uma barraca de marmeleiro. [...] Meu nascimento foi de desejo e foi rápido. [...] Só deu tempo mamãe chegar na barraca, quando meu pai chegou eu tava toda meladinha de terra, não sei como não peguei um “abcesso” no umbigo, né? [...] Mas quem tem de

morrer é assim e quem tem que viver também é assim. Se fosse na marca de hoje, tinha corrido pra hospital, tinha sido maior coisa, né? (L. M. S., 60 anos).

Com seis meses de vida, foi com a família morar em uma fazenda em Jaguaribe-CE, saindo de lá com 39 anos, quando então se mudou para Mossoró-RN, na zona urbana. Dona Lúcia afirmou que possui uma casa na cidade, mas mora na comunidade São João da Várzea há um ano. Hoje, reside em uma casa simples e adaptada de um antigo galpão onde funcionava um armazém, cedida pelo dono da propriedade da qual ajuda a cuidar. No momento da pesquisa, residiam seis pessoas: a própria Dona Lúcia, uma filha, o genro e três netos. A mesma afirmou que já era separada quando assassinaram o pai dos seus filhos.

Dona Lúcia é alfabetizada, afirmando que sabe ler e escrever. Entretanto, hoje sente dificuldade até de assinar o seu nome, devido às sequelas do problema de saúde sofrido, um Acidente Vascular Cerebral (AVC), que prejudicou sua coordenação motora. A renda da família provém principalmente da aposentadoria por invalidez do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) de Dona Lúcia, em decorrência do AVC sofrido há dez anos. Contam também com a ajuda financeira de benefícios sociais concedidos por programas de transferência direta de renda, como o Programa Bolsa Família do Ministério do MDS.

Em muitas oportunidades, Dona Lúcia utilizou as expressões “antigamente se fazia”, “antigamente era assim”, “no meu tempo se usava”, “agora não, mas antigamente se usava”, “pra hoje eu não sei, porque hoje ninguém usa mais, mas antigamente” e “hoje em dia não usa mais”. Todas essas expressões refletem a concepção de mudança ocorrida entre o tempo de sua infância e juventude e o tempo atual, principalmente em relação ao uso de plantas medicinais e o tipo de alimento consumido pela família, bem como a forma de aquisição deste alimento. De acordo com Barros (2007), em uma comunidade rural do município de Piquete-SP, os produtores têm deixado de plantar, passando a adquirir no comércio os produtos básicos necessários à alimentação da família.

As coisas hoje tão muito diferente, viu? Muito diferente. [...] Antigamente não era como hoje não, hoje em dia você ver um menino “não, só quero se for isso, só quero se for aquilo”. Não, hoje num tem nada difícil não, nem as comidas de hoje. As pessoas ignoram as comidas que a gente comia, era muncunzá, era cuscuz, arroz, feijão, era a fuba de milho, era os pirão feito om feijão, feito o “escaldado”. [...] Hoje em dia, quem é que sabe o que é “escaldado”? Sabe mais não, você pergunta a qualquer menino desses e eles não sabem, ninguém sabe mais o que é não. (L. M. S., 60 anos).

Além das mudanças inerentes aos costumes alimentares e práticas terapêuticas, várias outras práticas de utilização dos recursos vegetais disponíveis no ambiente onde vivem têm sido substituídas por outras advindas da modernidade. A facilidade de acesso e de uso dos produtos industrializados intensifica essa substituição cada vez mais. Algumas práticas comuns no tempo de infância de Dona Lúcia são descritas nos relatos a seguir.

A frutinha do pinhão, aqui eu não sei, mas lá em nós, a gente fazia sabão. As mulher lá faziam sabão, da fruta do pinhão. Quebra, aí tira aquele miolinho branco, pila, coloca potássio, que hoje é a soda caustica, hoje não existe mais a potássio, mudaram os nomes, mas é a mesma coisa, aí faz o sabão da fruta do pinhão. (L. M. S., 60 anos).

Agora não, mas antigamente era assim, rapava aquelas rumas, aquelas cuias, que não existe mais, aquelas cabaças, que hoje em dia não tem mais, não ver mais uma cabaça, não ver mais uma cuia, não ver mais nada. Aí rapava aquelas cuias de rapa de juá que era pra roupa branca, num sabe? Aí pegava, esfregava, esfregava, esfregava, aí coava, aí colocava a roupa branca dentro, que era pra roupa branca ficar bem limpinha. Quando era no outro dia, tava a roupa bem alvinha. [...] Hoje em dia é água sanitária, tira mancha, é mais de mil coisa. (L. M. S., 60 anos).

Quanto ao processo de aprendizagem sobre o uso de plantas medicinais, Dona Lúcia afirmou que seu avô materno, o qual chamava de “Padinho”, foi o responsável por todo o conhecimento que possui. Os conhecimentos foram obtidos pela observação e acompanhamento de práticas realizadas por ele. Entretanto,

algumas vezes, alguns ensinamentos eram transmitidos oralmente por meio de histórias e experiências contadas. O reconhecimento e o resgate do saber local sobre as plantas medicinais são fundamentais em comunidades rurais, pois os remédios caseiros surgem como alternativa de cura, muitas vezes a única devido à falta de outros recursos para cuidar da saúde (CUNHA; BORTOLOTTI, 2011).

Meu avô por parte de mãe ele era homeopata. Não sei se você já ouviu falar em homeopata, que antigamente era, hoje é médico, mas de primeiro não tinha médico, era homeopata, né? Aí meu avô, eu conheci meu avô contando a história, ele contava as histórias. [...] As medicações que eu sei “tudinha” é dele, dos remédios que ele fazia. [...] Tudo que eu sei de medicação foi meu avô que ensinou, ele fazia. Não era ele que ensinava, ele fazia e eu via ele fazer, aí aprendia. (L. M. S., 60 anos).

De acordo com Dona Lúcia, o conhecimento sobre o uso e manejo das plantas foi obtido durante sua infância, quando conviveu com seu avô. A importância dessa fase de vida na memorização dos ensinamentos foi expressa em um de seus relatos.

Você veja só, as coisas como são, essas coisas aí eu via meu avô fazer eu tinha o que? Cinco anos, seis anos, sete, até nove anos ele trabalhava. Aí pra você ver, eu via ele fazer e eu sei tudinho hoje e coisa que se passou na minha idade de trinta anos a quarenta eu não me lembro, você acredita? E me lembro de quando era pequeninha, as coisas de quando eu era pequeninha eu me lembro tudinha. Você ver que a infância da gente fica ali, num cantinho da cabeça da gente. (L. M. S., 60 anos).

Segundo Dona Lúcia, quando alguém passava por um problema de saúde, tanto de ordem natural por meio de doenças, como provocados por acidentes de trabalho ou violência, imediatamente procuravam seu avô, que, com toda a sabedoria e segurança, realizava o atendimento, diagnosticando e tratando os pacientes com plantas. Muitas vezes o tratamento abrangia rituais com procedimentos e orações envolvendo mistério. Embora Dona Lúcia tenha auxiliado

seu avô em vários atendimentos, ele nunca revelou o conteúdo das orações que discretamente realizava.

Ele tinha uma reza que ele rezava que estancava, podia tá assim, esgotando sangue, que ele tinha umas palavras lá que ele dizia, ele nunca me ensinou. [...] Ele mandava eu fazer assim, eu ajeitar as coisas que ele usava nas curas dele, pra fazer aquela oração, mas ele não ensinava a oração, não ensinava “nem a pau”, não ensinava. (L. M. S., 60 anos).

Dona Lúcia também relatou acontecimentos que a intrigava, descrevendo situações nas quais seu avô foi capaz de prever acontecimentos futuros e agir sobre fenômenos, como incêndios na vegetação, sendo esta capacidade atribuída a um dom.

Eu sempre dizia: “Padinho você tem um mistério”. Porque aí do que o “véi” botasse a mão em cima. [...] Padinho era misterioso, era um “véi” que triste do que ele dissesse. Você podia tá mole, mole, que se ele chegasse, curasse você e dissesse: “você escapa”, você podia acreditar porque você escapava. Agora se ele dissesse: “só Deus”, pronto, podia comprar a mortalha. [...] Se existia uma pessoa que tinha um dom, aquele ali era um. Porque tem o dom, né? Tem pessoa que tem o dom e ele tinha um dom. Ele nasceu com um dom. (L. M. S., 60 anos).

Visando à compreensão da origem de todo o conhecimento sobre o uso de plantas medicinais que o avô materno de Dona Lúcia detinha, ela foi questionada sobre sua ascendência, se era remanescente de quilombolas, de indígenas ou de outros grupos tradicionais. A esse respeito, constatou-se que apenas sua avó materna tinha raízes indígenas, embora não se tenha verificado nenhum relato de aprendizagem obtida por meio dela.

Quem era índia lá em casa era a minha vó, a mulher dele. Minha vó era filha de uma índia pura, sem mistura. [...] Meu avô era branco, alvo, dos olhos azuis, já mamãe, não, mamãe era moreninha. (L. M. S., 60 anos).

Dona Lúcia descreveu, com riqueza de detalhes, como realizou o tratamento do AVC do qual ainda possui sequelas físicas.

Em 2001, eu tive em coma, cega, muda, moca, “encricriada”. Eu tive um AVC forte mesmo. Eu tive todas as coisas, mas você sabe qual foi o meu melhor médico abaixo de Deus e o meu melhor remédio? Gergelim, o leite do gergelim com hortelã. Não existe medicina melhor de que o leite de gergelim com hortelã. Olhe, os remédios de farmácia que vieram, quanto mais empurravam na minha boca, mais pior eu ficava. Aí quando eu me lembrei do meu avô que ele era homeopata. [...] Quando as pessoas ficavam em casa, tudo “encricriada”, quando dava a doença, aí ele ia, pegava e fazia o emplasto da água do gergelim, que ele pilava pra fazer, e era pilado com o hortelã, aí ele fazia e colocava nas “juntas” da pessoa pra amolecer as “juntas”, era a fisioterapia dele. Aí eu me lembrei do remédio do meu avô, quando eu comecei a voltar a memória, aí eu não falava ainda não, né? Aí eu fiz o gesto só com a mão esquerda, o nome, né? Escrevi dois nomes, o gergelim e o hortelã, aí no meio eu botei leite. Aí as meninas compreenderam, aí mandaram comprar o gergelim e o hortelã, aí fizeram. [...] Aí assim, hoje eu tô lhe contando a história aqui, mas eu depois de três meses eu, pra começar a andar eu engatinhei primeiro, pra depois andar me agarrando pelas paredes, nas coisas e daí vem eu de lá pra cá. [...] Aí depois eu voltei pra o médico de fisioterapia porque essa minha perna, a sequela ficou nela. (L. M. S., 60 anos).

O uso da expressão “abaixo de Deus”, presente em vários relatos, demonstra relação do conhecimento sobre os usos das plantas medicinais à concepção que a informante tem dos aspectos da natureza, bem como a importância da religiosidade da informante. Essa expressão também foi utilizada por Dona Flor, parteira e raizeira da região do cerrado, em trabalho realizado por Attuch (2006). Dona Lúcia afirmou que a utilização de plantas medicinais no tratamento de sintomas e doenças é fundamental, principalmente para pessoas com menor poder aquisitivo, demonstrando certo desapontamento para com a indústria farmacêutica que comercializa medicamentos contendo plantas em suas composições por um preço elevado.

Você tá se formando, eu não sei de nada, mas eu vou só lhe dizer uma coisa, que os laboratórios trabalham com as plantas, sabia? Com as plantas. A medicação não vem, eles não fabricam aquilo não, eles pegam as plantas, são fabricadas pelas plantas. São vendidas pros laboratórios pra fazer, pra fabricar os remédios. Aí eles pensam que a gente é besta, não sabe da onde é que vem, aí coloca naquela bula, né? Aí vende por um preço do tamanho do mundo, aonde você em casa faz ele, só não tem só aquele sabor, porque eles botam aqueles “essenciozinho”, coloca o sabor que quer, né? E a gente não, é puro, natural. (L. M. S., 60 anos).

3.2 USO DE PLANTAS MEDICINAIS PELAS INFORMANTES-CHAVE

O levantamento etnobotânico das plantas medicinais citadas pelas informantes-chave foi realizado por meio de trilhas percorridas tanto nos espaços domésticos, como no entorno das unidades produtivas. Os espaços domésticos compreenderam os quintais, “oitões” e terreiros. Já o entorno das unidades produtivas abrangeu propriedades vizinhas, roças e espaços de vegetação nativa com pouca intervenção humana, denominados mata. Além de permitir a validação dos nomes vernaculares das plantas, esta técnica funcionou como um estímulo, já que novas plantas foram citadas como medicinais na medida em que foram visualizadas, sendo relatadas na ocasião todas as informações de uso e indicações das mesmas. Por meio das trilhas, foi possível obter maior riqueza de informações a respeito das plantas encontradas, as práticas de manejo, ambiente de coleta, alguns sistemas de classificação adotados pelas informantes-chave e aspectos relacionados à sua fenologia e conservação. Além disso, o uso dessa técnica proporcionou maior entendimento sobre o ambiente, principalmente a respeito da fauna, clima, solo, topografia e conservação de recursos, bem como estabeleceu uma maior familiaridade com as informantes-chaves.

Durante a realização das entrevistas e das trilhas, foi citado pelas duas informantes-chave um total de 61 espécies com propriedades medicinais. Deste total, 41 (67,2%) espécies citadas foram encontradas e identificadas botanicamente,

ao passo que 20 (32,8%) delas não foram encontradas, sendo apresentadas separadamente e denominadas neste estudo etnoespécies (FIGURA 1). Destas 20 etnoespécies, apenas o jatobá e o gergelim foram citadas pelas duas informantes. As demais foram citadas da seguinte maneira: 14 exclusivamente por Dona Maria e 4 por Dona Lúcia.

Como o tempo de estadia de Dona Lúcia na comunidade era de apenas um ano no momento da pesquisa, e no referido ano houve forte estiagem, supõe-se que esta informante-chave não teve a oportunidade de conhecer mais detalhadamente os ambientes do entorno de sua unidade produtiva. Desta forma, a trilha estimulou a citação de plantas que eram visualizadas, ao ponto em que elas possivelmente estariam disponíveis no ambiente em um ano de precipitação regular. Este fato pode explicar o reduzido número de etnoespécies, não encontradas, citado por Dona Lúcia em relação às citadas por Dona Maria que, por conhecer bem os ambientes percorridos, através da trilha realizada, foi estimulada a citar grande número de plantas não encontradas na ocasião.

Aqui tinha muito era papaconha, morreu tudinho. É no chão, estiradinha, bem alvinha a raizinha dela. Tinha batata de purga também, agora era grandona ela, ela nasce nos cantos do mofumbo. Mas não tem não, numa seca dessa ninguém ver elas não, só ver no inverno. (M. M. C. P., 63 anos).

3.2.1 Espécies citadas e encontradas pelas informantes-chave

As informações referentes às espécies citadas como medicinais e encontradas nos ambientes percorridos durante as trilhas pelas duas informantes-chave encontram-se na Tabela 1. Observou-se um total de 41 espécies distribuídas entre as informantes-chave e os espaços conforme Figura 2.

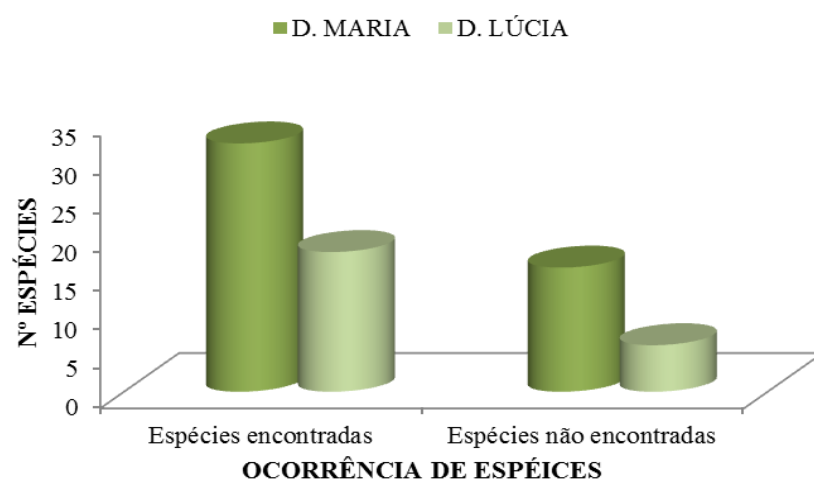


Figura 1 – Ocorrência de espécies medicinais encontradas e não encontradas nas trilhas realizadas com as informantes-chave em São João da Várzea, Mossoró-RN.

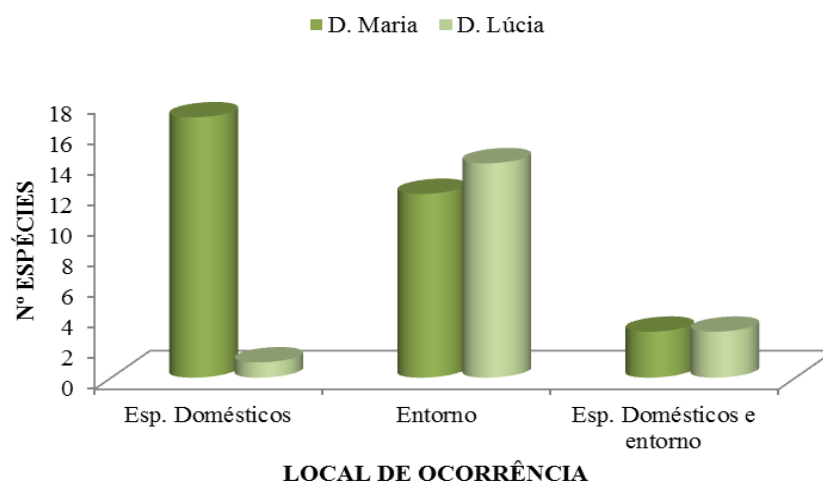


Figura 2 – Local de ocorrência de espécies citadas como medicinais e encontradas nas trilhas realizadas com as informantes-chave em São João da Várzea, Mossoró-RN.

Além de seus espaços domésticos, a trilha percorrida por Dona Maria abrangeu área de vegetação nativa com pouca intervenção humana e espaços denominados roçados, mas no momento da pesquisa não havia nenhum cultivo. Segundo Dona Maria, seu esposo plantava as culturas de sequeiro, principalmente milho (*Zea mays* L.), feijão (*Vigna unguiculata* L. Walp.) e jerimum (*Cucurbita pepo* L.) em vários roçados, mas com o passar do tempo, devido à idade, ele concentrou o plantio de suas lavouras nos roçados mais próximos da sua residência. Desta forma, nos roçados mais distantes, onde as atividades foram descontinuadas, observam-se indícios de regeneração da vegetação nativa.

Menino, isso é tão “véi” esses pé de pau que vai fazer dezesseis anos que eu moro aqui e já tinha esses pé de pau. E é porque o “véi” já arrancou foi muito, porque aqui era onde ele plantava milho, feijão. Ele deixou de plantar aqui porque ele ficou “véi”, e é longe, aí nunca mais ele desmatou, dava tanto feijão aqui. [...] Aqui no tempo que ele era mais novo, ele brocou tudinho, ele plantava aqui, plantava tudinho, era tanto do “jirmum”! [...] Hoje ele planta mais lá no beijo do rio. (M. M. C. P., 63 anos).

Tabela 1 - Espécies citadas para fins medicinais por informantes-chave encontradas nos espaços domésticos e entorno de suas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN. LO= Local de ocorrência: D= Espaços domésticos; E= Entorno. IC= Informante-chave: A= D. Maria (M. M. C. P., 63 anos); B= D. Lúcia (L. M. S., 60 anos). PU= Parte usada: a= Bulbo; b= Casca; c= Caule; d= Flor; e= Folha; f= Fruto; g= Látex; h= Semente. NPU= Número de parte usada. IT= Indicação terapêutica. NIT= Número de indicação terapêutica. FU= Forma de uso: A= *In natura*; B= Suco; C= Lambedor; D= Compressa; E= Decocção; F= Maceração; G= Infusão; H= Óleo. NFU= Número de forma de uso por espécie.

Família/Espécie	Etnoespécie	LO	IC	PU (NPU)	IT	NIT	FU	NFU	Modo de preparo
AMARYLLIDACEAE									
<i>Allium cepa</i> L.	Cebola de cabeça	E	B	a (1)	Gripe	1	F	1	MACERAÇÃO: Coloca a cebola com açúcar no sereno e toma o mel.
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	E	B	a (1)	Crise de garganta	1	C, E	2	DECOCÇÃO: Assa os dentes pilados e depois faz o chá. LAMBEDOR: Cozinha o alho, coloca açúcar e deixa apurar.
ANACARDIACEAE									
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	E	A, B	b (1)	Gripe, dor nas costas	5	C	3	LAMBEDOR: Cozinha a “casca madura”, coloca açúcar e deixa apurar. Para dor nas costas junta com casca de cumaru.
		E	B	b (1)	Ferimento		A, E		IN NATURA: Pisa a casca e coloca o pó em cima do ferimento.

									DECOCÇÃO: Cozinha a casca e lava o ferimento.
		E	B	b (1)	Bronquite, inflamação		C		LAMBEDOR: Cozinha a casca, bota açúcar e deixa apurar.
APOCYNACEAE									
<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Pereiro	D, E	A	b (1)	Piolho em animais	1	F	2	MACERAÇÃO: Coloca a casca de molho na água e dá banho nos animais.
		E	B	b (1)	Piolho de animais		E		DECOCÇÃO: Cozinha a casca e banha os animais 2 ou 3 vezes, dependendo da infestação.
<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton	Rosa cera	E	A	g (1)	Dor de dente, verruga	2	A	1	IN NATURA: Coloca o látex em cima do dente ou da verruga.
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don.	Boa noite, bom dia	D	A	d (1)	Ferida na boca, garganta inflamada	2	G	1	INFUSÃO: 3 flores brancas + 3 flores rosas + água quente e abafa.

...continua...

TABELA 1, Cont.

ARECACEAE

<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	D, E	A, B	h (1)	"Fastio", fraqueza, dor no estômago, febre, infecção intestinal	12	A	3	IN NATURA: Bebe a água de coco várias vezes ao dia.
		D, E	A, B	h (1)	Dor de ouvido		H		ÓLEO: Molha o algodão com o óleo de coco e coloca no ouvido.
		D, E	B	f (1)	"Tiriça"		E		DECOCÇÃO: Cozinha o bago (casca) do coco e dá o chá ou banho na criança.
		D, E	B	h (1)	Dor de cabeça, "afrouxar" a gripe		H		ÓLEO: Rala o miolo do coco, esfrega com água morna, tira a nata e bota no fogo pra apurar. Passa na cabeça.
		D, E	B	h (1)	Cansaço		H		ÓLEO: Rala o miolo do coco, esfrega com água morna, tira a nata e bota no fogo pra apurar. Massageia os peitos.
		D, E	A, B	h (1)	Garganta inflamada, dor na garganta, privação		H		ÓLEO: Rala o miolo do coco, esfrega com água morna, tira a nata e bota no fogo pra apurar. Bebe uma colherzinha.

...continua...

TABELA 1, Cont.

ASPHODELACEAE

<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	D	A	e (1)	Piolho em pessoas	5	A	3	IN NATURA: Mistura a seiva da folha com shampoo e lava o cabelo.
		D	A	e (1)	Hemorroida, inflamação, ferimentos		A, C		IN NATURA: Abre a folha, passa o algodão na mucilagem e passa no local. LAMBEDOR: Raspa a folha, retirando toda a seiva e faz o mel com açúcar.
		D	A	e (1)	Câncer		B		SUCO: Bate no liquidificador a seiva de 2 folhas com 1L de vinho. Toma 2 colheres de sopa por dia.

BURSERACEAE

<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J. B. Gillett	Imburana	E	A	b (1)	Gripe	1	C	1	LAMBEDOR: Cozinha a casca, coloca o açúcar e deixa apurar
--	----------	---	---	-------	-------	---	---	---	---

CARICACEAE

<i>Carica papaya</i> L.	Mamoeiro	D	A	d (1)	Comida que faz mal	1	E	1	DECOCÇÃO: Flor + água e ferve. Toma sem açúcar.
-------------------------	----------	---	---	-------	--------------------	---	---	---	---

...continua...

TABELA 1, Cont.

COMBRETACEAE

<i>Combretum leprosum</i> Mart.	Mofumbo	D, E	A	b, f (2)	Tosse	1	A, C	2	IN NATURA: chupa o fruto maduro. LAMBEDOR: cozinha a casca madura até a água ficar vermelha, bota açúcar e deixa apurar.
------------------------------------	---------	------	---	----------	-------	---	------	---	---

CONVOLVULACEAE

<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	Salsa	D	A	c, d, e (3)	Lepra, coceira, ferida	1	E	1	DECOCÇÃO: Cozinha o galho todo e toma banho sem usar sabonete. Pode fazer pra usar todos os dias.
--	-------	---	---	-------------	---------------------------	---	---	---	---

CRASSULACEAE

<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Corama, courama	D	A	c, e (2)	Dor nas "urinas", dor, gripe, inflamação, febre	5	C, E	2	DECOCÇÃO: Galhinho + água e ferve. LAMBEDOR: Cozinha, coa, coloca o açúcar e deixa no fogo para apurar. Tomar 1 colher 3 vezes ao dia.
--	--------------------	---	---	----------	---	---	------	---	---

<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Malvarisca	D	A	c, e (2)	Gripe, febre	2	C, E	2	DECOCÇÃO: Galhinho + água e ferve. LAMBEDOR: Cozinha, coa, coloca o açúcar e deixa no fogo para apurar. Pode fazer junto com courama. Tomar 1 colher 3 vezes ao dia.
--	------------	---	---	----------	--------------	---	------	---	---

...continua...

TABELA 1, Cont.

CUCURBITACEAE

<i>Cucurbita pepo</i> L.	Jerimum	E	B	c (1)	Cólica de recém nascido, cólica de umbigo	1	E	1	DECOCÇÃO: Talo do caule + água e ferve.
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão caetano	D	A	e (1)	Reumatismo	2	D	2	COMPRESSA: Amassa a folha, esquentada no fogo e coloca nas "juntas" (articulações).
		D	A	e (1)	Piolho e carrapato de animais		F		MACERAÇÃO: Amassa a folha, junta com água fria e aplica nos animais.

EUPHORBIACEAE

<i>Croton campestris</i> A. St. Hil.	Velame	E	A	e (1)	Gripe	2	E	2	DECOCÇÃO: Cozinhada a folha madura do velame.
		D, E	B	g (1)	Impinge		A		IN NATURA: Coloca o látex em cima da ferida.

...continua...

TABELA 1, Cont.

<i>Croton sonderianus</i> Müll. Arg.	Marmeleiro preto	E	A	b (1)	Comida que faz mal	1	F	1	MACERAÇÃO: Tira a parte preta, usa a entrecasca. Coloca em água e deixa de molho. Bebe 4 copos.
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	D	A	e (1)	Dor de cabeça	1	D, E	2	COMPRESSA: Amorna a folha e coloca na cabeça. DECOCÇÃO: Folha + água e ferve.
<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Pinhão	E	B	g (1)	Estancar sangue	3	A	1	IN NATURA: Coloca o látex em cima do ferimento.
		E	B	g (1)	Carrapato de cachorro		A		IN NATURA: Coloca 9 gotas de látex em 1 litro de leite e dá para o cachorro beber.
		E	B	g (1)	Veneno de cobra		A		IN NATURA: Bebe um pouco do látex.
<i>Ricinus communis</i> L.	Carrapateira	E	A	f, h (2)	Privação de pessoas, privação de animais	2	H	1	ÓLEO: Moi o cacho e faz o óleo. Tomar uma colherzinha.

...continua...

TABELA 1, Cont.

FABACEA
PAPILIONOIDEAE

<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	Cumarú	E	A	b (1)	Gripe, sinusite, dor nas costas	3	C	1	LAMBEDOR: Cozinha a casca, coloca o açúcar e deixa apurar. Para dor nas costas, pode misturar com casca de aroeira.
---	--------	---	---	-------	------------------------------------	---	---	---	---

FABACEA-
CAESALPINIOIDEAE

<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Jucá	E	A	b (1)	Dor nas costas, pancada	2	E	1	DECOCÇÃO: Cozinha a casca.
<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira	E	A	e (1)	Gripe, febre	3	C	1	LAMBEDOR: Cozinha a flor, coloca açúcar e deixa apurar no fogo.
		E	B	d (1)	Verme		C		LAMBEDOR: Faz a "mesarina" (mel) da flor: Flor + 1 xícara de açúcar, "salpica" água e cozinha.

...continua...

TABELA 1, Cont.

LAMIACEAE

265	<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã	D	A	e (1)	Dor de cabeça	7	D	4	COMPRESSA: Amarra as folhinhas com pano na cabeça.
			D, E	A, B	c, e (2)	Gripe, pneumonia, bronquite, febre, dor		C, E, G		INFUSÃO: galhinho + água quente e abafa. DECOCÇÃO: galhinho + água e ferve. LAMBEDOR: Cozinha o galhinho com limão e água, coloca açúcar e deixa apurar.
			E	B	e (1)	Dor de cabeça		D		COMPRESSA: Coloca as folhinhas em um pano e coloca na cabeça.
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriço	E	A	c, d, e (3)	Sinusite, sangramento de nariz, febre	3	E	1	DECOCÇÃO: Ferve o galhinho, banha a cabeça e bebe o chá.
	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Louro	E	B	c, d, e (3)	Dor de barriga, má digestão, diurético, digestivo, dor no estômago	5	E	1	DECOCÇÃO: Galhinhos + água e ferve.

...continua...

TABELA 1, Cont.

<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Malva	D	A	c, e (2)	Dor de cabeça, comida que faz mal	2	C, E	2	DECOCÇÃO: Galinhão + água e ferve. LAMBEDOR: Cozinha o galinhão, coa, coloca o açúcar e deixa no fogo para apurar.
--	-------	---	---	----------	-----------------------------------	---	------	---	--

LYTHRACEAE

<i>Punica granatum</i> L.	Romã	D	A	f, h (2)	Garganta inflamada	2	A, C, E, F	4	IN NATURA: come as sementes; masca a casca do fruto. MACERAÇÃO: coloca a casca do fruto de molho e gargareja ou bebe. DECOCÇÃO: casca do fruto + água e ferve. LAMBEDOR: cozinha a casca do fruto, coloca açúcar e deixa apurar.
		D	A	f (1)	Inflamações gerais		C, E, F		MACERAÇÃO: coloca a casca do fruto de molho e gargareja ou bebe. DECOCÇÃO: casca do fruto + água e ferve. LAMBEDOR: cozinha a casca do fruto, coloca açúcar e deixa apurar.

...continua...

TABELA 1, Cont.

MALPIGHIACEAE

<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	D	A	f (1)	Anemia, gripe, "fastio", febre	4	B, C	2	LAMBEDOR: Passa no liquidificador, cozinha, coa, bota o açúcar e deixa apurar. SUCO: Passa no liquidificador, coa e adoça.
----------------------------	---------	---	---	-------	--------------------------------	---	------	---	---

MALVACEAE

<i>Pseudobombax marginatum</i> (A. St.-Hil., Juss. & Camb.) A. Robyns	Embiratanha	E	A	b (1)	Dor nas costas, dor de dente	2	F	1	MACERAÇÃO: Coloca a casca de molho na água e toma a tarde.
---	-------------	---	---	-------	------------------------------	---	---	---	--

MYRTACEAE

<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	D	A	e (1)	Comida que faz mal, dor de barriga	2	E	1	DECOCÇÃO: 3 "olhinho" da goiabeira ou folhas maduras + água e ferve
---------------------------	-----------	---	---	-------	------------------------------------	---	---	---	---

OLACACEAE

<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa	E	B	b (1)	Cicatrizante de ferimentos	1	A, E	2	IN NATURA: Pisa a casca e coloca o pó em cima do ferimento. DECOCÇÃO: Cozinha a casca e lava o ferimento.
-----------------------------	--------	---	---	-------	----------------------------	---	------	---	--

...continua...

TABELA 1, Cont.

PASSIFLORACEAE

<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Xanana	D	B	d (1)	Gripe	2	C	2	LAMBEDOR: Cozinha a flor, coloca o açúcar e deixa apurar.
		D	B	d (1)	Estourar tumor		D		COMPRESSA: Pisa a flor e faz "emplasto" no tumor.

POACEAE

<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo	D	A	e (1)	Dor, inflamação	2	E	1	DECOCÇÃO: Folha + água e ferve até ficar verdinho.
--	-------------	---	---	-------	-----------------	---	---	---	--

RHAMNACEAE

<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	D, E	A	b, e (2)	Coceira, feridas na cabeça	4	A, E	4	IN NATURA: Tira a casca grossa, raspa o caule, bota a raspa no pano fino, mergulha em água e dá banho. Coloca a raspa da casca em uma fralda, vai molhando e passando nas feridas. DECOCÇÃO: faz o chá das folhas maduras.
		D, E	B	b (1)	Asma		C		LAMBEDOR: Raspa a casca, bate até fazer espuma e tira a espuma (tira 9 espumas, ou seja, lava 9 vezes). Depois leva a água ao fogo com açúcar para

fazr o lambedor.

D, E	B	b (1)	Caspa	F	MACERAÇÃO: Raspa a casca, bate até fazer espuma e tira a espuma (tira 9 espumas, ou seja, lava 9 vezes). Lava o cabelo.
------	---	-------	-------	---	---

RUBIACEAE

<i>Tocoyena guianensis</i> K. Schum.	Jenipapo	E	A	b (1)	Quebradura (fratura de ossos), pancada	2	E	2	DECOCÇÃO: Cozinha a casca. Depois molha um pano e amarra no local da pancada ou da fratura.
		E	B	b (1)	Para colar osso, quebradura		D		COMPRESSA: Faz o emplastro do pó da casca + clara de ovo, bota em cima da fratura do osso quebrado e deixa lá até desaparecer. Quando o emplasto sair todo, passa óleo de coco e massageia.

RUTACEAE

<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão	D	A	e, f (2)	Dor de barriga, anemia, enjoo	4	B, E	3	SUCO: Espreme 2 limões + água gelada + sal. DECOCÇÃO: Folhas + água e ferve até ficar bem verdinho.
		D	A	f (1)	Asma		A		IN NATURA: Chupa 1 "quartinho" todo dia

...continua...

TABELA 1, Cont.

SAPOTACEAE

<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T. D. Penn.	Quixabeira	E	B	b (1)	Inflamação, bronquite, inflamação de útero	3	F	1	MACERAÇÃO: Deixa a casca de molho de um dia pro outro e bebe.
---	------------	---	---	-------	--	---	---	---	---

SOLANACEAE

<i>Solanum melongena</i> L.	Berinjela	E	B	f (1)	Colesterol alto	1	B	1	SUCO: Fazer o suco do fruto com laranja e sem açúcar. Tomar 1 copo por dia em jejum.
-----------------------------	-----------	---	---	-------	-----------------	---	---	---	--

VERBENACEAE

<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	Cidreira, erva cidreira	D, E	A, B	c, d, e (3)	Dor de barriga, comida que faz mal, calmante	3	E	1	DECOCÇÃO: 3 galinhos + 1 copo de água e ferve até ficar verdinho. Pode misturar com capim santo.
---	-------------------------	------	------	-------------	--	---	---	---	--

De acordo com Sampaio e Costa (2011), anualmente parte da vegetação nativa de Caatinga é derrubada para dar lugar a novas roças e parte das roças que vinham sendo exploradas é abandonada e nela regenera-se a vegetação nativa, caracterizando os ciclos de cultivo e de pousio da agricultura itinerante. Este tipo de agricultura consiste na abertura de trechos da mata, por derrubada e queima da vegetação (AMOROZO, 2007).

Segundo Amorozo (2002), o sistema de agricultura itinerante, tradicionalmente praticado nas áreas tropicais, envolve processos relacionados à sucessão ecológica, sendo estes utilizados para a produção agrícola, aproveitando os estoques de nutrientes presentes na vegetação natural e liberados para o solo através do fogo, bem como a regeneração da vegetação através da sucessão secundária após alguns anos de cultivo das roças. A autora acrescenta a importância dessas roças para a manutenção e mesmo amplificação da variabilidade genética de espécies domesticadas já que as mesmas são policultivos que contêm grande número de espécies e variedades de plantas cultivadas. Segundo Amorozo (2007), desde que o período de recuperação da floresta seja respeitado, a agricultura itinerante é um sistema de cultura equilibrado do ponto de vista ecológico, podendo ser praticado durante séculos sem degradar a floresta.

O reduzido número de espécies medicinais encontradas nos espaços domésticos de Dona Lúcia pode estar relacionado a vários fatores, como sua limitação física, o tempo de residência na unidade produtiva (apenas um ano), a dificuldade de água para irrigação das plantas e ao reduzido tamanho físico destes espaços. A trilha percorrida por ela abrangeu, além de seus espaços domésticos, uma propriedade vizinha que possui disponibilidade de água para a irrigação e uma área de vegetação nativa próxima, o que pode explicar o maior número de espécies no entorno de sua unidade produtiva.

O tempo de residência na comunidade pode influenciar o número de espécies medicinais cultivadas nos espaços domésticos, bem como aquelas percebidas em outros ambientes do entorno da unidade produtiva. Estes fatores podem justificar o maior número de espécies encontradas por Dona Maria, que reside na comunidade há 16 anos, em relação à Dona Lúcia, que só possui um ano

de estada, tendo estas informantes-chave, citado 32 (64%) e 18 (36%) espécies, respectivamente (FIGURA 3). Alguns relatos podem exemplificar este fato. De acordo com Barros (2007), tanto a idade, quanto o tempo de moradia, influenciam no conhecimento sobre as plantas medicinais, sendo fundamental a valorização e o resgate do conhecimento acerca dos recursos naturais, em especial de plantas medicinais.

Esse ano eu vou fazer lambedor quando aquelas ali tiverem florando, é porque eu não sabia onde era que tinha, eu também não andava pra cá ainda, aí depois que eu comecei a andar foi que eu achei a catingueira ali. (L. M. S., 60 anos).

Eu plantei esses galhos de cajarana. Assim que eu cheguei, eu já ajeitei logo o que eu tinha que plantar, eu era mais nova. Assim que eu chego, eu planto logo, porque não tinha um pé de pau aqui, era tudo no meio dos tempos. (M. M. C. P., 63 anos).

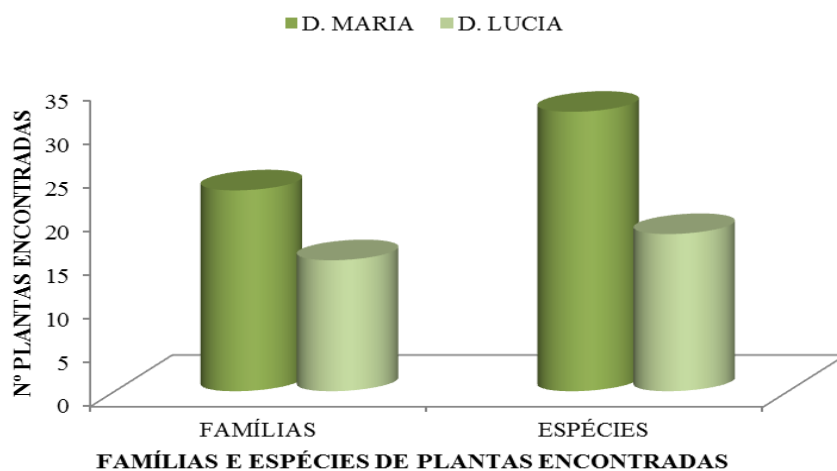


Figura 3 - Famílias e espécies de plantas medicinais citadas e encontradas por informantes-chave de São João da Várzea, Mossoró-RN.

As 41 espécies identificadas estão distribuídas em 28 famílias botânicas, sendo observada maior diversidade de plantas medicinais citadas por Dona Maria, que respondeu por 60,5% e 64,0% das famílias e espécies encontradas, respectivamente. A família com maior número de espécie foi a Euphorbiaceae (5 spp.), representada por velame (*Croton campestris* A. St. Hil.), marmeleiro preto (*Croton sonderianus* Müll. Arg.), pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), pinhão (*Jatropha mollissima* (Pohl) Baill.) e carrapateira (*Ricinus communis* L.). O destaque desta família deve-se provavelmente à grande resistência destas espécies à deficiência hídrica, consequência da estiagem ocorrida no município e em toda a região semiárida no ano de 2012, ano em que foi realizada a pesquisa de campo. Em um estudo etnobotânico da flora da Caatinga realizado em dois municípios do estado de Alagoas, Almeida et al. (2005) constataram que a família Euphorbiaceae (18 spp.) contribuiu com o maior número de espécies.

Outras famílias botânicas que se destacaram no estudo foram Lamiaceae (4 spp.), Apocynaceae (3 spp.), Amaryllidaceae (2 spp.), Crassulaceae (2 spp.) e Cucurbitaceae (2 spp.) (FIGURA 4). As demais famílias identificadas foram representadas por apenas uma espécie cada. De todas as espécies citadas, apenas quatro foram encontradas nas duas trilhas realizadas: aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão), coqueiro (*Cocos nucifera* L.), hortelã (*Mentha X piperita* L.) e cidreira ou erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson).

O nome vernacular de algumas plantas medicinais citadas e encontradas durante a trilha apresentou relação com suas características, sugerindo a existência de um sistema de nomenclatura tradicional das plantas desenvolvido por cada informante-chave. Desta forma, algumas espécies foram denominadas segundo critérios utilizados pelas próprias informantes, realizando analogias às características físicas e/ou às propriedades organolépticas, como cor, odor e textura (TABELA 2). Estas associações podem funcionar como estratégias para facilitar o reconhecimento das plantas no ambiente, bem como a transmissão do conhecimento sobre estas espécies a outras pessoas pelos informantes.

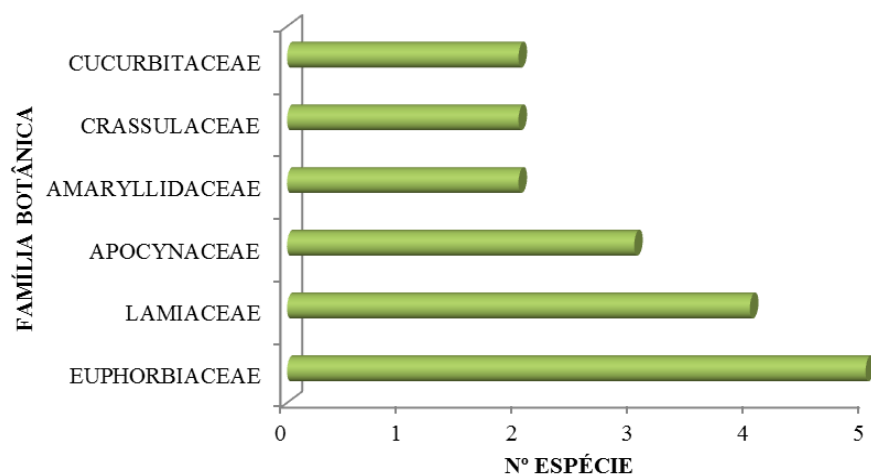


Figura 4 - Famílias botânicas mais representativas em espécies medicinais citadas e encontradas em São João da Várzea, Mossoró-RN.

Tabela 2- Critérios de nomenclatura de plantas medicinais citadas e encontradas durante as trilhas em São João da Várzea, Mossoró-RN. IC= Informante-chave: A= D. Maria (M. M. C. P., 63 anos); B= D. Lúcia (L. M. S., 60 anos).

Critério de nomenclatura	Etnoespécie	Espécie	IC
Analogia às características físicas	Cebola de cabeça	<i>Allium cepa</i> L.	B
	Carrapateira	<i>Ricinus communis</i> L.	A
	Rosa cera	<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T.	A
	Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	A
Propriedade organoléptica (cor)	Pinhão roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	A
	Marmeleiro preto	<i>Croton sonderianus</i> Müll. Arg.	A
Propriedade organoléptica (odor)	Catingueira	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	A, B
Propriedade organoléptica (textura)	Corama, courama	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	A

Além disso, o uso desses e de outros critérios desenvolvidos subjetivamente também auxiliam no reconhecimento e classificação das espécies, mesmo não estando relacionados à sua nomenclatura. Sobre este aspecto, Costa (2002) considera o reconhecimento da planta medicinal uma necessidade de segurança, tanto para quem faz como para quem o usa, podendo estas ser reconhecidas pelo tipo de doenças, pela folha, pela casca ou pela madeira, pelo cheiro, pelo hábito de crescimento e pela estrutura subterrânea. Como exemplo, pode-se citar o reconhecimento de duas espécies com algumas semelhanças morfológicas no caule, o cumaru (*Amburana cearensis* (Allemão) A.C. Sm.) e a imburana (*Commiphora leptophloeos* (Mart.) J. B. Gillett), em que Dona Maria afirmou utilizar como critério a cor da madeira.

O cumaru é diferente da imburana. Ela é diferente do cumaru todinho. O cumaru é bem amarelinho a madeira. A imburana é branca, a madeira é alvinha. [...] A flor do cumaru é bem cheirosinha. (M. M. C. P., 63 anos).

Com a finalidade de orientar estudos e pesquisas que possam subsidiar a elaboração da lista de plantas medicinais e fitoterápicos a serem disponibilizados para uso da população, com segurança e eficácia para o tratamento de determinada doença, o Ministério da Saúde divulgou em fevereiro de 2009 a Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS) (BRASIL, 2013). Nesta lista, constam 71 plantas medicinais que apresentam potencial para gerar produtos de interesse ao Sistema único de Saúde.

Das 41 espécies citadas e encontradas nos ambientes percorridos durante as trilhas, apenas 10 (24,4%) encontram-se na RENISUS: *Allium sativum* L., *Aloe vera* (L.) Burm. f., *Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Oken, *Caesalpinia ferrea* Mart., *Jatropha gossypifolia* L., *Mentha X piperita* L., *Momordica charantia* L., *Ocimum gratissimum* L., *Psidium guajava* L. e *Punica granatum* L. Resultados semelhantes foram encontrados por Giraldi e Hanzaki (2010), que, estudando o uso e o conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão (em Florianópolis-SC), constataram 23 (20%) espécies na RENISUS do total de 114

citadas como medicinal. Estes resultados demonstram a importância de estudos etnobotânicos na divulgação de espécies utilizadas em diferentes regiões com potencial para serem incluídas na RENISUS.

A maioria das espécies encontradas (73,2%) possui mais de uma indicação terapêutica, destacando-se o coqueiro (*Cocos nucifera* L.), que teve seu uso associado ao tratamento de 12 afecções, a saber: “fastio”, fraqueza, dor no estômago, febre, infecção intestinal, dor de ouvido, “tiriça”, dor de cabeça, garganta inflamada/dor na garganta, gripe, “cansaço” e privação. Para utilização como medicinal do coqueiro (*Cocos nucifera* L.), foram citadas três modos de preparo e uso, destacando-se o óleo e o consumo *in natura* (água de coco), com 6 e 5 indicações terapêuticas, respectivamente. O uso por meio da decocção foi relatado por uma das informantes-chave para apenas uma indicação terapêutica: a “tiriça”.

A água é soro, quando não tem o soro pra aplicar, a gente dá água de coco. A maior parte é pra febre, infecção intestinal, os médicos passam muito água de coco. [...] O óleo do coco é pra garganta, também pra untar o cabelo, assim, quando você tá com dor de cabeça, usa o óleo pra passar a dor de cabeça, pra cansaço também, a pessoa cansada gosta de passar, assim, nos peitos, passa na cabeça também pra “afrochar” a gripe, quando a pessoa tá com a gripe muito forte. [...] Até pra dor de ouvido, usa também. Molha numa “lanzinha” de algodão, ele morno e bota no ouvido. [...] Até a casca dele é pra “tiriça”, você faz o banho pra banhar a criança que tem “tiriça” e é em primeiro lugar. [...] Pega, cozinha o bago do coco, dá o banho, e também, se você quiser, pega aquele chá, coloca na geladeira e fica dando pro bebê. Não tem “tiriça” que se aguenta, vai embora mesmo. (L. M. S, 60 anos).

O coco é o óleo, serve pra dor na garganta, pra dor de ouvido, você molha o algodão e coloca no ouvido. Quem é privado bebe, assim, um pouquinho. [...] A água de coco de soro pra quem tá com fastio, fraqueza, serve também pra dor no estômago. (M. M. C. P., 63 anos).

Quando questionadas sobre as indicações terapêuticas das plantas, tanto Dona Maria como Dona Lúcia citaram doenças e sintomas, sendo estes últimos também considerados no estudo. Considerou-se a classificação tradicional, empírica e subjetiva desenvolvida por cada informante-chave, sendo utilizados os mesmos termos mencionados por elas. Esta classificação utiliza termos populares e regionalizados que apresentam correspondências com as categorias de doenças da medicina oficial. Desta maneira, as indicações terapêuticas abrangem doenças propriamente ditas e alguns sintomas. Alguns trabalhos etnobotânicos também informam as doenças da mesma forma em que elas foram mencionadas durante as entrevistas, como os desenvolvidos por Amorozo e Gely (1988) e Freitas et al. (2012).

As informantes-chave citaram um total de 53 indicações terapêuticas (TABELA 3). Destas, uma se referiu ao tratamento de doença em animais domésticos e quatro às alternativas de controle de ectoparasitas, tanto em humanos como em animais domésticos. O maior número de espécies medicinais foi indicado para o tratamento de gripe (12 spp.), dor de barriga (diarreia) (9 spp.), má digestão, “comida que faz mal”, digestivo (7 spp.) e febre (7 spp.). De acordo com Barros (2007), diversos fatores podem contribuir para que uma comunidade conheça ou não, espécies medicinais, podendo-se atribuir o maior número de espécies citadas para as doenças que possuem os sintomas mais facilmente reconhecidos pela comunidade ou aquelas com maior ocorrência entre o grupo estudado.

Tabela 3- Doenças e sintomas citados, classificação conforme CID 10 e espécies encontradas nos espaços domésticos e entorno de suas unidades produtivas de São João da Várzea, Mossoró-RN. NEC= Número de espécie citada; IC= Informante chave; A= D. Maria (M. M. C. P., 63 anos); B= D. Lúcia (L. M. S., 60 anos).

Indicação terapêutica	CID 10		Família	Espécie	Etnoespécies	NEC	IC
	Capítulo	Grupo					
"Impinge"	I	B35 - B49 - Micoses	EUPHORBIACEAE	<i>Croton campestris</i> A. St. Hil.	Velame	1	B
Verme	I	A00 - A09 - Doenças infecciosas intestinais B65 - B83 - Helmintíases	FABACEA- CAESALPINIOIDEAE	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira	1	B
Verruga	I XVIII	B00 - B09 - Infecções virais caracterizadas por lesões de pele e mucosas R20 - R23 - Sintomas e sinais relativos à pele e ao tecido subcutâneo	APOCYNACEAE	<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton	Rosa cera	1	A
Câncer	II	C00 - C97 - Neoplasias [tumores] malignas(os)	ASPHODELACEAE	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	1	A
Anemia	III	D50 - D53 - Anemias nutricionais D55 - D59 - Anemias hemolíticas D60 - D64 - Anemias aplásticas e outras anemias	MALPIGHIACEAE RUTACEAE	<i>Malpighia glabra</i> L. <i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Acerola Limão	2	A A

...continua...

TABELA 3, Cont.

"Estancar sangue"	III XVIII	D65 - D69 - Defeitos da coagulação, púrpura e outras afecções hemorrágicas R50 - R69 - Sintomas e sinais gerais	EUPHORBIACEAE	<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Pinhão	1	B
Colesterol alto	IV	E70 - E90 - Distúrbios metabólicos	SOLANACEAE	<i>Solanum melongena</i> L.	Berinjela	1	B
"Fastio"	V	F50 - F59 - Síndromes comportamentais associadas a disfunções fisiológicas e a fatores físicos	ARECACEAE MALPIGHIACEAE	<i>Cocos nucifera</i> L. <i>Malpighia glabra</i> L.	Coqueiro Acerola	2	A, B A
Calmante	V VI	F50 - F59 - Síndromes comportamentais associadas a disfunções fisiológicas e a fatores físicos G40 - G47 - Transtornos episódicos e paroxísticos	VERBENACEAE	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	Cidreira, erva cidreira	1	A, B
Dor de ouvido	VIII	H90 - H95 - Outros transtornos do ouvido	ARECACEAE	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	1	A, B
Hemorroida	IX	I80 - I89 - Doenças das veias, dos vasos linfáticos e dos gânglios linfáticos, não classificadas em outra parte	ASPHODELACEAE	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	1	A

...continua...

TABELA 3, Cont.

Gripe	X	J09 - J18 - Influenza [gripe] e pneumonia	AMARYLLIDACEAE	<i>Allium cepa</i> L.	Cebola de cabeça	12	B
			BURSERACEAE	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J. B. Gillett	Imburana		A
			ARECACEAE	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro		B
			CRASSULACEAE	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Corama, courama		A
			CRASSULACEAE	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Malvarisca		A
			EUPHORBIACEAE	<i>Croton campestris</i> A. St. Hil.	Velame		A
			FABACEAE-CAESALPINIOIDEAE	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira		A
			LAMIACEAE	<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã		A, B
			MALPIGHIACEAE	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola		A
			PASSIFLORACEAE	<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Xanana		B
			ANACARDIACEAE	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira		A, B
			FABACEA PAPILIONOIDEAE	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	Cumarú		A

...continua...

TABELA 3, Cont.

"Cansaço"	X	J40-J47 - Doenças crônicas das vias aéreas inferiores	ARECACEAE	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	1	B
Pneumonia	X	J09 - J18 - Influenza [gripe] e pneumonia	LAMIACEAE	<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã	1	A, B
Asma	X	J40-J47 - Doenças crônicas das vias aéreas inferiores	RHAMNACEAE	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	2	B
			RUTACEAE	<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão		A
Bronquite	X	J20 - J22 - Outras infecções agudas das vias aéreas inferiores	ANACARDIACEAE	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	3	B
		J40 - J47 - Doenças crônicas das vias aéreas inferiores	LAMIACEAE	<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã		A, B
			SAPOTACEAE	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T. D. Penn.	Quixabeira		B
Sinusite	X	J00 - J06 - Infecções agudas das vias aéreas superiores	FABACEA	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	Cumaru	2	A
		J30 - J39 - Outras doenças das vias aéreas superiores	LAMIACEAE	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição		A
Garganta inflamada, dor na garganta, "crise de garganta"	X	J00 - J06 - Infecções agudas das vias aéreas superiores	APOCYNACEAE	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don.	Boa noite, bom dia	4	A
	XVIII	R00 - R09 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho circulatório e respiratório	LYTHRACEAE	<i>Punica granatum</i> L.	Romã		A
			ARECACEAE	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro		A, B
			AMARYLLIDACEAE	<i>Allium sativum</i> L.	Alho		B

TABELA 3, Cont.

282	Dor de dente	XI	K00 - K14 - Doenças da cavidade oral, das glândulas salivares e dos maxilares	APOCYNACEAE	<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton	Rosa cera	2	A
				MALVACEAE	<i>Pseudobombax marginatum</i> (A. St.-Hil., Juss. & Camb.) A. Robyns	Embiratanha		A
	Cólica de recém nascido, "cólica de umbigo"	XI XVIII	K40 - K46 - Hérnias R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	CUCURBITACEAE	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Jerimum	1	B
	Má digestão, "comida que faz mal", digestivo	XI XVIII	K55 - K63 - Outras doenças dos intestinos R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	CARICACEAE	<i>Carica papaya</i> L.	Mamoeiro	7	A
				EUPHORBIACEAE	<i>Croton sonderianus</i> Müll. Arg.	Marmeleiro preto		A
				MYRTACEAE	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira		A
				VERBENACEAE	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	Cidreira, erva cidreira		A, B
				LAMIACEAE	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Malva		A
				LAMIACEAE	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Louro		B
	"Privação"	XI XVIII	K55 - K63 - Outras doenças dos intestinos R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	ARECACEAE	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	2	A, B
				EUPHORBIACEAE	<i>Ricinus communis</i> L.	Carrapateira		A

...continua...

TABELA 3, Cont.

Infecção intestinal	XI	K50 - K52 - Enterites e colites não-infecciosas	ARECACEAE	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	1	A, B
	XVIII	K55 - K63 - Outras doenças dos intestinos R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome					
Dor de barriga (diarreia)	XI	K55 - K63 - Outras doenças dos intestinos	LAMIACEAE	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Louro	9	B
	XVIII	R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	MYRTACEAE	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira		A
			RUTACEAE	<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão		A
			VERBENACEAE	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	Cidreira, erva cidreira		A, B
			ARECACEAE	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro		B
			EUPHORBIACEAE	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo		A
			LAMIACEAE	<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã		A
			LAMIACEAE	<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã		B
			LAMIACEAE	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Malva		A
Cicatrizante de ferimentos	XII	L00 - L08 - Infecções da pele e do tecido subcutâneo L20 - L30 - Dermatite e eczema	OLACACEAE	<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa	1	B

...continua...

TABELA 3, Cont.

284	Coeira	XII	L20 - L30 - Dermatite e eczema	RHAMNACEAE	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	2	A
				CONVOLVULACEAE	<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	Salsa		A
	Ferida	XII	L00 - L08 - Infecções da pele e do tecido subcutâneo L20 - L30 - Dermatite e eczema	CONVOLVULACEAE	<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	Salsa	1	A
	Ferida na boca	XII	L00 - L08 - Infecções da pele e do tecido subcutâneo L20 - L30 - Dermatite e eczema	APOCYNACEAE	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don.	Boa noite, bom dia	1	A
	Caspa	XII	L20 - L30 - Dermatite e eczema	RHAMNACEAE	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	1	B
	Feridas na cabeça	XII	L00 - L08 - Infecções da pele e do tecido subcutâneo L20 - L30 - Dermatite e eczema	RHAMNACEAE	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	1	A
	Ferimento	XII	L00 - L08 - Infecções da pele e do tecido subcutâneo L20 - L30 - Dermatite e eczema	ANACARDIACEAE	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	2	B
				ASPHODELACEAE	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa		A

...continua...

TABELA 3, Cont.

285	Dor nas costas	XIII	M40 - M54 - Dorsopatias	ANACARDIACEAE	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	4	A, B
				FABACEA-CAESALPINIOIDEAE	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Jucá		A
				MALVACEAE	<i>Pseudobombax marginatum</i> (A. St.-Hil., Juss. & Camb.) A. Robyns	Embiratanha		A
				FABACEA PAPILIONOIDEAE	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	Cumarú		A
	Reumatismo	XIII	M00 - M25 - Artropatias	CUCURBITACEAE	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão caetano	1	A
	Inflamação de útero	XIV	N70 - N77 - Doenças inflamatórias dos órgãos pélvicos femininos	SAPOTACEAE	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T. D. Penn.	Quixabeira	1	B
	Diurético, "dor nas urinas"	XIV	N10 - N16 - Doenças renais túbulo-intersticiais	LAMIACEAE	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Louro	2	B
		XVIII	N25 - N29 - Outros transtornos do rim e do ureter R30 - R39 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho urinário	CRASSULACEAE	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Corama, courama		A
	Sangramento de nariz	XVIII	R00-R09 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho circulatório e respiratório	LAMIACEAE	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	1	A

...continua...

TABELA 3, Cont.

Tosse	XVIII	R00 - R09 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho circulatório e respiratório	COMBRETACEAE	<i>Combretum leprosum</i> Mart.	Mofumbo	1	A
Dor	XVIII	R50 - R69 - Sintomas e sinais gerais	CRASSULACEAE	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Corama, courama	3	A
			LAMIACEAE	<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã		A, B
			POACEAE	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo		A
Inflamações gerais, inflamação	XVIII	R50 - R69 - Sintomas e sinais gerais	ANACARDIACEAE	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	6	B
			ASPHODELACEAE	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa		A
			CRASSULACEAE	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Corama, courama		A
			POACEAE	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo		A
			SAPOTACEAE	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T. D. Penn.	Quixabeira		B
			LYTHRACEAE	<i>Punica granatum</i> L.	Romã		A
Enjoo	XVIII	R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	RUTACEAE	<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão	1	A

...continua...

TABELA 3, Cont.

"Estourar tumor"	XVIII	R20 - R23 - Sintomas e sinais relativos à pele e ao tecido subcutâneo	PASSIFLORACEAE	<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Xanana	1	B
Febre	XVIII	R50 - R69 - Sintomas e sinais gerais	ARECACEAE	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	7	A, B
			CRASSULACEAE	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Corama, courama		A
			CRASSULACEAE	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Malvarisca		A
			FABACEAE-CAESALPINIOIDEAE	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira		A
			LAMIACEAE	<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã		A, B
			LAMIACEAE	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição		A
"Tiriça"	XVIII	R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	MALPIGHIACEAE	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	1	A
			ARECACEAE	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro		B
			ARECACEAE	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro		A, B
Fraqueza	XVIII	R40 - R46 - Sintomas e sinais relativos à cognição, à percepção, ao estado emocional e ao comportamento	ARECACEAE	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	1	A, B
Dor no estômago	XVIII	R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	ARECACEAE	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	2	A, B
			LAMIACEAE	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Louro		B

...continua...

TABELA 3, Cont.

288	Veneno de cobra	XIX	T51 - T65 - Efeitos tóxicos de substâncias de origem predominantemente não-medicinal	EUPHORBIACEAE	<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Pinhão	1	B
	Pancada	XIX	T66 - T78 - Outros efeitos de causas externas e os não especificados	FABACEA- CAESALPINIOIDEAE	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Jucá	2	A
				RUBIACEAE	<i>Tocoyena guianensis</i> K. Schum.	Jenipapo		A
	Para colar osso, quebra-dura (fratura de ossos)	XIX	S40 - S49 - Traumatismos do ombro e do braço S50 - S59 - Traumatismos do cotovelo e do antebraço S60 - S69 - Traumatismos do punho e da mão S70 - S79 - Traumatismos do quadril e da coxa S80 - S89 - Traumatismos do joelho e da perna S90 - S99 - Traumatismos do tornozelo e do pé	RUBIACEAE	<i>Tocoyena guianensis</i> K. Schum.	Jenipapo	1	A
	Piolho em pessoas	--	--	ASPHODELACEAE	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	1	A

...continua...

TABELA 3, Cont.

Piolho e carrapato de animais	--	--	CUCURBITACEAE	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão caetano	1	A
Piolho em animais	--	--	APOCYNACEAE	<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Pereiro	1	A, B
Carrapato de cachorro	--	--	EUPHORBIACEAE	<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Pinhão	1	B
Privação de animais	--	--	EUPHORBIACEAE	<i>Ricinus communis</i> L.	Carrapateira	1	A

Silva e Sablayrolles (2009), estudando as plantas medicinais utilizadas por colonos migrantes nordestino em Santarém-PA constataram que dentre as indicações de uso a gripe, dores de barriga, indigestão, tosse e rouquidão foram as mais citadas. Mosca e Loiola (2009), em estudo sobre o uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, verificaram que várias espécies de plantas foram citadas para os mesmos grupos de doenças por sistemas corporais, sendo que o tratamento de gripe/garganta/ouvido foi o mais citado. Medeiros, Fonseca e Andreatta (2004) também encontraram o maior número de espécies para o tratamento da gripe, entre os moradores entrevistados em Mangaratiba-RJ.

Embora se tenha priorizado o emprego de termos e descrições utilizados pelas informantes-chave para designar as doenças e sintomas tratados com plantas medicinais, optou-se por também agrupar e codificar as indicações terapêuticas, de acordo com a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, também conhecida como Classificação Internacional de Doenças (CID 10) (OMS, 2007). A CID 10 usa um sistema alfanumérico para classificar as doenças em códigos, abrangendo capítulos, grupos e categorias. Devido à especificidade das informações e terminologias que se aplicam mais à área da medicina e da farmacologia visando a evitar possíveis erros de classificação, as indicações terapêuticas deste trabalho foram codificados apenas em capítulos e grupos da CID 10 (TABELA 4). A CID 10 fornece códigos relativos à classificação de doenças e de grande variedade de sinais, sintomas, aspectos anormais, queixas, circunstâncias sociais e causas externas para ferimentos ou doenças (LEITE, 2011).

Tabela 4 – Capítulos e Grupos, de acordo com a CID 10, das indicações terapêuticas tratadas com plantas medicinais pelas informantes-chave em São João da Várzea, Mossoró-RN. IG= Intervalo de Grupos; NOC= Número de ocorrência do Capítulo; NG= Número de Grupo.

Capítulo	Descrição do Capítulo	IG	NOC	Grupos	NG
I	Algumas doenças infecciosas e parasitárias	A00-B99	4	A00 - A09 B00 - B09 B35 - B49 B65 – B83	4
II	Neoplasias [tumores]	C00-D48	1	C00 – C97	1
III	Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários	D50-D89	4	D50 - D53 D55 - D59 D60 - D64 D65 – D69	4
IX	Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	E00-E90	1	E70 – E90	1
V	Transtornos mentais e comportamentais	F00-F99	2	F50 – F59	1
VI	Doenças do sistema nervoso	G00-G99	1	G40 – G47	1
VII	Doenças do olho e anexos	H00-H59	0	--	0
VIII	Doenças do ouvido e da apófise mastóide	H60-H95	1	H90 – H95	1
IX	Doenças do aparelho circulatório	I00-I99	1	I80 – I89	1
X	Doenças do aparelho respiratório	J00-J99	9	J00 - J06 J09 - J18 J20 - J22 J30 - J39 J40 – J47	5
XI	Doenças do aparelho digestivo	K00-K93	7	K00 - K14 K40 - K46 K50 - K52 K55 – K63	4

...continua...

TABELA 4, Cont.

XII	Doenças da pele e do tecido subcutâneo	L00-L99	12	L00 - L08 L20 – L30	2
XIII	Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo	M00-M99	2	M00 - M25 M40 - M54	2
XIV	Doenças do aparelho geniturinário	N00-N99	3	N70 - N77 N10 - N16 N25 – N29	3
XV	Gravidez, parto e puerpério	O00-O99	0	--	0
XVI	Algumas afecções originadas no período perinatal	P00-P96	0	--	0
XVII	Malformações congênitas, deformidades e anomalias cromossômicas	Q00-Q99	0	--	0
XVIII	Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte	R00-R99	19	R00 - R09 R10 - R19 R20 - R23 R30 - R39 R40 - R46 R50 – R69	6
XIX	Lesões, envenenamento e algumas outras consequências de causas externas	S00-T98	8	S40 - S49 S50 - S59 S60 - S69 S70 - S79 S80 - S89 S90 - S99 T51 - T65 T66 – T78	8
XX	Causas externas de morbidade e de mortalidade	V01-Y98	0	--	0
XXI	Fatores que influenciam o estado de saúde e o contato com os serviços de saúde	Z00-Z99	0	--	0
XXII	Códigos para propósitos especiais	U04-U99	0	--	0

O capítulo da CID 10 com maior representatividade foi o Capítulo XVIII, com 19 citações de doenças e sintomas. Estes resultados podem estar associados à abrangência deste capítulo ao permitir a codificação de sintomas e sinais não classificados em outros capítulos e à grande frequência de descrições de sintomas durante as entrevistas. Desta forma, o fato de as plantas medicinais serem consideradas a primeira alternativa de tratamento dos sinais e sintomas iniciais das doenças pelas informantes-chave pode ter contribuído para a predominância deste capítulo. Resultados semelhantes foram constatados por Silva, Dreveck e Zeni (2009), que estudaram plantas medicinais utilizadas por uma população rural no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí-SC.

Destacou-se também o Capítulo XII, que se refere às doenças da pele e do tecido subcutâneo, abrangendo 12 citações de doenças e sintomas, o Capítulo X, referente às doenças do aparelho respiratório, nove citações e o Capítulo XIX, que envolve lesões, envenenamento e algumas outras consequências de causas externas, oito citações. As indicações referentes ao tratamento de doença em animais domésticos, bem como ao controle de ectoparasitas em humanos e animais domésticos não foram codificadas de acordo com a CID 10.

Os grupos de doenças de acordo com a CID 10 que mais se destacaram encontram-se na Figura 5. Os demais grupos foram representados por apenas uma indicação terapêutica cada. Verificou-se predominância do Grupo R10-R19 (Capítulo XVIII), que compreende sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome, com oito citações. O fato de este grupo ser constituído de sintomas como vômito, dor no estômago, disenteria, dentre outros, comuns a várias doenças, pode ter contribuído para sua maior ocorrência.

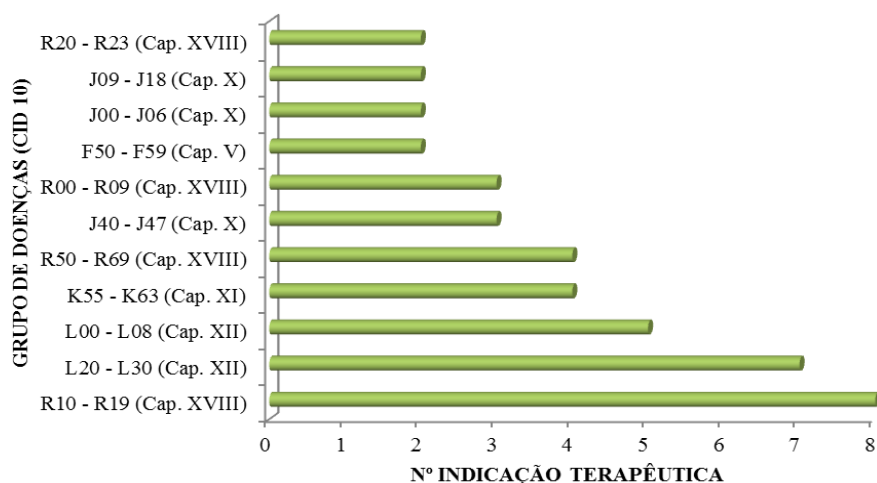


Figura 5- Número de indicações terapêuticas por Grupos de doenças (CID 10) citados pelas informantes-chave de São João da Várzea, Mossoró-RN.

A CID 10 é uma publicação oficial da Organização Mundial de Saúde considerada a classificação internacional padrão, onde a cada estado de saúde é atribuída uma categoria única à qual corresponde um código. Apesar de a CID 10 ser adequada para propósitos epidemiológicos gerais e administrativos da saúde (DI NUBILA; BUCHALLA, 2008), ela nem sempre permite a inclusão de detalhes suficientes para algumas especialidades, e às vezes pode ser necessária informação acerca de diferentes atributos das afecções classificadas (OMS, 2007). Além disso, a utilização da CID 10 exige conhecimento mais técnico e apurado da área médica e farmacológica, o que se torna uma dificuldade quando se trata de estudos etnobotânicos.

Desta forma, ao tentar agrupar sinais, sintomas e doenças citados pelos informantes em categorias previamente estabelecidas, pode-se perder informações detalhadas a respeito das indicações terapêuticas e do sistema de classificação tradicional da comunidade estudada. Além disso, as categorias de doenças da CID 10 nem sempre compreendem às doenças e sintomas citados pelos informantes, podendo gerar erros e afetar o resultado final do trabalho.

Ao longo das entrevistas, pode-se observar a utilização de termos populares e regionalizados para designar as doenças citadas pelas duas informantes-chave. O uso dessas denominações sugere a existência de uma classificação desenvolvida por cada uma a partir de conhecimentos próprios e da comunidade em geral acumulados ao longo do tempo. Algumas dessas doenças foram citadas e descritas, mesmo não se tendo indicado uso de plantas para o tratamento de algumas delas. As principais foram: “mau olhado”, “tiriça”, “posta”, “trombose, ramo ou AVC”, “íngua ou landra” e “cobreiro”.

O “mau olhado”, diz que é o sangue da pessoa. [...] Não é de maldade não, é o sangue da pessoa mesmo que olha e aquela árvore morre, o menino fica doente. [...] A “tiriça” é aquela que o menino fica todo amarelinho. [...] Posta é quando você leva uma pancada, aí o sangue fica coalhado. [...] Cobreiro é uma doença que dá, ela começa toda vermelha, que não pode encostar, dá até na criança. [...] Diz que se encostar uma ponta na outra a pessoa morre. Diz que pega de bicho que ferroa, mas não é não, é do sangue mesmo. [...] Íngua dá quando você pega uma ferida, aí tá muito inflamada, aí forma. Vem de inflamação, de toda inflamação que você tiver. [...] Chama landra também. (M. M. C. P., 63 anos).

Em relação ao AVC, tanto Dona Maria como Dona Lúcia descreveram a evolução das denominações, evidenciando substituição de conhecimentos e termos culturalmente aceitos e disseminados no local, por nomes e categorias de doenças prestabelecidas oriundas da medicina ocidental. A influência da medicina ocidental no sistema terapêutico desenvolvido e utilizado por Dona Lúcia foi observada por meio da introdução de novas doenças, como o colesterol, que passou a fazer parte de sua rotina recentemente.

Antigamente, a trombose era chamado de ramo, mas os médicos mudaram e agora não é mais nem trombose, já é outro nome, é AVC. (M. M. C. P., 63 anos).

Antigamente, o AVC de hoje, que é a trombose, que já foi rama, e daí vai mudando os nomes, né? Aí meu avô conseguia

curar o povo sabe com quê? Com gergelim e hortelã. (L. M. S., 60 anos).

Antigamente as pessoas fortes, gordas, não existia problema, nera? Mas agora é engraçado, agora a pessoa não pode mais ficar forte, porque invés de ser uma pessoa forte, aí é a mais fraca do mundo, porque tem só musculatura, por dentro o colesterol “véi” sobe, né? (L. M. S., 60 anos).

Durante a entrevista, foram citadas diferentes formas de uso e preparo das plantas medicinais, sendo agrupadas em oito categorias definidas neste trabalho da seguinte maneira: consumo *in natura*, refere-se à utilização das partes das plantas que não passaram por preparo ou manipulação; suco, obtido a partir de partes vegetais, principalmente frutos, espremidos ou triturados em liquidificador com água ou vinho e, em seguida, coados; compressa, consiste em colocar folhas, flores frescas e pó da casca, geralmente quentes, em contato direto com o local afetado, normalmente com auxílio de pedaços de tecido de algodão; óleo, obtido por meio de sementes espremidas, podendo-se utilizar fogo no processo; infusão, obtido juntando-se água fervente sobre pedaços pequenos das partes vegetais, especialmente folhas, em um recipiente que permanece tampado por um período de 5 a 10 minutos, quando então é coado; decocção, obtido por meio do cozimento das partes vegetais por um período de 5 a 10 minutos dependendo da parte da planta em recipiente tampado; maceração, consiste em colocar as partes vegetais amassadas ou picadas em um recipiente contendo água e/ou açúcar por um período de repouso que depende da parte utilizada, podendo chegar a 24 horas; e lambedor, que constitui a mistura de açúcar com chás, obtidos por infusão ou decocção, deixando-se no fogo ou no sereno até desmanchar o açúcar.

De modo geral, a forma de uso que mais se destacou foi a decocção, sendo citada como único ou um dos modos de preparo de 24 espécies medicinais (FIGURA 6). A decocção também foi citada como a forma de preparo mais utilizada em outros estudos etnobotânicos (PINTO; AMOROZO; FURLAN, 2006; SILVA; SABLAYROLLES, 2009; SIVIERO et al., 2012).

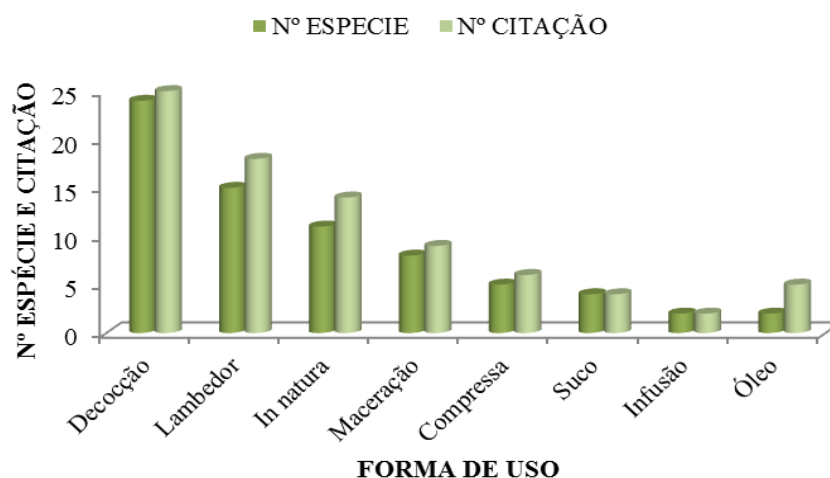


Figura 6 - Formas de uso das espécies medicinais citadas e encontradas nas trilhas realizadas em de São João da Várzea, Mossoró-RN.

Em vários momentos, as informantes citaram o uso de plantas associadas a outras, sobretudo quando usadas na forma de lambedor. O lambedor correspondeu a 21,7% das citações, sendo indicado como formulação para 15 espécies medicinais. Este aspecto demonstra o risco associado a quem ingere esses tipos de formulações, principalmente no tocante à interação química dos princípios ativos presentes nas diferentes plantas utilizadas.

A aroeira, a quixabeira, a papaconha, a catingueira, o jatobá, a malva e o hortelã pra o lambedor de bronquite, pra bronquite, esse lambedor. Mistura sete qualidade de planta, a pessoa faz. Meu avô fazia com sete qualidade de planta pra quem tinha bronquite, , não era asma, bronquite mesmo. (L. M. S., 60 anos).

Outro aspecto observado foi a utilização de um critério de exclusão de algumas plantas para determinadas formas de preparo. Nesse sentido, Dona Maria classificou algumas plantas como “amargas”, não podendo ser utilizadas sob formulações que precisem ser ingeridas, como chás e lambedores.

Quando não amarga, não faz mal. O negócio que faz mal à pessoa é quando amarga. Qualquer coisinha que não amarga, não faz mal. [...] O pereiro, pra remédio, pra chá, pra gente não pode, só serve só pra banho de animal, se tiver piolho numa cabra, pode botar a casca do pereiro de molho que mata. (M. M. C. P., 63 anos).

Foram mencionadas oito partes vegetais para uso medicinal, com destaque para as folhas, empregadas para 27,2% das preparações caseiras registradas para um total de 17 espécies (FIGURA 7). A maioria dos autores que trabalham com etnobotânica de plantas medicinais também destaca a folha como a parte vegetal mais utilizada nessas preparações (AMOROSO, 2002; GUERRA et al., 2010; FREITAS et al., 2012; MOSCA; LOIOLA, 2009; PASA; SOARES; GUARIM NETO, 2005; PINTO; AMOROZO; FURLAN, 2006; SILVA, 2007; SILVA; SABLAYROLLES, 2009; SIVIERO et al., 2012).

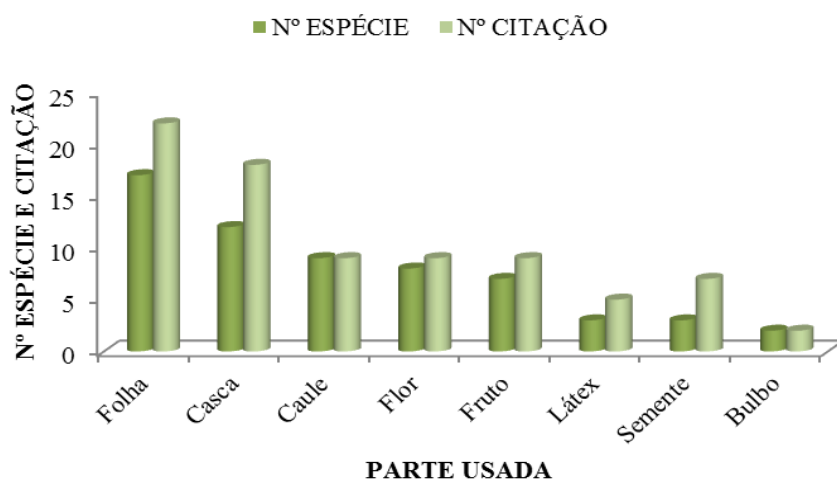


Figura 7 – Partes das plantas mais utilizadas nas preparações caseiras citadas pelas informantes-chave de São João da Várzea, Mossoró-RN.

Esta significativa maioria do uso de folhas provavelmente se deve à frequente utilização de plantas medicinais herbáceas cultivadas em espaços domésticos. Almeida et al. (2005) afirmam que o grande número de ervas nas floras medicinais pode ser explicado, dentre outros fatores, pela existência de uma relação entre o tempo de vida e o tipo de defesa da planta, baseada na constatação de que as plantas anuais apresentam maior toxicidade em relação às perenes e essa toxicidade possui importância nas espécies empregadas como plantas medicinais. Um exemplo é a espécie anual *Catharanthus roseus* (L.) Don., citada neste trabalho como bom dia e boa noite, as quais, apesar de ser considerada planta daninha, produz vincristina e vimblastina, drogas usadas na quimioterapia para o tratamento de alguns tipos de câncer (STEPP; MOERMAN, 2001).

Segundo Castellucci et al. (2000), o amplo uso das folhas no preparo de remédios caseiros pode estar relacionada à facilidade de colheita, de vez que estão disponíveis na maior parte do ano. Outros estudos alegam que a maioria das espécies vegetais tende a concentrar os princípios ativos nas folhas, fornecendo indicativo importante na estratégia de defesa contra herbivoria (STEPP, 2004), o que corrobora a importância do uso destas partes vegetais de plantas medicinais. Segundo Taiz e Zeiger (2003), estes princípios ativos, denominados metabólitos secundários, são substâncias orgânicas produzidas pelas plantas que, devido à sua toxicidade, atuam na defesa da planta contra a herbivoria e o ataque de micro-organismos.

As cascas também tiveram grande expressão nos resultados encontrados, respondendo pela utilização em 22,2% das preparações de 12 espécies. Estes resultados podem ser justificados pela maior resistência de espécies arbustivas e arbóreas às condições climáticas predominantes na região semiárida, aumentando, conseqüentemente, a disponibilidade das cascas. Oliveira et al. (2005), em estudo etnobotânico realizado em Riachão de Malhada de Pedra (município de Caruaru-PE), verificaram que para 76% das espécies a maior pressão é sobre as cascas do caule, largamente usadas por estarem disponíveis o ano todo. Sobre este aspecto, Albuquerque e Andrade (2002b) enfatizam que normalmente o caule ou sua casca é preferencialmente mais coletado para uso medicinal na Caatinga, devido à

continuada oferta temporal do recurso. De acordo com Ferraz, Meunier e Albuquerque (2005), as árvores têm maior uso por constituírem recurso permanente, ao passo que as espécies herbáceas estão ausentes na estação seca.

De árvore usa a casca, é a casca. É a casca da aroeira, a casca do cumaru, casca da imburana, tudo é pra fazer remédio. (M. M. C. P., 63 anos).

As partes das plantas a ser utilizadas só são coletadas no momento em que se verifica a necessidade, não havendo armazenamento delas por nenhuma das informantes-chave. No momento da coleta, alguns aspectos são considerados por Dona Maria, conforme relato abaixo.

A folha da goiaba serve se for a madura, que é pra dor de barriga, ou o “olho”, “é três oincho”. O velame é pra chá também, é a folha madura. [...] As cascas, casca de aroeira, só serve madura, casca de mofumbo, a folha do velame, a folha da goiaba, tudo só serve madura ou os “oincho”. O marmeleiro, tanto faz. (M. M. C. P., 63 anos).

Observou-se que as duas informantes possuem concepções diferentes quanto à dosagem indicada da planta ou do produto medicinal. Dona Maria considera importante o cuidado na administração da planta, utilizando o critério da idade da pessoa para definir a quantidade a ser ingerida. Enquanto isso, Dona Lúcia afirmou que não possui critério estabelecido de dosagem que considere a idade ou o peso da pessoa na administração das plantas medicinais, sendo considerados apenas a necessidade e o desejo de cura, conforme constatado em seu relato de uso da quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) T. D. Penn.). Este aspecto remete à concepção de que o uso de plantas medicinais não possui contraindicações, denunciando os riscos de utilização indiscriminada destas plantas, sobretudo por pessoas que não possuem conhecimento mais acurado sobre o assunto.

Ninguém pode tomar nada exagerado, tudo tem o total. [...] Sendo criança é menos, sendo adulto aumenta a dose, porque também bem fraquinho não serve, né? (M. M. C. P., 63 anos).

A quixabeira é feita pra inflamação, mas principalmente para inflamação de útero. Quando tiver uma inflamação pode tomar a água dela que ela ajuda a desinflamar. [...] Toma um copo, toma xícara, toma colher, depende do organismo da pessoa, toma o tanto que quiser, não tem contraindicação, que tome uma “medidinha” assim, uma colherzinha assim, não, você toma o tanto que quer. Meu avô dizia: “você é quem sabe, se quiser ficar bom logo, tome muito remédio, vocês podem tomarem, agora se vocês não quiserem ficar bom logo, fiquem tomando de pingo em pingo”, ele dizia. (L. M. S., 60 anos).

3.2.2 Etnoespécies citadas, mas não encontradas pelas informantes-chave

Visando a evitar possíveis erros na identificação de etnoespécies apenas pelo nome vernacular citado, optou-se por não identificar botanicamente as etnoespécies não encontradas e visualizadas, mesmo que se tratasse de plantas amplamente conhecidas, como é o caso da bananeira, girassol e gergelim. Também não foram identificadas etnoespécies não encontradas por alguma das informantes-chave, embora tenham sido encontradas pela outra, já que estas podem conhecer a mesma espécie por nomes diferentes ou ainda diferentes espécies pelo mesmo nome. Neste caso, o jucá, o capim santo e a malva foram encontrados em apenas uma das trilhas, mesmo tendo sido citados por ambas as informantes.

Um dos aspectos mais delicados no uso de plantas medicinais refere-se à identidade das plantas, pois, por se basear fortemente em nomes vernaculares, a verdadeira identidade de uma planta recomendada pode variar enormemente de região para região (LORENZI; MATOS, 2002) e, em muitos casos, dentro de uma mesma região, dependendo de quem as utiliza (SILVA, 2002). Segundo Silva (2002), essa problemática inerente à precisão da identificação científica torna-se ainda mais grave quando se refere a plantas medicinais, já que os princípios ativos

de cada uma apresentarão diferenças que causam efeitos diversos. Assim, a uniformização da nomenclatura botânica se faz necessária para evitar ambiguidade que podem trazer riscos ao usuário (LORENZI; MATOS, 2002).

Dentre os motivos que não permitiram a localização das etnoespécies e, conseqüentemente, sua identificação, estão a época de realização do estudo, o percurso e a distância da trilha em relação à residência, bem como o tempo de residência e limitação física de uma das informantes. A época de realização da pesquisa, isto é, agosto e setembro de 2012, coincidiu com a estação seca do ano, agravada pelo longo período de estiagem no referido ano, tanto no município de Mossoró-RN como em toda a região semiárida do Brasil. As chuvas ocorridas durante o mês de março e a primeira quinzena de abril de 2012, período que normalmente apresenta os maiores índices pluviométricos, ficaram muito abaixo do normal, apresentando desvios percentuais característicos de anos de seca extrema (EMPARN, 2012). Desta forma, algumas etnoespécies espontâneas citadas, que são normalmente encontradas pelas informantes, não chegaram a nascer ou não foram capazes de se desenvolver, são elas: alecrim do mato, esterco de passarinho, fedegoso, manjerona e mussambê. Pelo mesmo motivo, algumas etnoespécies, que normalmente são cultivadas, não foram plantadas no ano do estudo, são elas o gergelim e o girassol.

Outras etnoespécies, porém, não foram encontradas devido ao percurso e à distância da trilha, ambos definidos livremente pelas informantes-chave, respeitando sua disponibilidade e limitações físicas. Desta forma, as informantes somente sugeriram possíveis locais de ocorrência das etnoespécies, podendo-se citar a bananeira, o capim santo, chocalho de vaca, jatobá, jucá, lima, malva, marmeleiro branco, melancia de praia, quixaba branca, quixaba preta e o trapiá. O fato de uma das informantes residir há apenas um ano na comunidade São João da Várzea, associada à sua limitação física pode ter influenciado a não localização de algumas etnoespécies citadas por ela durante as entrevistas, de vez que, segundo a mesma, ainda não foi possível explorar e conhecer todo o ambiente no entorno de sua unidade produtiva, como gostaria.

Assim, 20 etnoespécies foram citadas pelas duas informantes-chave como possuidoras de propriedades medicinais, não sendo encontradas, porém, durante as trilhas realizadas e não sendo, portanto, identificadas botanicamente (TABELA 5). A maior parte (60,0%) destas etnoespécies possui mais de uma indicação terapêutica, destacando-se a manjerona e o marmeleiro branco, ambas com 3 indicações. As etnoespécies foram citadas para o tratamento de 19 patologias, representadas principalmente por doenças do aparelho respiratório (Capítulo X), com 12 plantas indicadas. O maior número de etnoespécies medicinais foi indicado para o tratamento de gripe (4 spp.), asma (4 spp.) e bronquite (3 spp.). Foram citadas sete formas de uso e preparo das etnoespécies, sendo que as mais frequentes foram a decocção e o lambedor, ambas com nove citações, seguidas de maceração, com oito citações (FIGURA 8). As partes mais utilizadas nas preparações foram as folhas (28,3%), cascas (17,4%) e flores (17,4%), conforme Figura 9.

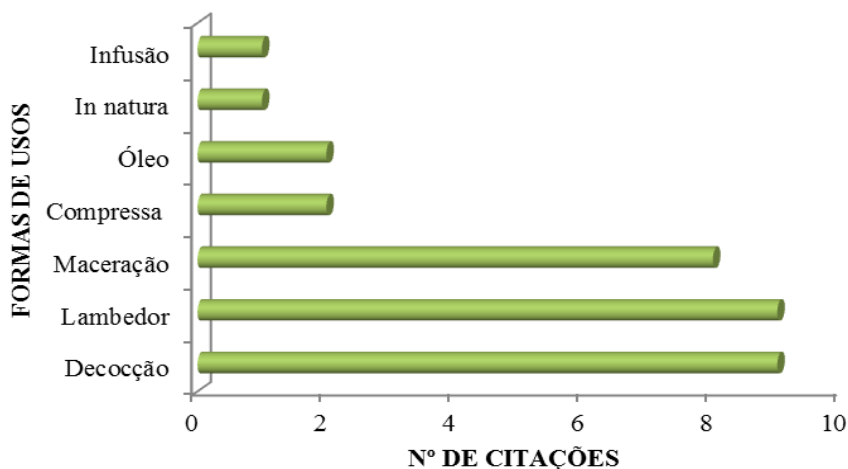


Figura 8 – Formas de uso de etnoespécies citadas por informantes-chave de São João da Várzea, Mossoró-RN.

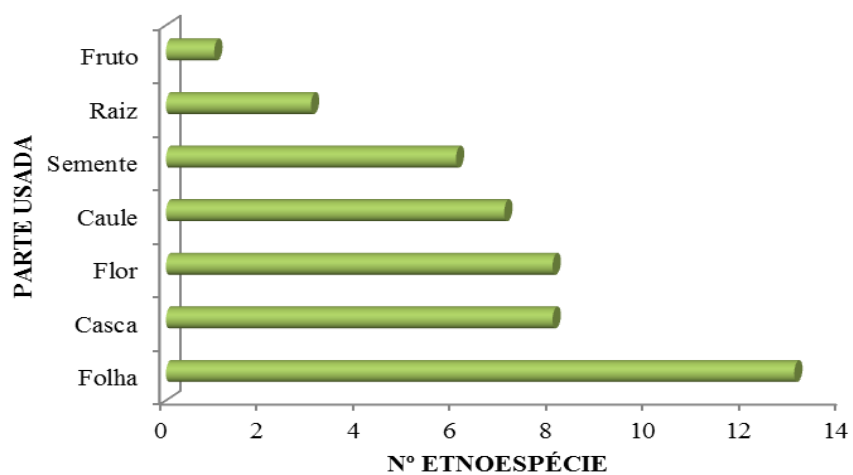


Figura 9 – Partes vegetais utilizadas no preparo das etnoespécies medicinais por informantes-chave de São João da Várzea, Mossoró-RN.

Tabela 5 – Plantas não encontradas durante as trilhas realizadas, mas citadas como medicinais pelas informantes-chave de São João da Várzea, Mossoró-RN. IC= Informante chave: A= D. Maria (M. M. C. P., 63 anos); B= D. Lúcia (L. M. S., 60 anos). PU= Parte usada: a= Casca; b= Caule; c= Flor; d= Folha; e= Fruto; f= Raiz; g= Semente. IT= Indicação terapêutica. NIT= Número de indicação terapêutica. FU= Forma de uso: A= *In natura*; B= Lambedor; C= Compressa; D= Decocção; E= Maceração; F= Infusão; G= Óleo.

Etnoespécies	IC	IT	NIT	CID 10		FU	PU	Modo de preparo
				Capítulo	Grupo			
Alecrim do mato	A	Dor de cabeça	1	XVIII	R69 - Sintomas e sinais gerais	b, d	D	Galhinho + água e ferve.
Alecrim legítimo	A	Dor de cabeça	1	XVIII	R69 - Sintomas e sinais gerais	b, d	D	Galhinho + água e ferve.
Bananeira	A	Gripe	1	X	J09 - J18 - Influenza [gripe] e pneumonia	c	B	Cozinha o mangará da bananeira, bota açúcar e deixa apurar.
Capim santo	B	Calmente	1	V VI	F50 - F59 - Síndromes comportamentais associadas a disfunções fisiológicas e a fatores físicos G40 - G47 - Transtornos episódicos e paroxísticos	d	D	Folhas + água e ferve.
Chocalho de vaqueiro	A	Asma	1	X	J40-J47 - Doenças crônicas das vias aéreas inferiores	f	B	Cozinha a raiz, coloca açúcar e deixa apurar no fogo.

...continua...

TABELA 5, Cont.

Esterco de passarinho	A	Asma	1	X	J40-J47 - Doenças crônicas das vias aéreas inferiores	d	B	Cozinha as folhas, bota açúcar e deixa apurar pra fazer o mel.
Fedegoso	A	Problemas no parto	2	XV	O60 - O75 - Complicações do trabalho de parto e do parto	b, c, d	E	Amassa o galhinho e deixa de molho na água.
		Problemas no parto de animais		--	--	b, c, d	E	Amassa o galhinho e deixa de molho na água.
Gergelim	A	Reumatismo	2	XIII	M00 - M25 - Artropatias	g	G	Passa o óleo das sementes nas juntas (articulações) e bebe um pouco.
	B	"Trombose" (AVC)		IX	I60 - I69 - Doenças cerebrovasculares	g	E	Faz o chá abafado de 9 galhinhos de hortelã em 1L de água. Junta o chá o hortelã com 1 xícara de sementes de gergelim, passa no liquidificador e coa.
				IX	I60 - I69 - Doenças cerebrovasculares	g	C	Passa no liquidificador 1 xícara de sementes de gergelim com 1 L de chá de hortelã (infusão) e coa. Faz a compressa no local com o bagaço que fica na peneira, ainda quente.

...continua...

TABELA 5, Cont.

Girassol	A	"Derrame" (AVC)	2	IX	I60 - I69 - Doenças cerebrovasculares	g	F	Faz o chá das sementes torradas.
		Inflamação		XVIII	R50 - R69 - Sintomas e sinais gerais		G	Coloca o óleo no local inflamado.
	A	Bronquite	2	X	J20 - J22 - Outras infecções agudas das vias aéreas inferiores J40 - J47 - Doenças crônicas das vias aéreas inferiores	a	B	Cozinha a casca, coloca o açúcar e deixa apurar. Tomar 1 xícara pequena 2 vezes por dia.
		Asma		X	J40-J47 - Doenças crônicas das vias aéreas inferiores		B	Cozinha a casca, coloca o açúcar e deixa apurar. Tomar 1 xícara pequena 2 vezes por dia.
		Bronquite		X	J20 - J22 - Outras infecções agudas das vias aéreas inferiores J40 - J47 - Doenças crônicas das vias aéreas inferiores		B	Faz o lambedor misturando mais 6 plantas: aroeira, quixabeira, papaconha, catingueira, malva, hortelã.
	B	Ferimentos	1	XII	L00 - L08 - Infecções da pele e do tecido subcutâneo L20 - L30 - Dermatite e eczema	e	E	Corta a vagem miudinha ou pila e bota de molho dentro da cachaça. Depois de 8 dias, coa e guarda em vidrinho pra ficar usando.

...continua...

TABELA 5, Cont.

Lima	A	Gastrite	1	XI	K20 - K31 - Doenças do esôfago, do estômago e do duodeno	d	D	Folhas + água e ferve.
Malva	B	Bronquite	1	X	J20 - J22 - Outras infecções agudas das vias aéreas inferiores J40 - J47 - Doenças crônicas das vias aéreas inferiores	d	B	Faz o lambedor misturando mais 6 plantas: aroeira, quixabeira, papaconha, catingueira, jatobá, hortelã.
Manjerona	A	Sinusite	3	X	J20 - J22 - Outras infecções agudas das vias aéreas inferiores J40 - J47 - Doenças crônicas das vias aéreas inferiores	b, c, d	D	Ferve o galhinho, banha a cabeça e bebe o chá.
		Gripe		X	J09 - J18 - Influenza [gripe] e pneumonia	b, c, d	D	Ferve o galhinho, banha a cabeça e bebe o chá.
		Dor de ouvido		VIII	H90 - H95 - Outros transtornos do ouvido	d	A	Amassa a folha e coloca com algodão no ouvido.
Marmeleiro branco	A	Hemorragia	3	III XVIII	D65 - D69 - Defeitos da coagulação, púrpura e outras afecções hemorrágicas R50 - R69 - Sintomas e sinais gerais	g	D	Cozinha a raiz pra fazer o chá.
		Comida que faz mal		XI XVIII	K55 - K63 - Outras doenças dos intestinos R10 - R19 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho digestivo e ao abdome	a	E	Coloca em água e deixa de molho. Bebe 4 copos. Usa a entrecasca.

			Tosse		XVIII	R00 - R09 - Sintomas e sinais relativos ao aparelho circulatório e respiratório	a	E	Coloca em água e deixa de molho. Bebe 4 copos. Usa a entrecasca.
309	Melancia de praia	A	Gripe	2	X	J09 - J18 - Influenza [gripe] e pneumonia	d	D	Folhas + água e ferve.
			Febre		XVIII	R50 - R69 - Sintomas e sinais gerais	d	D	Folhas + água e ferve.
	Mussambê	A	Gripe	2	X	J09 - J18 - Influenza [gripe] e pneumonia	c, f	B	Cozinha a raiz junto com a flor, coloca açúcar e deixa apurar no fogo.
			Asma		X	J40-J47 - Doenças crônicas das vias aéreas inferiores	c, f	B	Cozinha a raiz junto com a flor, coloca açúcar e deixa apurar no fogo.
	Quixaba branca	A	Inflamação	1	XVIII	R50 - R69 - Sintomas e sinais gerais	a	E	Coloca a casca de molho e dá o banho.
	Quixaba preta	A	Ferimentos	1	XII	L00 - L08 - Infecções da pele e do tecido subcutâneo L20 - L30 - Dermatite e eczema	a	E	Coloca a casca de molho e dá o banho.

...continua...

TABELA 5, Cont.

Trapiá	B	Quebradura, colar osso	1	XIX	S40 - S49 - Traumatismos do ombro e do braço S50 - S59 - Traumatismos do cotovelo e do antebraço S60 - S69 - Traumatismos do punho e da mão S70 - S79 - Traumatismos do quadril e da coxa S80 - S89 - Traumatismos do joelho e da perna S90 - S99 - Traumatismos do tornozelo e do pé	a	C	Você faz o emplastro e coloca em cima da fratura.
--------	---	---------------------------	---	-----	--	---	---	---

3.3 ASPECTOS FENOLÓGICOS E DE CONSERVAÇÃO DE ESPÉCIES MEDICINAIS

Durante a trilha, foi possível observar alguns aspectos fenológicos que envolvem os ciclos vegetativos e reprodutivos das espécies vegetais encontradas, abrangendo principalmente a perda de folhas, o surgimento de novas folhas, a floração e a frutificação. Amorim et al. (2009) estudaram a fenologia de 13 espécies lenhosas da Caatinga do Seridó do Rio Grande do Norte, dentre elas o pereiro (*Aspidosperma pyrifolium* Mart.), o jucá (*Caesalpinia ferrea* Mart.), a catingueira (*Caesalpinia pyramidalis* Tul.), o mofumbo (*Combretum leprosum* Mart.), o pinhão (*Jatropha mollissima* (Pohl) Baill.), o marmeleiro preto (*Croton sonderianus* Müll. Arg.) e o cumaru (*Amburana cearensis* (Allemão) A.C. Sm.) foram citadas neste trabalho. Relatos sobre aspectos fenológicos das duas últimas espécies, o juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart.) e a aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão), apresentam-se a seguir.

A catingueira tá “broiando”, “pia aí”! Por isso que as ovelhas tavam aqui, aquilo tavam comendo as ramas. A catingueira e a macambira, “pia” o cachinho bem amarelinho dela, por isso que as ovelhas tavam aqui dentro desses matos, era comendo o cacho da macambira. Elas também gostam de comer essas folhinhas da catingueira, o gado também. (M. M. C. P., 63 anos).

O cumaru tá seco, seco, só “bróia” no fim do ano, quando é no mês de outubro, mesmo que não tenha chovido, quando é mês de outubro ele fica cheio de “brói”. A imburana também. (M. M. C. P., 63 anos).

Olha o juazeiro como tá tão lindo, bem verdinho. Ele tá caindo a folha, o mês que entra ele começa a florar e botar os frutinhos. Aí em dezembro ele já cai. (M. M. C. P., 63 anos).

Ah! aroeira grande! Ela tá “broiando”, a flor dela é bem azulzinha e é cheirosa a flor dela. Ela tá “broiando”, não tá

florando ainda não. Esses paus só floram tudo em outubro, de setembro pra outubro. (M. M. C. P., 63 anos).

Os resultados encontrados por Amorim et al. (2009) indicaram que mesmo locais de Caatinga com pequena diversidade de espécies podem abrigar comunidades com padrões fenológicos complexos, principalmente quanto à floração e à frutificação, sendo que nessas comunidades a disponibilização de recursos para a fauna pode ocorrer ao longo do ano. Esta interação entre elementos da flora e da fauna também foi observada durante a realização das trilhas, onde as informantes demonstraram em vários momentos a percepção que possuem a respeito dos animais que compõem os ambientes, envolvendo desde os domésticos, como bovinos, ovinos e caprinos, até insetos, como cupins, e animais silvestres, como pebas, tatus, raposas, guarás e aves, principalmente rolinhas, gaviões, carcarás e beija-flores.

Aqui tem de tudo nesse mato, de tudo, peba, guará, raposa, onça. Agora as onças foram embora, as onças que comiam bode. (M. M. C. P., 63 anos).

De acordo com as informações obtidas, verificou-se que o ciclo de chuvas foi o fator que mais se relacionou aos aspectos fenológicos observados e citados. Esta relação corrobora a importância das chuvas para as informantes-chave, que as consideram fundamental para a manutenção do ecossistema e de suas práticas de cultivo. Em alguns momentos, foi possível destacar a resistência de algumas plantas à deficiência hídrica, bem como sua renovação com a chegada das chuvas.

É muita secona, acabou foi tudo, tem só uns matinhos bem verdinho, o velame. [...] O pinhão tá verde também. [...] Só tem verde o pinhão, o juazeiro, o pereiro, o mofumbo ainda tem umas folhinhas. [...] É bonito no inverno, fica tudo bem verdinho. (M. M. C. P., 63 anos).

Olha ali a jurema, é preta. Olhe a bichona alta. Aqui é a que dá madeira, que faz o carvão, mourão, tudo. Aqui é a jurema de fazer madeira, que faz madeira, de fazer carvão. Quando é no

inverno elas são tão bonitinhas, tudo bem “ramadinha” elas, agora tão só os galinhos. (M. M. C. P., 63 anos).

Também foram observados aspectos culturais relacionados a adivinhações, denominadas por Dona Maria de “experiências” sobre o período chuvoso do ano seguinte. Estas crenças revelam um conhecimento baseado em observações de sinais de comportamento e desenvolvimento de plantas e animais, que são associados a fenômenos naturais, como seca e chuva. Estas “experiências” são transmitidas de geração para geração, fazendo parte da cultura de muitos agricultores. Segundo Lucena et al. (2005), o processo de busca de indicações meteorológicas em sinais ambientais faz parte do processo adaptativo dos sertanejos às adversidades que a Caatinga impõe, por isso principalmente os mais idosos ficam atentos a estes sinais para iniciar suas atividades agrícolas, como o plantio de milho e feijão. Todo esse conhecimento sobre aspectos da natureza que indiquem períodos de chuva e seca faz parte do cotidiano lúdico dos moradores do semiárido nordestino, os quais mantêm viva tal tradição em seu contexto cultural e místico (ABRANTES et al., 2011).

O mofumbo tá todo puxando os galhos, diz que quando ele tá assim, puxando os galhos, é o inverno que é bom pro ano que entra. É, meu pai dizia. Quando ele puxa muito os galhos é o inverno que vai ser bom, é uma experiência. [...] Tá tudo puxando, puxando os galhos pro inverno. (M. M. C. P., 63 anos).

Além da constatação do grande conhecimento das informantes-chave em relação ao uso de plantas medicinais, as trilhas e entrevistas realizadas permitiram abordar informações sobre o manejo e conservação da biodiversidade local. Observou-se uma estreita relação entre as informantes-chave e os recursos encontrados nos espaços domésticos e no entorno das unidades produtivas. Elas fazem uso dos elementos da flora para diversos fins, sobretudo medicinal, madeireiros e alimentícios. Essa utilização envolve práticas complexas de manejo,

bem como a exploração extrativista, que, por sua vez, abrange o conhecimento acumulado ao longo do tempo a respeito dos recursos disponíveis.

Conforme Amorozo (2007), o manejo de sistemas complexos e com alto grau de diversidade requer conhecimentos sofisticados sobre os ecossistemas e os processos biológicos envolvidos. A autora afirma ainda que os sistemas de conhecimento de sociedades tradicionais condensam grande riqueza de informações biológica e ecológica sobre a área que estes grupos ocupam, indispensáveis à sua sobrevivência. As formas como as pessoas obtêm esses recursos, suas preferências e técnicas de manejo refletem adaptações ecológicas, culturais, sociais e econômicas a situações flutuantes relacionadas a pressões ambientais ou de mercado (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002a).

A valorização do saber popular é essencial na conservação da biodiversidade, pois permite conhecer melhor o uso das espécies nativas e, conseqüentemente, identificar as pressões a que elas estão submetidas, sendo este um aspecto muito importante ao se traçar ações que visem à conciliação das demandas das populações com a disponibilidade dos recursos naturais (FERRAZ; MEUNIER; ALBUQUERQUE, 2005). Conforme Albuquerque (2005), a conservação da biodiversidade necessariamente envolve além dos usuais aspectos biológicos, os importantes e indissociáveis aspectos sociais e culturais, sendo que o conhecimento das culturas locais fornece fortes elementos para conservação dos recursos biológicos.

Constatou-se ainda que a demanda por estes recursos depende exclusivamente da necessidade e interesse da família, não sendo verificada a comercialização destes produtos. De acordo com Albuquerque e Andrade (2002a), a manipulação de plantas pelas pessoas em regiões semiáridas depende de vários fatores, que vão desde a disponibilidade temporal dos recursos até o grau de interesse por um recurso em especial. Na trilha realizada com Dona Maria, verificou-se intenso extrativismo de madeira, podendo este fato estar relacionado à proximidade da unidade produtiva com a Cerâmica que utiliza esse recurso como lenha para fabricação de telhas e tijolos e ao intenso uso de estacas e mourões para

confeção de cercas. A percepção da ação humana sobre estes recursos foi descrita em vários relatos da referida informante.

Eu não tô vendo nenhum pé de jucá por aqui. O jucá é bem alvinho, a madeira. Aqui tinha, mas o povo cortaram. [...] A cerâmica arrancava muito mato, né? Tinha um pé de jucá bem grandão ali, eles arrancaram, o jucá que a gente tirava as cascas. Não tem mais nada por aqui, o jucá tá longe. Tinha muita catingueira, eles foram e arrancaram. (M. M. C. P., 63 anos).

Aqui é o marmeleiro, mas tá tão pequenininho o bichinho, só o cipó, olhe. Aqui é o marmeleiro, ele “broiou” e morreu. [...] Na terra boa ele fica bem grandão, bem grandão mesmo, ele dá vara, estaca, dá tudo no mundo, o povo faz cerca com isso. Olhe as varinhas, bem fininhas do bichinho. É porque já brocaram aqui eles, ele já saiu a soca. [...] Porque o povo gosta de tirar as varas. (M. M. C. P., 63 anos).

Tá aqui a imburana, cortaram ela também. Oh! povo mal! Olhe aqui, onde serra ela, ela “broia”. Serraram a bichinha. (M. M. C. P., 63 anos).

Comumente, a Caatinga está associada ao fornecimento de recursos madeireiros e medicinais (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002a). Entretanto, o extrativismo insustentável da madeira se reflete negativamente no uso e no conhecimento sobre as plantas medicinais, já que várias espécies citadas possuem ambos os usos. Estudos realizados na Caatinga também registraram que as plantas medicinais lenhosas sofrem maior pressão extrativista pelo uso madeireiro do que para outras atividades de subsistência, como alimentação e medicina (ALBUQUERQUE, 2001; ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002b; OLIVEIRA et al., 2005).

O pessoal ficaram cortando, cortando, aí acabaram com as matas, minha “fia”. Aí fazem fogo, brocam, né? Ficam tirando lenha, aí dali toca fogo aí pronto, aí acaba com a área. As plantas que prestavam antigamente, hoje em dia, né? É muito difícil, “home”! E nesse “sertãozão” mesmo você ver só, a maior parte só esse mato “véi” pra cerca. (L. M. S., 60 anos).

Durante a trilha, Dona Maria se surpreendeu com a morte de uma das plantas que ela utilizava como fonte de cascas. Ela demonstrou tristeza e desapontamento com a constatação de que a planta de cumaru (*Amburana cearensis* (Allemão) A.C. Sm.), que lhe tinha sido tão útil, tinha morrido. Estes sentimentos foram demonstrados em vários momentos por meio de lamentações a respeito dessa perda e inconformismo com as ações do homem, responsável pela devastação e morte das plantas.

Eu acho que o cumaru morreu, “tocaram” fogo, “muié”. Morreu, o “pobe”, coitado do cumaru. [...] Ah! o bichinho morreu, tirei muita casca aqui pra fazer remédio, serraram ele, “ói”. Ele “broiou”, mas morreu. Ah povo mau, o bichinho. [...] Coitado do “pobe”, morreu o bichinho. [...] Menina, mataram o cumaru, o cumaru era tão grande. [...] Tá morto, num tem mais vida pra ele não. Eles pegaram e serraram um galho, mas eu acho que ele morreu foi do fogo, porque fizeram uma broca aqui e tocaram fogo, tocaram fogo cabeça a fora, aí pegou ele. (M. M. C. P., 63 anos).

Olhe outro cumaru, esse aqui tá bem pintadinho. Eles cortaram no tronco. “Ói”, do jeito que tá aí, essa touceira, se deixarem, se ninguém cortar ele, ele fica bem grossão, aí eles serram e leva pra fazer porta. Aqui não porque o povo tira pra queimar tijolo. (M. M. C. P., 63 anos).

O intenso uso de espécies da Caatinga e as coletas extrativistas realizadas vêm reduzindo drasticamente suas populações, sendo agravada, conforme Albuquerque e Andrade (2002a), quando se trata de espécies que apresentam esparsa distribuição ou pequenas populações. Neste contexto, a partir de uma importante iniciativa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), foi realizada em 2002 a Primeira Reunião Técnica Sobre Recursos Genéticos de Plantas Medicinais e Aromáticas, a qual reuniu vários profissionais e instituições que estipularam as espécies medicinais e aromáticas prioritárias para a conservação nos principais biomas brasileiros (VIEIRA et al., 2002).

Entre as espécies listadas para a Caatinga, três delas foram citadas pelas informantes-chave: cumaru (*Amburana cearensis* (Allemão) A.C. Sm.); juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart.) e aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão). Esta última também se encontra na Lista Oficial de Espécies Brasileiras Ameaçadas de Extinção do IBAMA (BRASIL, 2008), o que torna sua utilização indiscriminada uma grande preocupação quanto à sua conservação. Por meio do relato de Dona Lúcia, pode-se perceber o impacto causado pelo uso insustentável desta espécie.

A aroeira é pra trabalho de cerca, fazer mourão, fazer estaca, é também pra fazer “tauba”, no tempo que tinha aroeira boa, porque hoje em dias as aroeiras são, né? Pra fazer aquelas “taubona” assim de aroeira, o pessoal serrava, mas hoje não tem mais isso não, porque acabaram as matas. É só as “socazinha” que sai, aqui não tem mas mata. Antigamente, você chegava num lugar que nem esse que a gente tá aqui, você chegava e olhava assim, chega era escuro. Hoje em dia, você ver assim de longe um pé de juazeiro, um perdido. [...] Hoje é uma “realidade” você encontrar um pé de aroeira. Sabe por quê? Porque cortaram e morreu o bichinho, né? (L. M. S., 60 anos).

Desta forma, torna-se necessário o desenvolvimento de alternativas de uso e manejo dos recursos que permitam suprir as necessidades das populações locais ao mesmo tempo em que reduzam os prejuízos ambientais. O impacto da ação humana pode elevar ou reduzir a biodiversidade, sendo que os esforços de conservação devem identificar e promover sistemas locais de conhecimento e manejo do ambiente que permitam às comunidades locais conservar e aumentar a diversidade biológica como parte de seus modos de vida (PIMBERT; PRETTY 2000). Para Albuquerque (2005), os métodos locais de manejo dos recursos naturais podem apontar para estratégias alternativas de utilização do ambiente e desenvolvimento. Assim, é de fundamental importância a utilização de práticas de conservação *in situ* destas espécies, como o que ocorre nos espaços domésticos, sobretudo nos quintais.

A estrutura e composição florística dos quintais, associadas ao baixo aporte de energia na forma de insumos agrícolas, evidenciam o papel estratégico desses

agroecossistemas na conservação da biodiversidade *in situ* (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002a; BLANCKAERT et al., 2004). Estes agroecossistemas podem contribuir na conservação da biodiversidade, de vez que o hábito de cultivar plantas nativas pode diminuir a pressão de uso sobre a vegetação local (FLORENTINO; ARAÚJO; ALBUQUERQUE, 2007), podendo estes ser considerados refúgios de espécies nativas, endêmicas e ameaçadas de extinção (DUQUE-BRASIL et al., 2011; KABIR; WEBB, 2008).

Carniello, Cabral e Santos-Silva (2003), estudando os quintais da região de Cárceres-MT, constataram que em 67% dos quintais as plantas nativas estavam presentes e com funções definidas. Sobre este aspecto, foi contatado que Dona Maria e Dona Lúcia consideraram importante a manutenção de espécies nativas arbóreas nos espaços domésticos, sendo observada nestes a ocorrência de pereiro (*Aspidosperma pyrifolium* Mart.), mofumbo (*Combretum leprosum* Mart.) e juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart.).

Nasci na terra, debaixo de uma barraca de marmeleiro, por isso que eu acho que eu gosto mais dos matos, mais por isso. Eu dou muito mais valor está debaixo de uma árvore do que dentro de uma casa, acho bom ficar debaixo das árvores. (L. M. S., 60 anos).

Desses pé de paus, eu acho que o que tem aqui desde quando eu cheguei aqui é aqueles mofumbo, aquele pereiro é do tempo que eu cheguei aqui, tá com 16 anos que ele tá alí, os juazeiros. Os juazeiros eram tudo pequenininho, agora tá tudo grande. (M. M. C. P., 63 anos).

Segundo Albuquerque e Andrade (2002a), as pessoas afetam a estrutura de comunidades vegetais e paisagens, a evolução de espécies individuais, a biologia de determinadas populações de plantas de interesse, não apenas sob aspectos negativos, como comumente se credita à intervenção humana, mas beneficiando e promovendo os recursos manejados. Investigações etnobotânicas realizadas sugerem que esses agroecossistemas podem contribuir para a conservação de plantas nativas e para elaboração de estratégias de uso sustentável dos recursos

naturais (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002b; ALBUQUERQUE; CAVALCANTI; CABALLERO, 2005).

4 CONCLUSÃO

A tradição e a sabedoria dos antepassados continuam regendo as práticas medicinais das informantes-chave, mesmo sendo observada influência da medicina ocidental no contexto de vida. Assim, o conhecimento sobre o uso das plantas medicinais, considerado por ambas como uma herança de seus avós, foi codificado por meio de experiências cotidianas e memorizado de acordo com convicções e necessidades próprias.

A realização deste estudo proporcionou o resgate, a valorização e a preservação do conhecimento tradicional e proporcionou a observação de aspectos fenológicos e de conservação das espécies medicinais. Assim, o estudo pode contribuir para o desenvolvimento de alternativas mais sustentáveis de manejo dos recursos e também como base para outros estudos etnodirigidos no bioma Caatinga.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, P. M.; SOUSA, R. F.; LUCENA, C. M.; LUCENA, R. F. P.; PEREIRA, D. D. Aviso de chuva e de seca na memória do povo: O Caso do Cariri Paraibano. **Revista de Biologia e Farmácia**, v. 5, n. 2, p. 18-24. 2011.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta bot. bras.**, v. 16, n. 3, p. 273-285, 2002a.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciência**, v. 27, n. 7, p. 336-346, 2002b.

ALBUQUERQUE, U. P.; CAVALCANTI, L. H.; CABALLERO, J. Structure and Floristics of Homegardens in Northeastern Brazil. **Journal of Arid Enviroments**, v. 62, n. 3, p. 491-506, 2005.

ALBUQUERQUE, U. P. **Etnobiologia e biodiversidade**. Recife: NUPPEA, 2005. 78 p.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010. p. 39-64.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; LINS NETO, E. M. F. Seleção dos participantes da pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010. p. 21-37.

ALBUQUERQUE, U. P. **Uso, manejo e conservação de florestas tropicais numa perspectiva etnobotânica: o caso da caatinga no estado de Pernambuco**. 2001. 201f. Tese (Doutorado em Biologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

ALMEIDA, C. F. C. B. R.; ALBUQUERQUE, U. P.; SILVA, T. C. L.; AMORIM, E. L. C.; MAIA, M. B. S. Como as pessoas selecionam plantas para o uso medicinal? Evidências da química e da ecologia. In: ALBUQUERQUE, U. P.; ALMEIDA, C. F. C. B. R.; MARINS, J. F. A. **Tópicos em conservação, etnobotânica e etnofarmacologia de plantas medicinais e mágicas**. Recife: NUPEEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005. p. 263-286.

ALVES, R. R. N.; SILVA, A. A. G.; SOUTO, W. M. S.; BARBOZA, R. R. D. Utilização e comércio de plantas medicinais em Campina Grande, PB, Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 4, n. 2, p. 175-198, 2007.

AMARAL, C. N.; GUARIM-NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 3, n. 3, p. 329-341, 2008.

AMORIM, I. L.; SAMPAIO, E. V. S. B.; ARAÚJO, E. L. Fenologia de espécies lenhosas da caatinga do Seridó, RN. **Revista Árvore**, Viçosa-MG, v. 33, n. 3, p. 491-499, 2009.

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. **Plantas medicinais: arte e ciência; um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: UNESP, 1996. p. 47-68.

AMOROZO, M. C. M. Construindo a sustentabilidade: biodiversidade em paisagens agrícolas e a contribuição da etnobiologia. In: ALBUQUERQUE, U. P.; ALVES, A. G. C.; ARAÚJO, T. A. S. **Povos e paisagem: etnoecologia, etnobiologia e biodiversidade**. Recife-PE: NUPEEA/UFRPE, 2007. p. 75-88.

AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais pelos caboclos do baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Ser. Bot.**, v. 4, n. 1, p. 47-131. 1988.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002.

AMOROZO, M. C. M.; VIERTLER, R. B. A abordagem qualitativa na coleta e análise de dados em etnobiologia e etnoecologia. In: ALBUQUERQUE, U. P.;

LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010. p. 67-82.

ANDRADE, F. M. C.; CASALI, V. W. D. Etnobotânica e estudo de plantas medicinais. In: RODRIGUES, A. G.; ANDRADE, F. M. C.; COELHO, F. M. G.; COELHO, M. F. B.; AZEVEDO, R. A. B.; CASALI, V. W. D. (Eds.) **Plantas medicinais e aromáticas: etnoecologia e etnofarmacologia**. Viçosa: UFV/Departamento de Fitotecnia, 2002. p. 77-144.

ANDRADE, C. T. S.; MARQUES, J. G. W.; ZAPII, D. C. Utilização de cactáceas por sertanejos baianos. Tipos conexivos para definir categorias utilitárias. **Sitientibus Série Ciências Biológicas (Etnobiologia)**, v. 6, p. 3-12, 2006.

ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 141, n. 1, p. 399-436, 2003.

AZEVEDO, R. A. B.; COELHO, M. F. B. Métodos de investigação do conhecimento popular sobre plantas medicinais. In: RODRIGUES, A. G. et al. **Plantas medicinais e aromáticas: etnoecologia e etnofarmacologia**. Viçosa: UFV, Departamento de Fitotecnia, 2002. 320p.

ATTUCH, I. M. **Conhecimentos tradicionais do Cerrado: sobre a memória de Dona Flor, raizeira e parteira**. 2006. 147f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação do Departamento de Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2006.

BARROS, L. C. P. **Conhecimento sobre plantas medicinais com atividade de controle do colesterol, pressão arterial e problemas renais, utilizadas pela população residente no Bairro dos Marins município de Piquete – SP**. 2007. 166f. Dissertação (Mestrado em Agronomia – Área de Concentração Horticultura) – Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2007.

BLANCKAERT, I.; SWEENEN, R. L.; FLORES, M. P.; LOPEZ, R. R.; SAADE, R. L. Floristic composition, plant uses and management practices in homegardens of San Rafael Coxcatlan, Valley of Tehuacan-Cuicatlan. **Journal of Arid Environments**, Mexico, v. 57, n. 1, p. 39-62, 2004.

BRAGA, R. **Plantas do nordeste, especialmente do Ceará**. 3. ed. Mossoró: ESAM, 1976, p. 435-436 (ESAM Coleção Mossoroense, 42).

BRASIL. Ministério da Saúde. **Renisus**. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/visualizar_texto.cfm?idtxt=30277>. Acesso em: 19 fev. 2013.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Conselho de Gestão do Patrimônio Genético**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/patrimonio-genetico/conselho-de-gestao-do-patrimonio-genetico>>. Acesso em: 05 jul. 2012.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Instrução Normativa Nº 06, de 23 de Setembro de 2008**. Brasília, DF, 2008.

CALÁBRIA, L.; CUBA, G. T.; HWANG, S. M.; MARRA, J. C. F.; MENDONÇA, M. F.; NASCIMENTO, R. C.; OLIVEIRA, M. R.; PORTO, J. P. M.; SANTOS, D. F.; SILVA, B. L.; SOARES, T. F.; XAVIER, E. M.; DAMASCENO, A. A.; MILANI, J. F.; REZENDE, C. H. A.; BARBOSA, A. A.; CANABRAVA, H. A. N. Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em Indianópolis, Minas Gerais, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 10, n. 1, p. 49-63, 2008.

CARNIELLO, M. A.; CABRAL, C. D. O.; SANTOS-SILVA, R. Homegardens: spaces of the biodiversity conservatião at Cáceres. In: BEZERRA, D. O. S; CASTRILLON, S. K. I. (Orgs.). **Environmental and social basis for urban plan of the Cáceres city, Mato Grosso**. Cáceres, Mato Grosso: UNEMAT/FAPEMAT, 2003. p. 30-33.

CASTELLUCCI, S. et al. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luís Antonio – SP: uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Medicinai**s, v. 3, n. 1, p. 51-60, 2000.

COMBESSIE, J. C. **O método em sociologia o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola. 2004.

COSTA, M. A. G. **Aspectos etnobotânicos do trabalho com plantas medicinais realizado por curandeiros no município de Iporanga-SP**. 2002. 134f. Dissertação (Mestrado em Agronomia – Área de Concentração em Horticultura) – Faculdade de Ciências Agrônômicas, Universidade Estadual Paulista. Botucatu, 2002.

CUNHA, S. A.; BORTOLOTTI, I. M. Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 25, n. 3, p. 685-698, 2011.

DAMASCENO, A. A.; BARBOSA, A. A. A. Levantamento etnobotânico de plantas do bioma Cerrado na comunidade de Martinésia, Uberlândia, MG. **Horizonte Científico** (Uberlândia), v. 1, p. 8, 2008.

DI NUBILA, H. B. V.; BUCHALLA, C. M. O papel das Classificações da OMS - CID e CIF nas definições de deficiência e incapacidade. **Rev. bras. Epidemiol.**, v. 11, n. 2, p. 324-335, 2008.

DUQUE-BRASIL, R.; SOLDATI, G. T.; COSTA, F. V.; MARCATTI, A. A. M.; REIS-JR, R.; COELHO, F. M. G. Riqueza de plantas e estrutura de quintais familiares no Semi-árido Norte Mineiro. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 5, n. 2, p. 864-866, 2007.

EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DO RIO GRANDE DO NORTE. **Porque não choveu em 2012 no Rio Grande do Norte?** Disponível em: <http://www.portal.rn.gov.br/content/aplicacao/emparn/arquivos/2012/meteorologia_2012.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2012.

FERRAZ, J. S. F.; MEUNIER, I. M. J.; ALBUQUERQUE, U. P. Conhecimento sobre espécies lenhosas úteis da mata ciliar do Riacho do Navio, Floresta, Pernambuco. **Zonas Áridas**, n. 9, p. 27-39, 2005.

FLORENTINO, A. T. N.; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. Contribuição de quintais agrofloreais na conservação de plantas da Caatinga, município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v. 21, n. 1, p. 37-47, 2007.

FONSECA-KRUEL, V. S.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v. 18, n. 1, p. 177-190. 2004.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; MAIA, S. S. S.; AZEVEDO, R. A. B. A percepção dos quintais rurais por crianças de São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Verde**, v. 6, n. 2, p. 212-220, 2011.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; MAIA, S. S. S.; AZEVEDO, R. A. B. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 10, n. 1, p. 48-59, 2012.

FREITAS, A. V. L. **Recursos genéticos em quintais e comercialização de plantas de uso medicinal no município de São Miguel-RN**. 2009. 192f. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia - Área de concentração Etnoconhecimento, caracterização e propagação de plantas) - Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró, 2009.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta bot. Bras.**, v. 24, n. 2, p. 395-406, 2010.

GIULIETTI, A. M.; BOCAGE NETA, A. L.; CASTRO, A. A. J. F.; GAMARRA-ROJAS, C. F. L.; SAMPAIO, E. V. S. B.; VIRGINIO, J. F.; QUEIROZ, L. P.; FIGUEIREDO, M. A.; RODAL, M. J. N.; BARBOSA, M. R. V.; HARLEY, R. M. Diagnóstico da vegetação nativa do bioma Caatinga. In: SILVA, J. M. C.; TABARELLI, M.; FONSECA, M. T.; LINS, L. V. **Biodiversidade da caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, Universidade Federal de Pernambuco, 2003. 382p.

GUERRA, A. M. N. M.; CUNHA NETO, J. R.; MARQUES, J. V. A. D.; PESSOA, M. F.; MARACAJÁ, P. B. Plantas medicinais e hortaliças usadas para cura de doenças em residências da cidade de Mossoró-RN. **Revista Verde**, v. 2, n. 1, p. 70-77, 2007.

GUERRA, A. M. N. M.; MARQUES, J. V. A. D.; PESSOA, M. F. ; MARACAJÁ, P. B. Uso e cultivo de plantas medicinais em residências da cidade de Mossoró no Médio Oeste do Estado do rio Grande do Norte. In: CONGRESSO BRASILEIRO

DE OLERICULTURA, 46., 2006, Goiânia-GO. **Anais...** Goiânia: Revista da Associação brasileira de Horticultura, suplemento CD Rom., 2006. v. 24. p. 2664-2667.

GUERRA, A. M. N.; PESSOA, M. F.; SOUZA, C. S. M.; MARACAJÁ, P. B. Utilização de plantas medicinais pela comunidade rural Moacir Lucena, Apodi-RN. **Bioscience Journal**, v. 26, n. 3, p. 442-450, 2010.

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. São Paulo: Loyola, 2003.

HEIDEN, G.; MACIAS, L.; BOBROWSKI, V. L.; IGANCI, J. R. V. Comercialização de carqueja por ervateiros da zona central de Pelotas, Rio Grande do Sul. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 6, n. 2, p. 50-57, 2006.

JORGE, S. S. A.; MORAIS, R. G. Etnobotânica de plantas medicinais. In: COELHO, M. F. B.; COSTA JÚNIOR, P.; DOMBROSKI, J. L. D. **Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais**. Cuiabá: UNICEN, 2003. p. 89-98.

KABIR, E.; WEBB, E. L. Can homegardens conserve biodiversity in Bangladesh? **Biotropica**, v. 40, n. 1, p. 95–103, 2008.

LEITE, D. T. L. F. Perfil epidemiológico do servidor público do INSS que obteve licença de saúde própria ou de familiar no período de janeiro de 2009 e junho de 2010. In: CONGRESSO CONSAD DE GESTÃO PÚBLICA, 4., 2011, Brasília. **Anais...** Brasília, 2011.

LISTA DE ESPÉCIES DA FLORA DO BRASIL 2013. **Lista de espécies da flora do Brasil 2013**. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br>>. Acesso em: 12 fev. de 2013.

LOIOLA, M. I. B.; PATERNO, G. B. C.; DINIZ, J. A.; CALADO, J. F.; OLIVEIRA, A. C. P. Leguminosas e seu potencial de uso em comunidades rurais de São Miguel do Gostoso – RN. **Revista Caatinga**, v. 23, n. 3, p. 59-70, 2010.

LORENZI, H. **Manual de identificação e controle de plantas daninhas**: plantio direto e convencional. 6 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2006. 339p.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil**: nativas e exóticas cultivadas. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. 512p.

LORENZI, H.; SOUZA, H. M. **Plantas ornamentais no Brasil**: arbustivas, herbáceas e trepadeiras. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008. 1088p.

LUCENA, R. F. P.; ARAÚJO, H. F. P.; MOURÃO, J. S.; ALBUQUERQUE U. P. A flor chegou, chuva avisou: meteorologia popular no semiárido paraibano. In: ALVES, A. C. G.; LUCENA, R. F. P.; ALBUQUERQUE, U. P. **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. v. 2. Recife: NUPEEA, 2005. p. 171-182.

MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA JÚNIOR, V. F. Plantas Medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, v. 25, n. 3, p. 429-438, 2002.

MAIA, G. N. **Caatinga**: árvores e arbustos e suas utilidades, 2004. 413p.

MARTINS, R. C. **Plantas medicinais da Caatinga**: uso e conhecimento popular em área urbana do município de Juazeiro-BA. 2012. 59f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro) - Departamento de ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, 2012.

MATOS, F. J. A. **Farmácias Vivas**: sistemas de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades. 4. ed. Fortaleza: Editora UFC, 2002. 267p.

MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA, V. S.; ANDREATA, R. H. P. Plantas medicinais e seus usos pelos sitiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, n. 2, p. 391-399, 2004.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-29.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004. 269 p.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. 80p.

MORAIS, V. M. **Etnobotânica nos quintais da comunidade de Abderramant em Caraúbas-RN**. 2011. 112f. Tese (Doutorado em Fitotecnia) - Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró, 2011.

MOSCA, V. P.; LOIOLA, M. I. B. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, nordeste do Brasil. **Revista Caatinga**, v. 22, p. 225-234, 2009.

OLIVEIRA, E. R.; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte – MG. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 14, n. 2, p. 311-320, 2012.

OLIVEIRA, H. B. **Estudo etnofarmacológico de plantas medicinais em Rosário da Limeira-MG**. 2008. 84f. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia) – Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG, 2008.

OLIVEIRA, R. L. C.; LINS NETO, E. M. F.; ALBUQUERQUE, U. P.; ARAUJO, E. L. Prioridades de conservação de plantas medicinais. In: ALBUQUERQUE, U. P.; ALMEIDA, C. F. C. B. R.; MARINS, J. F. A. **Tópicos em conservação, etnobotânica e etnofarmacologia de plantas medicinais e mágicas**. Recife: NUPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005. p. 165-188.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. Décima Revisão. 10. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-EDUSP, 2007. v. 1.

PASA, M. C.; ÁVILA, G. Ribeirinhos e recursos vegetais: a etnobotânica em Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. **Interações**, v. 11, n. 2 p. 195-204, 2010.

PASA, M. C. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, n. 1, p. 179-196, 2011.

PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (Alto da Bacia do Rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta botânica brasileira**, v. 19, n. 2, p. 195-207, 2005.

PASA, M. C. **Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá, Cuiabá, MT**. Cuiabá: Entrelinhas, 2007.

PAULINO, R. C.; HENRIQUES, G. P. S. A.; COELHO, M. F. B.; ARAUJO, P. V. N. Riqueza e importância das plantas medicinais do Rio Grande do Norte. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 11, n. 1, p. 157-168, 2011.

PAULINO, R. C.; HENRIQUES, G. P. S. A.; MOURA, O. N. S.; COELHO, M. F. B.; AZEVEDO, R. A. B. Medicinal plants at the Sítio do Gois, Apodi, Rio Grande do Norte State, Brazil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 22, n.1, p. 29-39, 2012.

PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 4, p. 789-802, 2006.

PIMBERT, M. P.; PRETTY, J. N. Parques, comunidades e profissionais: incluindo "participação" no manejo de áreas protegidas. In: DIEGUES, A. C. (org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. 2 ed. São Paulo: NUPAUB, 2000.

PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 4, p. 751-762, 2006.

PRETTY, J. N., GUIJT, I., SCOONES, I.; THOMPSON, J. **A trainer's Guide for Participatory Learning Action**. IIED, Londres, UK. IIED Participatory Methodology Series, 1995. 267 p.

RODRIGUES, A. C. C.; GUEDES, M. L. S. Utilização de plantas medicinais no Povoado Sapucaia, Cruz das Almas - Bahia. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v. 8, n. 2, p. 1-7, 2006.

RODRIGUES, A. G.; CASALI, V. W. D. Plantas medicinais, conhecimento popular e etnociência. In: RODRIGUES, A. G.; ANDRADE, F. M. C.; COELHO, F. M. G.; COELHO, M. F. B.; AZEVEDO, R. A. B.; CASALI, V. W. D. **Plantas medicinais e aromáticas: Etnoecologia e etnofarmacologia**. Viçosa: UFV, Departamento de Fitotecnia, 2002. p. 25-76.

ROQUE, A. A. **Potencial de uso dos recursos vegetais em uma comunidade rural do semi-árido do Rio Grande do Norte**. 2009. 76f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M.; LOIOLA, M. I. B. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 12, n. 1, p. 31-42, 2010.

RIBEIRO, A. H. **Potencial de uso do componente vegetal e estudo da percepção ambiental dos moradores residentes às margens do riacho Águas Vermelhas, Parnamirim/RN**. 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Centro de Biociências, Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

RICARDO, L. G. P. S. **Estudos etnobotânicos e prospecção fitoquímica das plantas medicinais utilizadas na comunidade Horto, Juazeiro do Norte-CE**. 2011. 87f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Pós-Graduação em Ciências Florestais, Centro de Saúde e Tecnologia Rural, Universidade Federal de Campina Grande, Patos-PB, 2011.

SAMPAIO, E. V. S. B.; COSTA, T. L. Estoques e Fluxos de Carbono no Semi-Árido Nordestino: Estimativas Preliminares. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 06, 2011.

SILVA, C. S. P. **As plantas medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil:** uma abordagem etnobotânica. 2007. 153f. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Departamento de Botânica, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SILVA, E. R. R.; SABLAYROLLES, M. G. P. Quintais agroflorestais por colonos migrantes: as plantas medicinais em Vila Nova, Mojuí dos Campos (Santarém/PA). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, 7., 2009, Luziânia. **Anais...** Luziânia, 2009. p. 1-4.

SILVA, M. D.; DREVECK, S.; ZENI, A. L. B. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população rural no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí – Indaial. **Revista Saúde e Ambiente / Health and Environment Journal**, v. 10, n. 2, p. 54-64, 2009.

SILVA, R. B. L. **A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil.** 2002. 172f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2002.

SILVA, R. C. V. M. **Coleta e identificação de espécimes botânicos.** Belém: Embrapa, 2002. (Série Documentos, 143)

SILVA, T. S.; FREIRE, E. M. X. Abordagem etnobotânica sobre plantas medicinais citadas por populações do entorno de uma unidade de conservação da caatinga do Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 12, n. 4, p. 427-435, 2010.

SIVIERO, A.; DELUNARDO, T. A.; HAVERROTH, M.; OLIVEIRA, L. C.; MENDONÇA, A. M. S. Plantas medicinais em quintais urbanos de Rio Branco, Acre. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 14, n. 4, p. 598-610, 2012.

STEPP, J. R.; MOERMAN, D. E. The importance of weeds in ethnopharmacology. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 75, p. 19-23, 2001.

STEPP, J. R. The role of weeds as sources of pharmaceuticals. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 92, n. 2-3, p. 163-166, 2004.

TAIZ, L.; ZEIGER, E. **Fisiologia Vegetal**. 3. Ed., Porto Alegre: Artmed, 2003. 719p.

TORRES, D. F.; OLIVEIRA, E. S.; ALVES, R. R. N.; VASCONCELLOS, A. Levantamento etnoecológico da biodiversidade da península de Galinhos, Rio Grande do Norte. In: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 8., 2007, Caxambu-MG. **Anais...** Caxambu-MG, 2007.

TRESVENZOL, L. M.; PAULA, J. R.; RICARDO, A. F.; FERREIRA, H. D.; ZATTA, D. T. Estudo sobre o comercio informal de plantas medicinais em Goiânia e cidades vizinhas. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 3, n. 1, p. 23-28, 2006.

TROPICOS. **Missouri Botanical Garden**. Disponível em: <<http://www.tropicos.org>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

TROVÃO, D. M. B. M.; SILVA, S. C.; SILVA, A. B.; VIEIRA JUNIOR, R. L. Estudo comparativo entre três fisionomias de Caatinga no estado da Paraíba e análise do uso das espécies vegetais pelo homem nas áreas de estudo. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 4, n. 2, p. 1-5, 2004.

VIEIRA, R. F.; SILVA, S. R.; ALVES, R. B. N.; SILVA, D. B.; WETZEL, M. M. V. S.; DIAS, T. A. B.; UDRY, M. C.; MARTINS, R. C. **Estratégias para conservação e manejo de recursos genéticos de plantas medicinais e aromáticas**. Brasília: EMBRAPA/IBAMA/CNPq. 2002.

VISBISKI, V. N. **Sistemas silvipastoris em Imaruí - SC**: a construção de um sonho comum. 2003. 141f. Dissertação (Mestrado em Agrossistemas) - Centro de Ciências Agrárias. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Anuência Prévia (TAP) assinado pelos informantes.



TERMO DE ANUÊNCIA PRÉVIA

O trabalho de pesquisa realizado junto aos agricultores familiares desta comunidade é parte de um estudo denominado “Uso e manejo de recursos vegetais por agricultores familiares do município de Mossoró-RN” desenvolvido pela estudante de Doutorado em Fitotecnia Ana Valeria Lacerda Freitas, matrícula 2009180176. O referido estudo está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), não tendo, em hipótese alguma, uso ou fins econômicos.

A pesquisa possui os seguintes objetivos: 1) Descrever e analisar uso e o manejo dos recursos existentes em unidades produtivas no Sítio São João da Várzea, Mossoró-RN, bem como a organização espacial dessas unidades; e 2) Realizar um levantamento etnoecológico sobre o uso, manejo e estratégias de conservação de sementes de milho e feijão caupi por agricultores familiares em comunidades rurais do município de Mossoró-RN.

Pelo presente termo, atesto que estou ciente e que concordo com a realização do estudo acima proposto, e que foi garantido meu direito de recusar o acesso ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético durante o processo de obtenção da anuência prévia.

Mossoró-RN, _____ de _____ de _____.

Nome:

Documento:

Nome: Ana Valeria Lacerda Freitas

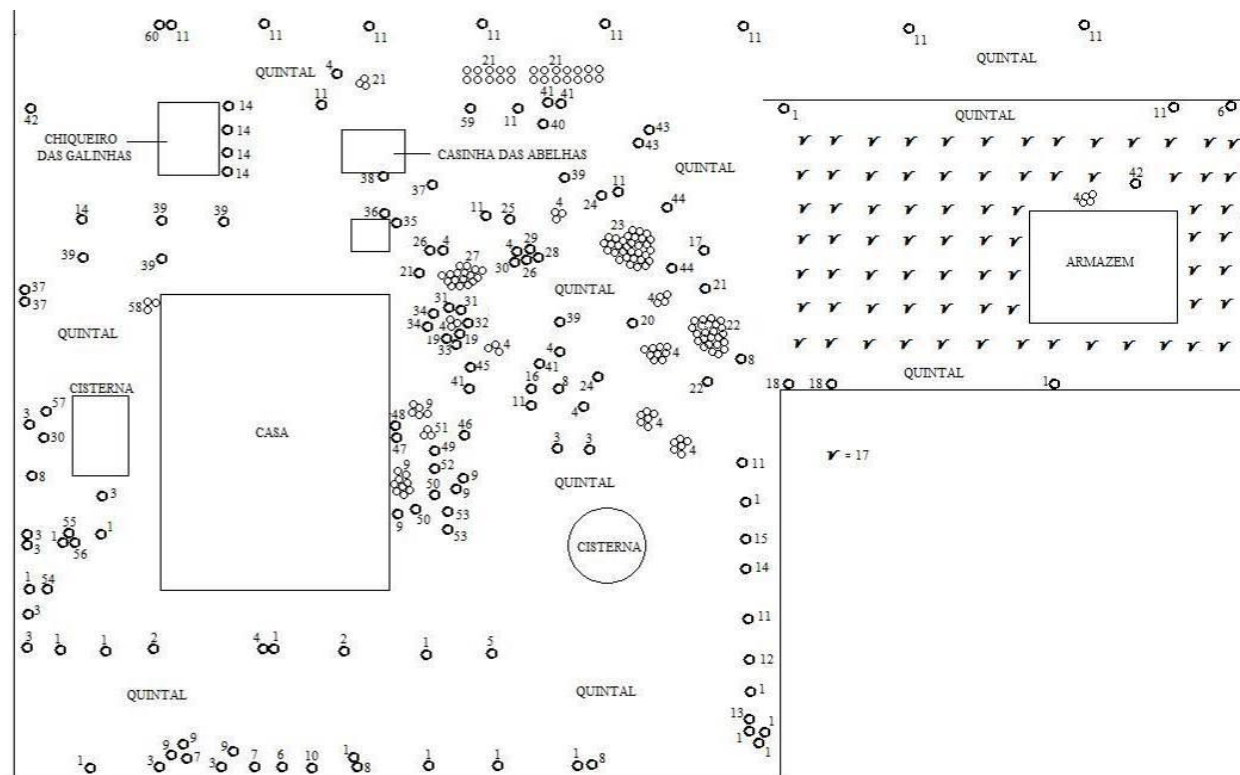
Documento:

APÊNDICE B – Distribuição das Unidades Produtivas estudadas.



APÊNDICE C – Croquis dos espaços domésticos das Unidades Produtivas estudadas.

APÊNDICE 1C – Croqui da UP1 e legenda.

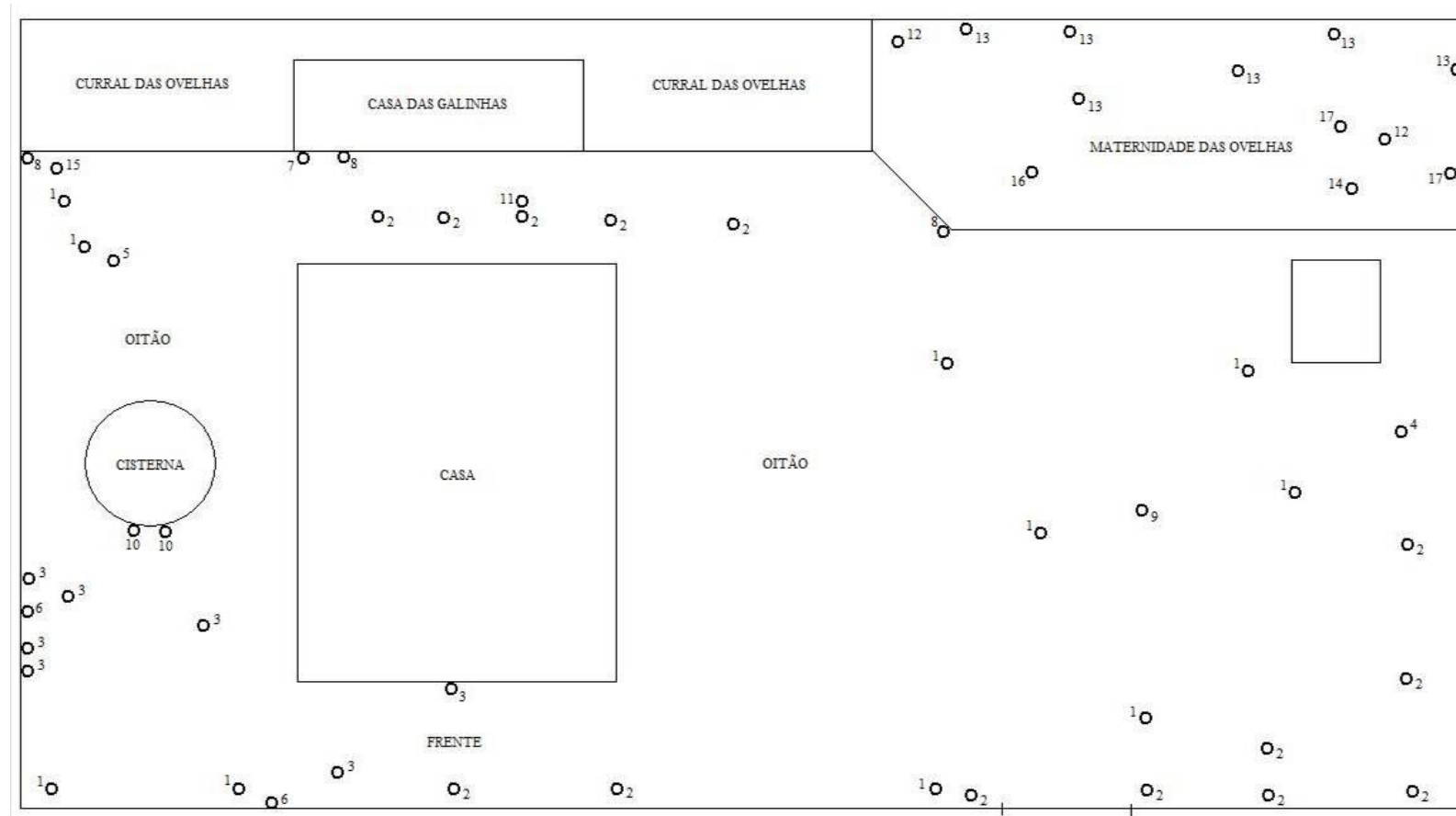


LEGENDA - Croqui UP1

CÓD	Nº	ESPÉCIE	ETNOESPÉCIE	Nº DE PLANTAS
UP1	1	<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Ninho	19
UP1	2	<i>Senna siamea</i> (Lam.) H.S. Irwin & Barneby	Acácia	2
UP1	3	<i>Ficus benjamina</i> L.	Sempre verde	9
UP1	4	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	44
UP1	5	<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira	1
UP1	6	<i>Manilkara sapota</i> (L.) Van Royen	Sapoti	2
UP1	7	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Brinco de princesa	2
UP1	8	<i>Tabebuia caraiba</i> (Mart.) Bur.	Caraiba	5
UP1	9	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don.	Boa noite	20
UP1	10	<i>Allamanda blanchetii</i> A. DC.	--	1
UP1	11	<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha	16
UP1	12	<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão	1
UP1	13	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	1
UP1	14	<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá	6
UP1	15	<i>Opuntia</i> sp.	Palma	1
UP1	16	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	--	1
UP1	17	<i>Musa</i> sp.	Bananeira	74
UP1	18	<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton	Carrapateira, rosa cera	2
UP1	19	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo	2
UP1	20	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	1
UP1	21	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	29
UP1	22	<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E. Moore	Carnauba	24
UP1	23	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burtt & R. M. Sm.	Coluna	32
UP1	24	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	2
UP1	25	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja	1
UP1	26	<i>Peperomia obtusifolia</i> (L.) A. Dietr.	--	2
UP1	27	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	--	18
UP1	28	<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	Nove horas	1
UP1	29	<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.	--	1
UP1	30	<i>Philodendron imbe</i> Schott ex Endl.	Cara de cavalo	2
UP1	31	<i>Mentha X villosa</i> Huds.	Hortelã	2
UP1	32	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Malva	1
UP1	33	<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	Dipirona	1
UP1	34	<i>Annona reticulata</i> L.	Condessa	2
UP1	35	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T. D. Penn.	Quixabeira	1
UP1	36	<i>Bixa orellana</i> L.	Corante	1

UP1	37	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutambeira	5
UP1	38	<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Pereiro	1
UP1	39	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	6
UP1	40	<i>Spondias purpurea</i> L.	Siriguela	1
UP1	41	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	3
UP1	42	<i>Spondias tuberosa</i> Arr. Cam.	Cajarana	2
UP1	43	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	2
UP1	44	<i>Licania rigida</i> Benth.	Oiticica	2
UP1	45	<i>Plumeria rubra</i> L.	--	1
UP1	46	<i>Ixora coccinea</i> L.	--	1
UP1	47	<i>Tacinga inamoena</i> (K.Scumm.) N.P.Taylor & Stuppy	--	1
UP1	48	<i>Caladium bicolor</i> L.	Croton	1
UP1	49	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain 'Hahnii'	Espada de São Jorge fêmea	1
UP1	50	<i>Sansevieria trifasciata</i> var. <i>laurentii</i> (De Wild.) N. E. Br	Espada de São Jorge macho	2
UP1	51	<i>Dieffenbachia</i> sp.	Comigo ninguém pode	3
UP1	52	<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	Rosa menina	1
UP1	53	<i>Euphorbia lactea</i> Haw.	Cordão de São Francisco	2
UP1	54	<i>Pedilanthus tithymaloides</i> (L.) Poit.	Sapatinho	2
UP1	55	<i>Clusia fluminensis</i> Planch. & Triana	--	1
UP1	56	<i>Asparagus densiflorus</i> (Kunth) Jessop	Alfinete	1
UP1	57	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Croché	1
UP1	58	<i>Kalanchoe blossfeldiana</i> Poelln.	Calandiva	3
UP1	59	<i>Cryptostegia grandiflora</i> R. Br.	Trepadeira	1
UP1	60	<i>Luffa cylindrica</i> M. Roem	Bucheira	1
TOTAL				375

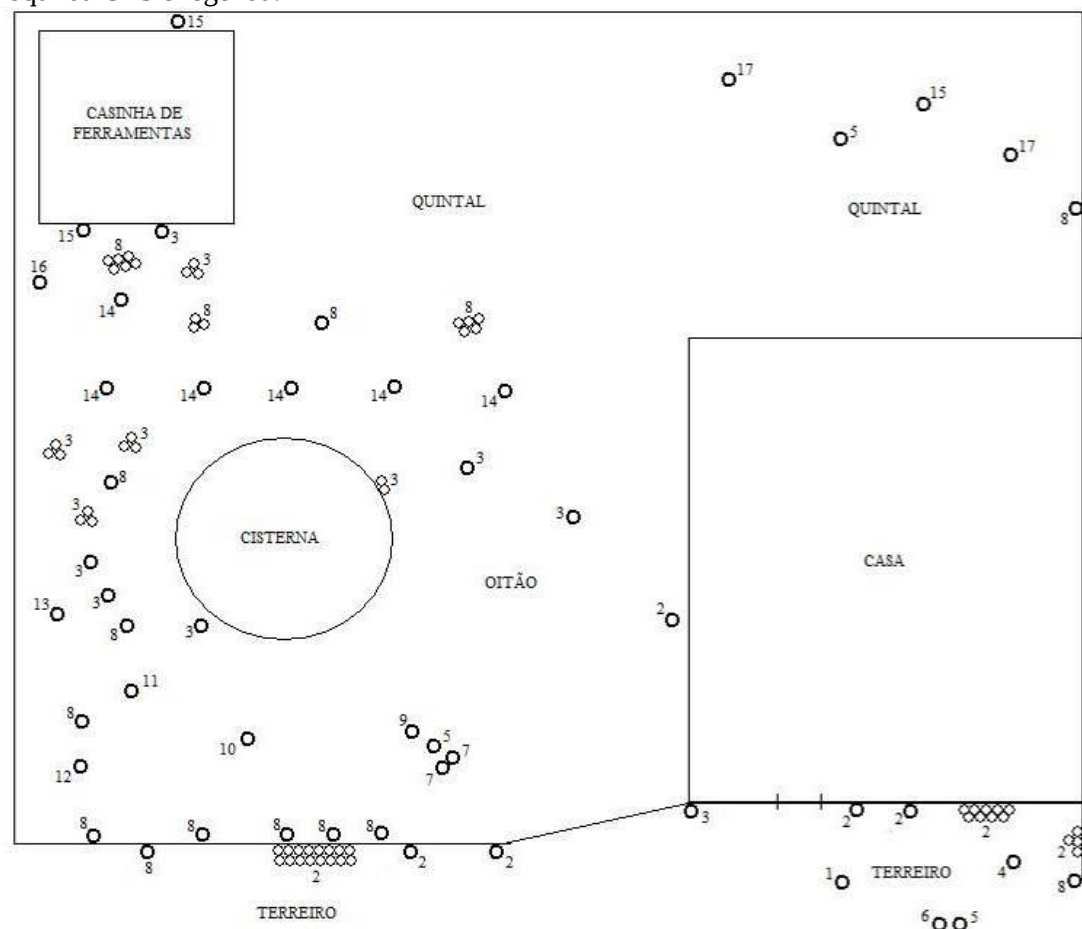
APÊNDICE 2C – Croqui da UP2 e legenda.



LEGENDA – Croqui UP2

CÓD	Nº	ESPÉCIE	ETNOESPÉCIE	Nº DE PLANTAS
UP2	1	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	10
UP2	2	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	14
UP2	3	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	7
UP2	4	<i>Spondias purpurea</i> L.	Siriguela	1
UP2	5	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	1
UP2	6	<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton	Rosa cera	2
UP2	7	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão Caetano	1
UP2	8	<i>Luffa cylindrica</i> M. Roem	Chuchu, bucha	3
UP2	9	<i>Senna uniflora</i> (Mill.) H.S. Irwin & Barneby	Mata pasto	1
UP2	10	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	2
UP2	11	<i>Cryptostegia grandiflora</i> R. Br.	Burra leiteira, linhadeira	1
UP2	12	<i>Combretum leprosum</i> Mart.	Mofumbo	2
UP2	13	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira	6
UP2	14	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	Jurema	1
UP2	15	<i>Senna siamea</i> (Lam.) H.S. Irwin & Barneby	Acácia	1
UP2	16	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	1
UP2	17	<i>Croton campestris</i> A. St. Hil.	Velame	2
			TOTAL	56

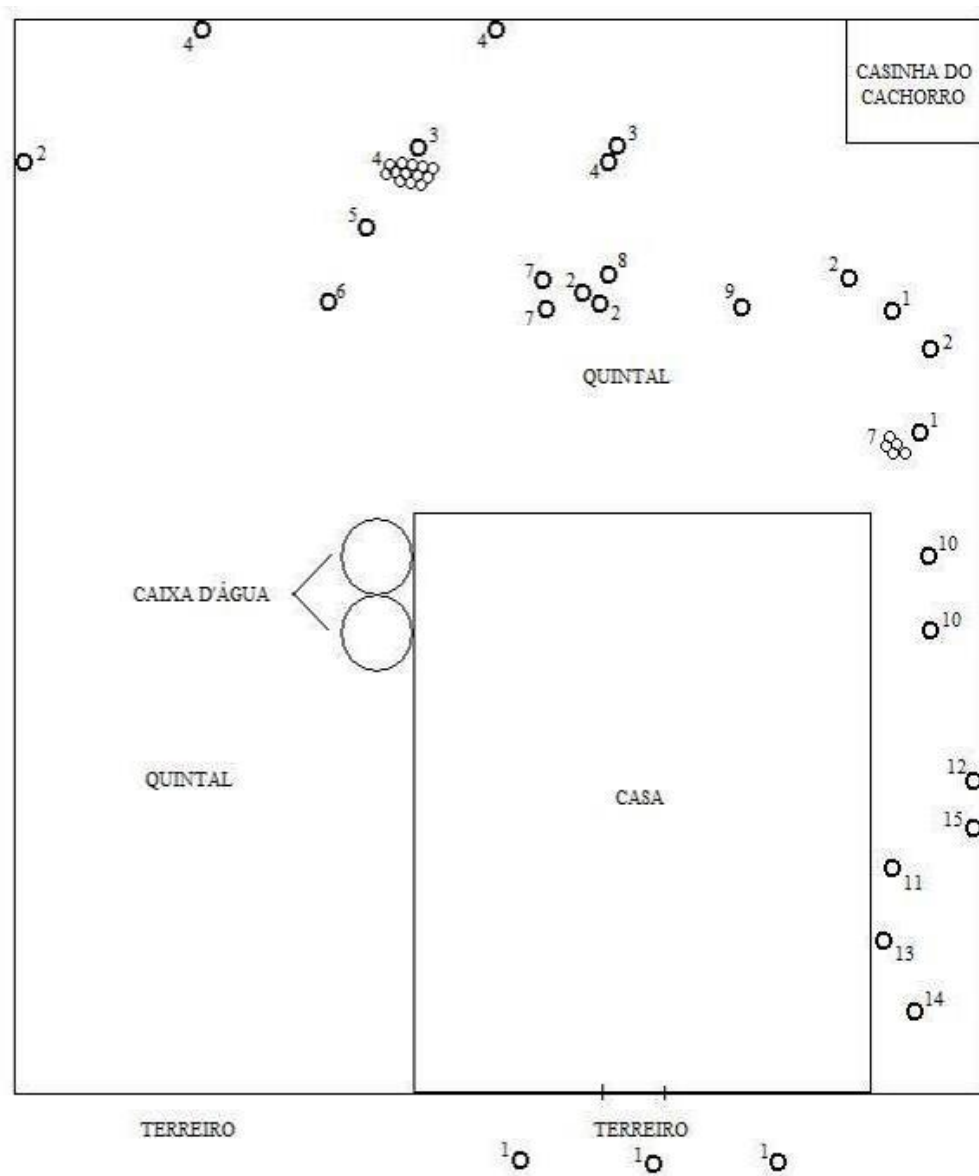
APÊNDICE 3C – Croqui da UP3 e legenda.



LEGENDA – Croqui UP3

CÓD	Nº	ESPÉCIE	ETNOESPÉCIE	Nº DE PLANTAS
UP3	1	<i>Ficus benjamina</i> L.	Figo	1
UP3	2	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don.	Boa noite	34
UP3	3	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo, pinhão de São Francisco	21
UP3	4	<i>Pedilanthus tithymaloides</i> (L.) Poit.	Palminha de Santa Luzia	1
UP3	5	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	3
UP3	6	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	1
UP3	7	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	2
UP3	8	<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton	Rosa cera	25
UP3	9	<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	Onze horas	1
UP3	10	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Tangerina	1
UP3	11	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	Cidreira	1
UP3	12	<i>Desmanthus virgatus</i> (L.) Willd.	Anil	1
UP3	13	<i>Croton campestris</i> A. St. Hil.	Velame	1
UP3	14	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	6
UP3	15	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira	3
UP3	16	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	1
UP3	17	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	2
			TOTAL	105

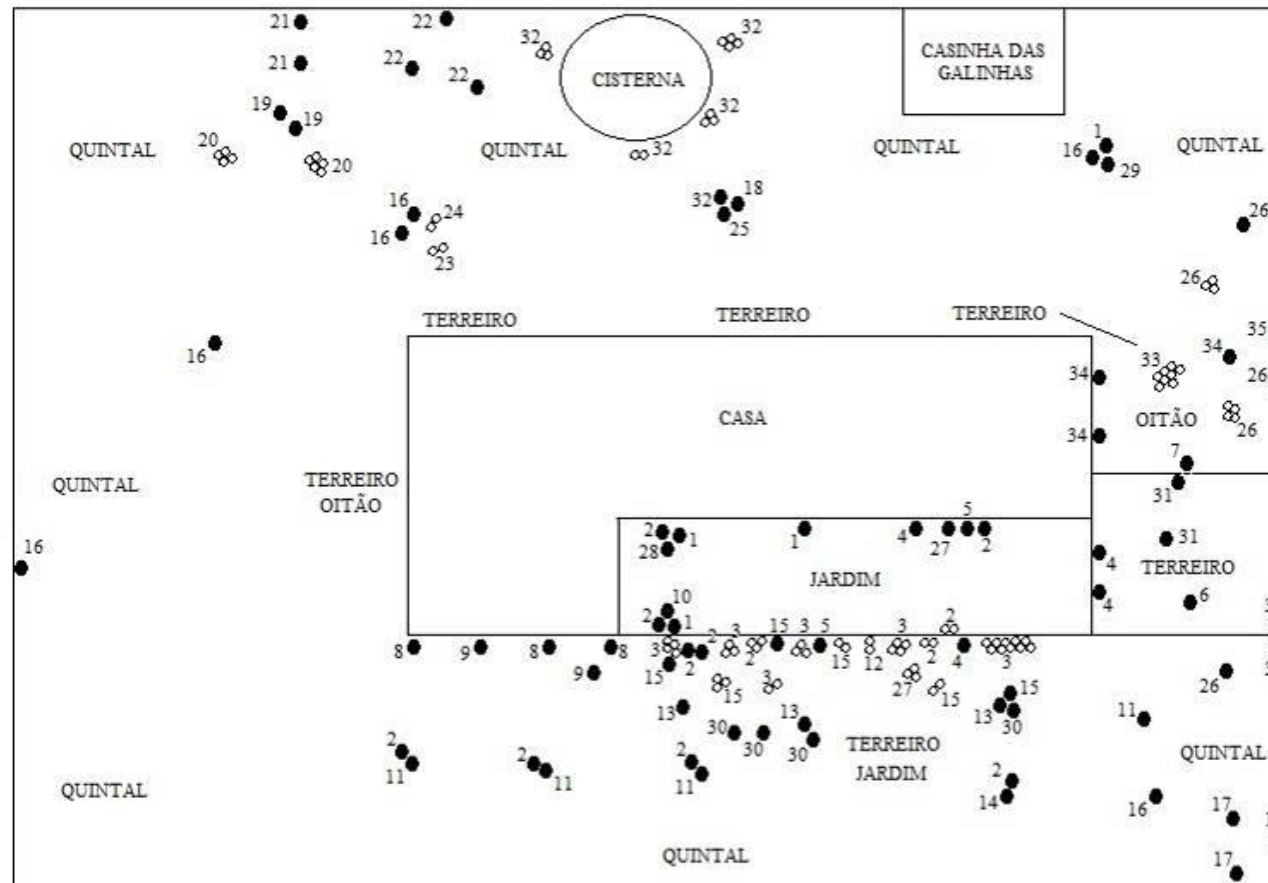
APÊNDICE 4C - Croqui da UP4 e legenda.



LEGENDA – Croqui UP4

CÓD	Nº	ESPÉCIE	ETNOESPÉCIE	Nº DE PLANTAS
UP4	1	<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Ninho	5
UP4	2	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	5
UP4	3	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	2
UP4	4	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don.	Onze horas	16
UP4	5	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Tangerina	1
UP4	6	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	1
UP4	7	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	7
UP4	8	<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão	1
UP4	9	<i>Musa</i> sp.	Bananeira	1
UP4	10	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	2
UP4	11	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	Cidreira	1
UP4	12	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	1
UP4	13	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo	1
UP4	14	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	1
UP4	15	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	1
TOTAL				46

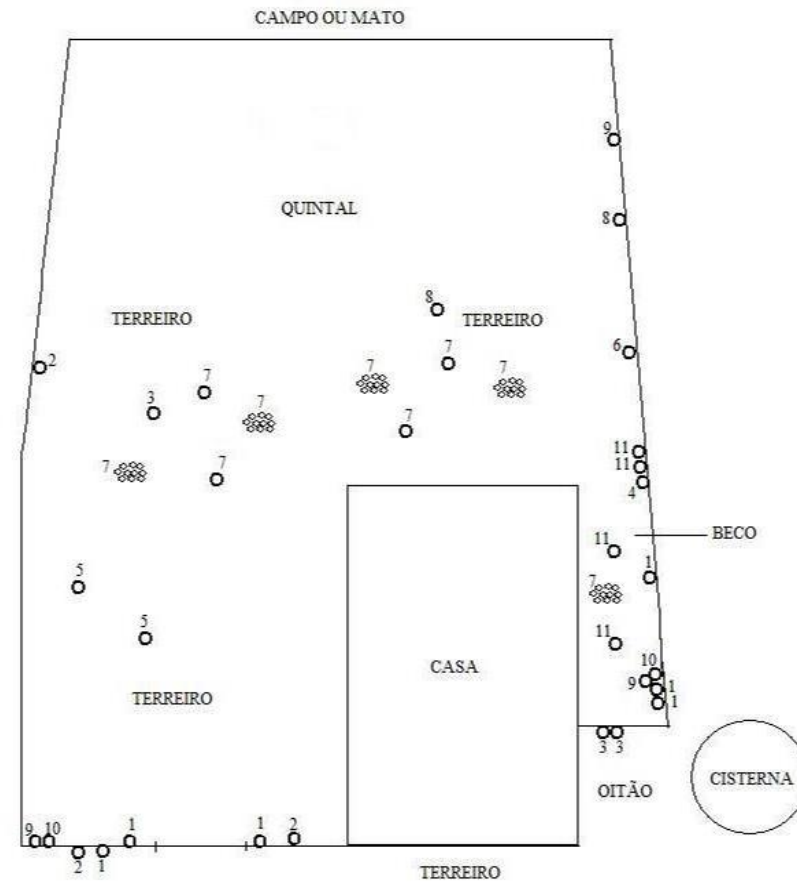
APÊNDICE 5C – Croqui da UP5 e legenda.



LEGENDA – Croqui UP5

CÓD	Nº	ESPÉCIE	ETNOESPÉCIE	Nº DE PLANTAS
UP5	1	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Croché	4
UP5	2	<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	Nove horas	16
UP5	3	<i>Celosia cristata</i> L.	--	26
UP5	4	<i>Impatiens balsamina</i> L.	Maravilha	4
UP5	5	<i>Begonia aconitifolia</i> A. D. C.	Asa de anjo	2
UP5	6	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	1
UP5	7	<i>Allamanda blanchetii</i> A. DC.	--	1
UP5	8	<i>Alocasia macrorrhizos</i> (L.) G. Don	Croton	3
UP5	9	<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench	Sorgo	2
UP5	10	<i>Kalanchoe blossfeldiana</i> Poelln.	--	1
UP5	11	<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Ninho	4
UP5	12	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	2
UP5	13	<i>Chamaedorea fragrans</i> (Ruiz & Pav.) Mart.	Palmeira	3
UP5	14	<i>Gliricidia sepium</i> (Jacq.) Kunth ex Walp.	--	1
UP5	15	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don.	Boa noite	11
UP5	16	<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Pereiro	7
UP5	17	<i>Agave americana</i> L.	--	2
UP5	18	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim Santo	1
UP5	19	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Corama	2
UP5	20	<i>Sida rhombifolia</i> L.	Relógio	9
UP5	21	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	2
UP5	22	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão caetano	4
UP5	23	<i>Mentha arvensis</i> L.	Hortelã pimenta	2
UP5	24	<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã roxo	2
UP5	25	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	1
UP5	26	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	10
UP5	27	<i>Portulaca oleracea</i> L.	Bredo	4
UP5	28	<i>Begonia cucullata</i> Willd.	--	1
UP5	29	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Malva	1
UP5	30	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum & Nakai	Melancia	4
UP5	31	<i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Sw.	--	2
UP5	32	<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton	Rosa cera	15
UP5	33	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassoura	8
			TOTAL	158

APÊNDICE 6C – Croqui da UP7 e legenda.

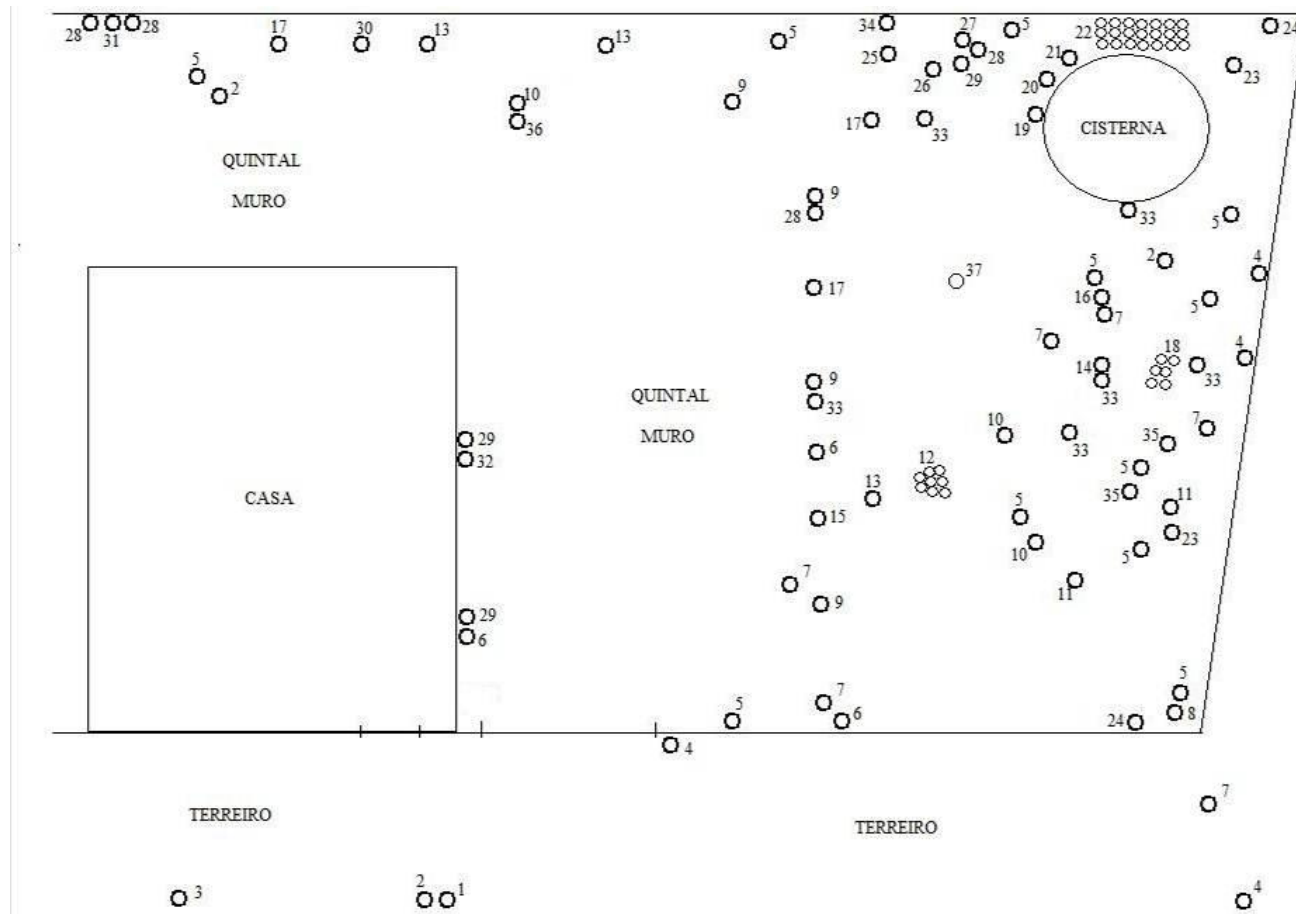


LEGENDA – Croqui UP7

CÓD	Nº	ESPÉCIE	ETNOESPÉCIE	Nº DE PLANTAS
UP7	1	<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha	6
UP7	2	<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Pereiro	3
UP7	3	<i>Origanum majorana</i> L.	Manjerona	3
UP7	4	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	1
UP7	5	<i>Spondias tuberosa</i> Arr. Cam.	Cajarana	2
UP7	6	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	Jurema preta	1
UP7	7	<i>Sida rhombifolia</i> L.	Vassoura de relógio	54
UP7	8	<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton	Rosa cera	2
UP7	9	<i>Combretum leprosum</i> Mart.	Mofumbo	3
UP7	10	<i>Cryptostegia grandiflora</i> R. Br.	Unha do cão	2
UP7	11	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	4
TOTAL				81

APÊNDICE 7C – Croqui da UP9 e legenda.

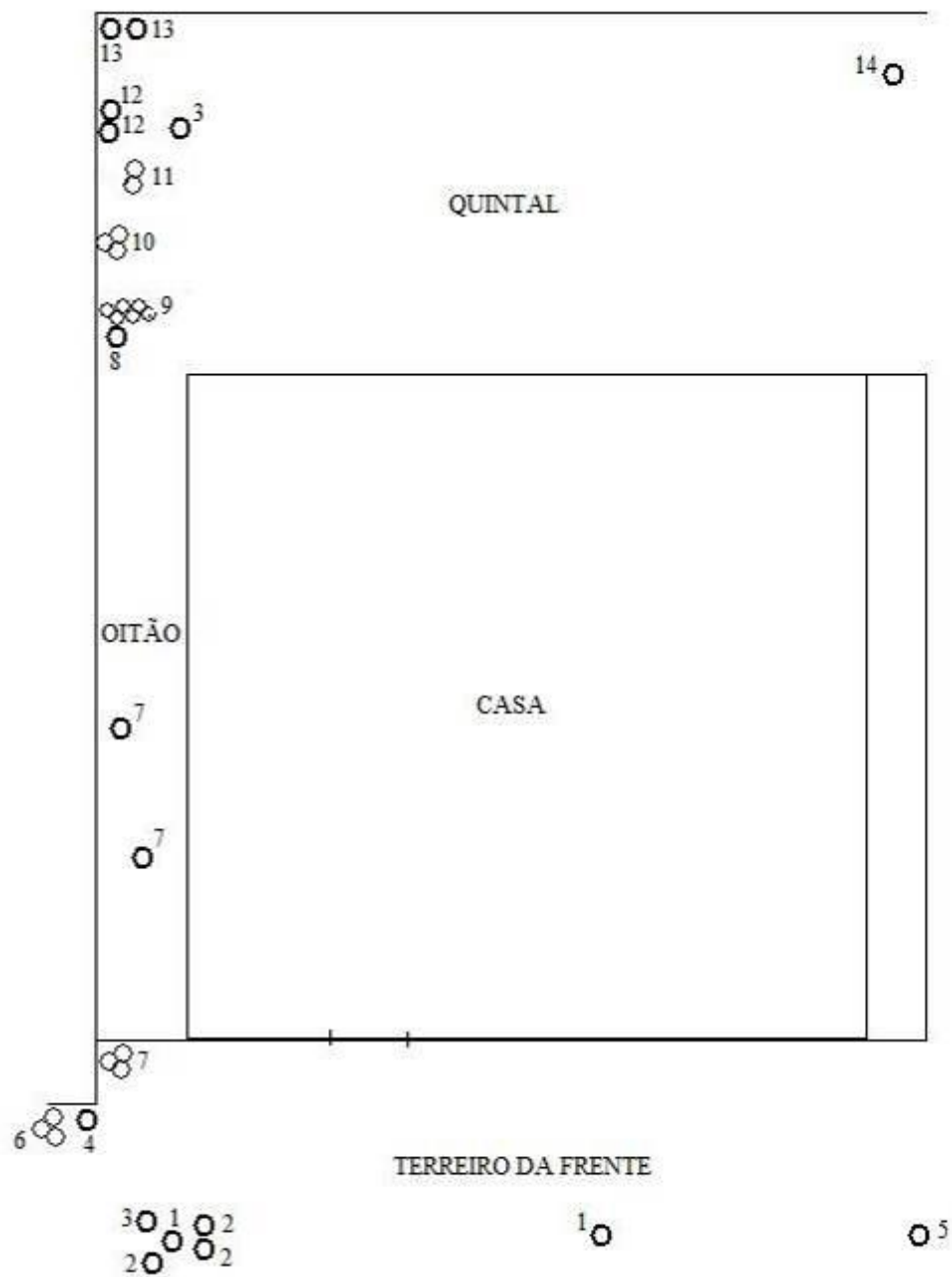
350



LEGENDA – Croqui UP9

CÓD	Nº	ESPÉCIE	ETNOESPÉCIE	Nº DE PLANTAS
UP9	1	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	1
UP9	2	<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha	3
UP9	3	<i>Tabebuia caraiba</i> (Mart.) Bur.	Craibeira	1
UP9	4	<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton	Flor de seda	4
UP9	5	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	11
UP9	6	<i>Portulaca oleracea</i> L.	Croton	3
UP9	7	<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Xanana	6
UP9	8	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca	1
UP9	9	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	4
UP9	10	<i>Musa</i> sp.	Bananeira	3
UP9	11	<i>Senna spectabilis</i> (DC.) H. S. Irwin & Barneby	Canafístula	2
UP9	12	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana	8
UP9	13	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	3
UP9	14	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja	1
UP9	15	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	1
UP9	16	<i>Citrus X limonia</i> (L.) Osbeck	Limão	1
UP9	17	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	3
UP9	18	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	6
UP9	19	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	1
UP9	20	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Corama	1
UP9	21	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta malagueta	1
UP9	22	<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebola	28
UP9	23	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Jerimum	2
UP9	24	<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe	2
UP9	25	<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	Tomate	1
UP9	26	<i>Mentha arvensis</i> L.	Hortelã	1
UP9	27	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo	1
UP9	28	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	4
UP9	29	<i>Celosia cristata</i> L.	Planta de rosa	3
UP9	30	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	1
UP9	31	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T. D. Penn.	Quixabeira	1
UP9	32	<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	Nove horas	1
UP9	33	<i>Desmanthus virgatus</i> (L.) Willd.	Jureminha de bode	6
UP9	34	<i>Croton campestris</i> A. St. Hil.	Velame	1
UP9	35	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	2
UP9	36	<i>Vigna unguiculata</i> L. Walp.	Feijão	1
UP9	37	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Croché	1
			TOTAL	121

APÊNDICE 8C – Croqui da UP10 e legenda.



LEGENDA – Croqui UP10

CÓD	Nº	ESPÉCIE	ETNOESPÉCIE	Nº DE PLANTAS
UP10	1	<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Ninho	2
UP10	2	<i>Agave sisalana</i> Perr.	Espada de São Jorge	4
UP10	3	<i>Portulaca oleracea</i> L.	Croton	7
UP10	4	<i>Allamanda cathartica</i> L.	Trepadeira amarela	1
UP10	5	<i>Tabebuia caraiba</i> (Mart.) Bur.	Craibeira	1
UP10	6	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	3
UP10	7	<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit.	--	5
UP10	8	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson	Cidreira, erva cidreira	1
UP10	9	<i>Ixora coccinea</i> L.	--	6
UP10	10	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	3
UP10	11	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Azeitona	2
UP10	12	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	2
UP10	13	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	2
UP10	14	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	1
			TOTAL	40

APÊNDICE D – Área percorrida durante as trilhas realizadas com as informantes-chave.

APÊNDICE 1D – Trilha realizada com D. Maria (M. M. C. P., 63 anos).



APÊNDICE 2D – Trilha realizada com D. Lúcia (L. M. S, 60 anos).

